

PRODOCÊNCIA EM AÇÃO

Dinâmicas pedagógicas em construção

Maria José Nascimento Soares
Andréa Freire de Carvalho
Camila Bomfim de Gois
ORGANIZADORAS



Criação Editora

Título: PRODUCÊNCIA EM AÇÃO: DINÂMICAS PEDAGÓGICAS EM CONSTRUÇÃO

Organizadoras: Maria José Nascimento Soares

Andréa Freire de Carvalho

Camila Bomfim de Gois

ISBN: 978-85-60102-05-1

CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes

Estácio Bahia Guimarães

Fábio Alves dos Santos

Jorge Carvalho do Nascimento

José Afonso do Nascimento

José Eduardo Franco

José Rodorval Ramalho

Justino Alves Lima

Luiz Eduardo Oliveira Menezes

Maria Inêz Oliveira Araújo

Martin Hadsell do Nascimento

Rita de Cácia Santos Souza

CONSELHO CIENTÍFICO

Profa. Dra. Claudia Fernanda Teixeira de Mélo

Profa. Dra. Débora Evangelista Reis Oliveira

Profa. Dra. Daniela Venceslau Bitencourt

Prof. Dr. Edivânio Santos de Andrade

Profa. Dra. Giane Florentino Rodrigues de Brito

Profa. Dra. Gicélia Mendes da Silva

Profa. Dra. Heloisa Thais Rodrigues de Souza

Profa. Dra. Isabel Cristina Barreto Andrade

Profa. Dra. Maria Luiza Rodrigues de Albuquerque Omena

Profa. Dra. Ronise Nascimento de Almeida

Prof. Dr. Sergio Luiz Lopes

PRODOCÊNCIA EM AÇÃO

Dinâmicas pedagógicas em construção

Maria José Nascimento Soares
Andréa Freire de Carvalho
Camila Bomfim de Gois
ORGANIZADORAS



Criação Editora
2018

Copyright by organizadoras

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucros ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja expressa marcação do nome da autora, título da obra, editora, edição e paginação.

A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.619/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código penal.

Prodocência em ação: Dinâmicas pedagógicas em construção /organizadores: Maria José Nascimento Soares, Andréa Freire de Carvalho, Camila Bomfim de Gois. – Aracaju: Criação, 2018.

256 p.

ISBN ISBN: 978-85-60102-05-1

1. Prática de ensino. 2. Educação. 3. Pedagogia crítica. I. Soares, Maria José Nascimento. II. Carvalho, Andréa Freire de. III. Gois, Camila Bomfim de.

CDU 37.03

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFS

À Mestranda Andréa Freire de Carvalho.
Minha querida, ao tempo em que somos todos viajantes de uma jornada cósmica, feito poeira de estrelas, girando nos redemoinhos do infinito é no encontro de pessoas como você que percebemos que mesmo na dinâmica do tudo que logo passa, há momentos que pausam na escala do tempo. Obrigada por sua existência em minha vida e, através de você abraço a todas as futuras pedagogas, que disseminarão a mais valiosa das riquezas humanas, O SABER.

Maria José N. Soares



AGRADECIMENTOS

Agradecemos de coração à Mestranda Manuela Maria Pereira do Nascimento pelo apoio técnico, pelas noites acordadas, pelas discussões teóricas e pelo carinho que dispensaram ao nosso Projeto.

Agradecemos a Camila Bomfim de Góis.

Aos alunos que empreenderam esforços na conquista de objetivos concretizados nos projetos desenvolvidos em sala de aula e materializado sobre a forma de artigos.

A CAPES pelo financiamento do projeto Prodocência.

SUMÁRIO

A “NARRAÇÃO DE SI” NA CIRANDA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM PROCESSO INCLUSIVO <i>Iara Maria Campelo Lima</i>	11
PRODOCÊNCIA E ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA DINÂMICA DE SUCESSO <i>Andréa Freire de Carvalho</i>	23
A NATUREZA Elisangela Araujo Silva Santos <i>Andréa Freire de Carvalho</i>	31
IMPLICAÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA <i>Amanda Suzanne S. de Jesus</i> <i>Maria Edna Santos</i>	41
“DE ONDE VEM A COLA BRANCA OU ESCOLAR?” <i>Cássia Machado Ribeiro Dantas</i>	55
A VIOLÊNCIA E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO PESSOAL, EDUCACIONAL E SOCIAL DAS CRIANÇAS <i>Givaldo Santos Melo</i>	63
PRÁTICAS EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS EM UM AMBIENTE HOSPITALAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA <i>Érica Firmino Araújo Santos</i>	73
A LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR <i>Juliana Santos da Cunha</i>	85
A RELAÇÃO ENTRE ALUNOS E NOVAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA <i>Aquiles Virtuozo Vieira Barbosa</i>	95
O USO DO LÚDICO APLICADO EM SALA DE AULA COMO INSTRUMENTO DE ALFABETIZAÇÃO PARA ALUNOS SURDOS <i>Simone Maria dos Santos</i>	105

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CURRÍCULO VERSUS EVASÃO <i>Náilson Melo Silva</i>	115
DESPERTAR PARA LEITURA <i>Fernanda Santos Ribeiro</i>	135
OLIMPÍADAS, COPA DO MUNDO E A VIOLÊNCIA ESCOLAR <i>Thamisa Sejanny Andrade Rodrigues</i> <i>José Douglas Alves dos Santos</i>	143
AS CRIANÇAS E SEUS DIREITOS E DEVERES <i>Maggie Francis Santos Pereira</i> <i>Mickelle Regina dos Santos</i>	155
“AS VÁRIAS FORMAS DE VIOLÊNCIA” <i>Michele Souza Dos Santos</i>	167
A UTILIZAÇÃO DOS PROGRAMAS TELEVISIVOS EM SALA DE AULA <i>Gabriela Barbosa Reis</i> <i>Jôse Keisele Ferreira da Penha</i>	181
A ESCOLA TAMBÉM DEVE EDUCAR PARA A SAÚDE! <i>Mariana Bispo de Jesus</i>	189
A IMPORTÂNCIA DO ESPORTE E DOS JOGOS PARA O DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS <i>Jamile de Oliveira Barbosa</i>	197
DESPERTANDO A CONSCIÊNCIA INFANTIL PARA A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS NATURAIS NA EXISTÊNCIA DA HUMANIDADE <i>Danielle dos Santos</i>	207
A CONEXÃO ENTRE O PLANETA ESPORTIVO E OS CONTEÚDOS ESCOLARES COMO FERRAMENTA DE ENSINO <i>Bárbara da Silva Santos</i>	217
MEU ANIVERSÁRIO, MINHA HISTÓRIA50 <i>Naiane Libório Fontes</i>	227
DEBATENDO O MEIO AMBIENTE ATRAVÉS DE UMA EDUCAÇÃO INTERDISCIPLINAR <i>Verônica Dias dos Santos</i>	239
A RELAÇÃO ENTRE O BRINCAR E A NATUREZA <i>Claudiane da Silva Santos</i>	247

A “NARRAÇÃO DE SI” NA CIRANDA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM PROCESSO INCLUSIVO

Iara Maria Campelo Lima¹

A nascente deste capítulo está no meu desejo em fazer realçar na discussão da formação de professores a compreensão de que a Educação só pode ser pensada, sendo e se fazendo inclusiva. Assim, inicio as aulas de Alfabetização numa atitude provocativa, querendo instigar os estudantes de pedagogia a, mexendo e remexendo nas lembranças descobrirem quais os sentidos e significados das suas histórias de alfabetização; que lembranças e como, de forma subjetiva, se entrelaçam e ainda se fazem presentes. Implicado nesse desejo está meu propósito em fazer os alunos vivenciarem o movimento compreensivo no processo de formação, e possibilitar o apropriar-se desse exercício, fundante no ensinar e no fazer aprender do letramento e da alfabetização.

Nesse caminhar, solicito a escrita narrativa das suas histórias de Alfabetização e dando um tom literário começo essa provocação trazendo Clarice Lispector (1991, p.5) quando numa de suas expressões interrogativas, inclusive a si própria, ela pergunta: “Escrever existe por si mesmo?” Parecendo refletir, se vendo pensando e repensando sobre o que vai escrever, ela mesma responde: “Não, escrever é apenas o reflexo de uma coisa que pergunta”. E, para fazer ressoar a pergunta de que outro caminhar epistemológico requer a formação de professores para romper com o seu caráter excludente? Trouxe para esse capítulo um recorte da discussão do processo inclusivo em formação de professores, desvelada através da pesquisa *Tecendo Saberes, Dizeres, Fazeres em Formação Contínua de Professores*.²

1 Prof^a Associada e Chefe do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, doutora em Educação pela UFBA, membro do NUPIEPE (UFS) e GEINE(UFBA) e-mail-iara.campelo@terra.com.br

2 Tese de doutorado desenvolvida na Universidade Federal da Bahia, de cuja pesquisa participaram oito professoras das escolas da rede estadual e municipal de Aracaju: Custódia Maria Nascimento Matos, Daniela Oliveira Alves, Irma Maria Rezende Feitosa, Josivilma Souza Santana, Kátia Siene Costa, Margarida Maria Teles, Sheila Virgínia da Silva Ludugero e Vanusa Silva Góes que autorizaram a registrar as histórias de formação e experiência com seus verdadeiros nomes. A tese encontra-se disponível no site www.dominiopublico.gov.br.

Para o entendimento dessa discussão, neste capítulo, é fundamental a compreensão de que no processo de formação de professores, como explica Moita (2000, p. 117), “o saber que se procura é de tipo compreensivo, hermenêutico, profundamente enraizado nos discursos dos narradores. O conhecimento dos processos de formação pertence antes de mais àqueles que se formam”, e nessa perspectiva o desvelar desse sentido brotou do movimento da pesquisa formação e o caráter autobiográfico da narrativa, além de ter sido uma fonte de coleta de dados, possibilitou ao professor entrelaçar fios e meadas da história de formação e experiência, desvelando sentidos e significados do que ficou em si, e nesse entrelaçar de possibilidades foram sendo tecidos novos processos de formação de professor.

A “inclusão de si” no processo em formação de professores

Para refletir sobre como a narração de si impulsionou na pesquisa-formação o processo inclusivo, desafiando o velho caminhar epistemológico que alimenta a exclusão, nutrindo o silenciar de si e da diversidade, faço ressoar nessa discussão, a linguagem metafórica de Barros (2007, p. 15) quando poetisa: *“No descomeço era o verbo. Só depois veio o delírio do verbo. O delírio do verbo estava no começo, lá onde acriança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.”* A negação dessa escuta mobiliza no pensar o quanto os dizeres, os saberes, os fazeres, desde lá na infância foram silenciados e como num movimento crescente a educação vem alimentando esse processo. Mas, se a apropriação do conhecimento é o eixo central da Educação e, especificamente da formação de professor, que sentido tem silenciar, excluir quem está nesse processo sendo e se fazendo professor? Para responder a esta questão convido o leitor a uma escuta atenciosa às considerações que Serpa (2004, p.234) faz a respeito de como se processa o paradoxo exclusão x inclusão, na hegemonia do conhecimento,

O referencial hegemônico traz à tona a questão da inclusão. Sabe-se que essa questão tem subjacente dois tipos de exclusão: a exclusão material, quando não somos incluídos no referencial hegemônico e a exclusão simbólica, pela assimilação ao referencial hegemônico, com a consequente renúncia ao seu referencial originário.

Nessa compreensão, a “inclusão” no conhecimento hegemônico vivido em formação de professores, além de se processar pela exclusão material, processa-se também pela exclusão simbólica, pela renúncia involuntária exigida ao professor na assimilação do conhecimento hegemônico. Daí se poder deduzir o entendimento de que o sentido inclusivo vivido nessa formação, que silencia a escuta de si, está implicado nos mecanismos políticos e ideológicos vividos nas estratégias pedagógicas, substanciadas epistemologicamente pelo paradigma simplificador, que se referencia no 1º postulado fundamental da ciência moderna, o qual define a “exigência de leis universais”, esclarecido a partir do que explica Morin (2005, p.59), “a ordem se reduz a uma lei, a um princípio. A simplicidade vê o uno ou o múltiplo, mas não consegue ver que o uno pode ser ao mesmo tempo múltiplo. Ou o princípio da simplicidade separa o que está ligado (disjunção) ou unifica o que é diverso (redução)”, dando evidências do quanto, neste sentido, o paradigma simplificador exerceu, inclusive, a função de ocultação do paradoxo exclusão x inclusão.

O implicamento nesse paradigma, talvez, seja um dos mais fortes mecanismos de exclusão de si na formação do conhecimento, e isso pode ser compreendido, inclusive, no desconsiderar da linguagem escrita, que revela a subjetividade constituída na relação, na percepção e nas experiências encharcadas de emoção no viver a vida e as relações na vida, e nesse sentido, a escrita vai se fazendo abstrata a si, obedecendo, portanto, às condições de neutralidade e impessoalidade impostas pela linearidade do conhecimento. Dando clareza a essas considerações, Najmanovich (2001, p. 7) pontua: “no discurso da modernidade, o discurso do enunciado é ocupado por um sujeito abstrato e universal e, então, se escamoteia a responsabilidade de quem fala por expressão própria”. Quem não chegou ou não está na academia escrevendo de forma impessoal? Não estaria aí, parte da razão, da famosa dificuldade de escrever e se implicar? E para dar evidência a essa questão, trago, a reflexão de Souza (1996, p. 16),

E o que acontece nos textos que pretendem orientar as práticas dos professores? Os sujeitos são arremessados para fora. Quais sujeitos? Professores e professoras, escritores e poetas. Cabe trazer as vozes desses tantos sujeitos. Deixá-los falar. Mas não é de uma fala qualquer que a escola necessita:

não se restringe essa identidade a um perene tagarelar ou a um papaguear repetitivo. Pois não é de palavras apenas que a linguagem está esvaziada, mas de história.

Como pensar o processo inclusivo em formação de professores no avesso de uma lógica disjuntiva, excludente, limitando-se à objetividade linear do conhecimento e negando outras formas de fazer, de dizer, inclusive a linguagem que lhe revela no seu modo existencial de ser? Para responder a esta questão, compreendendo seu implicamento na formação de um professor que produz conhecimento, é preciso estar ciente, como afirma Larrosa (2006, p 25): “toda escritura pessoal, enquanto escritura, contém vestígios das palavras e histórias recebidas”, e isso está condicionado à compreensão de que todo professor tem sua história de conhecimento, aprendizagem e experiência do que viveu, do que aprendeu e/ou do que foi silenciado.

Portanto, pensar o sentido inclusivo em formação é pensar em processos de formação implicados numa perspectiva prospectiva do vir-a-ser, aberto às possibilidades do acontecer, sem previsibilidade dos limites do possível nesse acontecimento; na perspectiva do olhar desafiante, na escuta de si e do outro, onde o surpreender-se e o surpreender seja a norma; que o imprevisível nutra o desejo do ir além da previsibilidade e da certeza, para então desde lá na infância a criança poder dizer que escuta a cor dos passarinhos e o professor poder compreender o que Barros (2007, p. 15) poetizando explica “*A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som. Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.*” e esse delirar vai se transformando na nascente, no fio da meada do autorizar-se a pensar e a produzir conhecimento.

Mas, que caminhar epistemológico o processo de formação de professores requisita para possibilitar o professor compreender a complexidade de uma perspectiva prospectiva do vir a ser? Que processo de formação romperá, na fala de Freire (1996, p.14), com esse “ar de observador imparcial, objetivo, seguro dos fatos e dos acontecimentos”, sem ter consciência como afirma o autor, de que “o erro na verdade não é ter um ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que mesmo do acerto do seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele”? Que papel a escuta, a narração de si e a dialogicidade têm

nesse novo processo? Bem, para responder a estes questionamentos é preciso resgatar o conhecimento de si, no revelar-se do seu ser-sendo no mundo-com; portanto, uma compreensão implica na significação defendida por Heidegger (2005, p. 209):

No compreender, a presença projeta seu ser para possibilidades. Esse ser para *possibilidades* em compreendendo é um poder-ser que repercute sobre a presença as possibilidades enquanto aberturas. O projetar inerente ao compreender possui a possibilidade própria de se elaborar em formas. Chamamos de interpretação essa elaboração. Nela, o compreender vem a ser ele mesmo e não outra coisa. A interpretação funda-se existencialmente no compreender e vice versa. Interpretar não é tomar conhecimento do que se compreendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas no compreender.

Nesta perspectiva, o sentido prospectivo do vir-a-ser em formação puxa da sua história e experiência o já vivido, o aprendido, o silenciado, o dito e o não dito, na perspectiva de que seja mobilizada e projetada a compreensão de si e do conhecimento em formação. Essa escuta de si fica justificada na consideração de que a formação não existe no vazio, e se constitui, constituindo a teia retratada na significação do modo de existir, de ser e se fazer em formação e na vida em formação.. Assim, o processo inclusivo em formação de professores é desafiador e precisa ser compreendido na teia desta constituição e do que ficou em cada professora, sintetizado nos sentidos e significados, ditos e/ou não ditos, velados e/ou a desvelar, seguindo no reverso da impessoalidade na escrita, deu ecos ao sentido desse acontecimento. Justificando a razão deste acontecer, Santos (2002, p. 53-54), acrescenta: “é necessário uma outra forma de conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos”

O movimento epistemológico da pesquisa se referenciou na perspectiva de que “o conhecimento científico é uma construção humana” como tão bem argumenta Almeida (2006, p.288) de modo que, é importantetrazer para este capítulo o que as professoras revelaram da compreensão do conhecimento de si, no espaço experiencial da pesquisa-formação, de forma que seu pensar, seu modo de ser, de compre-

ender, de aprender, de produzir conhecimento, fosse por si, autorizado, e nesse sentido foi tomado como referência o que pontua Galeffi (2004, p.18) “para as ciências do homem, o método deve brotar da investigação que por princípio interroga o próprio conhecimento a partir do conhecedor, do conhecido e do conhecível”, e nesse compreender a pesquisa-formação rompe com a dualidade sujeito e objeto. Nesse sentido, as professoras passaram a ser atores, e assumiram o papel do investigador que investiga seu próprio conhecimento.

Refletindo e assumindo o papel do investigador à medida que as professoras narravam, iam se surpreendendo com a redescoberta de si na significação de sua existência. E, nesse experienciar, foi cada vez mais sendo evidenciado o entendimento de que, não só nas experiências de vida, mas também nas experiências em formação, retratava a presença do movimento da exclusão e inclusão. Assim, na escuta de si e com o olhar buscando o sentido da realidade pedagógica e de sua atuação nela, a prof^a Irma dá um tom exclamativo “*a gente nunca pára pra se ver!*” e olhando para si, buscando entender o “valorizar o ser humano” definido no sentido ontológico da sua escrita narrativa ela revela: “*passsei a vida na escola e só agora vim me ver e me fazer autora. Olha só!*”

Cada professora encontrou no modelo de aprendizagem vivido, uma dificuldade específica para justificar o lento movimento da escrita narrativa. Desse modo, a essência da relação prospectiva na mediação da busca da compreensão do sentido ontológico, esteve em fazer fluir a compreensão e interpretação de si, mobilizada pela música, pela poesia, pelos contos e até por objetos, como o baú que a prof^a Margarida trouxe para falar de si. E esta pitada de sal ajudou a brotar um encantamento em si, e na relação gerada. Nesse sentido, a prof^a Irma foi instigada a pensar em se ver numa música ou poesia a qual a revelasse, escolhendo então a composição de Gonzaguinha, “**O Que é o que é**”, cujo refrão repetia “**Viver e não tera vergonha de ser feliz...**”. Brotou da nascente “*lembranças da infância que estavam tão guardadas e “esquecidas”. Será que estavam esquecidas ou eu não queria lembrá-las?*”

Para uma maior compreensão do processo vivido, vou aprofundar os sentidos e significados tecidos na escrita narrativa da professora Irma, que na busca da compreensão do seu sentido ontológico puxou da nascente o que se lembrava da sua história de vida

Eu sei que no meu ambiente familiar a criança não tinha vez. O adulto era ouvido, porque meu pai delegava aos mais velhos (irmãos) esse poder.[...]. A figura de minha mãe se faz presente na minha formação, embora “frágil” diante de meu pai, mas com muita sabedoria porque com sua doçura, seus gestos mansos, seu diálogo ia quebrando dentro de nós as mágoas e os ressentimentos das atitudes dele, fazendo com que o vínculo do amor fosse preservado entre nós.

Nesse movimento narrativo aprof^a Irma traz o pensar, pensando na complexidade da divergência, do conflito familiar, de uma luta desigual entre o poder dominador do seu pai e o poder que, no silêncio, sua mãe ia se mantendo. Traz na pessoa de sua mãe a referência existencial enquanto a essência que nutria, mesmo sem saber por que, o sentido ontológico que foi crescendo na significação da busca do seu ser-professora. Na verdade, ele nasce do movimento reagente à dor que, na nascente, seu pai constrói em sua relação autoritária com a mulher na sua família. Nesse sentido, a escrita impessoal silenciava essa dor que enquanto dor doía mexer na imposição do silenciamento o qual domesticava o ser criança, filha e esposa. Trazendo a intertextualidade com as discussões geradas no espaço experiencial da pesquisa formação, e os diferentes “agoras” vivenciados na história ela coloca. *“Minha mãe, com seus sonhos de jovem casa-se aos 19 anos[...], Apesar desse ambiente repressor, conduz o casamento com sabedoria e equilíbrio, resgatando e projetando seus sonhos nas filhas a se tornarem “mulheres independentes”.*

Movida pelo desejo da mãe, ela prossegue os estudos na Escola Normal, muito mais pela facilidade que dizia ver no curso, do que pelo desejo de ser professora, suas lembranças retratam algo significativo pela analogia com um local de referência afetiva que na sua fala revelava: *“ Nesse curso, estudo novas disciplinas, mas sigo lentamente como as águas calmas de um riacho que existia no terreno de meu pai em Itabi e que sentada ficava a jogar pedrinhas naquelas águas que seguiam lentamente seu percurso.”* A evolução da escrita do sentido ontológico de ser foi surpreendendo cada vez mais, e nesse surpreender-se, acrescenta a prof^a: *“Interessante! Foi buscando essas lembranças que vi como fui aprisionada e pode entender porque no meu caminhar procurei “valorizar o ser humano”, no entanto eu procurava era ser valorizada, buscava para o outro esse valor*

negado, a mim mesma desde criança.” Josso (2006, p.27), dando relevância a essa perspectiva metodológica da pesquisa formação, fundamenta:

Trabalhar sobre os relatos de “histórias de vida” no campo das ciências humanas e na interpretação interativa com seus autores é uma revolução metodológica que constitui um dos signos de emergências de dois paradigmas: “paradigma de um conhecimento fundamentado sobre a subjetividade explicitada, ou seja, consciente de si mesma, e o paradigma de um conhecimento experiencial que valoriza a reflexividade produzida a partir de vivências singulares”

A autora enfatiza ainda, que a originalidade dessa metodologia consiste no fato de que nas narrativas, os professores consigam “atingir uma produção de conhecimentos que tenham sentido para eles e que eles próprios se inscrevam num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos” (2004, p. 25). Nesse experimentar as professoras pensando longe, com os olhos parecendo perdidos no tempo, lendo as linhas traçadas na memória do tempo, usando da capacidade de transcender e ir a qualquer lugar e trazer os seus “agoras” foram fazendo a narração de si, surpreendendo o grupo. A cada fala um revelar de si, na maioria das vezes entristecido por perceberem o teor de exclusão de si vivido no tempo desde lá, na infância, lá na família, onde as primeiras palavras, os primeiros entendimentos se iniciaram. A esse respeito Souza (2006, p.102-103), coloca “Tempo, memória e esquecimento. Uma trilogia para pensar a arte de lembrar, para estruturar um olhar sobre si, para revelar-se. A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências”, deslocamento este, permitido pela capacidade de transcendência do pensar, inerente ao ser humano e natural na narração de si.

O cirandar da ciranda: um entoar

*Em poesia que é a voz de poeta,
que é a voz de fazer nascimentos.*

*O verbo tem que pegar delírio.
Manoel de Barros*

A Ciranda da formação de professores neste capítulo cirandou no tom majestoso da complexidade do “sentido inclusivo” da Educação, que vem se constituindo em uma dentre outras vozes que desafia a ciência a desconstruir o caráter hegemônico do conhecimento. A importância revelada nesse cirandar foi o desvelar de um outro processo de pesquisa e formação, e nesse caminhar rompeu inicialmente com a dualidade sujeito/objeto, evidenciado aqui, quando as professoras, assumindo ser, o investigador que investiga seu conhecimento, teceram fios e meadas da compreensão de si, fecundado no sentido entoadado por Heidegger (2005, p. 200), “Compreender é o ser existencial do próprio poder-ser da presença de tal maneira que, em si mesmo, esse ser abre e mostra a quantas anda seu próprio ser.”

A tônica desta questão esteve na evidência de um novo processo de formação que as professoras vivenciaram, uma vez que ao narrar, elas teceram fios e meadas, puxados do seu modo existencial de ser, e, nesse sentido, exercitaram o pensar pensando no movimento da complexidade e, nesse cirandar as professoras foram percebendo o conceito da exclusão e inclusão, na significação da essência existencial, desafiando, assim, o pensar linear que garantia a previsibilidade dos limites e da casualidade.

Neste capítulo, um outro tom relevante no movimento da ciranda em formação de professores foi retratado quando no movimento da dialogicidade e multiplicidade de vozes, a escuta, aqui chamada de “escuta interativa”, por impulsionar na escuta da outra professora, um novo movimento; na observação da prof^a Kátia, “uma escuta em que mobilizava uma outra fala” permitindo cada vez mais o exercício não só da escuta, mas da compreensão subjetiva fundante no processo de significação e ressignificação, tanto no sentido da aprendizagem do professor, narrando e refletindo sobre sua experiência, como no movimento do experimentar, ao desafio da compreensão, na pretensão de romper com os processos mecanicistas que se entrelaçam e se definem nas propostas de alfabetização que caminham ignorando a singularidade, o movimento próprio do aluno, com ou sem, deficiência.

A pretensão deste capítulo foi, inclusive, tecer considerações quanto à ressignificação da formação de professor aberto a novas possibilidades epistemológicas que nutra o exercício do pensar pensando no movimento da complexidade do existir, exercitando no vivenciar autobiográfico no diálogo entre o passado- presente, singular- plural,

e pessoal – universal, superando o pensar de forma linear no exercício da compreensão entrelaçando sentidos e significados das histórias de formação e experiência. Para nessa tomada de consciência compreender como afirma Bosi (1994, p. 55) “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” e o enfrentamento dessa techedura na perspectiva do significar a formação é sim, um trabalho de e ressignificação.

Referências

- BARROS, Manuel de. **Livro Sobre Nada**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALEFFI, Dante A. **Filosofar & Educar: inquietações pensantes**. Salvador: Quarteto, 2003.
- _____. Prefácio. In: MACEDO, Roberto Sidnei **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Universidade São Francisco/São Paulo: Vozes, 2005.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais de formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: ZOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto (Org.) **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**: Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte; Autêntica, 2006.
- LISPECTOR Clarice. **Um sopro de vida**. 9. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1991.
- MOITA, Maria da Conceição. Percursos de Formação e de Trans-formação In: NOVOA, Antônio. **Vidas de Professores**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2000.

MORIN, Edgar. Os desafios da complexidade. In: MORIN, Edgar (Org) **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: SULINA, 2005.

NAJMANOVICH, Denise. **O Sujeito encarnado**: questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SANTOS, Boaventura S. **Um Discurso sobre as Ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SERPA, Felipe. **Rascunho digital**: diálogos com Felipe Serpa. Salvador: EDUFBA, 2004.

SOUZA, Solange Jobim e KRAMER, Sônia. Experiência humana, história de vida e pesquisa: Um estudo da narrativa, leitura e escrita de professores. In: _____. (org.). **Histórias de Professores**. Leitura, escrita e pesquisa em educação. São Paulo: Ática, 1996.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O Conhecimento de si**: estágios e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.



PRODOCÊNCIA E ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA DINÂMICA DE SUCESSO

Andréa Freire de Carvalho¹

No decorrer deste estudo objetivando conhecer, compreender, aprender e aperfeiçoar nossa prática docente, acompanhamos a construção de relatos docentes a fundamentação do trabalho desenvolvido por estes em escolas da rede municipal e estadual de ensino no estado de Sergipe. Nesse sentido, a leitura e intervenção destes na escrita dos alunos do Curso de Pedagogia, quando estes buscavam refletir sobre suas práticas docentes, fundamentando-a, construindo-a, enriquecendo e ampliando o referencial teórico-metodológico, durante o desenvolvimento de projetos de ensino nas escolas, foi o que motivou a construção deste artigo.

Um dos objetivos do Programa de Consolidação das Licenciaturas (PRODOCÊNCIA) é o “[...] fomento a propostas que integrem a educação superior com a educação básica, de articulação entre teoria e prática e cooperação entre unidades acadêmicas (CAPES, 2006)”, fator este almejado e consolidado neste trabalho conjunto desenvolvido junto com os alunos do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, os professores desta instituição e professores das escolas públicas do Estado.

De acordo com dados encontrados no site da CAPES, o PRODOCÊNCIA é “[...] é uma ação da Capes cuja finalidade é o fomento à inovação e à elevação da qualidade dos cursos de formação para o magistério da Educação Básica, na perspectiva de valorização da carreira docente (CAPES, 2006)². O Ministério da Educação e Cultura (MEC), escreve que,

1 Formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do SEMINALIS - Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea e GPFIMA - Grupo de Pesquisa Formação, Interdisciplinaridade E Meio Ambiente. Mestranda em Ciências Ambientais pelo PRODEMA/UFS. E-mail: andreavaz@msn.com.

2 Dados encontrados no site da CAPES, disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/prodocencia>, reeiterado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12244&Itemid=492

O Programa de Consolidação das Licenciaturas (Prodocência) visa ampliar a qualidade das ações voltadas à formação de professores, com prioridade para a formação inicial desenvolvida nos cursos de licenciaturas das instituições federais e estaduais de educação superior. Criado em 2006, o Prodocência financia projetos voltados para a formação e o exercício profissional dos futuros docentes, além de implementar ações definidas nas diretrizes curriculares da formação de professores para a educação básica (BRASIL, 2013, p.1).

Os objetivos do programa de acordo com MEC e CAPES, são os seguintes:

contribuir para a elevação da qualidade da educação superior, formular novas estratégias de desenvolvimento e modernização do ensino no país, dinamizar os cursos de licenciatura das instituições federais de educação superior, propiciar formação acadêmica, científica e técnica dos docentes e apoiar a implementação das novas diretrizes curriculares da formação de professores da educação básica (CAPES, 2006, página inicial do site PRODOCÊNCIA).

Tendo como base os objetivos acima descritos, os alunos e alunas da UFS, durante a disciplina de Estágio Supervisionado, ministrado por professores do Departamento de Educação (DED), do Centro de Ciência Humanas (CECH), da Universidade Federal de Sergipe, vão a campo. Os projetos de ensino adotados tiveram temas diversos, buscando abarcar a necessidade de cada comunidade, sendo que, estas, foram escolhida pelos próprios estudantes de Pedagogia. O desenvolvimento destes projetos de ensino possibilitou uma preciosa reflexão pessoal e teórica por parte de seus participantes. Nesta construção coletiva, gostaríamos de agradecer aos diretores, coordenadores, professores e todos os membros que participam da busca da excelência em escolas das redes públicas sejam estas Municipais ou Estaduais.

Buscando uma consolidação da teoria estudada e apreendida, os alunos procuraram, por meio de uma rica parceria, Universidade/Programa Prodocência /DED /Escolas /professores / gestores, colocar em prática as teorias, objetivando, de acordo com Soares et al “[...] minimi-

zar as disparidades dos níveis de conhecimentos entre os sujeitos (2012, p. 13). No entanto, os projetos de ensino não se restringem apenas ao curso de Pedagogia, eles abarcam diversos cursos de licenciatura. Segundo Oliveira et al "[...] essas atividades estão inseridas no âmbito dos estágios curriculares obrigatórios de alunos de licenciatura (formação de professores) segundo a orientação nacional do prodocência (OLIVEIRA; SANTOS; FERREIRA, 2012, p. 2). Acrescentam que na Universidade Federal de Sergipe participam os cursos de licenciatura em química, física, matemática, língua portuguesa, biologia e/ou ciências e pedagogia.

No curso de pedagogia, o PRODOCÊNCIA insere-se nas disciplinas de Estágio Supervisionado, particularmente nas disciplinas de estágio III e IV. A primeira fase consistiu em observação da escola e da sala de aula, assim como coleta de dados para construção do projeto de ensino que, de fato, trabalhasse com as necessidades da comunidade. Neste momento, as alunas estagiárias entram em contato com a escola, com seus gestores e professores e principalmente, coletam informações sobre o que os alunos precisam e o que eles querem, sobre o que gostariam de aprender, levando sempre em conta o porquê deste querer.

De acordo com Relatório de Campo de Jesus e Santos (2012), ao trabalharem sobre processos culturais, que, posteriormente, foi transformado em um artigo com o título "Implicações de uma experiência pedagógica", percebemos as necessidades e vontades dos alunos sendo levadas em consideração, pois as autoras escrevem que,

o desenvolvimento do referido tema é de extrema importância para a turma, pois o estudo da história local implica na valorização e na construção da identidade do indivíduo, além de apresentar para as pessoas envolvidas um conhecimento mais preciso e amplo sobre sua história local, que infelizmente, por motivos que desconhecemos, não lhes foram apresentados (JESUS; SANTOS. RELATÓRIO DE CAMPO, p.17).

A seguir, a partir da coleta de dados, foi elaborado um projeto de ensino a ser desenvolvido. Este projeto deve abarcar todas as disciplinas que compõe a grade curricular nacional, assim como ser trabalhado de forma interdisciplinar e estar de acordo com o tema sugerido pelos alunos. É um desafio. Mas, um desafio que esta sendo posto em

prática e que, a cada ano, se desenvolve e conquista cada vez mais, espaço e destaque dentro e fora das escolas e Universidades. Para Soares et al, os projetos de ensino que buscam abarcar as peculiaridades locais e necessidades e vontades dos alunos buscam “[...] complementar e articular os conhecimentos adquiridos durante o processo formativo no curso de Pedagogia, uma vez que os alunos são instigados a articular conhecimentos com o professor da escola pública para compartilhar experiências” (2012, p. 13).

Como já foi escrito, os temas são amplos e diversos, indo desde uma pergunta elaborada por um (a) aluno (a) ou pela turma, a exemplo da pergunta sobre a cola branca escolar, perpassando por questões de higiene, de processos identitários a exemplo de meu nome, minha história; incluindo a cultura do Estado a exemplo de festejos juninos, indo desde séries iniciais para Educação de Jovens e Adultos, assim como questões ambientais e históricas.

Para os alunos das escolas municipais, é uma forma de estudar “matando a curiosidade” sobre o que gostariam de saber, mas que, devido à diversos motivos, dentre os quais destacamos “projetos de alfabetização” e livros didáticos descontextualizados da realidade dos alunos, que, entretanto, devem ser seguidos “à risca” devido a um rígido cronograma elaborado, não permite a inserção de tais temas.

Para os alunos estagiários da Universidade Federal e para os professores das escolas, é uma rica troca de experiência. Todos aprendem, trocam informações, compartilham, debatem, e aumentam a preciosa carga que será guardada no “baú de memórias” (Alves, 2000). Alguns alunos estagiários confirmarão o que já sabiam: que se encaixam e se nutrem destes contatos diários com as crianças, outros professores e escola como um todo. Outros perceberão que se identificam mais com gestão, e coordenação, e poucos, perceberão que outros caminhos serão trilhados...

Este programa/estágio é um relançar, uma espiadela dentro do universo da educação. Os alunos perceberão que, ser professor é planejar cuidadosamente, passo a passo, cotidianamente, o que será trabalhado com seus alunos. É considerar a realidade de seus alunos, é perceber onde estes vivem e com quem e com o que convivem e aprendem. Perceberão que ser professor demanda pesquisas cotidianas, buscas incansáveis de novas teorias e pensamentos que deem conta da diver-

cidade que se encontra dentro do universo “minha turma”. Perceberão que, a psicologia, a pedagogia, as bases da matemática, da ciência, da biologia, enfim, das disciplinas, que antes pareciam suficientes, agora se tornam início. De uma longa jornada de buscas por mais.. mais informações, mais leituras, maior aprofundamento teórico-metodológico, enfim, mais estudo! É uma base que deverá ser ampliada e construída cotidianamente e coletivamente. Os alunos estagiários, os futuros professores conscientizam-se que, a profissão professor é muito mais que estar em sala de aula e ministrar conteúdos. É uma troca diária de informações, de construções e desconstruções, é ser pesquisador/professor, é ser professor /amigo, é saber escutar, compreender, é saber colocar-se na situação do outro. É compreender que, ser professor é ser humano, no sentido mais pleno de ser humano. É compreender que, a criança, o jovem e o adulto que vai para a escola, tem uma vida fora dos muros da escola, e esta vida e as pessoas que este convive, também faz parte do aluno, ele não deixa a vida fora dos muros da escola, não se despe de suas experiências e vivências, sejam boas ou más quando entra na sala, assim como o professor não deixa a sua. Essa visão completa de que, somos coletividade ao mesmo tempo que somos únicos, nos compõem e transformam a nossa percepção de escola/aluno/professor. Nossos pais, parentes, filhos, amigos e companhias não deixam de existir e de nos influenciar porque estamos dentro da escola. Pais com problemas, os ausentes, os alcoolizados, os dependentes químicos, não deixarão de estar na mente e coração dos alunos, só porque estes agora vão “ter aula”. As crianças não deixarão de trabalhar na feira, de carregar carrinhos de mão pesados por alguns reais, não deixarão de ser espancados, ou de sentir fome porque adentraram os “muros sagrados da escola”. Isso tudo e muito mais, serão percebidos, e refletidos por muitos destes alunos estagiários que irão para as diversas escolas desenvolver projetos de ensino. Podemos fundamentar o que foi escrito com o relatório de docência de Fontes (2012), transformado em artigo para compor o livro PRODOCENDICA 2013, em que a mesma escreve que,

A escola é um espaço privilegiado e quando o educador sabe aproveitar esse espaço encontramos um lugar rico em trocas de saberes e nós educadores passamos a perceber que muitas vezes aprendemos mais com os nossos alunos do aquilo que ensinamos (RELATÓRIO DE DOCÊNCIA, FONTES, 2012, p.3).

Concluimos que o Programa Prodocência financiado pela Capes e desenvolvido pelos alunos das Universidades Federais, durante as disciplinas de Estágio Supervisionado, vão muito além de “desenvolver projetos”. Eles constroem e ampliam vivências, percepções, e histórias de vidas, tanto dos alunos estagiários quanto dos alunos e professores das escolas públicas. De acordo com Carvalho e Gois ser aluno estagiário é “[...] muito mais do que transmitir, comunicar, é também saber ouvir e compartilhar experiências enriquecedoras, algumas tristes, outras alegres, mas que enaltecem aquele que se propõe a fazê-lo (2012, p.213)”. Para Tardif, a profissão de professor, e neste caso de alunos estagiários que estão neste movimento de vir-a-ser professor sendo estagiário, carregamos conosco um certo fardo ético. Esta carga ética é vivida por professores e professoras que se confrontam cotidianamente com crianças que sentem e sofrem “[...] diferentes problemas, por exemplo, de carência e de amor (2010, p. 142-143)”. Ferreira e Santana (2013), descrevem em seu artigo, o que foi escrito por Tardif (2010). Segundo as mesmas,

podemos perceber que são crianças muito carentes de afeto, gostam de abraçar toda hora ,beijar, ao mesmo tempo percebemos que algumas são bastante violentas, mas a professora nos informou que muitos são filhos de pais que estão presos , vivem em um meio onde presenciavam brigas ,alguns já foram pegos pelo Conselho Tutelar por falta de cuidados dos pais (FERREIRA E SANTANTA, RELATÓRIO DE ESTÁGIO DOCENTE, 2012, transformado em artigo para o livro PRODOCÊNCIA, 2013).

Neste sentido, compreendemos a complexidade do PRODOCÊNCIA. De acordo com Soares et al “[...] a educação brasileira sinaliza para uma reflexão acerca das propostas pedagógicas pelas escolas públicas de modo a ministrar as disparidades dos níveis de conhecimentos entre sujeitos (2012, p.13). Nesse sentido, as etapas do projeto Prodocência visam contribuir de forma significativa para esta diminuição. Ao intervir nas escolas com projetos cujos temas foram propostos pelos próprios alunos, nos atemos dentro do proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, cuja proposta é que se busque trabalhar dentro das especificidades de cada região, que se busque atender às demandas dos alunos e da comunidade como um todo, de forma a torna o processo formativo educativo intencionalmente voltado a formar sujeitos conscientes e críticos de sua realidade e a partir desta compreender outras.

Referências

ALVES, Nilda. Regina Leite GARCIA (ORGS). **O sentido da Escola**. 3 edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). **PRODOCÊNCIA**. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12244&Itemid=492. Acessado em 02 de fevereiro de 2013.

BRASIL. CAPES. **PRODOCÊNCIA**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/prodocencia>. acessado em 02 de fevereiro de 2013.

CARVALHO, Andréa Freire de. GOIS, Camila Bomfim de. **Interfaces do Programa Prodocência na Formação dos Professores** (p. 207-217).). In: Prodocência: Vivências Colaborativas na Formação de Professores em Escolas Públicas, São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

OLIVEIRA, Elynne Gabrielle Moreira de; SANTOS, Caio César Costa; FERREIRA, Lucas Pazoline da Silva. DIFICULDADES NO MANEJO ORAL E ESCRITO DOS TERMOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS DE BIOLOGIA E/OU CIÊNCIAS. Disponível no IV Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade. ISSN 1982 – 3657. Acessado em 13 de fevereiro de 2013.

SOARES, Maria José Nascimento; ALMEIDA, Ronise Nascimento de; BITENCOURT, Daniela Venceslau; ANDRADE, Edivânio Santos. **Contributo do Programa Prodocência para a Formação Docente** (p. 13-18). In: Prodocência: Vivências Colaborativas na Formação de Professores em Escolas Públicas, São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

SOARES, Maria José Nascimento; CARVALHO, Andréa Freire de. ALMEIDA, Ronise Nascimento de. BITENCOURT, Daniela Venceslau. **Experiência Docente: Ações do Programa Prodocência**. In: Prodocência: Relatos de Vivências em escolas públicas, Editora UFS, São Cristóvão, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 11 Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro, 2010.



A NATUREZA³

Elisangela Araujo Silva Santos⁴
Andréa Freire de Carvalho⁵

Introdução

O presente artigo é resultado da prática de estágio desenvolvida em uma escola localizada no município de Aracaju com alunos do 3º ano do ensino fundamental I, onde foram planejadas atividades pedagógicas a partir do tema natureza, com o objetivo de despertar nas crianças hábitos de conservação ao meio ambiente, possibilitando assim uma reflexão sobre sua importância para nossa vida. Para realizar as atividades utilizamos como metodologia aulas expositivas, leituras individuais e coletivas, exposições, filmes e documentário entre outros. A autora nos apresenta detalhadamente as práticas desenvolvidas em sala de aula e os resultados obtidos ao longo desta experiência.

O conceito de natureza não é universal, cabendo cada sociedade formular o seu. Tem significado amplo e envolve tudo que tem característica natural. Tudo é natureza! A terra, a água dos rios e mares, a ação humana sobre os elementos naturais, o ar que respiramos, os animais, as plantas etc. A “natureza” aparece na fala dos alunos como algo belo e ameaçado pelo homem, a qual é destruída a cada instante. Podemos inferir a esta uma visão romântica, pois todos os elementos do meio natural são considerados belos por eles, visto como algo exterior ao homem. De acordo com Santos “[...] a imagem da natureza está ligada à inocência, à pureza e ao encantamento do jardim do Éden evocado desde os tempos bíblicos. A harmonia perfeita e não valorativa, entre bichos, plantas e animais, denota que ela mesma é o paraíso (2012, p.35/36)”.

3 Artigo elaborado com o Programa Prodocência/CAPES/UFS, em parceria com escolas públicas do Estado de Sergipe, a partir da disciplina Estágio Supervisionado III.

4 Graduanda do Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe. Email: elisangela.araujo.ss@hotmail.com

5 Formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do SEMINALIS - Grupo de Pesquisa em Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea e GPFIMA Grupo de Pesquisa Formação, Interdisciplinaridade e Meio Ambiente. Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente PRODEMA/UFS. E-mail: andreavaz@msn.com.

O ser humano está interligado com a natureza, pois ao mesmo tempo em que se desenvolve passando por transformações, ele detém o poder de transformá-la, uma vez que sua ação reflete na mesma de maneira significativa tanto positivamente quanto negativamente contribuindo para destruição da mesma. De acordo com Santos “[...] com a mão do homem, tudo se transforma; onde ela toca, fica um rastro de destruição (2012, p.36)”. Daí à necessidade de desenvolver hábitos de conservação nas crianças. O tema abordado neste artigo surgiu da escolha dos alunos, com o intuito de valorizar a participação dos mesmos e tornar as atividades significativas para eles. As atividades apresentadas envolveram as disciplinas de português, matemática, ciências, história e geografia, buscando trabalhar concomitantemente os temas transversais.

Referente aos temas transversais Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), afirmam que referente aos conteúdos sobre questões ambientais “[...] esse pode ser trabalhado em Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, além de entrecruzamento nos demais temas transversais, em particular Ética e Trabalho e Consumo (PCN, 1998, p.152)”.

As atividades do projeto de ensino foram planejadas a partir da relação homem/natureza, animais, plantas e alguns recursos naturais, como a água dentre outros, destacando a importância da mesma para a sobrevivência humana. De acordo com os PCNs de História e Geografia, devem ser trabalhadas

as relações entre os homens e a natureza, numa dimensão individual e coletiva, contemporânea e histórica, envolvendo discernimento quanto às formas de dominação e preservação da fauna, flora e recursos naturais. (BRASIL, 1997, p.45).

Ainda segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de História, “[...] a utilização de outras metodologias de ensino significa, também, construir o currículo ao longo do processo, partindo de vivências do grupo (professor e alunos), sem deixar de considerar o conhecimento historicamente constituído” (PCN de HISTÓRIA, 1997, p.94). Portanto não precisamos recorrer somente aos livros ou aulas expositivas em que o professor se considera o dono do saber impedindo a criação de um diálogo com os alunos e impossibilitando uma troca de aprendizagem entre ambas as partes.

só educadoras e educadores autoritários negam a solidariedade entre o ato de educar e o ato de serem educados pelos educando; só eles separam o ato de ensinar do de aprender, de tal modo que ensina quem supõe sabendo e aprende quem é tido como quem nada sabe (FREIRE, 2011, p.39).

É relevante refletir sobre a importância de valorizarmos o conhecimento dos alunos, dos familiares mais velhos, pois são dotados de vivências riquíssimas que muitas vezes são desprezadas pelos professores em sala de aula. Isso não significa que devemos deixar de lado o conhecimento já construído ao longo da nossa história. Segundo os PCNS de geografia podemos trabalhar a nossa história e concomitantemente as questões ambientais, pois,

a principal noção a ser trabalhada por este tema é a presença da natureza em tudo que está visível ou não na paisagem local. Por meio da observação e descrição, os alunos podem reconhecer essa presença em seus hábitos cotidianos, na configuração e localização de seu bairro e de sua cidade ou ainda nas atividades econômicas, sociais, culturais com as quais têm contato direto ou indireto (BRASIL, 1997, p.132).

O homem se relaciona com o meio natural em todos os aspectos físicos, culturais econômicos e sociais. Com as crianças não é diferente, percebemos o mundo em que vivemos e o que esta à nossa volta, construindo uma relação de pertencimento à paisagem local. Trazer este tema de forma lúdica é importante para a formação de hábitos e conceitos nas crianças, pois elas internalizam os conhecimentos tornando-se capazes de refletir sobre os mesmos. De acordo com os PCNs (1998), é importante que haja uma educação voltada às questões ambientais, pois,

nesse contexto fica evidente a importância de educar os brasileiros para que ajam de modo responsável e com sensibilidade, conservando o ambiente saudável no presente e para o futuro; saibam exigir e respeitar os direitos próprios e os de toda a comunidade, tanto local como internacional; e se modifiquem tanto interiormente, como pessoas, quanto nas suas relações com o ambiente (BRASIL, 1998, p.181).

Relatos de experiências práticas em sala de aula

No primeiro momento criamos uma situação de diálogo entre os alunos, com o objetivo de analisar o nível de conhecimento dos mesmos sobre os temas abordados em sala de aula. A turma foi dividida em grupos, e, no decorrer da discussão foram surgindo vários temas, dentre eles estavam: os animais, plantas, dinossauros e teatro. Por meio de uma votação realizada com os alunos, conseguimos chegar a um tema final: a natureza. Cada tema citado tem um significado para os mesmos e um argumento a ser defendido por cada um. Os animais, por exemplo, são considerados por muitos como amigos dos seres humanos; eles gostariam de trabalhar também sobre os dinossauros, pois, a partir da visão de cada um, são seres sobreviventes do nosso planeta ao longo dos séculos⁶. O teatro foi citado por ser considerado por eles como uma arte. A natureza foi o tema em que mais chamou a atenção dos alunos por ser considerada algo precioso, ameaçado pelo homem. Ao observar os temas citados pelos alunos veremos que eles estão todos interligados e são elementos que fazem parte da natureza. Por isso relatei nas atividades todos os temas citados acima.

As atividades foram distribuídas durante dez dias de aulas consecutivas, elas foram realizadas de forma individual e coletiva, objetivando a interação e participação de todos. Buscando definir o conceito de natureza realizamos a atividade: “Tempestades de idéias”, em que os alunos foram instigados a contribuir com uma palavra relacionada ao tema natureza, formulando um possível conceito partindo do conhecimento prévio de cada um, os recursos didáticos necessários para a realização da mesma, foram o piloto e o quadro, pois a peça chave desta atividade é a participação da turma. No centro do quadro estava escrito com letras grandes e legíveis a palavra natureza; as demais palavras foram escritas de maneira interligada à palavra central por meio de setas traçadas pelos alunos. Esta atividade possibilitou a compreensão do significado das palavras e permitiu que os alunos criassem novos significados a partir de uma mesma palavra. Desta forma os alunos foram dominando de maneira atrativa o sentido de formular conceitos.

6 De acordo com os alunos, os dinossauros são seres viventes e ainda estão entre nós.

Com o objetivo de trabalhar e exemplificar os tipos de substantivos de maneira lúdica, os alunos confeccionaram em grupo uma árvore coletiva, com o intuito de criar hábitos de colaboração uns com os outros e compreender o equilíbrio da natureza. Cada grupo recebeu os devidos materiais, ficando responsável pela confecção de parte específica da planta, por exemplo: Um grupo ficou responsável pelas folhas, outro pelo caule e assim por diante; depois colamos cada parte da planta na qual trazia uma informação sobre a função da mesma, formando assim a planta coletiva. Os alunos foram instigados a perceber que com a participação de todos, forma-se uma equipe, a qual foi representada pela planta confeccionada. Destacamos também a necessidade de refletir sobre a relação das partes da planta como um todo e sua importância para a natureza. Após esta atividade realizamos a leitura coletiva da letra da música, “os segredos dos vales mágicos”, em seguida buscamos interpretar o texto escrito. Para esta atividade utilizamos como recurso didático: aparelho de som, CD, cartolina, cola e tesoura.

Faixa 1 - Música Segredo dos Vales Mágicos

Refrão:

“... É pra já!

Vamos mostrar nosso valor

Pais e filhos e os amigos de verdade

Estamos unidos pela natureza

Venceremos com amor!

É pra já!

Vamos mostrar nosso valor

Pais e filhos e os amigos de verdade

O segredo é o carinho

É o que vale!

E o que vale valerá!...”⁷

Realizamos no decorrer do estágio a atividade plantando uma semente, em que no primeiro momento, os alunos realizaram uma experiência plantando uma semente de milho ou feijão em um vidro com algodão úmido em água. Para obter um bom resultado o vidro teve que ser mantido fechado durante quatro a cinco dias. No decor-

7 O CD foi trazido por uma aluna e foi inserido no planejamento da aula aproveitando a atitude espontânea da aluna. Disponível em www.youtube.com/watch?v=e65SfggmB3o

rer de cada dia reservamos um momento para observar o processo de germinação da semente, onde os alunos foram colaboradores da professora. Realizar esta atividade foi gratificante, pois, até o último dia do estágio, eles se lembravam da mesma com orgulho de ter participado, e, era nítida a preocupação que tinham em levar pra casa a semente já germinada para plantar em outro local mais apropriado para o desenvolvimento da mesma. Realizamos uma conversa informal sobre os seres vivos e utilizamos a planta como exemplo sempre relacionando a atividade aplicada com o tema trabalhado. Os recursos utilizados foram: vidro, algodão, água e folha A4.

Para trabalhar a matemática, criamos probleminhas e confeccionamos um relógio dividindo a turma em grupos, o relógio pode ser confeccionado com cartolina ou papel Paraná. É preciso ter atenção quando os alunos utilizarem a tesoura, para não provocar acidentes, cabendo a professora explicar os riscos de se manusear objetos perfuro cortantes sem a supervisão de um adulto responsável. Esta atividade foi realizada com o objetivo de trabalhar as medidas de tempo, as noções de adição relacionadas com o meio ambiente entre outras. Trabalhamos com jogos, com adivinhações e curiosidades pesquisadas e escritas pela turma, por acreditar ser importante e significativo para eles, principalmente, quando participam de sua construção, assim como, por tornar a aula mais lúdica e menos cansativa, possibilitando um aprendizado mais prazeroso para os alunos. De acordo com Cagliari, “[...] não se deve esquecer que nesta fase de desenvolvimento a criança precisa brincar. Todas essas atividades devem ser feitas com prazer, utilizando jogos de diversos tipos de letras e palavras. Esses jogos podem ser comprados ou, o que é melhor, construídos pelas próprias crianças (2003, p.130).

Para realizar esta atividade foi sugerido aos alunos, um dia antes, que pesquisassem em livros ou internet, adivinhações ou curiosidades sobre o tema trabalhado para trazerem na aula seguinte. A turma foi dividida em grupos, em que foram instigados a criarem probleminhas matemáticas a partir dos elementos da natureza. Cada grupo ficou responsável de responder aos problemas, após as respostas dadas os mesmos construíram um jogo de charadas e curiosidades relacionadas com o tema. No segundo momento a turma foi dividida em dois grupos, onde cada qual teve a oportunidade de perguntar e de responder respeitando as regras do jogo, iniciou assim uma competição entre eles onde a

professora foi à mediadora da atividade. Para esta atividade utilizamos: Cartolina, quadro, piloto e canetinhas. Outra atividade interessante trabalhada com os alunos foi à construção do jogo da memória confeccionado por eles. Os alunos trouxeram figuras de plantas de várias espécies. A turma foi dividida em duplas com o intuito de interagir uma com as outras e participar do jogo buscando criar situações matemáticas que envolvesse subtração. Os recursos utilizados foram: jogo da memória, cola, cartolina e figuras de plantas.

Desenvolvemos também atividades que possibilitaram trabalhar as disciplinas de história e geografia, onde os alunos foram convidados a escrever sobre as primeiras relações entre o homem e a natureza. Foram apresentados dois vídeos: um recorte de documentário⁸ e um episódio da turma da Mônica com o personagem Chico Bento denominado: na roça é diferente! No primeiro momento: Os alunos assistiram ao documentário o qual apresentava algumas questões sobre a formação do povo Brasileiro e a relação homem /natureza, depois assistiram ao desenho animado da turma da Mônica. Logo após criamos um debate onde a professora buscou relacionar os dois vídeos, identificando as diferenças existentes entre os mesmos e os aspectos mais relevantes, depois os alunos foram convidados a registrar em um pequeno texto com ilustrações as informações que mais lhe chamaram atenção. Utilizamos como recurso o aparelho de TV e DVD, cartolina cola e tinta.

Cada grupo teve a oportunidade de apresentar o cartaz confeccionado, em que posteriormente estes cartazes foram expostos nos corredores da sala. Os alunos gostaram também de trabalhar com a contação de histórias, criamos um mini teatro para ser apresentado na sala de aula e selecionamos algumas histórias relacionadas ao tema para serem contadas tanto pela professora quanto por eles. Também organizamos uma oficina de reciclagem de materiais trazidos pela turma. Com o objetivo de criarmos tanto em nós quanto nos alunos, bons hábitos de conservação e consciência ambiental, objetivando melhorar a situação do nosso planeta, partimos de um simples gesto de jogar o papel no chão quando se tem uma lixeira por perto, até chegarmos à conscientização de fiscalizarmos nossas atitudes cotidianas. Devemos sensibilizar nos alunos valores morais para formar indivíduos cons-

8 Documentário: A Formação do povo Brasileiro, Darcy Ribeiro.

cientes de seus atos, tendo a responsabilidade de conservar o planeta em que vivemos para garantir a nossa sobrevivência; Devemos mostrar para eles que nossos rios não estão mais limpos, os peixes estão morrendo, as árvores estão perdendo seu brilho, a água não é mais cristalina e o ar que respiramos não é mais puro, por isso, a importância de trabalhar desde cedo com as crianças estas questões levando-as a refletir sobre quem é o causador de todo esse estrago ambiental. Os responsáveis por todas as consequências somos nós e se cruzarmos os braços e deixarmos a vida passar como se nada estivesse acontecendo será tarde demais, pois, a natureza já está saturada.

Os alunos foram avaliados ao decorrer das aulas por meio da participação nas atividades e por questionamentos feitos por meio da oralidade, produção de texto, por meio de registros das atividades e pela observação. As atividades desenvolvidas buscaram priorizar a leitura e escrita com o intuito de ajudar os alunos a superar algumas dificuldades relacionadas às mesmas, pois,

para ler não é preciso que a criança conheça todas as palavras do texto. Deixá-la ler, levando-a a refletir sobre as estratégias de leitura e o conteúdo do texto, é fundamental. Se se resolvem todos os problemas de antemão, não se está ensinando a criança, mas exigindo dela apenas o que já sabe (CAGLIARI, 2003, p.170).

Considerações finais

Realizar a experiência de estágio foi gratificante, pois além de conseguir realizar as atividades de forma lúdica para os alunos, os resultados obtidos foram significativos, tanto pra mim quanto para os mesmos, pois observei um avanço nas atividades desenvolvidas e nos comportamentos da turma. Contei com a participação de todos, desde o professor titular da sala e do apoio da coordenação da escola até os funcionários que trabalham na escola. Foi gratificante também por conseguir relacionar o tema abordado com os conteúdos contidos no planejamento da escola.

A prática do estágio é muito importante para nossa formação, pois como futuros pedagogos, esta oportunidade única nos possibilita ir a campo e tentar relacionar a teoria com a prática. Sabemos que é um

desafio muito grande, mas um caminho necessário a ser seguido, claro que contamos também com alguns pontos negativos como a questão de relacionar os temas trabalhados com o planejamento da escola, respeitando o horário de outras disciplinas isoladas com é o caso de inglês, música e informática; porém, os pontos positivos são muitos, como a participação em massa dos alunos nos contagiando com sua alegria e motivação, a colaboração dos funcionários da escola que contribuíram de forma significativa para a continuação das atividades ao longo da trajetória, sempre compromissados com aprendizagem e os avanços dos alunos ajudando-os a superar as dificuldades encontradas. Esta prática sem dúvida nos torna mais segura para enfrentarmos a realidade da nossa atuação como professores.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia/Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Apresentação dos temas transversais/ Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e Lingüística.** São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. (Coleção questões da nossa época; v.22). – 51ª. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Antônio Carlos dos. **Em Torno da Ética Ambiental** (p.35-45) In: SANTOS, Antônio Carlos dos. BECKER, Evaldo (orgs.). *Entre o Homem e a Natureza: abordagens teórico-metodológicas.* Porto Alegre: Redes, 2012.



IMPLICAÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA⁹

Amanda Suzanne S. de Jesus¹⁰

Maria Edna Santos¹¹

Introdução

Acreditamos que, antes de qualquer ação pedagógica é essencial ao educador valorizar e reconhecer os conhecimentos prévios dos alunos. Porém, compreendemos que a função da escola vai além daquilo que de fato o aluno deseja e já sabe, sendo papel da escola fornecer os conteúdos a serem apreendidos.

Segundo o Dicionário Aurélio, *cultura* é “[...] o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc., transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade” (2001, p.197). Portanto, abordaremos aspectos característicos da cultura sergipana, como: crenças, manifestações, costumes e sujeitos que contribuíram para o desenvolvimento regional.

a cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas (MORIN, 2001, p. 56).

Tendo consciência que a escola é um ambiente estruturado por pessoas com diversos grupos étnicos, com diferentes costumes e variadas crenças, consideramos importante o desenvolvimento do referido

9 Artigo elaborado com o Programa Prodocência CAPES/ UFS, em parceria com escolas públicas do Estado de Sergipe, a partir da disciplina Estágio Supervisionado III.

10 Graduanda do 8º Período do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe ; e-mail: amanda_suzanne21@yahoo.com.br

11 Graduanda do 8º Período do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe ; e-mail: ednaa.santos@yahoo.com.br

tema é de extrema importância para a turma, pois o estudo da história local implica na valorização e na construção da identidade do indivíduo, além de apresentar para as pessoas envolvidas um conhecimento mais preciso e amplo sobre sua história local, que não lhes foi apresentado.

Ao trabalharmos com a cultura sergipana, abrangemos diversas áreas do conhecimento, como: Língua Portuguesa, com leituras, interpretação de textos, acentuação gráfica e aspectos gramaticais; História, com os acontecimentos e fatos que ocorreram desde os primórdios das referidas cidades, detectando as mudanças e permanências no que diz respeito ao tempo, espaço e lugar; Ciências, abordaremos o meio ambiente em geral; Geografia, trataremos de aspectos, como: vegetação, clima e hidrografia; e a Matemática, com problemas matemáticos e elementos geométricos.

O objetivo geral do projeto desenvolvido foi proporcionar a turma o conhecimento e compreensão dos aspectos culturais e do processo de formação histórica e cultural da cidade de Aracaju, refletindo sobre as crenças e costumes do nosso povo, contribuindo para o desenvolvimento de comportamentos e valorização e preservação da história local.

Trabalhar com temas transversais e que despertam o interesse e empolgação da turma já é um grande passo, pois ao mesmo tempo em que fazem sugestões e passam a conhecer aspectos antes não explorados, os desenvolvimentos das habilidades de reflexão, de análise, de interação e de discurso, tornam-se visíveis. Assim, trabalhar com a cultura local significa resgatar a identidade cultural e local do educando, fazendo com que sintam-se membros integrantes de uma sociedade, da qual às vezes sentem-se excluídos.

Compreendemos, assim, que o conhecimento da história local deveria estar sempre presente na escola, antes mesmo do professor partir para História Geral, iniciar o estudo a partir da história local, proporciona uma aula mais prazerosa, uma vez que o conteúdo terá um forte significado para a vida do aluno, além de tornar os alunos em cidadãos críticos, atuantes e cientes do seu papel histórico na sociedade que está inserido.

Práticas pedagógicas executadas: uma ação desenvolvida no Prodocência

De acordo com o documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), a história local busca formar o aluno como um

observador atento das realidades do seu entorno, capaz de estabelecer relações; comparações e relativizando sua atuação no tempo e espaço. [...] Didaticamente, as relações e as comparações entre o presente e o passado permitem uma compreensão da realidade numa dimensão histórica, que extrapola as explicações sustentadas apenas no passado ou só no presente imediato (BRASIL/ MEC, 1997, p.39)

Outro ponto relevante, em trabalhar com a cultura, é a possibilidade de ser apresentada a turma, a diversidade cultural existente em cada região que irá ser abordada em sala de aula, pois, também é papel da escola desenvolver um ensino que procura atender a diversidade cultural, estimulando assim o respeito das diferenças, pois, segundo Soares:

As diferenças fazem parte de um processo social e cultural e que não são para explicar que homens e mulheres negros e brancos, distingue entre si, é antes entender que ao longo do processo histórico, as diferenças foram produzidas e usadas socialmente como critérios de classificação, seleção, inclusão e exclusão (SOARES, 2003, p.161).

Diante do exposto, é importante ressaltar que o estudo da cultura local é um tema bastante atual e relevante a ser estudado na escola, uma vez que o tema tem uma conexão direta com os alunos e amplia o conhecimento sobre a construção cultural do ambiente em que o educando vive e participa.

Infelizmente, a escola tem dificuldade em desenvolver o estudo da cultura sergipana na Educação Básica, o que muito se observa é a valorização e o resgate da cultura que pouco ou nada tem haver com a nossa realidade, ou seja, muitas escolas segue exatamente os conteúdos programáticos elaborados pelo livro didático, esquecendo de incluir temáticas pertinentes a nossa realidade. Portanto, acreditamos

que a inclusão da cultura local e regional é um dos grandes desafios curricular na escola a serem superados, a fim de serem introduzidos na grade curricular da escola.

Análise das experiências em sala de aula

A vivência em sala de aula proporcionou perceber que cada aluno possui individualidade, ritmos e níveis diferentes de aprendizagem, assim, objetivamos analisar esses diferentes níveis, a partir das atividades e conversação em sala de aula.

Inicialmente na prática do estágio é essencial averiguar o conhecimento prévio dos alunos sobre o que é cultura; inicialmente os alunos duvidavam de sua capacidade de expor suas ideias. Então, trabalhamos com os alunos, instigando-os a escrever ou ilustrar sua concepção e, então eles conseguiram expor suas ideias a respeito do conceito de cultura, os conhecimentos prévios dos alunos apresentam-se de forma bem diferenciada.

Durante o desenvolvimento do projeto, foi trabalhado variados critérios, tais como: ortografia, participação, coordenação motora, pintura, raciocínio lógico, desenho, interpretação textual e atenção, a partir da observação desses determinados critérios ficou evidente que cada aluno é único e que as comparações são válidas para entendermos como os níveis de aprendizagem desenvolvem-se de maneira diferenciada em cada aluno.

Análise dos alunos da turma – 2º ano

Para que pudéssemos fazer uma avaliação precisa dos alunos, nos centramos em 3 alunos e oito critérios avaliativos, sendo eles: conhecimento prévio, ortografia, interpretação textual, raciocínio lógico, noções de geometria, coordenação motora (pintura e desenho), atenção e participação. Portanto, seguiremos essa ordem dos critérios para cada aluno, começando por aquele (a) em que seu nível de aprendizagem e compreensão é de acordo com a série, logo depois, o (a) intermediário (a), e por fim, daquele (a) que apresenta pouco entendimento e é considerado (a) “fora” da série a qual corresponde.

Alunos e níveis de dificuldades

Tabela 01: Níveis e Aprendizagens - Junho/2012.

Alunos	Níveis de Aprendizagem
ALUNO A	Nível de aprendizagem de acordo com a idade e série.
ALUNO B	Nível de aprendizagem considerado intermediário.
ALUNO C	Nível de aprendizagem “baixo” com relação aos demais

Após a identificação de níveis de dificuldade dos alunos acima apresentamos como base os seguintes critérios:

1º Critério: *o conhecimento prévio*

Através das rodas de conversa realizadas em sala de aula, foi possível notar e diferenciar aqueles alunos que mostraram conhecedores dos assuntos, ou seja, que já trazem nas suas “bagagens” conceitos sobre aquilo que estava sendo discutido.

A aluna A apresentou, durante as aulas, termos e noções sobre os assuntos que discutíamos. Sobre o que é “cultura” a aluna A salientou que é tudo aquilo que faz parte da nossa vida, citando exemplos, como: comer, brincar, dormir, tomar banho, como também, citou alguns ritmos musicais; enquanto a aluna B apresentou apenas uma vaga definição, registrando que a cultura se resume em “escola”; já o aluno C, não quis participar da conversa e fez apenas um desenho daquilo que para ele é considerado “cultura” (desenhou uma casa e uma criança).

Tantos outros conceitos foram também trabalhados ao decorrer das aulas, tais como: História, folclore e arte. Como aconteceu com a definição de cultura, a aluna A continuou apresentando, com mais precisão, as suas respostas; enquanto a aluna B permaneceu com vagas colocações; e o aluno C, muitas das vezes se recusou a registrar ou até mesmo falar sobre o assunto que estava sendo apresentado.

2º Critério: *ortografia*

Este critério merece destaque, porque ao decorrer das aulas, notamos a dificuldade dos alunos em escrever, havendo pouquíssimas ex-

ceções, como no caso das alunas A /B ambas apresentaram habilidade na escrita, porém, a segunda mostrou pouca fluência na leitura, embora saiba fazer a junção das sílabas e formar palavras. A aluna A, além de saber formar frases curtas, já não faz leitura pausadamente, apresentando facilidade em ler e escrever, mas ainda troca algumas letras, das quais os sons são idênticos. No caso do aluno C, este teve muita dificuldade tanto na escrita quanto na leitura, seu nível pode ser considerado o mesmo que de crianças do Ensino Infantil, ele mostrou desinteresse em todas as aulas das quais eram necessária a escrita, a exemplo dos ditados que foram realizados, valendo destacar que as maiorias das suas atividades estão incompletas. Em todas as aulas em que o aluno C esteve presente, me dispus a ajudá-lo, mas mesmo com ajuda ele não se desenvolveu como a maioria da turma.

3º Critério: *interpretação textual*

Interpretar aquilo que se vê ou ler é uma tarefa da qual alunos do 2º ano já devem realizar, no entanto, nesta turma foi notável as dificuldades de interpretação de pequenos textos por parte dos alunos. As alunas A/ B, durante as leituras mantiveram-se atentas, prestando atenção nas pequenas histórias que ouviam, sendo capazes, ao final, de responderem as questões que lhes foram feitas. Enquanto o aluno C, mesmo ouvindo com atenção não foi capaz de responder as perguntas, mostrando-se confuso. Neste último caso, refiz a leitura a fim de que ele pudesse ser capaz de identificar os detalhes mais visíveis. Isto aconteceu, porém, quando pedi que refizesse a história de acordo com o seu entendimento, se mostrou chateado, se recusando a fazer o que lhe havia sido proposto.

4º Critério: *raciocínio lógico*

Através de problemas matemáticos, podemos julgar se eu criança apresenta ou não um raciocínio lógico preciso, portanto, por meio das atividades matemáticas resolvidas em sala de aula, foi possível notar que a maioria dos alunos possui essa habilidade.

No caso da aluna A, foi perceptível a sua facilidade de interpretar e resolver as questões que envolviam a matemática, apresentando resultados exatos; na aluna B, por ela ter faltado a aula não temos suas atividades em mãos, mas de acordo com os problemas que foram re-

solvidos em sala, oralmente, ela ainda apresenta algumas dificuldades em problemas que envolviam a subtração; por fim, analisando o aluno C, ressaltamos que o mesmo apresenta habilidade apenas em adição, mostrou-se confuso em questões de subtração e divisão.

5º Critério: *noções de geometria*

Os elementos geométricos estão presentes no nosso dia-a-dia, sejam em formas de objetos, coisas, arquiteturas etc., portanto, é importante que as crianças aprendam a reconhecê-los e identificá-los. Para que abordássemos este assunto, foram levadas para a sala de aula imagens de locais e coisas que podem ser encontrados no centro de Aracaju, como: Praça dos Mercados, artesanatos, ponte do Imperador, Orla de Atalaia etc., com a finalidade de que os alunos destacassem os elementos geométricos ali presentes e os identificassem. Essa aula foi registrada através de anotações pessoais (minhas) e de atividades planejadas.

No que se refere à geometria, a aluna A conseguiu identificar todas as figuras de forma precisa; enquanto a aluna B teve dificuldade quando lhe apresentei o quadrado e o retângulo, sendo assim, sempre os confundia; e o aluno C, reconheceu apenas o círculo, do qual fez uma comparação com uma bola de futebol.

6º Critério: *coordenação motora (pintura e desenho)*

A coordenação motora pode ser identificada através de atividades que envolvam desenho e pintura, portanto, foram feitas algumas tarefas desse caráter e que nos ajudou na análise desse critério.

Em se tratando desse aspecto, podemos dizer que alunos A, B, C, possuem uma excelente coordenação motora, seja desenhando ou colorindo. Portanto, apresentam facilidade e prontidão para executarem esse tipo de atividade.

7º Critério: *atenção*

A atenção em sala de aula é um elemento essencial, por proporcionar ao aluno compreensão ou dúvidas sobre aquilo que está sendo discutido, como também, um grande auxiliador do professor.

A aluno A durante as aulas sempre foi atenciosa e prestativa, analisando com muita atenção tudo o que lhe foi apresentado; enquanto aluno B, às vezes foi dispersa e inquieta, sendo assim, não entendia alguns dos assuntos, sendo preciso chamar a sua atenção diversas vezes durante a aula; e aluno C, embora atencioso, não conseguia compreender algumas coisas que foram expostas, porém, se algum colega se aproximava para incomodá-lo, já era motivo para que ele se chateasse e se desinteressasse pela aula.

8º Critério: *participação*

Da mesma forma que a atenção, a participação dos alunos também é muito importante para o desenvolvimento da aula. Nesse quesito, posso afirmar que os alunos, durante os 10 dias do estágio foram participativos, embora tenham apresentado em alguns momentos, pouca disciplina e respeito uns com os outros.

O aluno A, por ser um pouco tímida, tinha receio em oferecer ajuda, precisou, por várias vezes, ser estimulada, e através desse estímulo, foi notável, ao final dos 10 dias a sua evolução nesse quesito, passou a se sentir mais a vontade e com mais confiança em si mesma; enquanto aluno B, por ser ativa e extrovertida, mesmo quando a sua ajuda não era solicitada, ela esteve sempre pronta a ajudar, embora algumas vezes tenha “provocado” alguns colegas de forma repreensível; e aluno C, muitas vezes se recusou a participar das aulas expositivas, mostrava-se mais a vontade com as atividades práticas e lúdicas, como brincadeiras, desenho e pintura.

Análise dos três alunos da turma – 2º ano B

Tabela 02

Alunos	Níveis de Aprendizagem
Aluna A	Ideal com a série
Aluna B	Intermediário
Aluno C	Tem dificuldade na resolução das tarefas

Antes das análises, é preciso expor as faixas etárias dos seguintes alunos:

Tabela 03

Alunos	Faixa Etária
Aluna A	8 anos
Aluna B	9 anos
Aluno C	10 anos

O primeiro critério a ser analisado é a ortografia, ou seja, foi feita uma análise a partir da escrita do aluno, através das atividades escritas e do ditado com imagens e sem imagens; e foi percebido que as alunas A e B apresentam um bom desempenho na escrita, mas que precisam ser melhor trabalhada, pois ainda ambas erram a separação silábica de certas palavras, entretanto quando partem para o ditado de palavras ambas sem consultar nenhum colega consegue escrever as palavras da maneira correta, já o aluno C, em atividades de escrita não consegue executar sem motivação e sem um auxílio de adulto para mediá-lo na tarefa, assim quando sentar-se com ele e fala as palavras pausadamente ele consegue obter êxito nas atividades, logo concluo que com a mediação de um adulto, ajuda dos colegas, essa criança tenderá a alcançar uma melhor ortografia e desenvolverá no futuro. O ato da escrita desenvolve-se de maneira diferenciada em cada aluno, é um processo que requer tentativas e incentivos, e que acontece de forma natural, assim como alerta Vygotsky:

Na verdade, o segredo do ensino da linguagem escrita é preparar e organizar adequadamente essa transição natural. Uma vez que ela é atingida, a criança passa a dominar o princípio da linguagem escrita, e resta então, simplesmente, aperfeiçoar esse método (VYGOTSKY, 1989, p. 131).

Trabalhar o processo da escrita de forma contextualizada torna melhor a assimilação, uma vez que

a escrita deve ter significado para as crianças, de que uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a es-

crita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida. Só então poderemos estar certos de que ela se desenvolverá não como hábito de mão e dedos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem. (VYGOTSKY, 1989, p.133)

Além da escrita, é pertinente ressaltar que a aluna A, já tinha o domínio da leitura, já sabia ler de forma coerente, sem pausas, respeitando as pontuações; a aluna B também sabia ler, só que de forma mais lenta, com bastante pausas, entretanto o aluno C não sabia ler, e nem tão pouco se esforçava para fazer a leitura por soletração.

Em relação às noções de geometria, os três alunos apresentavam-se no mesmo nível de compreensão, onde a partir das imagens e nas atividades eles conseguiram diferenciar cada forma geométrica de maneira bem clara.

Outro critério analisado é o raciocínio lógico a partir das atividades de resolução de problemas matemáticos foi perceptível que a Aluna A tem um ótimo desenvolvimento do raciocínio lógico, onde nos exercícios já resolvia de forma de continhas matemáticas e de maneira mentalmente, escrevendo o resultado final, já a Aluna B consegue resolver os problemas matemáticos de boa maneira a partir das continhas convencionais, e o Aluno C, apresenta dificuldade no raciocínio lógico, não tenta resolver os problemas matemáticos, e sempre esperava o resultado final, mas mesmo assim, não copiava de maneira certa as respostas.

Partindo para análise da interpretação textual, a Aluna A, apresenta um bom entendimento textual, onde consegue compreender as ideias principais do texto, e responde as questões referentes ao texto de maneira rápida e correta, sempre grifando as partes principais do texto, a Aluna B não tem muita paciência para interpretação do texto, assim, nunca terminava todas as questões referidas do texto, e o Aluno C em sala de aula fazia a interpretação de texto a partir de grifos no texto apenas, entretanto nas atividades de casa, era notável que a letra das atividades de casa não condiz com as letras do aluno nas atividades de sala de aula.

A partir das atividades de desenho e pinturas, recorte e colagem, foi notável que a turma, em especial os três alunos apresentam uma excelência coordenação motora, sempre respeitando os espaços de pintura e recortando de forma cuidadosa.

Em relação ao critério atenção, as alunas A-B sempre demonstravam atenção nos conteúdos exposto pela professora, já o aluno C raramente dedicava atenção as aulas expositivas da professora, sempre focava em conversas paralelas com outros colegas.

Por fim, analisando a participação desses alunos, concluo que a aluna A sempre participava nas aulas, fazendo sempre intervenções e tirando suas dúvidas, a Aluna B, participava muito pouco nas aulas, a timidez atrapalhava muito no momento de responder algo em público, apesar de saber a resposta, já o aluno C sempre que questionado respondia, sempre exponha suas ideias sobre as questões levantadas em sala de aula.

É pertinente afirmar que, cada aluno é único e que as comparações são válidas para entendermos como os níveis de aprendizagem desenvolvem-se de maneira diferenciada em cada aluno.

Considerações finais

Ao concluirmos essa experiência pedagógica percebemos a importância do papel do educador em sala de aula, tanto no que se refere ao planejamento diário das aulas, como também na prática da docência, pois o professor deve ter um compromisso com a educação, sempre procurando aprimorar e aperfeiçoar seus conhecimentos.

Durante os dias de intervenção, notamos que a experiência do estágio proporciona uma formação integral ao aluno, pois é o momento crucial para unir a teoria e prática, além de transmitir de forma clara a realidade do contexto escolar.

A prática do estágio com intervenção em sala de aula permitiu analisar esse momento em aspectos positivos e negativos, os aspectos positivos foram inúmeros, tais como: a confirmação da importância do estágio na formação acadêmica, reconhecer que a ação pedagógica é uma grande troca, verificar que cada aluno é único e precisa ter seu tempo respeitado, foi notável que o docente é um facilitador da aprendizagem, e que é imprescindível a iniciativa do docente em sala de aula; como aspectos negativos é destacável os seguintes pontos: má estrutura física da sala de aula (o sol constantemente "invadia" a sala de aula e falta de ventiladores funcionando), ausência de materiais escolares básicos (como lápis e papel), conter a falta de disciplina de alguns alunos (con-

versas e bagunça), a discrepância da faixa etária dos alunos, o fragilizado conhecimentos da turma e a falta de motivação, estímulos dos alunos.

É importante ressaltar que o estágio é um momento de aprendizagem, questionamentos e desafios tanto para o professor quanto para o aluno, pois o mesmo nos leva a refletir diariamente sobre nossa ação pedagógica em sala de aula.

O trabalho do estágio possibilitou perceber a importância do professor, verificando que o ato de ensinar é bastante árduo e delicado, onde o professor tem que conhecer bem seus alunos, após as aulas ministradas o professor deve refletir sobre a prática pedagógica desenvolvida no dia. O estágio é o meio onde podemos unir teoria e prática, possibilitando criar estratégias para melhor trabalhar em sala de aula; favorece a descoberta; é o momento em que o discente observa a realidade escolar, compartilhando momentos de troca de saberes.

Os pontos positivos dos quais tem maior relevância, é sem dúvida, essa prática pedagógica ofertada pelo Departamento de Educação e pelo PRODOCÊNCIA, sendo imprescindível a realização dessa intervenção diretamente em sala de aula, por proporcionar aos futuros pedagogos uma experiência ímpar e de grande valia para a nossa formação acadêmica. Adentrarmos no interior da sala de aula é um momento que requer planejamento, disciplina, e, sobretudo, responsabilidade com a educação, portanto, devemos antes de qualquer prática, estudar e planejar de forma minuciosa aquilo que queremos transmitir, sempre procurando adequar a metodologia à realidade da escola e da sua clientela.

Outro ponto considerado positivo e que merece destaque é a respeito da importância do professor, este, servindo de mediador dos conhecimentos. Ter a ciência de que somos essenciais para que a sociedade se desenvolva é muito gratificante, saber que somos exemplos que muitos desejam seguir, não tem preço, e essa sensação só é adquirida através da experiência docente, e esta experiência de 10 dias foi uma espécie de "combustível", combustível para que acreditemos sempre no poder do professor.

Quanto aos pontos negativos, aqueles que mais merecem ser destacados é a pouca estrutura da escola e falta de material didático disponibilizado pela mesma; como também, a discrepância de níveis de aprendizagem que podemos encontrar em sala de aula, sendo neces-

sário o respeito e dedicação por parte do professor, que deverá sempre procurar meios para que aqueles alunos considerados “atrasados” avancem e se desenvolvam significativamente, através de estímulos e orientações educacionais.

Por fim, consideramos que a realização do estágio contribuiu para que revíssemos nossa atuação docente, nos proporcionando uma auto-análise sobre nossa prática pedagógica, como também aprender a adequar os conteúdos de maneira mais significativa e de acordo com a realidade do aluno. Ao mesmo tempo em que adequamos esses conteúdos nos tornamos mais flexíveis às curiosidades e interesses da classe, dessa forma, trabalhamos os assunto de forma transversal, sempre permitindo a intervenção da turma, para que todos se sintam partes integrantes do processo educacional, levando em consideração todos os diferentes pontos de vista, garantindo-lhes o diálogo a fim de alcançar ao consenso.

Referências

BARRETO, Antônio Luiz; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Aracaju, cidade das águas**. São Paulo: Cortez, 2012.

PAULO, Ivan. **História de Sergipe**. Disponível em: <http://www.wagnerlemos.com.br/apostilahistoriadesergipe.pdf>. Acessado em 29 de Março de 2012.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez, 2001.

PORTO, Fernando Figueiredo. **A cidade do Aracaju 1855/1865**. 2.ed. Aracaju: FUNDESE, 1991.

SOUTELO, Luiz Fernando. **Aracaju: a história da mudança da capital**. Disponível em: <http://fontesdahistoriadesergipe.blogspot.com.br/2010/03/aracaju-historia-da-mudanca-da-capital.html>. Acessado em 29 de Março de 2012.

VYGOTSKY, Lev. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.



“DE ONDE VEM A COLA BRANCA OU ESCOLAR?”¹²

Cássia Machado Ribeiro Dantas¹³

Introdução

O estágio para os discentes na academia é um momento espedrado com ansiedade, dúvidas, receios e anseios. É a parte do processo mais borbulhante, pode-se afirmar. O “Eu empírico” entra em conflito com o “Eu científico”, buscando o melhor caminho, a melhor ação pedagógica, a mais adequada decisão a ser tomada e, claro, o melhor ensino a suscitarmos e oferecermos quando se trata de Pedagogia e as demais Licenciaturas. Ao descrevê-lo tem-se a certeza do dever cumprido ou que não foi tão cumprido assim, dos acertos e erros... Mas, fazendo uma autoavaliação e auto-reflexão, o futuro pedagogo sabe que pode mais e, se optar por querer, pode contribuir para uma educação pública que realmente atenda às necessidades dos alunos.

Este artigo que lê é o resultado deste momento bonito no curso de graduação e tem por objetivo refletir sobre o processo de estágio que aconteceu em uma classe do 4º ano do Ensino Fundamental na rede municipal de ensino, a partir da aplicação do Projeto “De onde vem a cola branca ou escolar?”, pergunta que surgiu de uma das alunas da turma, e, que dentre outras, foi eleita pelos colegas para nortear o referido projeto de ensino o qual objetivou compreender a história da cola branca, tipos, processo de produção e seu uso no dia-a-dia das pessoas.

O tema foi suscitado por meio de uma conversa informal com a finalidade do diagnóstico dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o assunto. Após o diálogo, o tema era trabalhado de forma interdisciplinar. Foram utilizadas imagens, figuras, fotos e desenvolvidos trabalhos individuais e em grupos (visando à socialização), escrita de textos, desenhos, atividades artísticas, pesquisas e roda de leitura com a inserção de variados gêneros literários, em especial, contos e poesias.

12 Artigo elaborado com o Programa Prododência/CAPES/UFS, em parceria com escolas públicas do Estado de Sergipe, a partir da disciplina Estágio Supervisionado III

13 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe, email: cassinhard@hotmail.com

Entre os benefícios deste projeto estão o conhecimento acerca do processo histórico e não linear da cola como substância, sua fabricação, finalidade para o uso humano e curiosidades, a exemplo de sua utilização em alimentos, xaropes, comprimidos, goma de mascar e balas mastigáveis; também o reconhecimento de várias culturas e sociedades que a utilizaram ou utilizam.

Ligando saberes: a interdisciplinaridade

Ministrar todos os conteúdos curriculares de todas as disciplinas a partir do tema gerador: “De onde vem a cola branca ou escolar?” foi uma meta a ser estabelecida nesta experiência de estágio. Para cumpri-la ou alcançar a interdisciplinaridade, foram realizadas algumas ações como não usar rigorosamente o livro didático (é preciso romper com a prática de direcionar, obrigatoriamente, a aula a partir de conteúdos fixos em um livro didático o que não quer dizer o abandono ou o desuso deste), não elaborar um planejamento fechado e inflexível (não é “pecado” modificar um plano de aula ou simplesmente não utilizá-lo em uma determinada aula) e sempre está escutando a fala dos alunos, seja pela verbalização, pelo olhar, por gestos os quais são “instrumentos de medição” do desempenho do professor.

Todas essas ações são inerentes ao educador e subsidiadas pela autoavaliação e uma avaliação contínua ou processual, feita no início, durante e final do processo. Foi de real importância, nesse sentido, a disponibilização, pela professora supervisora do estágio, dos “Diários de campo”, um questionário com perguntas como: “O que foi realizado, substituído, acrescentado?”, “O que você faria diferente? Por quê? Como você faria?”, “Comente sobre o seu desempenho na aula de hoje.” E, assim por diante, seguiam outras perguntas que nos faziam parar, sentar e analisar o nosso trabalho.

Segundo Gallo interdisciplinaridade é a

integração interna e conceitual que rompe a estrutura de cada disciplina para construir uma axiomática nova e comum a todas elas com o objetivo de dar uma visão unitária de um setor do saber [...]; intercâmbios mútuos e integrações recíprocas entre as várias ciências. (GALLO apud ALVES; GARCIA, 2001, p. 26).

Esses intercâmbios, ao contrário da disciplinaridade¹⁴ ou organização das disciplinas, permitem a contextualização dos conhecimentos de todas as ciências, pois, estes fazem parte de uma única realidade, não estão isolados e se relacionam com tudo o que o aluno aprende na escola ou fora dela. Por isso, o ideal é uma integração ou articulação entre os saberes ou conhecimentos. Todavia, é necessário deixar de pensar as disciplinas fechadas e imóveis e escancará-las umas para outras, focalizando-as em outras dimensões.

Na ruptura do isolamento de uma disciplina, aspectos de uma realidade devem ser conectados a ela. Neste cenário, se destacam não só a interdisciplinaridade ou a reunião de diferentes disciplinas na qual há uma troca de noções e conhecimentos, como também, dois outros conceitos-chave: a multidisciplinaridade ou a associação de disciplinas em torno de um objeto ou projeto comum a todas havendo interação entre si para compreensão desse objeto e a transdisciplinaridade, isto é, temas, noções, esquemas cognitivos que atravessam as disciplinas. Portanto, articular saberes ou conhecimentos é responder às nossas expectativas, anseios, necessidades e dúvidas; é um “conhecimento em movimento” (MORIN apud ALVES; GARCIA, 2001, p. 80).

Uma experiência de estágio: posso contar?

A primeira aula foi iniciada com uma conversa. Apresentando-me mais uma vez, pedindo para que os alunos se apresentassem e perguntando sobre a semana de provas vivida por eles. Também discutimos sobre o projeto. *A priori*, pedi que fizessem um texto sobre o que eles pensavam sobre a cola branca ou aquela que eles utilizavam na escola e, posteriormente, a leitura compartilhada e em voz alta deste.

Assim seguimos buscando a interdisciplinaridade. Na disciplina Português, inserindo e produzindo textos sobre o tema norteador e outros temas afins, trataram-se do conteúdo “Artigo” e “Número do Substantivo”. Na disciplina Matemática foram desenvolvidos problemas envolvendo a vertente trabalhada e o conteúdo “Medidas de Comprimento”.

¹⁴ Com o ápice da pesquisa científica nas universidades do século XIX, instituiu-se a organização das disciplinas ou a disciplinaridade. Com a disciplinarização a pesquisa especializou-se e a ligação dos objetos das disciplinas entre si e com o universo foi deixada de lado.

mento". Um dos objetivos do Ensino Fundamental que os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam é tornar os alunos capazes de:

questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (BRASIL, 1997).

Para isso, devem-se tornar acessíveis os conhecimentos da Matemática e, não, transformá-los em procedimentos mecânicos desprovidos de significados para os alunos e, até mesmo, para o professor.

Na disciplina Ciências, expus o conteúdo "Solo: subsolo, formação e componentes" e, relacionado a este, a parte interna de uma árvore (como exemplo, a Acácia a qual produz a goma-arábica, um tipo de cola) e seu posicionamento no subsolo e os tipos de cola como processos de experiências. É importante iniciar a aula de Ciências por um tema gerador, enfatizando a interação indivíduo-meio como proposta pedagógica. O ensino de Ciências precisa ser desenvolvido a partir da vivência ou dos questionamentos da realidade dos alunos, destacando uma proposta que busque mais informações sobre o conhecimento e desenvolva a interdisciplinaridade e os temas transversais contidos nos PCNs.

Na disciplina História tratamos sobre "A história da cola branca" e descobrimos que esta substância já existe a mais de 6.000 anos a.C., chamada de goma-arábica, a partir da civilização egípcia na confecção de cosméticos, perfumes e no processo de mumificação e de onde era retirada, ou seja, da árvore denominada Acácia e pensamos também sobre "O descobrimento do Brasil" e o que foi a Guerra da Goma¹⁵. A História para o Ensino Fundamental propicia "organizar alguns repertórios histórico-culturais que lhes permitam localizar acontecimentos numa multiplicidade de tempo, de modo a formular explicações para algumas questões do presente e do passado." (BRASIL, 1997). A História é uma ciência concebida pelos seres humanos e trata destes e das relações sociais; a História como algo vivo, posto no nosso cotidiano e no meio ao qual estamos inseridos.

15 Conflito que se deu no século XVII pelos franceses, holandeses, portugueses e britânicos pelo monopólio no comércio de goma-arábica. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Goma_ar%C3%A1bica>

Na disciplina Geografia, discutimos sobre o trabalho na cidade e no campo e a extração do látex (atividade desenvolvida no campo através do extrativismo) nos seringais do Brasil localizando no mapa as regiões onde o processo acontecia sem nos esquecermos da industrialização da cola branca (a fábrica). Tornar os alunos capazes de “conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País” (BRASIL, 1997), é uma expectativa a ser cumprida em sala de aula. Afinal de contas, Geografia é uma ciência que descreve, analisa, pesquisa e constrói relações entre o espaço socialmente produzido.

Dentre as atividades solicitadas às artísticas foram recebidas com carinho pelos alunos: montagem de um imã para a mamãe em comemoração ao seu dia, colagem e pintura na figura da seringueira e me surpreendi com a criatividade dos alunos desenhando a fábrica da cola. A cada dia trabalhado foi solicitado que trouxessem figuras relacionadas ao tema a fim de produzirmos um quadro no término do estágio. Neste trabalho coletivo, eles podiam escrever algo a respeito; e, por fim, o quadro foi colocado na parede, para que todos pudessem ler e comentar sobre suas descobertas.

Respeitando o ritmo de cada aluno e suas especificidades, enfrentando dificuldades, a exemplo do desinteresse de alguns alunos para com os conteúdos curriculares e até mesmo pela escola, a alfabetização problemática, a defasagem idade-série de alguns alunos, a inquietude, o desrespeito ao outro, ausência de coletividade e socialização de materiais, sala de aula de porte muito pequeno, coloquei o projeto em ação.

Percebendo problemas na alfabetização propus leitura de textos da literatura infantil e sempre um diálogo sobre a função social da leitura e da escrita. Nas atividades de aula é inerente o trabalho a partir dessa função ou a partir do letramento. “Por exemplo, deveria ser perguntado às crianças o que elas acham da escrita, para que ela serve na comunidade em que vivem e o que pretendem fazer conhecendo-a.” (CAGLIARI, 2005, p. 21). A alfabetização é o processo de aquisição dos signos alfabéticos ou a aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Esse processo deve ser suscitado com responsabilidade e, acima de tudo, com um direcionamento: “Por que alfabetizar-se?” e “Para quê alfabetizar-se?”, pois, a consequência da alfabetização é a apropriação da leitura e escrita para

seu uso na vida social. A escrita não é exclusivamente uma habilidade motora, uma destreza de mão e dedos desprovida de sentido. A leitura e a escrita devem ser necessárias às crianças, algo de que elas necessitem. (VYGOTSKY, 1989, p. 133).

Também, em decorrência dessa alfabetização problemática, os alunos sentem dificuldade em compreender um enunciado e as regras da Língua Portuguesa. Na disciplina Matemática é evidente a situação: não interpretam os problemas e não sabem montar uma operação. “Não adianta dizer que o aluno não sabe nem sequer somar ou dividir números que não apresentam dificuldades, que ele não entende matemática... Porque de fato ele não entende mesmo é o português que lê” (CAGLIARI, 2005, p. 148). No entanto, os alunos adoraram tarefas práticas: em Matemática, medição de objetos em palmos, pés, escrita das respostas no quadro, fazer barulho como bater palmas para o colega; correção das atividades em coletivo.

A avaliação é um processo intencional que proporciona a observação, a intervenção, a regulação da aprendizagem e a formação. A avaliação da turma, campo de estágio, foi do tipo diagnóstica para sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos e o nível de aprendizagem destes. Posteriormente, foi de cunho processual, ou seja, de acompanhamento do desenvolvimento mediante a exposição de conteúdos e atividades propostas e observação/análise das experiências e atividades.

Considerações finais

É muito difícil ser professor (ser tarefeiro é fácil, assim como nos advertiu a professora supervisora de estágio da Universidade Federal de Sergipe) quando se é comprometido com o ensino: planejar a aula com no mínimo 24 horas de antecedência, fazendo uma reflexão crítica sobre o que vai oferecer ao aluno como texto, vídeo (tem que assistir e ler antes do aluno) se preparar para as perguntas que surgirão ou palavras desconhecidas...

O estagiário não pode resolver os problemas que encontra, mas, pode pensar sobre eles. O estágio proporciona conhecer a realidade como ela é sem maquiagem. Com relação aos problemas que envolvem atualmente a escola como desmotivação, desinteresse dos alunos, alfabetização deficiente, violência e entre tantos outros, é preciso pensar

sobre estes e assumir um posicionamento crítico comprometendo-se com o ensino, na possibilidade de senão saná-los, ao menos diminuí-los. Temos que encontrar formas e meios para que os estudantes, crianças e jovens, permaneçam na escola.

É de real importância, também, não ter uma visão distorcida ou confusa da interdisciplinaridade. Esta não significa extinguir as disciplinas da sala de aula. Pelo contrário, a interdisciplinaridade é um “[...] conhecimento em ‘circuito pedagógico’, num vaivém, que avança, indo das partes ao todo e do todo às partes, [...]”. (MORIN apud ALVES; GARCIA, 2001, p. 80). Somente conhecendo e fazendo uso de todas as disciplinas podemos desenvolver um trabalho interdisciplinar. (GALLO, 2001, p. 28). O conhecimento não se constrói de forma linear e hierarquizada. Antes se constrói em movimento. Movimento este propiciado pela “inter-trans-poli-diciplinaridade” (MORIN apud ALVES; GARCIA, 2001, p. 67).

É inerente a ruptura da compartimentalização dos saberes disciplinares fazendo uso reflexivo e planejado da interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade, pois, desta forma, o professor articula saberes juntamente com seus alunos.

Referências

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. (orgs.). **O sentido da Escola**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ARREDONDO, Santiago Castillo; DIAGO, Jesús Cabrerizo. **Avaliação educacional e promoção escolar**. Curitiba: Ibpx, 2009.

BENINCÁ, Elli; CAIMI, Flávia Eloísa (orgs.). **Formação de professores: Um diálogo entre a teoria e a prática**. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 1997. V. 5.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais. História e Geografia**. Brasília, MEC/SEF, 1997. V. 5.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa**. Brasília, MEC/SEF, 1997. V. 5.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Matemática**. Brasília, MEC/SEF, 1997. V. 5.

- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 2005.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: Um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo; Cortez, 1994.
- ROMANOWSKI, Joana Paulin; MARTINS, Pura Lúcia Oliver; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo (orgs.). **Conhecimento Local e Conhecimento Universal: pesquisa, didática e ação docente**. Vol. 4. Curitiba: Champagnat, 2004.
- SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

A VIOLÊNCIA E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO PESSOAL, EDUCACIONAL E SOCIAL DAS CRIANÇAS¹⁶

Givaldo Santos Melo¹⁷

Introdução

O presente artigo é resultado de uma experiência em sala de aula, a qual foi desenvolvida principalmente, com a finalidade de desenvolver a escrita e a leitura dos alunos, bem como, fazer com que os mesmos desenvolvessem uma maior conscientização acerca dos assuntos relacionados à violência e suas conseqüências no âmbito escolar, e como isso influi de forma significativa à vida das pessoas, em especial, as crianças.

O tema violência foi escolhido após uma visita feita a escola e a respectiva turma, na qual, por meio da realização de discussões entre os alunos acerca de temas importantes que influenciavam significativamente a sua vida escolar e social. Nesta perspectiva, o desenvolvimento do referido tema se tornou relevante, pois a escola localiza-se em um bairro que por muitos anos, fora muito violento e que até hoje seus moradores convivem com este problema.

A relação comunidade, criança e escola, tiveram por muito tempo um significado muito importante na construção e desenvolvimento da educação infantil. Nos dias atuais, essa relação continua tendo um papel fundamental na educação das crianças, pois é neste contexto, que atitudes e valores são edificados, que o conhecimento é construído baseando-se em suas vivencias, em seu cotidiano, em seu meio cultural, ou seja, é por meio da relação entre esses aspectos, que se criam possibilidades de estruturar a formação do individuo desde criança, em sua família e em sua comunidade, aliando isso, é claro, a um direcionamento pedagógico oferecido pelas escolas. É a partir disso, que a criança vai conseguir, gradativamente, alcançar um melhor desenvolvimento educacional.

16 Artigo desenvolvido para finalizar o trabalho desenvolvido no projeto PRODOCÊNCIA, da UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE- CECH/DED.

17 givaldosmelo@hotmail.com

Isso é muito importante, pois é a partir da realidade do aluno, e da comunidade que podemos compreender suas atitudes, comportamentos, ações e reações, ou seja, que tudo que está ligado a sua realidade, sendo vivenciado, produz elementos e comportamentos sociais que estão marcadas por situações, muitas vezes, permeadas de opressão e violências provocadas por eles. Para Souza

de forma geral, observa-se que as agressividades reproduzidas por alunos, podem estar relacionadas ao que eles presenciam ou vivem dentro do convívio doméstico familiar ou social, mesmo não sendo comportamentos aceitáveis socialmente. O indivíduo que possui comportamentos agressivos na escola, muitas vezes sofre ou presencia atos de violência, pois geralmente está cercado por instrumentos e situações que remetem à violência (SOUZA, 2008, p.126).

Nesta perspectiva, procurou-se trabalhar a violência dentro da sala de aula, mostrando aos alunos, como o problema está tão presente em seu dia-a-dia, em nossa casa, escola, rua e no bairro onde moramos, bem como, o que isso significa e influi em sua vida social e escolar. Pois, ainda segundo Souza

cotidianamente convivi-se com diversas modalidades de violência, visíveis ou disfarçadas variando inclusive a intensidade das ocorrências. As formas e o grau das ações violentas variam, porém suas marcas são profundas para aqueles que são vitimados. Cada vez mais perceptível na sociedade, o fenômeno da violência, seja urbano, policial, familiar ou escolar tornou-se objeto de estudo e tem ocupado grande parte de reflexões de profissionais dedicados a análises de fenômenos sociológicos (SOUZA, 2008, p. 121).

Além de ensinar os conteúdos didáticos propostos, este projeto proporcionou as pessoas envolvidas, principalmente às crianças e adolescentes, uma maior conscientização acerca dos assuntos relacionados à violência e suas conseqüências no âmbito escolar, e com isso contribuir de forma significativa a vida das pessoas.

Como reflete La Taille “[...] a violência não é decorrência de falta de regras ou ausência de projetos de vida: é decorrência dos valores presentes na construção da identidade” (2003, p.23). Em virtude disso, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, a grande tarefa da escola é proporcionar um ambiente escolar saudável, seguro e coerente com aquilo que ela pretende que seus alunos aprendam, para que possa, de fato, contribuir para a formação de sua identidade, construindo com isso, cidadãos conscientes de suas responsabilidades e de suas ações com relação a si próprio, ao próximo e a sua educação.

Fundamentando o projeto

Na história da educação infantil, a relação família, escola e comunidade tiveram um significado muito importante na construção e desenvolvimento da educação infantil. Na atualidade, essa relação, continua tendo um papel fundamental na educação das crianças, pois é nesse contexto, que atitudes e valores são moldados, que o conhecimento é construído baseando-se em experiências de vida, em seu meio cultural, ou seja, acontece através da relação entre os vários aspectos, em que são estruturados e formados os indivíduos desde criança em sua família e em sua comunidade. É aliado a um direcionamento pedagógico oferecido pelas escolas, que a criança conseguirá, gradativamente, alcançar um melhor desenvolvimento pessoal, educacional e social. Sobre este aspecto, Oliveira assinala que

A interação face a face entre indivíduos particulares desempenha um papel fundamental na construção do ser humano: é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico. Portanto, a interação social, seja diretamente com os outros membros da cultura, seja através dos diversos elementos do ambiente culturalmente estruturado, fornece a matéria-prima para o desenvolvimento psicológico do indivíduo (OLIVEIRA, 1995, p.38).

Nesta relação, Rodrigues enfatiza que a função da escola é a de produzir e transmitir o saber. Seu papel principal é formar o indivíduo,

ou seja, torná-lo cidadão. Porém, “o exercício da cidadania compreende a formação do homem social, participativo, responsável, político e produtivo” (1985, p.74). Então,

A educação corresponde, pois, a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideais, valores, modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática (LIBÂNEO, 1994, p.22-23).

Entretanto, não só na escola, como também, toda a sociedade está marcada pela existência de diferenças que existem em todas as relações pessoais, principalmente, no que diz respeito aos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais. Diferenças que provoca muitas vezes, um acontecimento que cada vez mais, está presente no dia a dia das pessoas e das crianças, que é a violência. Por isso,

convém não esquecer que os indivíduos e os grupos das novas gerações, em função de sua posição social, podem “desfrutar” das experiências e significados que formam a cultura da comunidade de maneira muito desigual. Por isso, é oportuno falar de diversidade de culturas e de diversidade de códigos de expressão das mesmas, como manifestação da vida complexa e conflitante dos diferentes grupos sociais dentro da mesma comunidade ou entre comunidade distintas (GOMES, 1985, p 92).

Desta forma, a violência é provocada pelo desrespeito aos direitos que as pessoas têm de ter uma boa saúde, moradia, alimentação, educação, segurança, enfim, a viver com dignidade. A falta desses elementos essenciais para um bom viver, passa a ocasionar crises no âmbito familiar, bem como, na sociedade como um todo. A escola, com a participação de todos, principalmente dos professores, tem um papel fundamental no combate a esse acontecimento social que prejudica diretamente a vida de todas as pessoas, principalmente na formação de sua identidade.

A violência não acontece necessariamente em decorrência da ausência de regras ou de projetos de vida, ela também pode ser conseqüências dos valores presentes na construção de identidades, tendo em vista que o mundo vive em uma crise de valores e conseqüentemente, uma escalada da violência em todas as esferas sociais (TAILLE, 2002, p. 23).

A violência contra a criança, contra a mulher, o bullying, a violência no trânsito, na escola, violência contra o idoso, contra o meio ambiente enfim, os diversos tipos de violências têm que ser trabalhados na escola, para que as crianças tenham um conhecimento maior a respeito de tudo que a violência provoca na vida das pessoas, bem como, estimular a fazer com que as crianças, reflitam a esse respeito, construindo e difundindo seus valores éticos. Dessa forma, por meio de textos relacionados aos diversos tipos de violência, foram desenvolvidas atividades em sala de aula que proporcionasse aos alunos refletir sobre o tema, nas quais foram destacadas, principalmente, a leitura e escrita, elementos que são de fundamental importância para o desenvolvimento educacional das crianças. Pois,

a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler e escrever é antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica das palavras, mas numa relação dinâmica que vincula a linguagem a realidade (FREIRE, 1989, p.11)

Portanto, a escola é muito importante, pois de acordo com Libâneo

através do ensino criam-se as condições para a assimilação consciente e sólida de conhecimentos, habilidades e atitudes e, nesse processo, o alunos formam suas capacidades e habilidades intelectuais para se tornarem, sempre mais, sujeitos da própria aprendizagem (LIBÂNEO, 1994, p.128).

Dessa forma, é de suma importância que a instituição de ensino, com a participação de toda comunidade escolar, em especial, dos professores, elabore e executem projetos educacionais que proporcione ao

aluno desenvolver o pensamento reflexivo a cerca dos problemas que estão ao seu redor, em sua família e comunidade, e a partir disso, juntamente com um conhecimento pedagógico, faça com que o aluno compreenda sua realidade, e desenvolva através disso, ações que combatam a violência e os tornem cidadãos que respeite o próximo, que possuam valores éticos e com isso, consiga se desenvolver, tanto educacionalmente quanto socialmente.

A experiência em sala de aula

A metodologia de ensino utilizada no projeto de estágio teve como aspecto principal aulas expositivas, tendo como base, principalmente a leitura e a escrita, nas quais foram realizadas produções, discussões, interpretações e reflexões sobre os textos, nos quais foram relacionados o tema violência, aos conteúdos escolares e ao contexto social dos alunos.

Foram realizadas rodas de conversas, nas quais foi questionado aos alunos o que sabiam com relação à violência, sendo solicitada em seguida, a produção individual de um pequeno texto a esse respeito, buscando com isso, ter um conhecimento prévio do que os alunos conheciam sobre violência.

Durante a realização do projeto procurei, diversificar os textos e relacioná-los as todas as disciplinas trabalhadas do 5 ° ano, com o objetivo de aproximar ao máximo , os conteúdos ao tema violência, sem deixar é claro , de considerar o contexto social dos alunos.

Foram trabalhados diversos tipos de textos relacionados à violência, como algumas reportagens relacionados a violência em algumas escolas do bairro e das imediações , como também , textos produzidos pelos próprios alunos, para que dessa forma, pudesse acontecer através da leitura e produção de textos , uma reflexão sobre quais os tipos de violência estavam mais relacionados ao cotidiano das crianças e como isso influencia na vida escolar, pessoal e social de todos.

Além desses tipos de textos, foram trabalhados também, outros fatores, que também estão diretamente ligados a violência, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o uso de drogas, o bullying e o trabalho infantil.

Passei a aplicar as atividades para os alunos, observando suas reações a respeito do conteúdo, bem como, observando seus comportamentos, suas dificuldades, evoluções e características individuais. Passei a estimular a leitura e interpretação de texto, dando um apoio individual, principalmente aqueles com maior dificuldade de leitura.

O bullying e o trabalho infantil foram aspectos bastante discutidos em sala de aula, pois está presente no dia a dia de todos, principalmente das crianças e adolescentes.

No primeiro encontro, ao solicitar a produção de um texto, e posteriormente, sua leitura, percebi a grande dificuldade, tanto na escrita, como também na leitura, de quase metade da turma, e isso dificultou bastante, porém, também me estimulou ainda mais a realizar as atividades e buscar o melhor aprendizado para as crianças.

Outras dificuldades surgiram durante a realização das atividades, como por exemplo, a necessidade de adequar o projeto de ensino ao cronograma da escola, bem como, dificuldade em utilizar a biblioteca e sala de informática por falta de profissionais qualificados nesses setores, e ainda, as constantes interrupções das aulas para educação física e lanche, fato que muito prejudicou o andamento e realização normal das atividades propostas.

Na fase final do estágio, foram discutidos com os alunos todos os assuntos estudados anteriormente relacionados à violência, solicitando posteriormente aos alunos, que baseado em tudo que foi estudado sobre a violência, fosse realizado uma reflexão a esse respeito e com isso, produzisse um texto final, destacando tudo que foi aprendido, e dando sua opinião a respeito da violência, em sua vida e na escola.

A participação da turma foi bastante interessante, visto que o assunto está presente em toda a sociedade e que a maioria dos alunos, já presenciou ou já sofreu algum tipo de violência, e isso fez com que todos participassem das aulas com a finalidade principal de melhorar a escrita e a leitura, bem como, de refletir sobre a violência, contribuindo dessa forma, para que todos tivessem uma melhoria educacional, como também, uma maior consciência do que é ser um cidadão com direitos e deveres, que respeite o próximo e a si mesmo, que seja crítico, responsável enfim, que de forma pensada e reflexiva, atue e contribua no combate a violência em favor da vida e da paz.

Considerações finais

A partir da prática do estágio, foi possível verificar a importância de abordar e discutir a questão da violência nos anos iniciais da educação, visto que assim, cria-se a possibilidade de fazer com que as crianças respeitem desde cedo o próximo e que consiga, dessa maneira, viver em harmonia na sociedade. Para tanto, é fundamental que essa questão seja trabalhada pedagogicamente, tanto na escola, como também na comunidade.

Assim sendo, esta experiência, ampliou o significado da importância de se abordar e discutir diversas questões na educação infantil, bem como, a constituição de um profissional da área da educação, complementando minha formação acadêmica, pois a experiência da prática de ensino oferece subsídios para uma atuação efetivamente transformadora.

Diante do contexto que permeia a nossa atuação profissional, esta vivência na escola mostrou-me, a importância da formação continuada e da necessidade do constante aprimoramento dos conhecimentos da área, como também, de cada vez mais, está atualizado sobre as necessidades sociais, buscar a investigação e trabalhar temas atuais, e principalmente, refletir sobre sua própria prática pedagógica, para que dessa forma, busque sempre favorecer o desenvolvimento educacional, pessoal e social das crianças.

Referências

A Turma da Mônica em: O Estatuto da Criança e do Adolescente

www.fundacaofia.com.br/ceats/eca_gibi/capa.htm em 10/062012

Bullying-imagens chocantes - YouTube

www.youtube.com/watch?v=U0U9gR9adYk 16 jul. 2010 - 4 min - Vídeo enviado por gihmenegon

Não foi útil? Após fazer login, você poderá bloquear os resultados de **www.youtube.com**

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. Brasília: MEC/SEF, 1998. V.8

Campanha...Diga Não ao Bullying!!! - YouTube

www.youtube.com/watch?v=c7sqjPDeQvQ24 maio 2010 - 8 min - Vídeo enviado por Grazybombeiro

Não foi útil? Após fazer login, você poderá bloquear os resultados de **www.youtube.com**.www.youtube.com

CEREJA, William Roberto. **Gramática: texto, reflexão e uso** / William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. 3 ed reform – São Paulo: Atual, 2008.

GOMES, A.I. Peres, **Ensino para compreensão**. In: Sacristao, 1.G; GOMES, A.I. Peres. Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: Artmed. 1998.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 22º ed. São Paulo: editora Cortez, 1989.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

Mini Filme Bullying.wmv - YouTube

www.youtube.com/watch?v=CMTuw3LyWlY4 jun. 2010 - 5 min - Vídeo enviado por genios12b

Não foi útil? Após fazer login, você poderá bloquear os resultados de **www.youtube.com**

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Aprendizado e Desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1995

Refletindo sobre o Bullying.wmv - YouTube

www.youtube.com/watch?v=j3v70bmk4eE13 dez. 2010 - 7 min - Vídeo enviado por monicaafonso01 **Não foi útil?** Após fazer login, você poderá bloquear os resultados de **www.youtube.com**.www.youtube.com

RODRIGUES, Neidoson. **Colegiado: Instrumento de democratização** – revista Brasileira de Administração Escolar, Porto Alegre, v.3, m.1, p 72-79 jan. / Jun. 1985

SOUZA, Mirian Rodrigues de. **Violência nas escolas**: causas e conseqüências. Caderno discente do instituto superior de educação – ano 2, n. 2 – Aparecida de Goiânia – 2008. www.unifan.edu.br/.../Artigo em 26/04/2012

TAILLE, Yves de La. **Dimensões Psicológicas da Violência**. In: Pátio Revista Pedagógica. Porto Alegre: Artmed, n.21, p. 19-23, mai./jul. 2002.



PRÁTICAS EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS EM UM AMBIENTE HOSPITALAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA¹⁸

Érica Firmino Araújo Santos¹⁹

Introdução

O atendimento pedagógico - educacional - hospitalar é um direito de todos os educandos que, devido às suas condições especiais de saúde, estejam hospitalizados ou sob outras formas de atendimento que impeçam a participação na escola.

Tendo em vista uma educação de qualidade como direito social e dever do estado, e acreditando que a garantia da universalização da educação é direito de todos, é que apresentamos a importância do atendimento educacional no ambiente hospitalar.

Assim sendo, o artigo discute as práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço da Brinquedoteca da Ala Infantil do Hospital Universitário da Universidade Federal de Sergipe, durante o período do estágio curricular do curso de pedagogia no período de 2012/1.

Tais práticas foram desenvolvidas com o objetivo de mobilizar o conhecimento das crianças a respeito do tema “cidadania: os direitos e deveres”. Nossa intenção é analisar a participação das crianças nas atividades propostas e compreender como a questão da cidadania pode ser discutida no espaço hospitalar.

É importante considerar que o escolar hospitalizado da Ala Infantil do HU se caracteriza por atender as crianças que variam de idades e séries distintas, e que a brinquedoteca é o espaço onde está sendo desenvolvido o Projeto de Extensão “Fiando e tecendo vínculos com o

18 Artigo elaborado com o Programa Prodocência/Capes/UFS em parceria com escolas públicas do Estado de Sergipe, a partir da disciplina Estágio Supervisionado III. Pedagogia Hospitalar, desenvolvido no espaço da Brinquedoteca da Ala Infantil do Hospital Universitário / UFS, com crianças em diferentes idades e séries escolares, enquanto atividade do estágio curricular do curso de pedagogia / 2012.1 sob a orientação da Profa. Dra. Iara Maria Campelo Lima.

19 Graduanda de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista do PIBIX/UFS Autora do artigo E-mail: acapurana@bol.com.br.

aprender: uma proposta de inclusão em espaço hospitalar”, sob a coordenação da professora Dra Iara Campelo/DED/PIBIX. De modo que, foi nesse espaço institucional não escolar que o estágio curricular foi desenvolvido, indo ao encontro do que prega o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) quando reconhece e regulariza o direito a educação - formal e não formal - a todas as crianças e jovens, inclusive as que se encontram em tratamento de saúde hospitalar.

Culturalmente o ambiente hospitalar é visto por curativos, seringas e medicamentos. Tudo isso provoca medo, sofrimento, ansiedade e desconforto. Para amenizar o impacto sentido pelas crianças hospitalizadas e quebrar a imagem negativa que as crianças têm do ambiente hospitalar é que foi desenvolvido o Projeto de Extensão na brinquedoteca do hospital universitário de Sergipe visando tornar o ambiente hospitalar mais alegre e menos traumático para as crianças.

Com frequência, para aceitar, compreender e ultrapassar o problema vivido pela internação, a criança brinca de “ser médico”. Os “doentes” são as bonecas, os ursos, os companheiros de quarto. Com roupas, máscaras, estetoscópios, aparelhos de medir pressão, seringas e bandagens, a criança brinca e representa a sua própria condição de criança hospitalizada. Por meio de tais brincadeiras ela encontra mecanismos de enfrentar seus medos e angústias. Estimular tais brincadeiras é auxiliá-la na sua recuperação (KISHIMOTO, 1992, p. 55).

A autora acrescenta que as brinquedotecas em hospitais são de extrema importância para a recuperação da criança hospitalizada, pois ao utilizar o jogo, representando os problemas vividos na internação, as crianças encontram mecanismos para enfrentar os seus medos e angústias (KISHIMOTO, 1993). Dessa forma, o brincar surge como uma possibilidade de modificar o cotidiano da internação, exercendo um papel fundamental no processo da cura, de forma a minimizar as consequências da hospitalização.

Vivenciando essa experiência hospitalar, fomos compreendendo com mais propriedade que o direito do brincar é um direito de todas as crianças, e que a brincadeira é uma linguagem natural da criança, e que, portanto precisa estar presente inclusive no ambiente hospitalar para que

a criança possa se colocar e se expressar através de atividades lúdicas, tais como: jogos, brincadeiras, desenhos, encenação teatrais sendo estas consideradas atividades que mantém a espontaneidade das crianças.

Ao longo do estágio, percebemos que o espaço físico destinado a proporcionar as crianças momentos de brincadeiras transformava-se em um mundo mágico cheio de alegria e fantasia, onde a doença e os problemas causados por ela ficavam da porta para fora. As marcas que as crianças carregavam no braço dos curativos e agulhadas ficavam invisíveis nesse mundo, algumas vezes até esqueciam-se do soro preso no braço, e como num conto de fadas elas tinham seus momentos de princesas e príncipes, a doença e o sofrimento do outro não eram notados nesse mundo, esqueciam até da sua própria dor.

Observamos ainda que apesar da espontaneidade e da alegria proporcionada pelos jogos e brinquedos, ou melhor, pelas práticas educativas, havia nas crianças, certa dificuldade em compreender quais os seus direitos e seus deveres no espaço hospitalar, enquanto cidadã. Com isso, achamos relevante abordar o tema cidadania, nossos direitos e deveres no ambiente hospitalar, contribuindo de forma criativa e lúdica para ampliar a compreensão em relação ao tema. Fortalecendo a defesa da cidadania natural que a criança tem, pretendendo assim contribuir para a construção e efetivação de práticas participativas das crianças tanto no espaço escolar como hospitalar.

No que diz respeito à importância do tema cidadania, tem-se uma maior consciência de assuntos ligados à ética, valores morais, sociedade e cuidados com o meio ambiente; contribuindo dessa forma, para despertar a responsabilidade e um olhar crítico de suas ações perante a sociedade, agregando valores junto ao seu ambiente familiar, educacional e hospitalar. A preocupação com o despertar da cidadania vem de encontro ao pensamento de Libâneo quando afirma que:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação. Não há uma forma única nem um único modelo de educação; o ensino escolar não é a única prática (LIBÂNEO, 2002, p. 18).

Para desenvolvermos a prática nesse espaço não escolar, utilizamos de uma metodologia participativa, criando a possibilidade do diálogo por todos, e o ponto de partida na discussão dialógica foi sempre “os saberes das crianças a respeito de cidadania”, a intenção era sempre tomar conhecimento dos saberes que as crianças hospitalizadas tinham em relação à temática.

A importância dessa metodologia estava em compreender o nível de entendimento das crianças para que pudéssemos criar situações provocativas e perguntas que fossem formuladas para ajudar o desenvolvimento da compreensão. A partir dessa perspectiva, perguntas-chaves foram lançadas, para as crianças, despertando nelas a curiosidade e o espírito investigativo.

Para o desenvolvimento da nossa prática utilizamos várias estratégias de aprendizagem tais como: fantoches, mídias, jogos educativos, atividades lúdicas e tudo o que julgamos necessário para facilitar a compreensão e a abordagem do tema e, como resultado final pode ser observado uma excelente participação das crianças nas atividades propostas, assim como indicadores que possam orientar a organização de práticas educativas ajustando essas, aos interesses e habilidades das crianças hospitalizadas.

Durante a prática desenvolvida na Ala pediátrica do Hospital Universitário, contou-se com o apoio da diretora do hospital, a equipe médica, as enfermeiras, a assistente social e a psicóloga. Esse apoio foi fundamental para que a prática pudesse ser desenvolvida em um ambiente hospitalar.

A inclusão da criança no espaço hospitalar: um direito defendido por lei

Desde 1959, quando a UNO (Organização das Nações Unidas) promulgou a Declaração dos Direitos da Criança que já se percebia a preocupação com a educação e o lazer no hospital. Em seu artigo 4º a Declaração defendia o direito à recreação, ao lado do direito à alimentação e à assistência médica adequada; enquanto no princípio 7º, defendia o direito de brincar, inclusive no hospital, dizendo que a sociedade e os poderes

públicos devem esforçar-se para favorecer o exercício deste direito, pois o brincar associa o pensamento e a ação. (KOHN, 2010, p. 36).

Nessa mesma perspectiva, a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 205 deixa explícita que: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, mas esse direito só foi garantido às crianças e adolescentes hospitalizadas a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Resolução nº 02/2001 – CEB/CNE) ao definir em seu artigo 13, § 1º, que:

As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular (BRASIL, 2001).

Nessa compreensão, a pedagogia hospitalar vai se definindo na perspectiva da Educação Inclusiva articulada à proposta de superação da segregação constituída ao longo da história da Educação Especial atrelada a perspectivas pedagógicas que centralizavam o olhar sobre a deficiência. Nessa discussão Lima (2006) vai evidenciar o quanto a perspectiva inclusiva, discutida na atualidade requer um olhar que possibilite ao aluno desenvolver-se afetiva e intelectualmente; uma metodologia centrada num processo cuja “essência esteja na flexibilização de uma nova lógica, aberta a inclusão de si” (LIMA, 2011, p. 04). Razão pela qual a metodologia fundou-se no diálogo e o fio da meada tecido nesse processo foi o conhecimento das crianças a respeito da temática.

A essência dessa metodologia firmou-se também pelo caráter afetivo que a multiplicidade de ideias, de escuta, de troca e vínculos afetivos favorece a todo processo educacional e especificamente às crianças e adolescentes, tendo em vista, com afirma Lima “[...] a problemática criada pelo vazio estabelecido com a ausência do grupo, das relações, do pertencimento das coisas e do cotidiano da vida” (2011, p. 04).

Adentrar as portas de um hospital para realizar um trabalho que proporcione educação e lazer para as crianças que se encontram internados, deveria parecer uma atividade comum, mas não para o profissional da educação, um pedagogo que sai de sua área mais comum, à sala de aula, onde todos estão habituados a associar a sua presença, para se lançar em uma área onde a educação também se faz presente, mais pouco menos conhecido perante os olhos da sociedade, a pedagogia hospitalar, onde o professor pode atuar e desenvolver atividades e brincadeiras com as crianças hospitalizadas. Como esclarece Matos e Mugiatti que,

Verificada a necessidade da existência de uma práxis e uma técnica pedagógica nos hospitais, confirma-se a existência de um saber voltado à criança/adolescente num contexto hospitalar envolvido no processo ensino-aprendizagem, instaurando-se aí um corpo de conhecimento de apoio que justifica a chamada Pedagogia Hospitalar (MATOS; MUGIATTI, 2009, p. 85).

É importante que se tenha a conscientização de que a criança hospitalizada não deixa de ser criança, o fato de estar presa a um soro ou tomando medicamentos para ajudar em sua recuperação não faz dela menos criança, quando as crianças estão na brinquedoteca em contato com os jogos, com os brinquedos, ou assistindo a filmes e discutindo, tocando seus saberes, os sorrisos brotam do rosto, a alegria natural e espontânea da criança aflora. Portanto, não se deve apenas trabalhar na patologia da criança, mas sim, enxergar seus gostos, sua identidade e sua integração com o ambiente a que está submetida.

Práticas educativas desenvolvidas no espaço hospitalar

A partir dos pressupostos levantados, as crianças hospitalizadas em diferentes idades e séries escolares, assumem o direito de serem sujeitos e, conseqüentemente, agirem como parceiros na prática desenvolvida, reconhecendo e valorizando suas percepções, vivendo e sendo colaboradores de uma metodologia participativa.

Prática I - Tio Tico: um convite a cidadania

Neste dia, foi apresentado ao escolar hospitalizado o Tio Tico, um fantoche, e o que ele trazia como proposta era aprendermos o tema “cidadania, direitos e deveres”. As crianças se mostraram entusiasmadas com a proposta. Afinal, no ambiente hospitalar, não é muito comum esse tipo de atividade. O amiguinho Tico fez várias perguntas, a exemplo: sobre o que as crianças entendiam por cidadania, o que é ser um cidadão. Isso causou um burburinho, risos, e as informações eram diversas, nos permitindo nesse momento, fazer as intervenções adequadas contribuindo para ressignificar a concepção do que é ser um cidadão. O fascínio e a curiosidade tomaram conta dos leitos e corredores e a brinquedoteca virou um ambiente de aprendizado e alegria.

Nesse mesmo dia, havíamos preparado uma tarefa para as crianças a fim de compreendermos como elas entendiam o assunto e se era possível à realização da prática. Ao final da manhã, constatamos que não só era possível, como também era desafiante. Os registros deixados, pelas atividades das crianças, mostraram que trabalhar com o escolar hospitalizado é contribuir com a educação inclusiva. Tivemos então, a constatação de que estarem como pacientes não os tornavam menos capazes de continuarem se desenvolvendo. Fato também observado por Fonseca

A criança hospitalizada, assim como qualquer criança, apresenta o desenvolvimento que lhe é possível de acordo com uma diversidade de fatores com os quais interage e, dentre eles, as limitações que o diagnóstico clínico possa lhe impor. De forma alguma podemos considerar que a hospitalização seja, de fato, incapacitante para a criança. Um ser em desenvolvimento tem sempre possibilidades de usar e expressar, de uma forma ou de outra, o seu potencial (FONSECA, 2003, p. 54).

Além de minimizar o ócio hospitalar, estimular às atividades lúdicas e favorecer a recuperação das crianças que se encontram hospitalizados, o papel das práticas educativas desenvolvidas na Ala Infantil do Hospital Universitário de Sergipe é fazer com que a criança continue seu processo educacional.

Prática II - uma roda de conversa

A roda de conversa deu continuidade ao tema cidadania, transcorrendo com o conteúdo de Geografia, resgatando o que as crianças já sabiam com relação ao tema proposto e trazendo as memórias da escola pra dentro do hospital. Com o auxílio da mídia, através do filme **Chico Bento no Shopping**, as crianças apontaram as diferenças encontradas na cultura da cidade e no campo. Construímos um cartaz apontando essas diferenças onde todos puderam verbalizar suas ideias; e com isso, tivemos um momento de discursão a respeito do assunto. Observamos que na hora da socialização das falas, algumas crianças trouxeram relatos de sua própria experiência.

Prática III – a formiga e a cigarra

Foi exibido o filme **A formiga e a cigarra** a fim de auxiliar na abordagem do tema central “cidadania: direitos e deveres”. Com isso, levou-se também, a proposta de se trabalhar a disciplina de matemática. Este filme permitiu apresentar o conteúdo matemático de maneira simples e lúdica. À medida que o filme era exibido, chamava a atenção das crianças apresentando indícios de como elas poderiam perceber a mudança de um dia para o outro e de como acontecia a mudança das estações; além disso, mostrou-se também, como o uso do calendário nos auxilia a medir o tempo. O grande momento foi a construção do calendário e a atividade realizada na folha, as crianças puderam se expressar deixando a imaginação fluir.

Prática IV- música aquarela

Com auxílio de mídia de som e imagem, trabalhamos a **música aquarela** do cantor Toquinho. Foi pedido às crianças que se concentrassem no que a letra da música trazia, com isso, demos ênfase ao conteúdo de História a fim de resgatar algumas profissões e suas funções. Esse momento foi significativo para as crianças, pois elas puderam expressar de maneira orgulhosa algumas profissões que os pais exercessem, valorizando todas as profissões, além de permitir que imaginassem a sua própria profissão.

Prática VI - a formiga e a cigarra e a disciplina português

Foi planejado ser repassado o filme **A formiga e a Cigarra**, para ser trabalhado o conteúdo de **Português**. Entretanto, não pode ser realizado em virtude de aquele dia ser reservado à realização de exames de rotina das crianças, o que impossibilitou a realização da atividade. Em contrapartida, substituímos o planejamento inicial por brincadeiras e jogos.

Prática VII- construção de crachás

A semana seguinte iniciou-se com o dia de atividades. Tínhamos muitas expectativas, pois os escolares hospitalizados poderiam não ser mais os mesmos com os quais trabalhamos na primeira semana.

Então, nesse dia, decidimos construir crachás com nomes das crianças para um possível encontro com rostinhos novos. Algumas crianças tinham tido alta, o que reduziu significativamente o número de crianças em idade escolar. Diante desse fato, o que se realizou foi a contação de estórias.

Prática VIII- Desenho de si: um resgate da cidadania

No dia seguinte, já sabendo que trabalharíamos com algumas novas crianças, retomamos a questão do tema dessa prática e propusemos que eles fizessem um **desenho de si** com seu jeito único e especial de ser, resgatando o valor que temos como cidadãos. O resultado foi satisfatório e gratificante, as crianças participaram da atividade e ficaram empolgadas.

Prática IX- história e cidadania

A partir de uma escuta pedagógica realizada no dia anterior, junto aos escolares hospitalizados, foi realizada uma atividade onde as crianças pudessem resgatar através de seus parentes ou acompanhantes, um pouco da história de vida de cada um deles, a fim de resgatar a autoestima das crianças. Trabalhamos no conteúdo de história, junto à cidadania, resgatando a importância de cada um de nós como seres que fazemos parte da nossa própria história e da história de nosso país.

Prática X- Oficina: aprendizado e descontração

Uma roda de conversa deu início a alguns questionamentos com as crianças. A partir disto, buscamos estimulá-los a reconhecerem e valorizarem, neles mesmos, a capacidade que cada um tem para aprender. Para isso, realizou-se uma oficina de construção de dobraduras, o que proporcionou às crianças um momento de aprendizado e descontração.

Prática XI - A importância do ato de brincar

Começamos a atividade ressaltando a importância do ato de brincar. As crianças organizaram-se em volta de uma mesa, onde utilizamos uma bola na qual esta era jogada de uma para outra criança, e, essa última, tinha que devolvê-la aos colegas que estavam a sua volta e assim por diante. Com isso, perguntamos se eles gostaram da atividade e qual era a brincadeira preferida deles. Deixamos-os livres para que falassem sobre as brincadeiras que costumam fazer quando estão em casa ou na escola. Em seguida, foi realizada uma atividade de recorte e colagem com figuras que pudessem expressar o desejo e o sentimento das crianças.

Dessa forma, buscamos meios para que os mais tímidos pudessem se expressar e com isso, participarem. Salientamos o quanto é bom e saudável brincar, sempre lembrando às crianças que isso faz parte de um cidadão de direitos e deveres. A partir dessa intervenção, esperou-se que o escolar hospitalizado reconhecesse e valorizasse sua necessidade de brincar para serem felizes e saudáveis. Com isso, buscamos resgatar a questão dos direitos e deveres como cidadão, ressaltando para as crianças que brincar é um direito delas.

Considerações finais

Desenvolver uma prática pedagógica no espaço informal da Ala Hospitalar Infantil do HU foi um grande desafio, basicamente por três motivos. Primeiro, por não estarmos em um espaço escolar convencional, a escola; segundo, por que a intenção não era seguir um cronograma escolar e por fim, desenvolver um tema numa perspectiva interdiscipli-

nar. A realização da prática no ambiente hospitalar proporcionou uma grande experiência no que diz respeito à docência, pudemos colocar nossas experiências e referenciais teóricos em prática, além do que, nos permitiu fazer uma avaliação da educadora que somos em formação.

Como resultado dessas experiências é fundamental dar relevância e perceber que, nessa prática, com crianças hospitalizadas, foi ficando cada vez mais claro o quanto elas têm curiosidade e satisfação em receber o novo, o estado de doença não impediu que as crianças se envolvessem enquanto crianças, com as atividades. Os registros deixados pelas atividades das crianças e sua participação dialógica, mostraram que trabalhar com o escolar hospitalizado é de fato vivenciar a inclusão de si; mobilizou os saberes próprios que no estado hospitalar ficam camuflados e silenciados pelo estado de doença. Foi evidente o fascínio e a curiosidade demonstrados na participação, o que tornou a atividade muito desafiante.

Tivemos então, a constatação de que a condição de pacientes, não tornava os alunos menos capazes de continuarem a se desenvolver, percebendo e elaborando observações, comparações e relatos de suas experiências. A perspectiva interdisciplinar foi muito enriquecedora e possibilitou aos alunos estabelecerem suas relações e experiências. O momento de trabalho com a música aquarela de Toquinho mobilizou, inclusive, algumas profissões e suas funções, trazendo uma discussão significativa, expressando as profissões dos pais e projetando suas possíveis profissões.

Acreditamos que a prática desenvolvida com as crianças internadas foi uma grande oportunidade para elas estarem envolvidas de forma direta com assuntos ligados às questões do dia-a-dia. Isto proporcionou às crianças hospitalizadas um novo conhecimento através do tema cidadania, bem como o de poderem participar, de forma direta, na reconstrução de suas próprias histórias.

Descobrimos ainda o quanto é prazeroso a realização de um trabalho como esse, fazendo despertar dentro de cada um de nós a humanização que existe com relação a maneira de enxergar o próximo, para assim, poder respeitar a criança com quem trabalhamos, no intuito de propor atividades que contemplem a realidade na qual elas estão inseridas, permitindo um novo olhar e proporcionando satisfação em todas as atividades realizadas.



A LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR

Juliana Santos da Cunha²⁰

Introdução

O presente artigo tem por finalidade descrever as atividades desenvolvidas durante a realização do estágio supervisionado III, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, orientado pela professora Dra. Maria José Soares Nascimento. O tema “Literatura Infantil” foi definido após as observações iniciais realizadas em uma instituição de ensino da rede particular do município de Aracaju/SE, em uma turma do 4º ano, composta por 19 (dezenove) alunos. Por meio destas observações pude perceber o interesse e as curiosidades dos alunos em trabalhar com a temática. Foi para atender aos interesses das crianças e contribuir para a ampliação de seus conhecimentos que propus o Projeto “Literatura Infantil”, visando oportunizar a elas o mundo mágico que a leitura pode oferecer, assim como para que elas percebessem que através da literatura podemos explorar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento.

Num contexto geral, o objetivo do projeto, foi despertar nos alunos o interesse pela leitura e compreende-la como elemento essencial para sua formação nas séries iniciais. E como objetivo específico: estabelecer relações entre a literatura e as outras áreas de conhecimento, estimulando o uso da literatura infantil, trabalhada de maneira interdisciplinar.

A metodologia aplicada durante a realização do estágio foi aulas expositivas, confecção de cartazes e livros infantis, leituras, atividades em folha, canto de músicas, dinâmica com tampas de refrigerante. Para a execução das tarefas foi desenvolvido um programa, cujos conteúdos foram selecionados de acordo com o cronograma da professora Katilene Muniz Santos.

A leitura desempenha um valor fundamental no cotidiano de uma criança, cada vez mais professores tentam mostrar aos pais essa

importância, para que juntos possam transformá-los em leitores críticos, pois é através dela que a criança descobre, decodifica e compreende o mundo de maneira significativa.

A literatura, por sua vez, propicia uma reorganização das percepções do mundo e, deste modo possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança. A convivência com os textos literários provoca a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico (CADEMARTORI, 1986, p.18-19).

Diante dessas afirmações podemos compreender que a “[...] literatura infantil, por seu caráter lúdico-mágico é o caminho natural, a chave mágica que abre a porta de entrada principal que dá acesso ao mundo da leitura e a tudo o que ela pode nos proporcionar” (FRANTZ, 1997, p.8). Assim, me propus com esse projeto utilizar as histórias infantis como caminho para o ensino multidisciplinar, podendo proporcionar as crianças maior contato com a leitura. Pois,

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica [...] É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Desse modo, podemos enxergar a literatura infantil como um elemento indispensável no cotidiano escolar, pois além de permitir que as crianças adquiram novos conhecimentos, também aprimora sua capacidade de leitura e escrita. Para alcançar tais conhecimentos se faz necessário que o professor selecione, estruture e desenvolva atividades pedagógicas em sala de aula que auxiliem e despertem o interesse das crianças pela leitura e escrita.

Destacando esses aspectos foi estabelecido durante as aulas à realização “da hora do conto” onde todos os dias um aluno pudesse levar para sala de aula uma historinha de sua preferência para que socializasse com os demais colegas de classe. Com esse trabalho notei o encantamento das crianças em poder levar sua própria história para sala de aula e poder compartilhar com os demais colegas.

Campo de estágio

O trabalho teve duração de duas semanas consecutivas, tendo início no dia 7 de maio de 2012 e finalizado no dia 18 do mesmo mês. A instituição em que se desenvolveu o estágio é constituída por 08 salas de aula; 1 secretaria; 1 diretoria; 1 biblioteca; 4 banheiros; 1 pátio; 1 almoxarifado e 1 cantina.

A escola funciona nos turnos da manhã e da tarde. Seu horário pela manhã é de 07h00min às 11h40min, e pela tarde das 13h00min às 17h20min. A instituição possui 320 (trezentos e vinte) alunos distribuídos em 16 (dezesesseis) turmas. Os alunos que estudam pela manhã, horário em que o estágio foi realizado tem a faixa etária de 2 à 12 anos de idade. A instituição conta ainda com um quadro de 11 (onze) professores.

Apesar de ser da rede particular, atende crianças de classes economicamente desfavorecidas. São alunos que moram no próprio bairro ou nas proximidades. A maioria das crianças vai acompanhada dos pais, muitos procuram dialogar com a professora para saber sobre o desempenho e o comportamento dos filhos; outros somente levam as crianças até a porta da instituição sem que haja um contato entre pais e professores.

A importância das histórias

Durante o processo de formação de uma criança, é essencial que seja introduzido a leitura de histórias infantis, pois ao ouvir uma história, ela descobre, decodifica e compreende o mundo de maneira significativa.

O contato inicial da criança com a leitura acontece ainda bebêzinho, através das histórias lidas pelos pais, sendo elas inventadas ou histórias de contos de fada. Ao crescer a criança se depara a todo tempo com leituras, sejam elas em cartazes pregados na parede, em letreiros de ônibus ou até mesmo no momento de ir às compras com os pais.

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagem), livros atuais e curtiinhos, poemas sonoros e outros mais... (ABRAMOVICH, 1997, p.16)

Ler histórias para criança não é apenas fazer uma leitura do que está escrito, é preciso passar para elas “[...] emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais” (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Para o professor em sala de aula, é necessário que no momento da escolha da história a ser lida, se faça uma seleção inicial, levando em conta, entre outros fatores, o interesse do ouvinte – os alunos – e sua faixa etária.

Enfim, contar histórias, é suscitar o imaginário, é ser cúmplice do divertimento dessa arte sem fim, é a base do desempenho para a formação do individual.

Procedimentos metodológicos

Para a realização da prática foram desenvolvidas atividades diversificadas mediante as conversações feitas com os próprios alunos, com o intuito de identificar o que eles gostavam como: contação de histórias e confecção de livros infantis, todas voltadas principalmente para o incentivo à prática de leitura em sala de aula, pois “[...] um professor que pretende ensinar algo sem procurar conhecer os seus alunos está agindo às cegas, por tentativa e erro, e seu trabalho corre o risco de, no mínimo, ser inútil e, no limite, de causar danos à vida intelectual das crianças” (CARDOSO E EDNIR, 2004, p. 30).

As atividades foram aplicadas em sintonia com as propostas no currículo da instituição. Das atividades realizadas, relatarei aqui algumas consideradas importantes e que valem a pena compartilhar com os leitores.

No primeiro dia de estágio, foi apresentado o tema literatura infantil, mediante informações sobre este gênero e sua importância. Posteriormente foi solicitado aos alunos que escrevessem sobre a importância da leitura para a nossa vida. Em seguida fomos à biblioteca e fizemos a leitura da história de “chapeuzinho vermelho”.

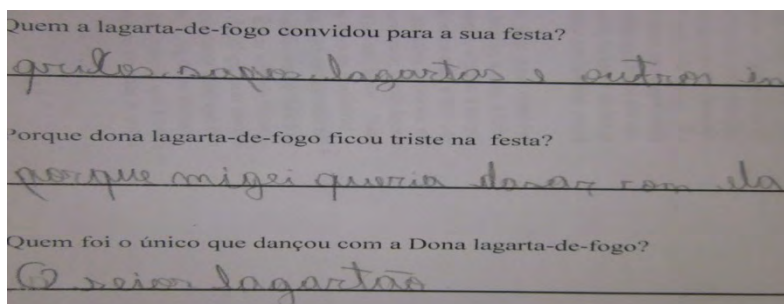
Para trabalhar com os alunos o gênero feminino e masculino, me utilizei da leitura feita na biblioteca, pois neste sentido, cabe ao professor esquematizar os conteúdos escolares de forma a significá-los no mundo do educando para que este compreenda, questione, discorde e

proponha soluções, tornando-se um leitor ativo e reflexivo do mundo a sua volta (SILVA, 2008).

No segundo dia de estágio, iniciamos com uma roda de conversa. Em seguida, realizamos atividade na folha sobre o assunto abordado na aula anterior. A leitura proposta para o segundo dia foi “Alice no País das Maravilhas”. Esta história foi escolhida para abordar os números pares e ímpares. Partindo da premissa que “[...] A brincadeira, o jogo, a fantasia, são formas utilizadas pela criança para explorar, conhecer e explicar o mundo (FRANTZ, 1997, p.31), realizamos uma dinâmica com tampas de refrigerante para que os alunos fixassem melhor o assunto. A sala foi dividida em duas equipes. Cada equipe recebeu uma caixa com tampas de cores variadas. Cada equipe tinha que contar quantas tampas haviam de cada cor, e em seguida anotar no caderno se as quantidades eram ímpares ou pares. Concluímos o segundo dia com o momento da “hora do conto”, onde um dos alunos levou a história de Rapunzel para ler para os demais colegas.

No terceiro dia foi passado para os alunos o que seria uma fábula. Após a explicação foi lida a fábula “No Reino da Lagartolândia”, e posteriormente o desenvolvimento de uma atividade sobre a história.

Figura 01: Atividade de redação sobre a fábula.



Fonte: arquivo pessoal.

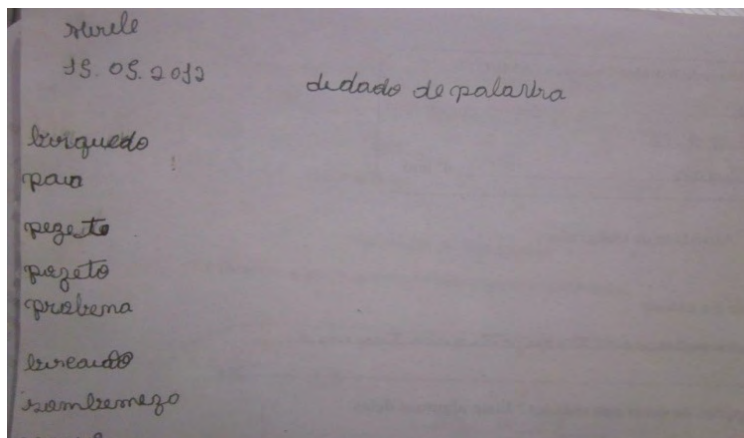
No quarto dia, iniciamos com a hora do conto. Em seguida, abordamos os diferentes tipos de instrumentos musicais. Foi solicitado aos alunos que fizessem uma pesquisa sobre os instrumentos musicais, para que pudéssemos em outro momento elaborar um cartaz. Os alunos solicitaram algumas demonstrações sobre os órgãos do sentido que exploramos quando ouvimos ou tocamos diferentes tipos de instrumentos

musicas. Após atender aos pedidos de demonstração, os alunos ficaram encantados com a maneira pela qual o conteúdo foi abordado. Foi então que pude compreender que “[...] O aluno é o “outro” com quem a professora quer e precisa dialogar. A única maneira de incorporar esse “outro” na relação e dar sentido ao trabalho pedagógico é ouvir o seu interlocutor” (CARDOSO; EDNIR, 2004, p.32).

No quinto dia, iniciamos a prática com o momento da leitura. Depois os alunos realizaram a atividade de matemática na folha sobre os números pares e ímpares. Foi muito satisfatório o resultado, pois entendi que a forma como um assunto é passado, pode sim fazer toda diferença no cotidiano escolar de uma criança. No momento seguinte foi apresentado aos alunos palavras com **br** e **pr**.

Para trabalhar a escrita dos alunos foram realizados no decorrer das aulas alguns ditados de palavras. Através desses ditados pudemos constatar a dificuldade de alguns alunos na escrita (Ver figura 02).

Figura 02: Ditado de palavras com **br** e **pr**.



Fonte: arquivo pessoal.

De acordo com Cagliari “[...] o uso indevido de letras se caracteriza pelo fato de o aluno escolher uma letra possível para representar um som de uma palavra quando a ortografia usa outra letra” (2005, p.140).

No sexto dia de estágio, preparei uma explicação sobre o assunto “o tempo na história” da disciplina de história, onde abordamos

as questões relacionadas a “memórias”. Para estimular as crianças com o tema, foi feita a leitura do livro “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”, que retrata bem esta temática tornando a aula satisfatória, dinâmica e prazerosa, uma vez que,

Ler história para criança, sempre, sempre... É poder sorrir, rir gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeiras, de divertimento [...] (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Como a história lida fala sobre as retrospectivas do passado, após a leitura foi feita uma roda de conversas. Os alunos tiveram o privilégio de realizar uma sondagem e conhecer a história de vida de cada um, questionando sobre algumas recordações.

Os alunos precisam desenvolver o hábito de se ouvirem, e não apenas ao professor. À medida que ele dá oportunidade, todos os dias, para que as crianças falem sobre o que fazem, como fazem, como entendem a realidade e procura basear suas aulas nessas informações, o grupo como um todo percebe que pode aprender com as ideias e experiências do conjunto. Ou seja, os alunos começam a se convencer que também sabem (CARDOSO; EDNIR, 2004, p.32).

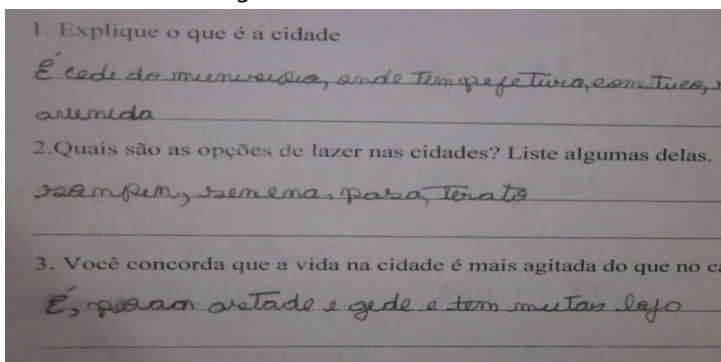
Foi um grande momento de descontração, com direito a muitas gargalhadas. Em seguida, realizaram atividade de história na folha. Encerramos o dia com o momento de leitura.

No sétimo dia, iniciamos a aula com mais um momento de leitura. Foi frisado mais uma vez, a importância da leitura para todos nós sem distinção de idade, cor ou classe social. Em seguida foi dado o assunto sobre os números sucessores e antecessores e aplicação de atividade na folha sobre o conteúdo. Após o intervalo os alunos realizaram a confecção de um livro infantil, no qual cada um pudesse ficar livre para escolher a sua própria história. Eles ficaram encantados por serem os próprios autores da história. A proposta inicial dessa atividade foi trabalhar a escrita da criança.

No oitavo dia, iniciamos a aula com a confecção do cartaz, conforme combinado no quarto dia de aula, quando foi solicitada a pesquisa de imagens dos diferentes tipos de instrumentos musicais. Com a imagem em mãos e com a minha ajuda os alunos fizeram a colagem na cartolina. Realizamos também pequenas demonstrações sobre os órgãos dos sentidos que exploramos ao manusear os diferentes instrumentos musicais. Em seguida, desenvolvemos uma atividade de ciências na folha sobre o conteúdo abordado. Após o recreio, tivemos o momento da leitura, onde um dos alunos levou para sala de aula a história "A Branca de Neve e os Sete Anões". Concluímos com a interpretação da história lida. Neste momento houve a interação de todos.

Iniciamos nossas atividades no nono dia de estágio com o momento de leitura. Em seguida foi abordado o assunto de geografia, sobre a vida na cidade grande. Discutimos o tema fazendo algumas comparações entre a vida na cidade grande e a vida no campo, destacando seus benefícios e as diferentes opções de lazer. A turma foi unanime em responder que preferem morar na cidade grande, apenas uma aluna optou pela moradia no campo, segundo ela alguém tem que gostar do campo, pois é lá que são plantadas as frutas e verduras para serem vendidas na feira. Após a explicação apliquei atividade de geografia na folha. (Ver figura 03).

Figura 03: "a vida na cidade grande"



Fonte: arquivo pessoal.

Após o recreio, para trabalhar a escrita dos alunos foi solicitado que os mesmos elaborassem um texto sobre o assunto abordado. Alguns alunos não conseguiram concluir a escrita por estarem, segundo eles, com preguiça. Neste sentido, "[...] as atividades são o meio para mo-

bilizar a trama de comunicação que pode se estabelecer em classe; as relações que ali se estabelecem definem os diferentes papéis dos professores e dos alunos” (ZABALA,1998, p.89).

Iniciamos o décimo e último dia de estágio com o momento de leitura, a história do dia foi “Um Zoológico de Papel”. Após a leitura fizemos a exposição das historinhas infantis confeccionadas pelos próprios alunos num varal na sala de aula. Os alunos saíram convidando as demais turmas para darem uma olhada nos seus livros. Ao entrarem na sala para ler e conhecer um pouco as histórias, os alunos faziam uma breve explicação sobre a importância da leitura para a formação do cidadão. Como professora fiquei orgulhosa e segura da carreira que resolvi seguir. Foi muito legal a interação entre eles. A exposição dos livros para as outras turmas durou até o término do recreio.

Após a exposição, foi dado um tempo para os alunos lancharem. Em seguida fizemos uma retrospectiva sobre todo o trabalho feito durante a realização do estágio. Discutimos sobre a metodologia aplicada durante os dez dias, os pontos positivos e negativos. Os alunos enfatizaram que o mais legal das aulas foi ter tido o privilégio de sair um pouco da rotina. Segundo eles as aulas ficam mais atrativas quando os conteúdos são passados através de leituras de livros infantis.

Considerações finais

A leitura é o início, a base para o desempenho e formação do indivíduo. É através dela que a criança descobre, decodifica, compreende o mundo de maneira significativa.

Para que o processo de aprendizagem desempenhe na criança um valor significativo, é preciso dedicação e empenho do professor para selecionar, estruturar e desenvolver atividades pedagógicas que auxiliem no despertar do aluno para a leitura e escrita. Mas, esta responsabilidade não se restringe somente ao professor, cabe também aos pais a responsabilidade em acompanhar os filhos durante esse processo.

Acredito que o resultado final foi satisfatório, não somente para mim, mas para todos os alunos do 4º ano do colégio em que desenvolvi o estágio, pois consegui socializar com eles todos os conteúdos de forma lúdica. O momento da “hora do conto” foi recebido com entusiasmo pelas crianças, levando-as a participar ativamente de todas as histórias.

Um dos sucessos deste estágio foi ter conseguido conciliar a literatura infantil com as disciplinas curriculares, podendo constatar que é possível sim introduzi-la no cotidiano escolar, sem se deixar fugir do currículo exigido. Este estágio me proporcionou vivenciar juntamente com a professora e os alunos a prática pedagógica e o desenvolvimento das atividades, contribuindo assim para a minha formação.

Concluo que o estágio contribuiu significativamente para minha aprendizagem, e será de grande importância para meu futuro profissional. E não poderia deixar de registrar que foi através deste estágio que dei início na minha carreira profissional.

Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

CADEMARTORI, L. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. disponível em: <<http://302284.vilabol.uol.com.br/resumo7.htm>>. Acesso em: 27 de Outubro de 2012.

CARDOSO, B; EDNIR, M. **Ler e escrever, muito prazer!** 2ª Ed. São Paulo: Atica, 2004.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. 21 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FRANTZ, M. H. Z. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

SILVA, R. F. **Aprendizagem Significativa**: Um processo de construção e reconstrução de si mesmo. Disponível: <<http://www.webartigos.com/articles/6529/1/aprendizagem-significativa/pagina1.html>>. Acesso em: 27 de outubro 2012.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

A RELAÇÃO ENTRE ALUNOS E NOVAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA

Aquiles Virtuozo Vieira Barbosa

Introdução

O presente artigo descreve o trabalho junto aos alunos do 2º Ano do Ensino Fundamental no processo de ensino/aprendizagem da leitura e da escrita com o auxílio das novas tecnologias da informação (TIC's). As atividades foram desenvolvidas nas práticas de estágio supervisionado em Pedagogia, realizado no período de 14 a 28 de Maio de 2012, numa Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) do município Barra dos Coqueiros/SE.

A maioria dos alunos da turma na qual foi realizado o estágio é proveniente dos arredores do bairro onde a escola foi construída, comunidade de pessoas de renda familiar abaixo do salário mínimo, que trabalham no mercado informal e que dependem de programas assistenciais do governo como o bolsa família. Dos 25 estudantes do 2º Ano do Ensino Fundamental, 05 são meninas e 20 são meninos; os alunos têm idade entre 06 a 14 anos.

Quanto aos profissionais que trabalham na escola, 03 são coordenadores (01 geral, 01 pedagógico e 01 administrativo); 29 professores, 06 merendeiras; 03 vigilantes; 02 porteiros e 02 funcionários readaptados. Todos os professores têm formação de nível superior e 25 deles têm curso de pós-graduação.

Em 2011, segundo dados disponíveis no site do INEP, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) nos anos iniciais do Ensino Fundamental na EMEF onde foi realizado o estágio foi de 3,6 e ficou abaixo da meta projetada para a instituição que era de 3,7. O município Barra dos Coqueiros apresentou IDEB de 3,9 nos anos iniciais do Ensino Fundamental em 2011. Este índice foi superior à meta estabelecida pelo MEC para o município no referido ano que era de 3,5, porém inferior ao IDEB nacional nos anos iniciais do Ensino Funda-

mental (dependência administrativa municipal) que foi de 4,7 (e que ultrapassou a meta proposta de 4,2).

Para a realização do trabalho do estágio aproveitou-se o aparato tecnológico disponibilizado pelo Projeto UCA – Um Computador por Aluno – que é desenvolvido de forma pioneira em todas as escolas públicas do município supracitado. Neste projeto cada estudante recebe do governo um laptop para atividades escolares visando à ampliação de seu conhecimento bem como sua capacitação tecnológica.

A escolha do tema – ensino/aprendizagem da leitura e da escrita – a ser trabalhado nas aulas foi realizada pelos próprios alunos. No primeiro contato com os estudantes, os mesmos foram indagados sobre o que gostariam de estudar e, dos 20 alunos presentes em sala, 90% deles (18 alunos) declararam que desejavam aprender a ler e escrever enquanto que 10% do total (2 alunos) indicaram o desejo de serem ensinados a nadar e a dançar hip hop. Dessa forma, a metodologia utilizada nas aulas durante o período de estágio foi construída a partir dos interesses dos estudantes pelos conteúdos.

Tomou-se por base a visão de que o ensino/aprendizagem da leitura e da escrita é algo multidisciplinar e que vai além do conhecimento das letras e da formação das palavras. As atividades desenvolvidas foram aplicadas de forma lúdica e objetivaram contribuir para a autonomia das crianças, permitindo que os estudantes se reconhecessem como sujeitos participantes/ativos do processo de ensino/aprendizagem da leitura e da escrita com auxílio das novas tecnologias. Ressalta-se que o termo tecnologia utilizado ao longo deste trabalho é empregado no sentido de conjunto de instrumentos, métodos e técnicas que visam à resolução de problemas; e que a expressão novas tecnologias diz respeito aqui aos aparelhos cujo uso foi difundido na sociedade nas últimas duas décadas.

O uso das tecnologias no processo de ensino/aprendizagem

Refletindo sobre o uso das tecnologias no processo de ensino/aprendizagem

Em seu estudo sobre o uso da tecnologia na sala de aula desde 1920, Cuban (1986) analisou a introdução do rádio, do filme, da TV e do computador em escolas norte-americanas, abrangendo a literatura desde o início do século XX até meados da década de oitenta. A prin-

cipal conclusão do trabalho do supracitado autor foi de que o uso dos recursos tecnológicos nas escolas não tem tido uma história de sucesso. Cuban enfatiza ainda que tal insucesso caracteriza-se por quatro fases: a primeira com pesquisas que mostram as vantagens da utilização das tecnologias no contexto educacional, a segunda com políticas públicas de introdução dos recursos tecnológicos nos sistemas escolares, a terceira com a adoção limitada por parte dos professores e a quarta com a observação de ganhos acadêmicos quase insignificantes.

Segundo Cysneiros (1999), no Brasil o uso das tecnologias na sala de aula teve uma história semelhante à observada por Cuban em escolas norte-americanas; houve uma política de rádio seguida de grandes investimentos nas televisões educativas; ações sempre acompanhadas de discursos inovadores. Cysneiros salienta ainda que o modo como as tecnologias foram aplicadas não promoveu alteração significativa na rotina da escola, do professor ou do aluno, aparentando mudanças quando na realidade apenas mudavam-se as aparências.

Moran (2007) destaca que a inserção das novas tecnologias na maioria dos contextos escolares não gerou mudanças substanciais nos métodos de ensino, pois elas foram utilizadas mais para ilustrar o conteúdo do professor do que para criar novos desafios didáticos. De acordo com o referido autor, continuou-se fazendo o de sempre, o professor falando, o aluno ouvindo e a aula predominantemente oral e escrita, mas agora com pitadas de audiovisual para ilustração do que está sendo apresentado.

A presença da tecnologia na escola, mesmo com bons softwares, não estimula os professores a repensarem seus modos de ensinar nem os alunos a adotarem novos modos de aprender. Como ocorre em outras áreas da atividade humana, professores e alunos precisam aprender a tirar vantagens de tais artefatos. Um bisturi a laser não transforma um médico em bom cirurgião, embora um bom cirurgião possa fazer muito mais se dispuser da melhor tecnologia médica, em contextos apropriados (CYSNEIROS, 1999, p. 08).

Desse modo, é importante ressaltar que a utilização das tecnologias nas salas de aula por si só não garantem a melhoria do ensino. Como lembra Sancho e Hernandez (2006) é necessário antes de tudo

reflexão sobre as práticas pedagógicas e reelaboração do processo de ensino/aprendizagem.

Breve histórico do projeto UCA

No ano de 2010, visando propiciar aos alunos da rede pública inclusão no mundo digital, a cidade de Barra dos Coqueiros/SE foi escolhida juntamente com outras escolas do Brasil pelo governo federal para a implantação do plano piloto do Projeto UCA – Um Computador por Aluno. Através da parceria entre os governos federal, estadual e municipal, cada aluno recebe um laptop para ser utilizado nas atividades escolares. O projeto disponibiliza ainda rede de internet nas instalações da escola.

De acordo com o site oficial do programa - <http://www.uca.gov.br>, o Projeto UCA é desenvolvido em sintonia com o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE e tem por objetivo viabilizar o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas escolas públicas brasileiras para ampliar o processo de inclusão digital. O desenvolvimento científico e tecnológico é um dos elementos essenciais do Projeto UCA. Tal projeto, segundo o referido site, é dirigido para o progresso e a expansão do conhecimento a fim de permitir a emancipação individual e coletiva, a consolidação da democracia, a melhoria da qualidade de vida e a equidade social amparada em valores éticos e solidários.

Conforme informações do site do Projeto UCA em Alagoas participaram do primeiro momento do programa Um Computador por Aluno, da SEED/MEC, dez escolas por estado com um máximo de 500 alunos, selecionadas em áreas urbanas e rurais, que receberam laptops educacionais conectados à internet para todos os seus alunos e professores. No entanto, no município de Barras do Coqueiros/SE o projeto foi implantado em todas as escolas da rede pública - 9 escolas municipais e 3 escolas estaduais -, totalizando 12 escolas.

A escolha das escolas do Projeto UCA foi realizada a partir de dois requisitos básicos estabelecidos pela SEED/MEC: infraestrutura capaz de dar suporte ao laptop educacional e o compromisso dos gestores e professores em se capacitarem para dinamizar os vários processos desta fase do projeto. As escolas foram indicadas pelos gestores das Secretarias Estaduais de Educação (no caso das escolas da rede Estadual) e pelo Conselho Gestor da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – UNIDIME (no caso das escolas da rede municipal).

A avaliação proposta pelo projeto UCA pretende analisar não apenas o que acontece depois da inserção dos computadores no cotidiano da escola, mas também os contextos nos quais o programa está sendo implantado bem como o impacto na prática pedagógica, nos processos de inclusão digital e na própria vida social e familiar dos alunos. A referida avaliação é composta por quatro fases: avaliação diagnóstica; avaliações de processo e formativa; avaliação de resultados e avaliação de impacto.

O projeto UCA é uma iniciativa que traz novas possibilidades de métodos de ensino na rede pública. Essas novas possibilidades podem ou não contribuir para uma maior eficiência no processo de ensino/aprendizagem. Ressaltam-se a importância de capacitar os docentes para que possam utilizar as tecnologias do projeto em toda a sua amplitude visando o desenvolvimento dos estudantes bem como a necessidade de mudança de concepção sobre os alunos que, como lembra Moraes (1997), não devem ser vistos como meros espectadores e receptores nas aulas.

não se muda um paradigma educacional colocando uma nova roupagem, camuflando velhas teorias, pintando a fachada da escola, colocando telas nas salas de aula, se o aluno continua na posição de mero espectador, de simples receptor, presenciador e copiador, e se os recursos tecnológicos pouco fazem para ampliar a cognição humana (MORAES, 1997, p.17).

Fotografia 1 - Estudantes utilizando computadores do Projeto UCA



Descrição das atividades realizadas no período de estágio

As atividades desenvolvidas na prática estágio basearam-se na visão de que o ensino/aprendizagem da leitura e da escrita é algo multidisciplinar, que vai além do conhecimento das letras e da formação das palavras. As ações foram fundamentadas também na concepção de que os estudantes são sujeitos participantes/ativos do processo de ensino/aprendizagem como propõe Araújo

a construção dos conhecimentos, na forma que concebemos, pressupõe um sujeito ativo, que participa de maneira intensa e reflexiva das aulas – um sujeito que constrói sua inteligência e sua identidade por meio do diálogo estabelecido com seus pares, com os professores e com a cultura, na própria realidade cotidiana do mundo em que vive (ARAÚJO, 2003, p. 30).

Considerando que as temáticas a serem trabalhadas nas aulas focavam a aprendizagem da leitura e da escrita, o primeiro passo foi apresentar o alfabeto aos alunos e analisar o conhecimento deles sobre as letras. Depois do primeiro momento de entrosamento com os alunos, as letras foram apresentadas de forma lúdica em uma canção juntamente com objetos cujos nomes se iniciavam por elas através do vídeo “alfabeto divertido”. Percebeu-se que os alunos acompanharam a música, demonstrando conhecimento do alfabeto.

Com o intuito de avaliar o nível de conhecimento dos estudantes na escrita e também de obter material para comparação após os 10 dias de estágio, foi pedido às crianças para que elas escrevessem numa folha de caderno um bilhete sobre o fim de semana, para o colega de turma com o qual tinham mais amizade.

Optou-se por realizar uma avaliação processual, de maneira a propiciar um melhor diagnóstico do desenvolvimento dos alunos durante o período de estágio. Segundo Vasconcellos (2005), a avaliação é um instrumento de indicação do nível de aprendizagem que possibilita pontuar a realidade vivida pelo aluno quanto aos resultados do processo de ensino. Portanto, a avaliação deve permitir mudanças nos trabalhos a serem realizados, de forma a contribuir para uma intervenção

contundente nas práticas alfabetizadoras, colaborando para superação de problemas constatados no cotidiano da vida escolar da criança:

o que se espera de uma avaliação numa perspectiva transformadora é que os seus resultados constituam parte de um diagnóstico e que, a partir dessa análise da realidade, sejam tomadas decisões sobre o que fazer para superar os problemas constatados: perceber a necessidade do aluno e intervir na realidade para ajudar a superá-la (VASCONCELLOS, 2005, p. 89).

Visando estimular a criatividade das crianças e também exercitá-las na leitura e na escrita, foram utilizados vídeos, jogos de computadores, livros digitais, procurando sempre trazer para o contexto das crianças a problemática discutida neles. Como boa parte dos computadores do projeto UCA na escola estava aguardando manutenção e o número de máquinas disponíveis não atendia a todos os discentes da turma, os vídeos, os jogos e os livros foram apresentados no data show.

Ao acompanhar o cotidiano dos estudantes em sala, observou-se o comportamento não cordial que boa parte deles apresentou uns com os outros. Sabendo que o papel do educador ultrapassa a função de facilitador da construção de conhecimento, realizou-se um debate com os estudantes sobre seus comportamentos para trabalhar a questão do respeito ao próximo. Como desde o primeiro contato as crianças demonstraram grande apreço pelo hip hop, algumas atividades planejadas para as aulas foram modificadas para trabalhar a escrita e a leitura bem como o respeito às pessoas a partir desse tema.

Considerando que tanto a língua falada quanto a escrita são um dos principais elementos culturais de um povo e tendo em vista a importância de conhecer e de valorizar a cultura, foi programada uma visita ao museu da Gente Sergipana com o objetivo de possibilitar que os alunos conhecessem um pouco mais sobre a história e cultura de seu estado. De acordo com Cavalcanti,

as atividades de campo permitem ao aluno sair das limitações do livro didático para observar as paisagens e os contextos socioambientais como forma de sensibilização, contribuindo para aumentar a curiosidade e o prazer pelas descobertas de novos saberes (CAVALCANTI, 2002, p. 127).

Ao longo dos dez dias de estágio buscou-se trabalhar com os alunos a leitura e a escrita com o auxílio das novas tecnologias de forma multidisciplinar. Dessa forma, foram trabalhados conteúdos de diversas disciplinas como português, matemática, geografia, história e ciências. As atividades propostas tiveram por finalidade exercitar a leitura e a escrita dos alunos ao mesmo tempo em que se praticava interpretação de texto, se estudava sobre as quatro operações básicas da matemática, contagem, poluição nas cidades, mudanças físicas ao longo do tempo no ambiente em que se vive, cultura sergipana, folclore e localização geográfica.

Destacam-se como pontos altos das aulas as rodas de conversa com os discentes. Nelas os estudantes puderam expor suas opiniões, dúvidas e anseios com relação aos conteúdos que foram trabalhados. Algumas dificuldades se fizeram presentes na realização das atividades como, por exemplo, a quantidade insuficiente de computadores do Projeto UCA para o número de alunos da turma uma vez que várias máquinas estavam quebradas e aguardando manutenção, o comportamento agressivo entre os estudantes e a euforia destes, nos primeiros momentos, com os recursos utilizados. Contudo, foi possível superar essas dificuldades por meio do bom senso, da paciência e da flexibilidade dos planos de aula. Foi necessário alterar alguns pontos dos planos de aula iniciais para adaptá-los à realidade da turma, porém os objetivos foram mantidos e alcançados.

Considerações finais

Os momentos de intervenção na turma do 2º Ano do Ensino Fundamental da instituição trabalhada possibilitaram vivenciar a função de professor e ver diariamente como funcionam as práticas pedagógicas. A metodologia utilizada nas aulas atraiu a atenção dos estudantes satisfatoriamente bem como despertou a curiosidade deles. Percebeu-se através das participações das crianças em sala e dos exercícios por elas realizados que houve avanço em suas aprendizagens, fato que evidencia eficiência no uso das tecnologias como uma das possibilidades de ensino.

O contato com os alunos ampliaram meus conhecimentos e me capacitaram ainda mais para o futuro exercício da profissão que tenho abraçado. Pude ver no cotidiano que a docência não é uma tarefa fácil, que é preciso ter amor, vocação e dedicação no que nos propomos

a fazer, pois sem tais elementos não conseguiremos jamais continuar exercendo a arte de auxiliar na construção de conhecimento.

O estágio, na minha percepção, é mais que um momento para colocarmos a teoria em prática. É também para revermos os nossos próprios conceitos e preconceitos, refletindo a respeito de nossos interesses quanto a nossa formação como profissional seja da educação ou qualquer outra área. Segundo Paulo Freire (1983), é uma etapa de suma importância para a formação profissional, pois através do mesmo pode-se refletir a respeito das concepções teóricas adquiridas ao longo do curso e utilizar as aprendizagens da sala de aula e o enfrentamento da realidade cotidiana no espaço educativo.

Deste modo, o olhar crítico que aprendemos nas disciplinas do curso de Pedagogia se depara com a realidade existente na sala de aula para o/a professor/a; é quando podemos ver que cada situação tem um contexto diferente, uma vez que estamos trabalhando com pessoas. Sendo assim, a teoria que se aplica para um determinado grupo, pode não se aplicar a outro. Isso nos permite saber que a nossa vida profissional como pedagogo/a é uma constante aprendizagem.

Em suma, as práticas de estágio foram de grande valia para mim, pois pude reavaliar cada ação, atividade e planejamento elaborado, verificar o que deu certo ou errado, aprender no dia-a-dia das ações que desenvolvi, aperfeiçoando-me como profissional de educação. Em outras palavras, através do estágio tive a oportunidade de aprender enquanto ensinava. Estou ciente de que se faz necessário aprender ainda mais, afinal as aprendizagens não são absolutas e aprender é um processo contínuo, no qual é preciso estar aberto ao novo e confrontar os conteúdos adquiridos com outros que vão surgindo ao longo da vida.

Referências

ARAÚJO, U. F. **Temas transversais e Estratégia de Projetos**. São Paulo: Moderna, 2003.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Editora Alternativa 2002.

CYSNEIROS, P. G. **Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora?** Informática Educativa Vol. 12, nº 1, 1999 (p. 11-24).

CUBAN, N. L. **Teachers and Machines: The Classroom use of Technology Since 1920**. New York: Teachers College Press, 1986.

Índices de Desenvolvimento da Educação Básica. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=180&Itemid=337> Acesso em 19 de Julho de 2012.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Paiprus, 1997.

MORAN, J. M. Os novos espaços de atuação do educador com as tecnologias. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, in ROMANOWSKI, Joana Paulin et al (Orgs). **Conhecimento local e conhecimento universal: Diversidade, mídias e tecnologias na educação**. Vol. 2, Curitiba: Champagnat, 2004 (p. 245-253).

Projeto UCA. Disponível em < <http://www.uca.gov.br/institucional/>> Acesso em 16 de Julho de 2012.

Projeto UCA - Alagoas. Disponível em <<http://uca-alagoas.blogspot.com.br/p/projeto-uca.html>> Acesso em 19 de Novembro de 2012.

VASCONCELLOS, C. **Avaliação: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar**. 17ªed., São Paulo: Libertad, 2005.

SANCHO, J. M.; HERNANDEZ, F. et al. (Org). **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Imagem 1 - Estudantes utilizando computadores do Projeto UCA Disponível em: <http://www.google.com.br/imgres?q=projeto+uca&start=114&num=10&hl=pt-BR&biw=1014&bih=390&tbn=isch&tbnid=_pbg2RoNi2eOJM:&imgrefurl=http://www.ondaverde.sp.gov.br/Noticia.aspx%3Fn%3D67&docid=Jv1oVho8porzHM&imgurl=http://www.ondaverde.sp.gov.br/images/noticias/Projeto%252520UCA-%252520Um%252520Computador%252520por%252520Aluno.jpg&w=510&h=364&ei=DqerUOKeFbKv0AGX84GAAQ&zooom=1&iact=hc&vpx=707&vpy=87&dur=426&hovh=190&hovw=266&tx=203&ty=128&sig=116372446289970582813&page=11&tbnh=136&tbnw=190&ndsp=12&ved=1t:429,r:21,s:100,i:67>

O USO DO LÚDICO APLICADO EM SALA DE AULA COMO INSTRUMENTO DE ALFABETIZAÇÃO PARA ALUNOS SURDOS²¹

Simone Maria dos Santos²²

Introdução

Este trabalho é o resultado de um projeto de ensino e pesquisa no qual a escolha do tema se deu a partir da observação feita em sala de aula, como professora atuante com crianças surdas. Percebi a necessidade e os anseios de incorporar atividades lúdicas no planejamento e execução das aulas. Com essas observações foi possível perceber a árdua missão do educador em alfabetizar crianças com esse tipo de deficiência, pois na maioria das vezes não dominam a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) muito menos a Língua Portuguesa.

Portanto o tema escolhido para o desenvolvimento do projeto foi o uso do lúdico aplicado em sala de aula como instrumento de alfabetização para alunos surdos, buscando na relevância da temática e em seu desenvolvimento, criar um espaço interativo e estimulante para que o aluno desenvolva conhecimentos significativos para sua aprendizagem.

Vygotsky (1996) em seus estudos sobre a apropriação da linguagem escrita, relaciona-a com o amadurecimento da representação simbólica. Segundo o autor “[...] para ler e escrever, as crianças não necessitam restringir-se a aspectos sensorial da fala e do significado das palavras, trabalhar com o símbolo que é fundamental” (VYGOTSKY, 1996).

O estágio teve início dia 14 de maio de 2012, com o término dia 25 do mesmo mês. A proposta foi aceita com muita satisfação pelos alunos, já que era algo que eles tinham necessidade, tendo em vista que eles já estudavam em escola regular em horário contrário e essa instituição

21 Artigo elaborado mediante experiência vivenciada no Programa Prodência / CAPES/UFS, em parceria com Escolas públicas do Estado de Sergipe, a partir da disciplina Estágio Supervisionado III.

22 Graduanda do 8º período em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Integrante do Núcleo de Pesquisa da Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência (NUPIEPED); Email: simone-1977@hotmail.com

diz oferecer apoio pedagógico. Mas na realidade não funciona como tal, pois a maioria das crianças vem de outros municípios em que suas salas regulares não constam intérpretes em LIBRAS e os professores não tem um preparo adequado para alfabetizar crianças com deficiência auditiva.

Na busca de obter neste projeto um bom resultado foram utilizados vários recursos, como jogos, laptop, alfabeto móvel, e outros que julguei necessário para o processo e interação do aprendizado. O presente relatório mostrará o desenvolvimento das atividades no decorrer do estágio e a relevância obtida neste trabalho. Esse projeto de ensino não estará apenas voltado para o ensino de português, mas também abrangerá outras áreas do conhecimento como: matemática, história, geografia, ciências.

A prática pedagógica em sala de aula

A atividade para a primeira aula foi a produção do alfabeto móvel. Para tal, utilizamos tampas de garrafas pet e colamos letras em LIBRAS e em português com a intencionalidade de que os alunos surdos através da ludicidade possam ser alfabetizados e haja a possibilidade de compreensão e identificação das letras. Segundo Piaget,

Os jogos e as atividades lúdicas tornam-se significativas à medida que a criança se desenvolve, com a livre manipulação de materiais variados, ela passa a reconstituir, reinventar as coisas, o que já exige uma adaptação mais completa. Essa adaptação só é possível, a partir do momento em que ela própria evolui internamente, transformando essas atividades lúdicas, que é o concreto da vida dela, em linguagem escrita que é o abstrato (PIAGET, 1973, p. 67).

Para a produção da atividade a turma foi dividida em duplas, separamos as letras e colamos nas tampas das garrafas pet. A princípio houve uma agitação, eles retiravam o material da mão do outro colega, empurravam uns aos outros e nem queriam repartir as tampas, mas logo em seguida a empolgação de produzir algo deu lugar ao trabalho coletivo e harmonioso.

Produção do alfabeto móvel.



Fonte: Arquivo pessoal.

Estávamos todos envolvidos na atividade, quando precisou ser interrompido as atividades para aula de LIBRAS com a instrutora surda, então houve a retirada desses alunos da sala de aula e a quebra da concentração. E prender a atenção dessas crianças dá muito trabalho. Ao retornarem para a sala e para a atividade estavam todos eufóricos, mas aos poucos foram se contendo e retomaram a interação grupal. Nessa primeira aula não tive grandes dificuldades porque a turma já estava habituada comigo e em minhas aulas sempre trazia algo novo. Um fato que posso considerar como desfavorável é quando as crianças são retiradas da aula para a realização de outras atividades propostas na estrutura curricular, pois há a quebra da concentração das mesmas. No mais, todas as crianças participaram da atividade e a todo o momento perguntaram se poderiam brincar, opinaram e ao término da aula pediram-me o trabalho para levar para casa.

No segundo dia da aula iniciamos com uma revisão das vogais e consoantes, fazendo uso dos alfabetos móveis feito por eles na aula anterior, revimos os alfabetos em LIBRAS e português. Realizaram leituras, fizeram a identificação das vogais e consoantes, elaboraram a escrita de palavras iniciadas por vogais. Substituí as tarefas em papel ofício por quadro branco na qual a iniciativa surgiu dos alunos. Sentados no chão em círculo formavam as palavras com o alfabeto móvel. Enquanto outro

coleguinha escrevia no quadro os demais faziam a combinação das letras para a formação da escrita. Não houve dificuldade nessa aula, já que até um aluno que não interagia com a turma e a todo o momento ficava com sua mochila nas costas, na intenção de ir embora se entrosou e participou da atividade. Constatei o quanto essa aula foi valiosa, e que o meu desempenho está dando resultados, porém não estou sendo só uma transmisora de conhecimentos, ou uma professora tarefaira, mas sim também receptora de conhecimentos múltiplos. A capacidade de aprendizagem dessa turma é fantástica, os alunos estão sendo agentes participativos e ativos, já que o professor está priorizando a autonomia deles.

Atividade utilizando o alfabeto móvel como instrumento de aprendizagem.

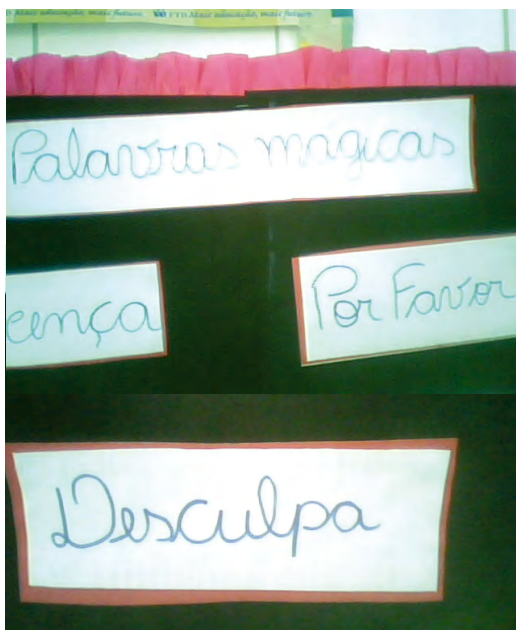


Fonte: Arquivo pessoal

No dia seguinte demos continuidade à atividade fazendo o uso da linguagem gestual através das palavras elaboradas por eles, escreveram palavras representativas para a turma com a intencionalidade de demonstrar que sabiam escrever sem o auxílio da professora, no quadro branco algumas palavras escritas por esses foram: amor, mãe, casa, uva, carro e entre outras que julgaram necessário copiar. Após copiarem na folha de papel ofício fizemos uma dinâmica no momento de formar essas palavras. Mas uma vez não foi possível aplicar a atividade planejada para o dia, pois não houve necessidade, já que a aprendizagem estava acontecendo de forma visível ao professor. A inicial rejeição por parte dos alunos à atividade foi logo substituída por prazer e satisfação na medida em que a proposta era recriada em sala de aula.

Hoje em sala de aula confeccionamos um cartaz: “Sou um bom aluno” utilizando as palavrinhas mágicas: por favor, com licença, obrigado (a), etc. Produzimos o cartaz com cartolina, papel camurça e crepom, utilizando como ferramenta principal o texto “Palavrinhas Mágicas”. No decorrer das atividades eram emitidas opiniões pessoais. Assim no quinto dia também fizemos outro mural com regras de boa convivência com figuras e gestos em LIBRAS. Utilizamos folha de isopor, colamos as figuras e seus respectivos sinais em LIBRAS, fizemos também uma tabela com o que devemos e não devemos fazer com os colegas. Ex: não pegar o material sem pedir emprestado. Aula bastante produtiva todos queriam colaborar e demonstrar suas habilidades.

Mural confeccionado pela turma em atividade de aula



Fonte: Arquivo pessoal

No sexto dia continuamos a prática do objetivo dos cartazes, sentados em uma roda no chão finalizamos a produção do cartaz e aplicamos a dinâmica sobre como é valioso respeitarmos o próximo. Na

hora da dinâmica eles ficaram muito agitados, pois quando alguém fazia o sinal que não era apropriado à brincadeira o outro questionava e chamava-o de “burro”. Agindo também de maneira incorreta as regras de boa convivência. Sendo assim tive que interferir algumas vezes, demonstrando-lhes que a partir de atitudes corretas podemos conviver bem com o próximo e que não devemos julgar o nosso colega por alguma atitude tomada precocemente.

A aula foi iniciada com a leitura do texto: Descobrir como vivem os animais e suas diferenças. Foi feita uma lista com nomes, figuras de animais, onde vivem e quais as diferenças existentes entre eles. Fizemos também uma roda de conversa sobre os animais com demonstrações em livros desde as suas origens. No entanto não foi possível finalizar a aula devido à aula de capoeira.

Sequência da aula anterior. Confeção do quadro com figuras e sinais em LIBRAS dos animais, diálogo sobre a troca de experiências vivenciadas em seu cotidiano com animais. A imaginação deles estava bem aguçada nesse dia, um dos alunos relatou uma estória de um cachorro que ele ainda terá. Mais uma aula prazerosa, todos participaram com satisfação e a cada figura analisada surgiam opiniões e questionamentos.

Mural de figuras de animais e sinais em LIBRAS



Fontes: Arquivo pessoal

O dia de hoje trabalhamos com jogos de dominó, laptop, dados e jogo da memória, fizemos contagens e utilizamos as quatro operações a partir das peças e características existentes nos jogos. Houve um pouco de agitação por parte dos alunos, que complicou um pouco no desenvolvimento da atividade, mas já era o esperado porque quando se relaciona brinquedos às atividades, certeza aglomeração na hora, solucionado os anseios das crianças e satisfação no final da atividade. Segundo os PCNs da Educação Infantil:

As brincadeiras de faz- de- conta, os jogos de construção e aqueles que possuem regras como jogos de sociedade (também chamados de jogos de tabuleiro), jogos tradicionais, didáticos, corporais, etc. propiciam a ampliação dos conhecimentos infantis por meio da atividade lúdica (BRASIL, 2007)

No décimo dia finalizando com uma revisão de todos os materiais que foram elaborados durante o estágio, uma grande roda de conversa foi feita proporcionando um debate onde as crianças levantaram os pontos que mais chamaram a atenção. Todos se expressaram de forma empolgante ao relatar tudo que havia aprendido durante o projeto.

O uso da metodologia dos jogos em sala de aula.



Fonte: Arquivo pessoal

Compreende-se assim, a necessidade do lúdico como forma de aprendizagem. Vygotsky (1984) afirma que a aprendizagem configura-se no desenvolvimento das funções superiores através da apropriação e internalização de signos e instrumentos em um contexto de interação.

Para Vygotsky a brincadeira:

cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-se a desejar, relacionando os seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel na brincadeira e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas na brincadeira, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade (VYGOTSKY, 1984, 114).

Conclusão

A intenção da realização desse projeto de estudo não foi o de simplesmente aplicá-lo e finalizá-lo sem que seus objetivos fossem alcançados. Busquei dar continuidade demonstrando como é fundamental o uso do lúdico como meio de alfabetização para as crianças surdas a partir de instrumentos confeccionados pelos próprios alunos e auxiliados por mim. É possível constatar que, a partir da utilização da ludicidade se faz a alfabetização de surdos, tanto em LIBRAS quanto nas outras áreas de conhecimentos: Português, matemática, história, geografia e ciências e outras áreas afins.

Acredito que avaliar é emitir um julgamento, examinar os resultados educacionais para saber se preenche um conjunto de objetivo educacional. A avaliação durante o projeto foi diagnóstica e de participação ativa nas atividades mediante as observações.

Posso afirmar que foi muito gratificante e que os objetivos e metas para realizações foram alcançadas, e que esse trabalho, contribuiu para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Diante dessa conclusão se faz necessário o esclarecimento de que é possível realizar a alfabetização de surdos, desde que o uso de métodos específicos para alcançar esse objetivo seja utilizado de forma correta.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Infantil. Brasília: Mec / SEF, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - Educação Especial

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: pessoas com surdez.** SEESP / SEED / MEC Brasília/DF – 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins fontes, 1996.



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CURRÍCULO VERSUS EVASÃO²³

Náilson Melo Silva²⁴

Refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos nos remete a transitar nos campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de excluídos do ambiente de ensino, a condição de membros de determinados grupos culturais e a condição de “não-crianças”. (OLIVEIRA, 1999). Assim como também pensarmos nas questões acerca das metodologias específicas que perpassam as práticas pedagógicas tradicionais e a perspectiva de mudanças, revelando o esforço individual pelos profissionais. Portanto, não pode ser uma educação que vise somente à capacitação do aluno ao mercado de trabalho, mas que capacite o educando a desenvolver suas habilidades em função de novos saberes, sejam produtores de conceitos e que obtenham uma formação indispensável para a cidadania.

As propostas curriculares oferecidas a Educação de Jovens e Adultos, em muitas situações, não permitem uma orientação de ensino que promova a integração dos sujeitos ao âmbito social e educacional, ignorando aspectos da diversidade cultural que compõe a EJA. Desta maneira, é possível afirmar que as metodologias pedagógicas destinadas a essa modalidade educativa não contemplam novas exigências de formação, já que no atual momento, nas discussões sobre currículo evidencia-se a tentativa de ultrapassar concepções de que os currículos escolares representam apenas uma seleção de conteúdos, disciplinas e conhecimentos.

Diante desse panorama, dois fatores existenciais no que diz respeito ao surgimento de uma problemática na educação de jovens e adultos, e que pode questionar a ação pedagógica e o currículo efetivado na modalidade de ensino estão tecidos nas seguintes indagações: Quais os motivos que levam jovens migrarem muito cedo para a EJA? E quais motivos que levam a ser assustador o número de evasão dos alunos na educação de jovens e adultos?

23 Artigo elaborado para o programa prodocência/CAPE/UFS, em parceria com a escola pública do estado de Sergipe, a partir da disciplina Estágio III.

24 *Graduando em pedagogia/UFS nalisonms@yahoo.com.br*

Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/5235738381003141>

O currículo não deve significar apenas a representação de uma estruturação de conteúdos e saberes, nem somente um processo resultante de lutas e relações de poder. Contudo, ele é também um instrumento determinante para a democratização do papel da educação; pois se torna um instrumento intencional, não inocente nem neutro, mas embasado por uma construção de identidades sociais e individuais.

Conforme Apple, o currículo:

é sempre parte de uma tradição seletiva, resultado da seleção de alguém, da visão de algum grupo acerca do que seja conhecimento legítimo. É produto das tensões, conflitos e concessões culturais, políticas e econômicas que organizam e desorganizam um povo (APPLE, 2005, p. 59).

No Brasil, alguns estudiosos têm se destacado ao discutir esse campo do saber e, dentre eles, Moreira e Silva os quais contribuem significativamente para compreendermos o desenvolvimento das teorias do currículo. O currículo, para Moreira e Silva:

[...] sempre foi alvo da atenção de todos os que buscavam entender e organizar o processo educativo escolar. No entanto, foi somente no final do século XIX e no início deste, nos Estados Unidos, que um significativo número de educadores começou a tratar mais sistematicamente de problemas e questões curriculares, dando início a uma série de estudos e iniciativas que, em curto espaço de tempo, configuraram o surgimento de um novo campo (MOREIRA; SILVA, 2005, p.07).

Como indicam os autores, as discussões relativas ao campo do currículo têm se desenvolvido significativamente nos últimos anos, ampliando o debate e problematizando concepções sobre o objeto de seus estudos, o currículo escolar. Para esses autores, o currículo é um “[...] artefato social e cultural”. Como tal, “[...] ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual” (MOREIRA; SILVA, 2005, p. 07).

Portanto, ao pensarmos o currículo escolar, não podemos prescindir de investigações que incidam sobre as políticas públicas de currículo,

bem como de pesquisas que abordem a implementação das propostas nas escolas, objetivando conhecer a prática curricular desenvolvida.

Nesse sentido, nossa pesquisa se propõe a identificar e analisar a organização curricular no ensino da Educação de Jovens e Adultos em uma escola pública, atentando para a efetivação desse currículo; assim como também, nos interessa compreender qual a relação existente no processo ensino/aprendizagem com as experiências de vida dos alunos. Considera-se nesse estudo que, em sua maioria, a efetivação do currículo prescrito à Educação de Jovens e Adultos se constitui em ações educativas fundamentadas em um modelo curricular não condizente com as necessidades dos jovens e adultos, sendo esse um dos principais fatores que provoca o desestímulo por parte dos sujeitos da EJA e, conseqüentemente, a evasão.

A partir das discussões com uma turma da Educação de Jovens e Adultos percebeu-se a necessidade de trabalhar os direitos humanos como alternativa para promover discussões relativas à cidadania desses educandos, que, historicamente, têm vivenciado situações de preconceitos e exclusão no ambiente escolar e não escolar. Sendo assim, o presente trabalho tem como enfoque, também, relatar as experiências pedagógicas realizadas com uma turma da Educação de Jovens e Adultos, numa dada escola municipal na cidade de Aracaju, no estado de Sergipe, localizada na zona norte, no bairro Dezoito do Forte.

A intervenção teve como objetivo, também, a importância para instrumentalizar o estudante de educação para que o mesmo se familiarize com a prática da sala de aula, conviva com seus professores e alunos, e habituem-se ao ambiente escolar, enfrentando os problemas, desafios, dificuldades, mas também possa partilhar de momentos alegres e descontraídos, e das realizações presentes no cotidiano escolar. Sendo assim, é possível compreendermos com maior proximidade quais fatores se materializam no processo de ensino e aprendizagem na EJA capaz de provocar um desestímulo nos alunos a ponto de se evadirem.

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamo-nos dos trabalhos de MOREIRA; SILVA (2005), DELEUZE (1995), GALLO (2003), GUATARI (1995) e OLIVEIRA (1999), bem como em outros autores que pesquisam a questão da organização e da prática pedagógica na Educação de Jovens e Adultos, que não discutam apenas como se dá o processo de es-

truturação do currículo, mas também que se volta para os resultados alcançados na efetivação do currículo proposto e contribuição de formação do educando. Além das leituras bibliográficas, nos utilizaremos do diário de campo, entrevistas e análise documental.

Como procedimento metodológico que norteará o processo de ensino e aprendizagem aplicada a EJA, prosseguirá inicialmente pela aplicação de um questionário com o objetivo de tentar conhecer e compreender melhor o nível de conhecimento em que os alunos possuem sobre a temática abordada, procedimento que será retomado ao término da intervenção; como também pelo diário de campo, exposição dialogada com o propósito de promover ao educando a capacidade de desenvolver e aprimorar suas argumentações, exposição de vídeos que abordem a discussão, especificamente noticiários investigativos, Seleção de textos para leitura; que abordem a questão norteadora, produção de texto e outros recursos que se apresentem como propulsores para a qualidade do processo pedagógico.

O processo de avaliação será realizado com base na análise e acompanhamento das atividades realizadas pelos educandos, a exemplo das atividades que exigem práticas de leitura e escrita, capacidade de argumentar a respeito do tema e contextualizar suas concepções com experiências a partir do convívio social; assim como também, a participação nas aulas interagindo com o conteúdo aplicado e com os demais colegas e a capacidade de relacionar saberes das diversas áreas do conhecimento com a temática elucidada.

O processo de aprendizagem destinado à turma da EJA compreenderá uma proposta que atenderá as diversas áreas do conhecimento, sendo que não configurará apenas como uma proposta interdisciplinar ou pluridisciplinar, mas se fundamentará, também, em um novo modelo de currículo e proposta pedagógica norteadora pelos conceitos de Rizomas e Transversalidade, implicando, segundo as concepções de Deleuze apud Gallo (2003 p.), uma nova atitude frente aos saberes, que precisa deixar de lado qualquer pretensão científica pedagógica e massificante; e que proponha uma educação aberta para a multiplicidade, com horizontes, mas sem fronteiras.

Em muitas situações, a homogeneização da organização curricular prescrita e as ações pedagógicas que se utilizam de um modelo fixo,

não privilegiam as características específicas dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Entendemos que é fundamental que os currículos escolares perpassem uma seleção de conteúdos e disciplinas e se fundamentem em concepções de um ensino transversal e o mais próximo possível das realidades vividas pelos alunos.

Neste texto apresentamos, inicialmente, aspectos históricos da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Na seqüência apresentamos uma reflexão sobre o currículo da EJA e as propostas curriculares para essa modalidade de ensino, bem como sobre, os possíveis fatores da evasão dos alunos na Educação de Jovens e Adultos, contemplando questões relativas à diversidade cultural. Logo em seguida, um breve relato sobre as experiências de intervenção pedagógicas na turma da EJAEF. Nas considerações finais, materializadas frente à defesa de uma Educação para Jovens e Adultos, explicitaremos concepções a respeito de uma organização curricular que contextualize propostas de ensino ligadas às necessidades dos educando da EJA.

Uma breve abordagem sobre os aspectos históricos da educação de jovens e adultos no brasil e o perfil dos alunos da EJA

No Brasil colônia a alfabetização dos adultos tem início como um processo de catequização dos indígenas, também com o objetivo instrumentalizar a população, ensinando a ler e a escrever. Essa concepção está referenciada na ideia de uma educação para a doutrinação religiosa, contribuindo para que os colonos pudessem ler o catecismo e cumprissem as ordens da corte; e mais tarde para que os trabalhadores cumprissem as tarefas exigidas pelo estado, como afirma Eugênio (2004).

Com a expulsão dos jesuítas no século XVIII, ocorre uma fragilização e uma desorganização do ensino até então estabelecido. No Brasil império novas iniciativas dirigidas à educação de adultos e reformas educacionais preconizam a necessidade do ensino noturno para adultos analfabetos. Conforme Porcaro (2010), em 1876, foi feito então, um relatório, pelo ministro José Bento da Cunha Figueiredo, apontando a existência de 200 mil alunos freqüentes às aulas noturnas.

Durante muito tempo, portanto, as escolas noturnas eram a única forma de educação de adultos praticada no país. Segundo Cunha

(1999) apud Porcaro (2010), com o desenvolvimento industrial, no início do século XX, inicia-se um processo lento, mas crescente, de valorização da educação de adultos. Porém, essa preocupação trazia pontos de vista diferentes em relação à educação de adultos, quais sejam: a valorização do domínio da língua falada e escrita, visando o domínio das técnicas de produção; a aquisição da leitura e da escrita como instrumento da ascensão social; a alfabetização de adultos vista como meio de progresso do país; a valorização da alfabetização de adultos para ampliação da base de votos.

A consolidação de um sistema público de educação elementar no país constitui-se em meados da década de 30, em que se estabeleceu a criação de um Plano Nacional de Educação, que indicava pela primeira vez a educação de adultos como dever do Estado, incluindo em suas normas a oferta do ensino primário integral, gratuito e de frequência obrigatória, extensiva para adultos. Segundo LOUREIRO (1996, p. 30) apud EUGÊNIO (2004, p. 29).

Conforme afirma LOPES; SOUSA (2009) a década de 40 é marcada por algumas iniciativas políticas e pedagógicas que ampliaram atenção à educação de jovens e adultos. Nesse sentido, algumas ações como a criação e a regulamentação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP); a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP); o surgimento das primeiras obras dedicadas ao ensino supletivo; o lançamento da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), e outros, foram desencadeadas. Este conjunto de iniciativas permitiu que a educação de adultos se firmasse como uma questão nacional.

Em 1945, com o final da ditadura de Vargas, os movimentos internacionais e organizações como a UNESCO, exerceram influência positiva, reconhecendo os trabalhos que vinham sendo realizados no Brasil e estimulando a criação de programas nacionais de educação de adultos analfabetos. O objetivo não era apenas alfabetizar, mas aprofundar o trabalho educativo. Nessa época, o analfabetismo era visto como causa (e não como efeito) do escasso desenvolvimento brasileiro. Além disso, o adulto analfabeto era identificado como elemento incapaz e marginal psicológica e socialmente, submetido à minoridade econômica, política e jurídica, não podendo, então, votar ou ser votado segundo Cunha (1999) apud Porcaro (2009).

Até os anos 80, a Educação de Jovens e Adultos era formada, em sua maioria, por pessoas adultas que nunca tinham frequentado escola. Depois desse período, esse perfil mudou, pois a EJA passou a ser constituída também de alunos mais jovens que não conseguiram concluir seus estudos na escola regular. Então passou a ter uma diversidade, uma pluralidade dentro de suas salas: pessoas com idades diferentes (jovens, adultos, idosos), cada qual com seus sonhos, ideais, expectativas, diferentes níveis de conhecimento e ritmo de aprendizagem.

Nesse panorama de consolidação do ensino para jovens e adultos, conseguimos reconhecer os avanços no sentido de melhorar as condições da educação de jovens e adultos no Brasil, que amparada por lei, tenta o reingresso do aluno ao sistema educacional; e essa implementação pode ser considerada um marco importante na história da EJA. Porém o sistema buscava por uma formação rápida, o que restringe o aluno a escolarização mínima, sem, contudo, possibilitar a transformação social da realidade vivida pelos jovens e adultos.

A EJA é uma modalidade de ensino, amparada por lei e voltada para pessoas que não tiveram acesso, ao ensino regular na idade apropriada. O ensino supletivo, implantado em 1971, foi um marco importante na história da educação de jovens e adultos do Brasil. Em todo o território brasileiro, foram criados os Centros de Estudos Supletivos, tendo como objetivo ser o modelo de educação no futuro, visando atender a necessidade de um processo de modernização. Suprindo a falta de mão-de-obra qualificada no mercado de trabalho, visando escolarizar o maior número de pessoas, mediante a um baixo custo operacional.

Os alunos da EJA retornam a escola trazendo muitos conhecimentos que podem não serem aqueles sistematizados pela escola, mas são saberes oriundos dos seus fazeres. O tema “educação de pessoas jovens e adultas” não nos remete apenas a uma questão de especificidade etária, mas, primordialmente, a uma questão de especificidade cultural. Isto é, apesar do corte por idade (jovens e adultos são, basicamente, “não crianças”), esse território da educação não diz respeito a reflexões e ações educativas dirigidas a qualquer jovem ou adulto, mas delimita um determinado grupo de pessoas relativamente homogêneo no interior da diversidade de grupos culturais da sociedade contemporânea.

Sendo assim, voltando a sala de aula, revelando uma auto-imagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente os novos desafios, conseguimos concluir que para eles a escola representa diferentes perspectivas, passando a ser um espaço de construção do conhecimento. Muitos são motivados em busca da satisfação pessoal, pela conquista do direito e pela sensação de capacidade.

Existe uma contradição nos métodos pedagógicos para prática do ensino de jovens e adultos. Muitas vezes não há muita diferença no tratamento aos jovens e adolescentes e eles são tratados como crianças no processo de alfabetização, presos a uma cadeira, reproduzindo o conhecimento transmitido, coisas que nem as crianças deveriam estar submetidas. Como afirmam Costa e Amaral (2005):

Este jovem, pertencente ao mundo do trabalho, ou do desemprego, como é mais comum, incorpora-se ao curso da EJA, objetivando, na maioria das vezes, concluir etapas de sua escolaridade para buscar melhores ofertas do mercado de trabalho por sua inserção no mundo letrado. Desta forma, assemelha-se ao adulto que sempre buscou este tipo de curso para sua formação, mas diferencia-se dele em suas condições biológicas e psicológicas, apontando para uma demanda diferente da do adulto no atendimento escolar. Situar este jovem num mundo cultural concreto, de uma determinada época da história, faz contraponto à visão de existência do adolescente universal, com características emocionais típicas de desenvolvimento (como as de naturalmente fazer oposição ao adulto, criar situações constrangedoras, ser rebelde, etc.), como se a idade biológica pudesse ser, por si só, o único determinante de um conjunto de comportamentos comuns e de uma visão de mundo característica (COSTA; AMARAL, 2005, p. 2).

Na visão de Haddad (1991, p.7) citado por Lopes e Souza (2010) “[...] Os Centros de Estudos Supletivos não atingiram seus objetivos verdadeiros, pois, não receberam o apoio político nem os recursos financeiros suficientes para sua plena realização. Além disso, seus objetivos estavam voltados para os interesses das empresas privadas de educação”. A Educação de Jovens e Adultos deve ser tratada juntamente com outras políticas públicas e não isoladamente, levando em consideração os pro-

gramas desenvolvidos por ONG's, como o Alfabetização Solidária, que atualmente é um programa de educação de crianças, jovens e adultos, que estreme relevância, sendo modelo em diversos países.

Alfabetização de Jovens e Adultos e formação de alfabetizadores são ações instituídas no programa "Brasil Alfabetizado". Para os idealizadores do Brasil Alfabetizado, para tornar o processo de alfabetização participativo e democrático, é fundamental que o alfabetizador, antes de iniciar as atividades de ensino, conheça o grupo com o qual irá trabalhar. Esse conhecimento prévio pode ser pelo cadastro dos alunos e pelo diagnóstico inicial que deve servir de base para o planejamento das atividades.

Nesse sentido, as políticas públicas precisam favorecer a organização de um currículo proposto que estabeleça uma relação com as experiências dos alunos; em um contexto nacional, local ou regional, com tanto que atenda os interesses da sociedade e/ou comunidade.

O currículo proposto e efetivado na EJA e sua relação com o problema da evasão

Observações preliminares realizadas na Educação de Jovens e Adultos revelam que existe uma distância significativa entre o currículo desenvolvido e as reais necessidades dos alunos. Descontextualizado (a), limitado (a), fragmentado (a) são palavras que refletem aspectos da organização curricular e das práticas educativas desenvolvidas na EJA. Essas observações iniciais nos permitem questionar se o paradigma dominante que pressupõe a linearidade dos saberes também é desenvolvido na EJA.

Esta organização, freqüentemente desvaloriza as singularidades dos alunos e a multiplicidade de conexões possíveis; como também se caracteriza por um processo de aprendizagem que não aceita ou não abre portas para as experiências e informações não formais ou do cotidiano trazidas pelos educandos. Em suma, se faz presente uma situação delicada enfrentada pelos professores, gerada entre o currículo prescrito e o currículo em ação. Muitos professores que atuam na Educação de Jovens e Adultos tentam não excluir as necessidades dos alunos e suas diferenças sócio-culturais promovendo a relação de um trabalho pedagógico coerente com a multiplicidade e os interesses dos alunos, mas essa situação nem sempre é possibilitada pelo que define o currículo prescrito.

Em muitas situações, a homogeneização da organização curricular prescrita e as ações pedagógicas que se utilizam de um modelo fixo, não privilegiam as características específicas dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Entendemos que é fundamental que os currículos escolares contemplem uma seleção de conteúdos e disciplinas e que se fundamentem em concepções de um ensino transversal e o mais próximo possível das realidades vividas pelos alunos.

Segundo Oliveira (1999) a estrutura organizacional do currículo pode gerar um problema que separa a pessoa que vive e aprende no mundo daquela que deve aprender e apreender os conteúdos escolares. Ignora-se também a idade e as vivências sociais e culturais dos educandos, mantendo-se nestas propostas a lógica infantil dos currículos destinados às crianças que freqüentam a escola regular. Podemos identificar também um maior aligeiramento dos estudos sob a alegação de que os alunos da EJA não podem mais “perder” tempo por estarem em defasagem escolar.

Nesse sentido, segundo as concepções de Eugênio (2004), estudar e compreender um campo tão complexo como o da organização curricular requer que se investiguemos momentos históricos, socialmente datados e localizados onde as questões macro e também micro são postas pelos aspectos sociais. Entender o reflexo dessas questões, no que concerne as demandas sociais, no espaço escolar exige o entendimento de que atividades curriculares, tanto teóricas quanto práticas, não são isoláveis das lutas econômicas, políticas e ideológicas da sociedade como um todo.

Young (2000) apresenta duas concepções de currículo, nomeando-as “currículo como fato” e “currículo como prática”. Ao referir-se à concepção de currículo como fato, indica que o excesso de crítica ao currículo como elemento desumanizador e mistificador levou à compreensão de currículo somente como algo imposto à prática dos professores e alunos em sala de aula. O risco que corremos é o de negarmos a ação dos sujeitos na implementação do currículo supostamente imposto. Há que se considerar que professores e alunos vivenciam uma realidade social e cultural historicamente situada, com a qual interagem entre si e com outros artefatos culturais escolares e não escolares.

A concepção de currículo como prática é entendida por Young como a investigação de práticas curriculares a partir apenas da sala de

aula, o que também encobriria a necessária investigação das relações entre os elementos externos determinantes do currículo e da ação dos sujeitos no âmbito de suas intervenções e ações.

A concepção do “currículo como fato” é enganadora de inúmeras maneiras. Apresenta o currículo como algo que tem vida própria e obscurece os contextos sociais em que se insere; ao mesmo tempo, apresenta o currículo como um dado – nem inteligível nem modificável. A concepção alternativa do “currículo como prática” pode ser igualmente enganadora. Em sua tentativa de trazer de volta os professores e os alunos ao currículo, nega sua realidade externa e dá ênfase excessiva a intenções e ações subjetivas de professores e alunos, como se eles não estivessem sempre agindo sobre um currículo que é em parte externo a eles e procedente deles (YOUNG, 2000, p. 43).

Na perspectiva de que o currículo não é uma “coisa”, definido e imutável, bem como não é algo isento do contexto, de tal maneira que possa ser construído unicamente por professor e alunos, Young (2000) nos incita a avançarmos nas discussões e pensarmos que há elementos no mundo não escolar que os jovens experimentam e que em nada se relacionam com o que lhes oferece o currículo. Caberia aos curricularistas, professores, alunos, administradores, pais etc. estreitar o vínculo entre o experimentado por esses jovens no mundo não escolar e o desenvolvido como currículo na escola.

Young (2000), a partir de Bernstein (1973), aponta para “[...] o currículo como saber socialmente organizado”, na relação com três âmbitos significativos que considera como questões inter-relacionadas, “a estratificação do saber, a amplitude do âmbito de saber e as relações entre as áreas de saber” (YOUNG, 2000, p. 30).

A primeira questão refere-se ao poder que alguns têm em definir o que é legítimo para ser ensinado, denotando o que Bernstein (1973) denominou como a estratificação do saber, ou seja, refere-se a uma questão de prestígio e também de propriedade. Assim, ao definir-se o tipo de saber que deve ser ensinado, seja ele acadêmico ou profissionalizante, atribui-se um determinado valor à opção que se faz na seleção dos saberes a serem ensinados pela escola. Já a propriedade pode ser

compreendida a partir do controle do acesso ao saber. Controle exercido pelas especializações profissionais e na desigual distribuição do saber a ser acessado ao se atribuírem valores diferenciados aos saberes ensinados em diferentes formações oferecidas.

Uma segunda questão refere-se à restrição do acesso a algumas áreas do saber para alguns grupos sociais, por meio dos diferentes currículos oferecidos aos diferentes grupos sociais, impedindo que algumas camadas sociais estejam em condições de igualdade no acesso ao saber considerado “nobre”, dentro da estratificação dos saberes em curso na sociedade moderna.

As relações entre as áreas do saber e aqueles que têm acesso a elas, conforme Young (2000), a partir de Bernstein (1973), também é uma expressão de poder. Observe-se o tempo e espaço de algumas áreas do saber nos currículos escolares em relação a outras, e veremos a dessimetria, as conectividades e os isolamentos.

A reflexão sobre o caráter de estratificação do saber ensinado, portanto, nos incita a pensar o currículo na Educação de Jovens e Adultos numa relação mais complexa. Há que considerar-se que na EJA, uma desigual distribuição do saber acontece, pois os sujeitos que em situação de fragilidade social não acessaram a escola regular, ao retornarem à escola encontram uma proposta curricular que, possivelmente, apresenta um fragmento de saber aos educandos, sob o pretexto da redução temporal da escolarização. Assim, aliada às dificuldades do mundo do trabalho, a proposição de uma formação não condizente com suas necessidades e expectativas, contribui para a ocorrência da evasão escolar, reafirmando processos de exclusão vivenciados em outro momento de suas vidas.

Este trabalho foi desenvolvido com base nas incursões investigativas de campo e fontes que tratam sobre a temática “evasão” escolar, especificamente na Educação de Jovens e Adultos. Nos sentimos desafiados a pensar e escrever sobre a temática diante dos elevados índices de evasão na EJA, com especial interesse ao currículo efetivado e as práticas pedagógicas que não contribuem muito para a permanência desses sujeitos, e tão pouco para a formação.

Preocupações a problemática permeiam as discussões sobre a EJA, às quais nos somamos, questionando o aluno da Educação de Jovens e Adultos evade ou é “expulso” do ambiente escolar? Uma proposta

curricular globalizada e transversal pode impedir ou amenizar as dificuldades enfrentadas pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos? A organização curricular da educação para esses educando segue um modelo arbóreo ou radicular de capilarização do conhecimento científico, e que deixa de dizer respeito à vida humana, passando a agir como um organismo autônomo e que possibilita o processo pedagógico passar pelo crivo de um rígido controle? Quais as ações que professores e educandos desenvolvem como forma de reafirmar ou resistir à proposta curricular que os orienta?

Comprendemos com Gallo (2009), que o processo de formação do aluno deve estar materializado na instrumentalização de um currículo que forme um sujeito que participa ativamente da produção de pensamento da realidade, que consiga estabelecer formas de organização social por estar inserido em uma sociedade que é determinada por relações de classes.

O pensamento de Deleuze, trazidos por Gallo, é de que estamos passando por um período de transição da *sociedade disciplinar* para a *sociedade de controle*. “As instituições disciplinares fechadas, como a Família, a Escola e a Igreja dão lugar a sistemas abertos e mais sutis de controle social” (2009, p.7). Desse modo, sem o aparato institucional, o controle é feito de forma mais corriqueira, entrando mais na vida das pessoas, e de modo mais global e envolvente. No entanto, ele se torna mais invisível, menos perceptível e, portanto, na visão do autor, mais perigoso.

As indagações sobre o currículo da EJA não se findam nos elementos que definem o que é posto e proposto no projeto pedagógico, no que se refere à seleção de conteúdos e disciplinas, mas também são questionáveis as intervenções didáticas e pedagógicas realizadas pelos “educadores”, já que é possível assumirem uma autonomia frente às propostas curriculares.

Como afirmam Civiatta e Rummert

O currículo constitui uma elaboração complexa que incorpora as mais diversas dimensões das relações sociais subjacentes aos processos produtivos, à cultura, ao conhecimento e à organização do espaço-tempo da escola. Estas, por sua vez, expressam e incorporam valores e comportamentos cultivados e destinados politicamente aos

sujeitos da educação. Assim sendo, sua compreensão só se efetiva na práxis, que não se coaduna com o trabalho prescrito (CIVIATTA; RUMMERT, 2010, p. 16).

Ao analisarmos o cotidiano da escola, na Educação de Jovens e Adultos, foi possível perceber que o sistema escolar não é pensado em uma lógica de pluralidade de indicadores dos próprios sujeitos da EJA. Dessa forma, dificulta a compreensão da sua estrutura interna para lidar com as condições históricas, social e cultural desses alunos.

As experiências de intervenção realizadas na turma de EJAEF e as reflexões a respeito da relação entre o currículo efetivado com o problema da evasão

A partir de uma fundamentação teórica e da análise de trabalhos realizado com turmas do ensino fundamental, especificamente com grupos da Educação de Jovens e Adultos, foi possível sistematizar e aplicar os conhecimentos de forma significativa, já que entendemos que os procedimentos metodológicos constituem um instrumento, uma ferramenta norteadora indispensável no processo de ensino e aprendizagem. Contudo, a prática didático-pedagógico pode sofrer adaptações com o decorrer das execuções, pois as necessidades vão surgindo com prosseguimento das atividades. Para Gadotti,

A educação de jovens e adultos deve ser sempre uma educação multicultural, desenvolvendo conhecimentos prévios e fazendo sempre a integração na diversidade cultural, a qual leva o educador a conhecer bem o seu campo de trabalho, pois assim terá o conhecimento necessário para desenvolver projetos relacionados à educação com qualidade (GADOTTI, 1979, p. 3).

Neste sentido, o professor/pesquisador vivencia em suas etapas de formação, sobretudo, em proximidade com uma grade curricular organizada por saberes político-pedagógicos, um conhecimento teórico sistematizado aos aspectos sociais, morais, ideológicas, entre outros de produção da existência humana. Sendo assim, é reconhecida a importância do embasamento teórico para capacitar o educador e enfrentar

os desafios colocados à educação nesse momento de modernidade e globalização possibilitando aos professores, também, funções de mudanças no seu papel de docência.

Para que a EJA elabore seus processos pedagógicos levando em consideração esses sujeitos, como trabalhar com eles, que metodologia deve ser usada para atender suas necessidades, é preciso que a escola se transforme em uma escola aberta, flexível, que valorize os conhecimentos, a experiência de cada um, que estimule a participação e os veja realmente como cidadãos e que acredite no potencial de cada um.

Portanto, com essa intenção de um aprofundamento das bases teóricas na formação do professor, é possível afirmar que a reflexão e a reelaboração do papel docente contribui na realização de uma profissionalidade mais significativa, ou seja, tornar o educador mais capacitado em melhor contextualizar os conhecimentos oferecidos e sua prática em sala de aula com as reais necessidades dos alunos, esses que cada vez mais necessitam de uma metodologia de ensino que se torne aplicável nos diversos âmbitos de sua vida. Com base nesta teoria, temos buscado inserir em nosso cotidiano de sala de aula, as idéias subjacentes à mesma com a intenção de esboçar uma estrutura de trabalho mais adequada a um grupo de adultos em situação de alfabetização.

As atividades realizadas em sala e os conteúdos apresentados foram sistematizados e fundamentados a partir dos referenciais encontrados nos ambientes virtuais, com base nos artigos científicos disponibilizados na rede, como também na análise de livros didáticos destinados ao ensino fundamental nas séries iniciais e a partir de outros diversos trabalhos virtuais ou não que fossem caracterizados como recursos promissores para o processo de ensino e aprendizagem na educação de jovens e adultos.

A exemplo desses referenciais e recursos didáticos foi trabalhado alguns vídeos de caráter investigativos, produzidos pelo programa de televisão “Conexão Repórter”, sob apresentação do repórter Roberto Cabrini a exemplo do vídeo “Por um prato de comida²⁵” que trata da realidade de vida das pessoas que não tem um prato de comida e sobrevivem do lixo, o que revela a violação dos Direitos Humanos,

25 Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=SGNZMTntna8>. Acessado em 25/ 04/2012

quando conhecemos a dignidade a boas condições de saúde, moradia, alimentação, entre outros, e o vídeo “No rastro do preconceito²⁶” que aborda situações de preconceito no cotidiano da vida do brasileiro, e não só, mas também da propagação pelo mundo, como influências dos seguidores do neonazismo.

Os conteúdos utilizados para elaboração das aulas e das próprias atividades executadas em sala de aula foram retirados dos livros que abordam uma discussão a respeito da temática, como também, de trabalhos disponibilizados pelas fontes virtuais (internet) que elucidam um conhecimento próximo ou relacionado ao que estava sendo proposto. Os vídeos citados acima também serviram como elemento integrador para desenvolvimento das atividades e dos debates realizados com os alunos, já que estão voltados de forma intrínseca ao que foi discutido, que é são as formas de preconceitos e violação dos direitos humanos.

Dessa mesma forma, as fontes bibliográficas e as reportagens de investigação, como estão configurados os vídeos, contribuem para uma posição positiva e que torna o processo pedagógico mais significativo; podendo compor um clima diferencial que perpassa a rotina do ambiente escolar, que atinge uma maior valorização do processo de aprendizagem na construção de conceitos por parte dos alunos e nas próprias relações interpessoais.

No entanto, é fundamental que tenhamos um olhar mais cuidadoso para a utilização desses referenciais e para suas categorias estabelecidas, ou seja, como o professor fará sua conexão com os vídeos e/ou conteúdos, e como essa conexão atingirá os alunos. Os vídeos devem ser utilizados quando percebida sua significação para o desenvolvimento do trabalho, pois eles têm a capacidade de não necessitarem do professor para dinamizar a leitura do que se está vendo e possuem a capacidade de revelar fatos que falam por si mesmos, transmitindo valores. Segundo Santos e Kloss

Hoje, a televisão e o vídeo, são tecnologias existentes em quase todos os lares, e as crianças desde muito cedo utilizam destes métodos para diversão, informações, estudo e

26 Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Sjj0nW-r0ng>. Acessado em: 25/04/2012

sanar muitas curiosidades e a escola, busca cada vez mais interagir com este método no ensino-aprendizagem, onde disponibiliza de ajuda e auxílio aos professores, para melhor educar e ensinar seus alunos (SANTOS; KLOSS, 2010, p. 1).

Foi utilizado também a construção de um mural para registro de imagens adquiridas pelos alunos no cotidiano, imagens essas que revelassem alguma cena de violação de algum artigo contido na Declaração Universal Dos Direitos Humanos ou que configurasse alguma atitude de discriminação e agressão ao ser humano. O objetivo desse trabalho final foi tentar instigar o aluno a confrontar ou relacionar o seus conceitos construídos com o que foi exposto nas aulas e, assim conseqüentemente, desenvolver numa apresentação oral em público práticas e técnicas de argumentação e proporcionar um debate entre eles.

Com isso, os alunos podem registrar suas impressões e concepções internalizadas a partir de boa parte do que foi abordado em sala de aula, como também, podem continuar juntamente com a professora titular, o desenvolvimento de um outro trabalho que discuta a mesma temática dos preconceitos, já que o tempo muito limitado pode ter deixado brechas para a presença de dúvidas ou inquietudes sobre algum ponto pelos alunos; ou de outra dimensão dos aspectos sociais, que possam serem próximos a realidade dos alunos e que despertem a curiosidade e o estímulo em estar conhecendo a respeito, dentro de uma visão crítica e reflexiva desses problemas encontrados no convívio social e que interferem profundamente na vida dos sujeitos.

O trabalho do mural contribui também para estabelecer um contato entre os alunos com as múltiplas visões individuais e coletivas que eles conseguem intermediar. Com isso, eles imaginam e constroem um pensamento crítico e reflexivo por meio das imagens e dos argumentos apresentados mais significativo sobre o assunto abordado, já que as imagens expressam os sentimentos trazidos por eles próprios.

Durante o momento da conversa com os alunos e a professora ficou evidente que os alunos tinham um interesse maior em discutir sobre os preconceitos, já que muitos vivem situações de desrespeito e agressões, sejam elas verbais ou físicas, dentro e/ou fora da sala de aula. Afinal, por pertencerem a uma modalidade de ensino que constitui uma história de lutas e conquistas ainda um pouco recente em comparação

aos demais níveis de ensino, e conseqüentemente, sofrem resistência quanto às visões da sociedade e quanto ao mercado de trabalho, já que muitos retornam a escola em busca de um reconhecimento social ou boas condições de emprego.

Diante disso, foi percebido também que uma sensação de desconforto caracterizada na maioria das vezes por comportamentos de preconceitos dentro da própria sala de aula e que pode influenciar no processo de ensino e aprendizagem dos próprios alunos, por alguns estarem em idades avançadas ou por serem de etnias e/ou grupos sociais menos favorecidos e que ainda sofrem as conseqüências do preconceito, a exemplo dos negros, pobre, idosos, usuários de drogas, entre outros, que são vistos pela sociedade como não só preocupantes para o desenvolvimento da nação ou do próprio trabalho a ser desenvolvido pela instituição, mas como obstáculos a serem superados.

No entanto, Diante da concepção de que os conteúdos são trabalhados a partir de uma abordagem que utiliza explicações, reflexão, análises, situações do cotidiano dos alunos, estabelecendo o diálogo permanente entre as diferentes áreas do saber, busquei integrar os conhecimentos a respeito da ética e moral, com o objetivo de proporcionar relações disciplinares e interação entre as disciplinas curriculares, relacionando a teoria com aplicações práticas, o que contribui para o processo de aprendizagem de forma significativa.

Considerações finais

A partir desse estudo sobre a organização curricular no ensino da Educação de Jovens e Adultos e diante do que foi exposto, foi possível refletir sobre alguns aspectos históricos da EJA no Brasil e o seu desenvolvimento, além de rever e refletir sobre a proposta curricular efetivada na modalidade de ensino e sua aproximação com as experiências de vida dos alunos; perpassando pela complexidade da evasão escolar, sendo esse um dos maiores problemas existente na EJA, já que podemos relacionar o mesmo a fatores preponderantes que são os sócio-econômicos, culturais, políticos e históricos, e que pode ser reconhecido, também, como resultado das propostas curriculares que desfavorecem e desestimulam os educandos da EJA.

Considera-se nessa perspectiva que o problema da evasão escolar compromete e inviabiliza o pleno desenvolvimento do papel pedagógico da escola, e com isso o domínio da leitura, da escrita e das capacidades cognitivas dos alunos para enfrentarem os problemas existentes na sociedade.

Desta forma evidenciamos que o relacionamento professor/aluno envolve interesses e intenções, o que deve ser quebrado. É necessário que se introduza processos construtivos como mediadores para superar as limitações desse paradigma e perpassa o contato de interesses, e consiga ser uma interação de valores humanos; como um processo pedagógico de aproximação entre professor/metodologias/aluno, ou seja, que situe ou adapte seus métodos a realidade da turma, e se possível faça um diagnóstico superficial das vivências de cada aluno para melhor adequar e contextualizar seus ensinamentos com as experiências de vida.

Sendo assim, é primordial que o sistema público de ensino ofereça uma educação de qualidade e formação específica aos professores dessa modalidade educativa, e que esses estejam capacitados para garantir de forma positiva e significativa o ensino, dando aos estudantes da EJA a oportunidade de se constituírem como cidadãos autônomos, críticos e conscientes, pois é possível materializar esses fatores a partir da elaboração e realização de uma proposta curricular contextualizada com as reais necessidades dos alunos.

Referências bibliográficas

APPLE, M. A política do conhecimento oficial: faz sentido a idéia de um currículo nacional? In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. Tradução de Maria Aparecida Baptista. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CIVIATTA, Maria e RUMMERT, Sonia Maria. **As implicações políticas e pedagógicas do currículo na educação de jovens e adultos integrada à formação profissional**. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 111, p. 461-480, abr.-jun. 2010.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a09.pdf>. Acesso em 12/03/2012.

COSTA, Shirley Ferreira e AMARAL, Suely. **O aluno de EJA: Jovem ou Adolescente?** Revista Alfabetização Solidária, Unimarco. São Paulo. V. 5, n. 5, 2005.

Anual. Disponível em http://www.cereja.org.br/site/_shared%5CFiles%5C_cer_old%5Canx%5Crev_alfasol_5.pdf. Acessado em: 01/06/2012.

EUGÊNIO, Gonçalves Benedito. **O currículo na educação de jovens e adultos: entre o formal e o cotidiano numa escola municipal em belo horizonte**. 2004. 180f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais, Belo Horizonte – MG

GADOTTI, Moacir. **Educação de Adultos**. Teoria, prática e proposta, São Paulo: Cortez, 1999.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Disciplinaridade e Transversalidade. In: ENDIPE. **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e no aprender**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOPES, Selva Paraguassu e SOUSA, Luzia Silva. **Eja: Uma Educação Possível ou Mera Utopia?** São Paulo, 2010.

Disponível em: http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf, acessado em 15/08/2011.

MOREIRA, A. F. B. e SILVA, T. T. da. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa e SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. Tradução de Maria Aparecida Baptista. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Trabalho Apresentado na XXII- ANPEd, Caxambu, 1999.

PORCARO, Rosa Cristina. A formação do educador de jovens e adultos no Brasil e os desafios da construção de sua identidade docente. In: III Seminário Nacional de Formação de Educadores de Jovens e Adultos, 2011, Porto Alegre. **Formação de Educadores de Educação de Jovens e Adultos** - Anais do 3o Seminário Nacional. Porto Alegre: Deriva, 2010.

_____. **A formação do Educador de Jovens e Adultos no Brasil: Trajetórias, Lacunas E Desafios Na Construção Da Identidade Docente**. 2009. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

SANTOS, Paulo Ricardo dos e KLOSS, Sheila. **A criança e a mídia: a importância do uso do vídeo em escolas de Joaçaba – SC**. XI Congresso de Ciências e da Comunicação na Região Sul. DT 2 – publicidade e propaganda. Rio Grande do Sul - Novo Hamburgo, 2010.

YOUNG, M. F. D. **O currículo do futuro**: da nova sociologia da educação a uma teoria crítica do aprendizado. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 2000.

DESPERTAR PARA LEITURA

Fernanda Santos Ribeiro²⁷

Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar experiências vivenciadas no estágio em uma escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada em Aracaju/SE, em uma turma do 2º Ano do Ensino Fundamental, composta por 30 alunos, em um período de 10 dias. O estágio constitui um importante instrumento para nós futuros professores, pois é por meio desta experiência que podemos colocar em prática o conhecimento que adquirimos na universidade.

O projeto aplicado no estágio tem como tema “Despertar para leitura”. Esse tema foi escolhido a partir da necessidade da turma, onde as crianças tinham pouco hábito de ler. A escola deve ser um lugar onde deve ser estimulado no aluno o gosto e interesse pela leitura. Deste modo, o projeto foi de grande relevância, pois teve o intuito de despertar nos alunos o prazer pela leitura. Segundo Cagliari, “a atividade fundamental desenvolvida pela escola para formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado à leitura” (2005, p. 148).

O referido autor ainda mostra que uma grande parte dos problemas que os alunos enfrentam ao longo da vida escolar e até mesmo na graduação são problemas ligados a leitura, já que muitas vezes o aluno não consegue resolver um problema, pelo simples fato de não compreender o enunciado.

O gosto pela leitura é algo que deve ser incentivado desde as séries iniciais. A prática da leitura foi trabalhada de forma interdisciplinar possibilitando desta maneira uma aprendizagem mais prazerosa para os alunos. Para isso foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: leitura de livros infantis, exibição de vídeos sobre higiene e a Dengue, atividades em folha e/ou no caderno. Usei os seguintes recursos materiais como quadra branco/negro, piloto/giz, folha A4, notebook, aparelho de som, livro didático e livros infantis.

27 Graduanda de Pedagogia, 9º período e participante do projeto PRODOCÊNCIA.

A avaliação escolar é um elemento do processo de ensino e não se resume a realização de provas e atribuição de notas. Devem ser tomados certos cuidados na hora de avaliar o aluno, utilizando-se de instrumentos e procedimentos de verificação do rendimento escolar (LIBÂNEO, 1994).

A partir disso, a avaliação ocorreu de forma processual e contínua observando os registros realizados durante o decorrer de todas as atividades e desenvolvimento do projeto de ensino. Foram levados em consideração aspectos como o envolvimento de cada um nas atividades, interação, domínio dos conhecimentos adquiridos e as atividades realizadas pelas crianças.

O projeto “Despertar para Leitura”, foi pensado para que as crianças adquiram o hábito da leitura, mas isso não é uma tarefa tão fácil como se imaginava; primeiro por que os alunos só tinham contatos com livros de histórias infantis em momentos vagos (quando não se tinha o que fazer) e muitas delas só folheavam pelo fato de não ter habilidades na leitura. E a outro ponto é falta de um momento em sala de aula onde a professora estimule e converse com eles explicando o quanto pode ser legal “voar” no mundo da imaginação.

Os professores devem tomar certo cuidado quando o assunto é leitura, pois esta é primordial para a formação do cidadão. De acordo com Cagliari, “a grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, chegando até mesmo a pós-graduação, é decorrente de problemas de leitura” (2005, p. 148). O professor deve trabalhar a questão da leitura de forma lúdica e contagiante de maneira que atraia os alunos de maneira que eles queiram ler por prazer e não por uma obrigação.

Vivências da prática docente

O estágio de Licenciatura é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96), mas a sua prática vai muito além dessa exigência. É um momento onde podemos colocar em prática tudo que vimos na teoria e também um momento de decisão na vida profissional, pois é na prática que podemos constatar se é realmente a carreira docente que iremos seguir.

O período de regência do Estágio Supervisionado na E.M.E.F.J.O.D. foram somente 10 dias, onde público alvo da escola é de crianças provenientes de classe economicamente desfavorecida. Apesar do pouco tempo pude perceber e entender a rotina diária de um professor e os limites e possibilidades que o cercam.

Irei apresentar agora o decorrer desses 10 dias (22/05 a 04/06 de 2012), claro que , mas irei ressaltar dia após dia pontos que se destacaram, não posso dizer que vou falar do mais importantes por todos os momentos vivido no estágio foram importante.

Na primeira semana de estágio, foram planejadas varias atividades, inicialmente foram feitas as devidas apresentações e apresentação do projeto a professora e falei um pouco para os alunos o que eu iria fazer no decorrer daqueles 10 dias. Posteriormente os alunos cantaram a música “Telefone para Deus”. Pois, todos os dias no inicio ou final da aula é chamado dois ou três alunos para cantarem na frente da turma, o intuito da professora é que os alunos perciam o medo de falar em público e com a música ficou mais fácil de fazer isso, já que quando era para fazer alguma apresentação eles não queria.

No decorrer da primeira semana de aula estavam no planejamento varias atividades, mas destaco as seguintes: jogo matemático (Dominó da soma), historia da escola, órgãos do sentido, higiene bucal, exibição de vídeo sobre higiene pessoal, produção de bilhete.

Minha primeira frustração veio com a aplicação do jogo matemático, levei o jogo no intuito de promover um campeonato entre eles, pois “o jogo durante a intervenção pedagógica constituem-se em um verdadeiro espaço para a criança pensar, pois o seu pensamento é desafiado e sua atividade espontânea, responsável pelo desenvolvimento da inteligência, cria novas maneiras e possibilidades de aprendizagem.” (BERGER, 2010). Mas não pude concluir minha atividade devida que os participantes ainda não têm habilidades em somar apesar de o jogo ser indicado para crianças de sete anos. Devido a isso tivemos que interromper a atividade, pois isso levaria muito tempo, como queríamos teria que envolver a turma a toda a professora achou melhor ficar para outra oportunidade, quando tivesse mais tempo.

Dando continuidade em outra aula fiz a proposta à Prof.^a Rute de trabalhar a “História da escola”, mas não pude dar continuidade, pois a

professora precisou se ausentar fazendo com que eu substituísse a atividade, já que era ela que tinha todas as informações da escola. Nesse dia tive que assumir a turma sozinha. Quanto à atividade não, pois tinha na pasta uma atividade sobre órgãos do sentido e higiene bucal.

Lembrando que em todos os dias fazíamos o Momento da Leitura, mas antes expliquei para crianças o quanto era bom e importante eles gostarem de ler. Eu levava vários livros infantis e distribuía para as crianças, cada um pegava o que mais lhe agradava, e pedia a eles quando terminasse de ler trocasse com o colega ao lado. Eis nesse momento uma dificuldade, pois nem todos sabiam ler, a professora já tinha me alertado para essa questão, o nível deles era muito fraco devido a uma deficiência em relação a professora do ano anterior que era muito faltosa o que acabou prejudicando os alunos. A professora atual tenta do jeito que pode supri essa deficiência.

O problema é que nem todos sabiam ler só, então cada dia eu ia fazendo esse momento de diversas maneiras, no primeiro dia foi de carteira em carteira para observar em qual nível cada um se encontrava. Depois disso, no desenvolver das aulas, em um momento formava-se duplas (colocando sempre um mais desenvolvido na leitura com um menos), em outro momento pedi para que as crianças escolhessem um livro para que eu pudesse ler para eles. “A leitura oral é feita somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, também ‘lêem’ o texto ouvindo-o.” (Cagliari, 2005 , p.155). Em outro, depois que todos liam escolhia uma aluno para falar para turma sobre a historia escolhida e também pedia para que eles fizessem desenhos relacionados com a história lida. A maior dificuldade desses momentos foi no inicio manter a crianças concentradas em suas leituras.

Exibi para turma, na aula seguinte, um vídeo sobre Higiene Pessoal bem animado e ilustrado, as crianças adoraram e até pediram para assistirem novamente. Depois conversamos sobre o vídeo e sempre perguntando o que foi que eles entenderam ou se tinham alguma dúvida. No dia seguinte a atividade foi sobre os órgãos do sentido e produção de um bilhete, Primeiro momento da aula foi os órgãos do sentido. Antes de passar a atividade expliquei todo o assunto. E aproveitei também para explicar a eles sobre duas deficiências ligadas aos órgãos do sentido, que foram audição e visão e perguntei a eles como é que uma pessoa que não enxerga faz para ler? E uma pessoa que não

escuta faz para se conversar? Uma parte da turma já sabia por que a professora explicou a eles que ela teve que faltar a aula para fazer um curso de Libras, mas o Braille ele não tinham ouvido falar. Pude então esclarecer algumas dúvidas deles.

No segundo momento da aula, foi produção do bilhete, expliquei o que era e qual era sua função. Entrei a cada um deles a folha da atividade, o que me surpreendeu é que a maior parte da turma disse que não sabiam fazer, mas eu sabia que mesmo com devagar eles conseguem escrever. Um dos alunos falou “tia coloque no quadro”, foi aí que eu percebi que ele queria uma modelo, uns diziam que não estavam entendendo, coloquei dois exemplos no quadro, somente seis alunos fizeram seu bilhete sem copiar, o restante só mudou o destinatário e remente.

Na semana seguinte foram designadas as seguintes atividades como o alfabeto, separação de contas de adição e resolução de problemas; exercício no livro de português, que por coincidência era sobre bilhete ou carta; Depois a professora passou para eles fazerem uma atividade em folha, era um simulado da Provinha Brasil, pois a diretora só informou a ela no início da semana, dizendo que iria acontecer a realização da prova, mas não sabia o dia certo. Nesse dia, como podem perceber não tive muita “liberdade” para trabalhar com as crianças.

A próxima aula foi minha maior dificuldade e frustração não pude fazer nada do planejado pois, a escola estava envolvida juntamente com a Secretária Municipal de Educação (SEMED) a participar de mais uma edição do “Dia do Desafio”, um evento de âmbito nacional promovido pelo SESC. No dia seguinte em contrapartida, foi a melhor aula da semana o tema foi Dengue, devido ao surgimento de alguns casos da doença no bairro onde a escola está localizada. Foi planejada leitura informativa sobre a Dengue, exibição do vídeo Fora Dengue e um pequeno debate onde os alunos expressaram o que aprenderam. Depois uma atividade sobre o tema abordado.

Finalizando, o 10º encontro esse dia foi feito uma atividade no caderno sobre formas geométricas (círculo, quadrado, triângulo e retângulo) e resolução de problemas. Quando cheguei na sala a professora avisou que os alunos iriam ser liberados as 10hs, pois iria acontecer uma reunião com os professores e a direção para decidirem o que iriam fazer na festa junina.

Então, passei a atividade no quadro para eles copiarem e logo em seguida foi respondendo junto com eles. Depois disso fomos conversar sobre o que acharam de eu estar ali aqueles 10 dias e também explicar que eu não iria vir mais para as aulas. E para encerrar contei mais uma história para eles a escolhida foi Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque.

Considerações finais

Por meio da disciplina Estágio Supervisionado III, pude conhecer um pouco sobre o que é está em sala de aula, fazer planejamento e ver também a realidade da escola pública o que a teoria não diz. Compreendi que a prática docente não é esse “bicho de sete cabeças” que muita gente fala, o que eu vi é que se a gente quer mudar algo é chegar lá e ter vontade de fazer, claro que tem as adversidades da vida, que muitas vezes nos impossibilita de fazer o que realmente queremos para tentar mudar um pouco a realidade da educação, mas se formos realmente compromissamos com o setor educacional podemos sim, fazer algo de bom que seja notável na educação.

A experiência docente é algo que vou levar para o resto de minha vida, e não posso ter sido 100% na prática, mas tenho a certeza que eu tentei. O estágio proporcionou a certeza de que eu quero seguir na profissão, pois tinha dúvidas e medo de que se era mesmo isso que eu queria. Mas, as crianças me provarem que eu tenho muito a ensinar e a aprender também, já que na sala de aula não é só o professor que sabe de tudo e simplesmente transmite para a criança, no meu ver educar é trocar experiências. Realmente, o professor pode ter todo embasamento teórico-científico, mas certas realidades só os alunos podem passar para gente.

Destaco também a importância de um bom planejamento, e mesmo assim a depender do andar da turma pode não ocorrer e o professor tem que está preparado para lidar com as diversas situações.

Para isso, “[...] os próprios efeitos educativos, dependem da interação complexa de todos que se inter-relacionam nas situações de ensino: tipo de atividade, metodologia, aspectos materiais da situação, estilo do professor, as relações sociais, conteúdos culturais, etc ...” (ZABALA, 1998, p.15).

A disciplina estágio supervisionado é um momento único e primordial na vida de um acadêmico de licenciatura, pois esta possibilita que relacionemos a teoria com prática. O período estágio na EMEF Jornalista Orlando Dantas contribuiu de forma significativa para minha formação, mas nem tudo é perfeito e destaco alguns pontos positivos e negativos do meu experimento em sala de aula.

Pontos positivos: Entender o dia a dia do professor da escola pública; Contato com os alunos em sala de aula; Experiência de planejar e executar as aulas; Aprender a lidar com adversidades cotidianas de escola pública e despertar nas crianças o gosto pela leitura.

Pontos Negativos: Falta de material; Biblioteca fechada e os alunos faltosos.

O hábito de ler é algo que deve ser estimulado desde cedo, em especial na alfabetização, isso influencia diretamente no enriquecimento do vocabulário e desenvolve a imaginação. No livro *Alfabetização Linguística*, Cagliari nos mostra que “[...] para a alfabetização, a leitura é ainda uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar” (2005, p. 169).

Referências bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1997

BERGER, M. V.B. MORO, N.O. LARocca, P. **Psicologia da educação II**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2010.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 2005.

LDB - **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LEI No. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O. U. de 23 de dezembro de 1996.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.



OLIMPÍADAS, COPA DO MUNDO E A VIOLÊNCIA ESCOLAR²⁸

Thamisa Sejanny Andrade Rodrigues²⁹

José Douglas Alves dos Santos³⁰

Introdução

Este trabalho relata o desenvolvimento de um projeto de estágio que teve como foco de estudo as Olimpíadas, a Copa do Mundo e a Violência Escolar. Tem como objetivo compreender como os dois maiores eventos esportivos da humanidade, a Copa do Mundo e as Olimpíadas, se organizam socialmente, quais seus benefícios aos países que os recebem e/ou prejuízos, quanto ao desenvolvimento social dos países sedes, bem como aprofundar a compreensão da violência na escola, tendo em vista os diferentes tipos, motivos e consequências para o contexto escolar. Pretendemos com isso descrever e analisar as atividades pedagógicas realizadas com alunos do 3º ano do ensino fundamental, do turno da tarde, da Escola Estadual São Cristóvão, localizada no bairro Grageru, em Aracaju-SE.

Na operacionalização das atividades do estágio utilizamos diferentes procedimentos metodológicos como a leitura, a escrita, o desenho, a aula expositiva e principalmente atividades que denominamos de “olimpíadas do conhecimento”. Nesta atividade, as crianças eram desafiadas, em grupos, a buscar respostas para as questões propostas pelos educadores. Além disso, utilizamos de um elemento fundamental para a prática docente que foi o registro das atividades realizadas no dia. Dessa forma, discutimos o que de fato deu certo com o planejado, o que não deu e de que forma poderíamos ter feito. Defendemos que

o registro sistemático e o retorno ao mesmo faz com que a ação pedagógica deixe de ser uma improvisação inconsistente. Ele contribui para uma prática mais reflexiva. Registrar seu próprio trabalho implica num re-pensar do mesmo. É a construção do conhecimento no trabalho e sobre o trabalho. (SILVA, 2004, p.47)

28 Artigo elaborado em Parceria como resultado do projeto PRODOCÊNCIA/DED/UFS, articulando com o estágio supervisionado III na escola pública do ensino fundamental.

29 Universidade Federal de Sergipe-UFS email: thamisaunb@hotmail.com

30 Pedagogia/ UFS/ jdneo@hotmail.com

O Brasil, nos próximos quatro anos, passará por experiências esportivas que se refletirão na vida cotidiana de todas as pessoas. Eventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, alteram a organização de uma sociedade, podendo trazer transformações sociais benéficas ou não à mesma.

Ao tratar deste assunto na experiência da disciplina Estágio Supervisionado III, ministrada pelas professoras Maria José, Mary Lourdes Santana Martins e Roseli Pereira Nunes, temos a pretensão de salientar o quão importante é discuti-los em todas as esferas da sociedade, principalmente na escola, onde encontramos a educação formal que pauta as aprendizagens do alunado e onde é possível discutir com mais ênfase aspectos estruturais e organizacionais do mundo contemporâneo.

Além de tratar dessas questões, propomos ainda com a turma em que o trabalho foi realizado um estudo e um debate sobre a violência, tendo em consideração que este é um elemento que faz parte da rotina de muitas escolas brasileiras, em especial das escolas públicas localizadas em bairros considerados periféricos.

Verificamos que no decorrer da história tivemos avanços em relação à proteção da integridade das crianças e dos adolescentes, no entanto, ainda há muito que se fazer para coibir a violência gerada contra eles. Nesse sentido, é preciso discutir nos espaços de formação coletiva como enfrentar o problema da violência que a cada dia se torna mais comum na sociedade e, conseqüentemente, no ambiente escolar.

A importância desse tema se deve ao fato de que a violência no contexto escolar está cada vez mais visível e presente nas salas de aula brasileiras. Inúmeros episódios são relatados pela mídia diariamente e é papel da escola, enquanto instituição educativa, discutir sobre essa problemática com os alunos e promover debates em torno do tema.

Dessa forma, acreditamos que esse tema possa colaborar para um melhor relacionamento entre os pares dentro da sala de aula e permitir que os próprios alunos sejam multiplicadores das discussões efetuados durante o percurso do estágio para o contexto social em que vivem.

A escola deve contribuir para o desenvolvimento de capacidades técnicas a serem desenvolvidas nas disciplinas convencionais (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História, entre outras), porém, deve também “desenvolver um projeto de educação comprometida com o desenvolvimento de capacidades que permitam intervir na

realidade para transformá-la” (BRASIL, MEC/SEF, 1997, p. 24). E é nesse sentido que as temáticas escolhidas devem ser inseridas na escola.

Elencamos as olimpíadas, a copa do mundo e a violência escolar enquanto tema transversal, porque segundo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), um tema transversal deve considerar os seguintes aspectos: urgência social, abrangência nacional, possibilidade de ensino e aprendizagem no ensino fundamental, favorecer a compreensão da realidade e a participação social.

A escolha dessa temática também permite trabalharmos de acordo com os princípios previstos nos PCNs quando afirma que a escola deve ser um espaço não só de formação, mas de informação. As crianças necessitam de uma escola capaz de conectá-las com o mundo em que vivem, com as situações que ocorrem no dia a dia e lidar com os problemas com ética e responsabilidade. Assim,

A formação escolar deve propiciar o desenvolvimento de capacidades, de modo a favorecer a compreensão e a intervenção nos fenômenos sociais e culturais, assim como possibilitar aos alunos usufruir das manifestações culturais nacionais e universais (BRASIL, 1997b, p. 33).

Não partir do conhecimento dos alunos é um dos condicionantes que podem determinar uma prática educativa pautada na centralidade da relação ensino-aprendizagem ao professor, já que ao não diagnosticar os saberes prévios dos alunos, o docente contribui para uma cultura que essencialmente está baseada numa *condição do silêncio* dos estudantes (OLIVEIRA, 2004).

Essa condição origina a clássica cena proposta por Paulo Freire da “Educação Bancária”, em que o aluno limita-se a ser um objeto passivo do processo educativo, enquanto o professor é o sujeito do mesmo. “A educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (2005, p. 66).

Rocha esclarece que “[...] as crianças não só reproduzem, mas produzem significações acerca de sua própria vida e das possibilidades de construção da sua existência” (2008, p. 46). Ou seja, o ato de não considerá-las como participantes ativos do processo educativo, da

relação ensino-aprendizagem se traduz numa perspectiva excludente do aluno pelo professor.

Os conteúdos foram desenvolvidos nas diferentes disciplinas, com foco principalmente nas disciplinas Língua Portuguesa e Matemática. Dessa forma, a contribuição dessas disciplinas estará de acordo com o que defende a Lei de Diretrizes e Bases- LDB quando cita sobre os objetivos do ensino fundamental.

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; (grifo nosso)

II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL/LDB, 2008)

Desejamos com este artigo contribuir com a mudança dessa visão conservadora da prática de ensino docente, construindo o conhecimento a ser ministrado junto com as crianças, ouvindo-as, com atenção, para formularmos uma prática de estágio significativa tanto para professores quanto para alunos.

Não poderíamos escolher espaço melhor para discutirmos tais assuntos com a escola, pois ela é formada por uma pluralidade de pensamentos, com alunos e alunas que trazem de suas vivências, experiências significativas para uma análise mais apurada dos conteúdos apresentados em sala de aula.

Aspectos gerais da escola

Esclarecemos que este estudo foi proveniente da disciplina Estágio Supervisionado III, através de uma prática pedagógica exercida na escola estadual São Cristóvão, localizada no bairro Grageru, zona sul de Aracaju. É um bairro conhecido por abrigar escolas particulares de grande prestígio na cidade. Tem como limites os bairros Jardins, Luzia, Salgado Filho e Inácio Barbosa, sendo muitas vezes confundido com o primeiro. Sendo este articulado ao projeto PRODOCÊNCIA, nos anos iniciais do ensino fundamental.

Segundo dados obtidos no *site* da Secretaria Estadual de Educação – SEED, em 2012, a escola possui um total de 121 crianças matriculadas, distribuídas entre o 1º e o 5º ano do ensino fundamental, sendo que desses 107 estão no ensino regular e 14 no ensino especial.

Toda murada, a escola possui uma área de 3167m² de terreno e 1090m² de área construída, distribuídos entre três salas de aula, biblioteca, sala de coordenação, sala de recursos, dois banheiros e refeitório. A escola não possui quadra esportiva e, nas aulas de educação física, as crianças utilizam a quadra da rua que se encontra ao lado da escola. Vale destacar que a escola possui barras de ferro, localizadas na lateral das paredes dos corredores, para facilitar a mobilidade das crianças cegas e com baixa visão.

Em 2012, a escola ganhou destaque pela nota obtida no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) 2011 em que atingiu a nota 5,6, a mais alta encontrada nas escolas do estado de Sergipe. O IDEB mede o desempenho das escolas de dois em dois anos a partir de três conceitos: a aprovação, a evasão e a média obtida nas avaliações de língua portuguesa e matemática da Prova Brasil.

Assim, a expectativa do governo federal é que até 2022 as escolas brasileiras atinjam a média 6,0, equiparando-se à média dos países desenvolvidos. Podemos perceber que a escola Estadual São Cristóvão já está próxima dessa média esperada para 2022. Como a escola subiu 1 ponto do IDEB de 2009 (4,6) para o de 2011, a expectativa é que ela esteja com a média atingida já em 2013.

O estágio foi realizado na turma do 3º ano, no turno da tarde. Nesta sala, estavam matriculadas 26 crianças, de ambos os sexos. E,

dentre elas, havia duas crianças com deficiência visual e uma com deficiência motora.

A turma é composta por crianças de ambos os sexos e idades, no total de 26, sendo que a maioria está na faixa etária entre 8 e 10 anos. Nos primeiros contatos percebemos uma turma bastante heterogênea e ativa. Percebemos também alguns líderes que tinham a capacidade de convencer os colegas no que fosse necessário. Essa liderança em alguns momentos prejudicou o andamento das atividades, visto que as crianças não prestavam atenção no que estava sendo proposto.

Os estudantes, em sua maioria, moram próximos ao colégio e os pais levam e buscam os alunos diariamente. São poucos os que faltam com frequência. Em casa, muitos têm acesso a recursos e meios tecnológicos como televisão, computadores, celulares e internet e não precisam ajudar com as tarefas diárias de casa.

No entanto, encontramos alguns alunos – minoria – que não vivem sob as mesmas condições socioeconômicas. São alunos que moram distantes, alguns vêm e volta sozinhos para casa, não têm acesso a computadores ou internet e ajudam os pais com as tarefas diárias, como a limpeza da casa, por exemplo.

Essas condições materiais se refletiram na postura discente quando apresentamos os conteúdos que seriam trabalhados – conteúdos que partiram em primeiro caso da escolha dos próprios alunos. Os alunos com melhor condição social manifestaram mais interesse em relação aos outros alunos, que preferiam trabalhar com os livros didáticos, muito devido ao fato de ainda terem dificuldade em ler e escrever.

A estrutura da sala de aula e a caracterização da turma

A sala possui pouca ventilação, apesar de ter dois ventiladores, o calor em certos momentos passa a ser um incômodo para as crianças e os educadores. A circulação do ar é dificultada pela disposição das janelas que se localizam no canto superior das paredes laterais. Devido ao calor, algumas crianças solicitavam realizar as atividades propostas no ambiente externo à sala. De dentro da sala, não se vê o que se passa por fora. A sala é bem iluminada e a quantidade

de mesas e cadeiras dificulta a mobilidade das crianças. O chão e as paredes estão em bom estado de conservação. Alguns trabalhos das crianças são inclusive colocados nas paredes. Há um armário onde são colocados os materiais escolares como colas, lápis, jogos, livros, etc. que está localizado ao lado do quadro negro.

A turma é composta por crianças de ambos os sexos e idades, no total de 26, sendo que a maioria está na faixa etária entre 8 e 10 anos. Nos primeiros contatos percebemos uma turma bastante heterogênea e ativa. Percebemos também alguns líderes que tinham a capacidade de convencer os colegas no que fosse necessário. Essa liderança em alguns momentos prejudicou o andamento das atividades, visto que as crianças não prestavam atenção no que estava sendo proposto.

Os estudantes, em sua maioria, moram próximos ao colégio e os pais levam e buscam os alunos diariamente. São poucos os que faltam com frequência. Em casa, muitos têm acesso a recursos e meios tecnológicos como televisão, computadores, celulares e internet e não precisam ajudar com as tarefas diárias de casa.

No entanto, encontramos alguns alunos – minoria – que não vivem sob as mesmas condições sócio-econômicas. São alunos que moram distantes, alguns vêm e volta sozinhos para casa, não têm acesso a computadores ou internet e ajudam os pais com as tarefas diárias, como a limpeza da casa, por exemplo.

Essas condições materiais se refletiram na postura discente quando apresentamos os conteúdos que seriam trabalhados – conteúdos que partiram em primeiro caso da escolha dos próprios alunos. Os alunos com melhor condição social manifestaram mais interesse em relação aos outros alunos, que preferiam trabalhar com os livros didáticos, muito devido ao fato de ainda terem dificuldade em ler e escrever.

Considerações finais

Quando levamos os conteúdos a respeito da Copa do Mundo, das Olimpíadas e da Violência para dentro do espaço escolar, percebemos duas situações distintas: primeiro a atenção de uma parte da turma, interagindo bastante por se tratar de temas comuns dos noticiários da

televisão brasileira; e segundo, o desinteresse por outra parte da turma, pois de tão acostumados a assuntos lineares propostos pelos livros didáticos, não satisfaziam sua atenção tratar de tais assuntos.

Tal acontecimento, nos fez refletir quanto à relevância dos livros didáticos na vida escolar do aluno. O quão difícil é para ele se desprender de um objeto em que a maioria dos professores centra como única fonte de conhecimento e aprendizagem. A partir dessa situação, foram aparecendo outras questões que tratamos a seguir.

Controle e domínio da turma. Admitimos que foi muito difícil se trabalhar os conteúdos propostos nessa turma. Diferentemente de outras experiências de estágio (tanto do estágio curricular quanto do extracurricular), não conseguimos obter um exercício docente satisfatório. Sentimos muito esse problema, que nos fez pensar e repensar muitas vezes nossa prática docente perante os alunos.

Levando em consideração os primeiros resultados obtidos de nossas ações, resolvemos, a partir de nossas análises, re-configurar nosso planejamento, trazendo atividades que fossem mais familiares aos alunos com dificuldade de leitura e escrita, para que estes elementos fossem mais bem trabalhados durante nossa experiência.

Também não desconsideramos os alunos mais “avançados” da turma, trabalhando com eles a ressignificação dos saberes prévios, mostrando através de algumas atividades, que mesmo quem “sabe” ainda pode “errar”; e tentamos trabalhar também a solidariedade quanto aos outros alunos através dos trabalhos ou avaliações em grupo, demonstrando que no coletivo, um ajuda ao outro, e não necessariamente precisamos ter a pretensão de um ser melhor que o outro.

Dessa forma, nossa avaliação esteve pautada na evolução e participação dos alunos nas atividades e não somente na atribuição de notas quantitativa. Os valores para nós não foram considerados essenciais, tal como defende Antunes

para muitos, a avaliação correta é a que mede e, por isso, os valores e os números são essenciais, a comparação entre desempenhos inevitável. É óbvio, para os que assim pensam, que uma nota seis alcançado pelo preguiçoso inteligente que nada buscou ou pelo seu colega que, para a esse mesmo número chegar, varou noites em sua

busca. Essa forma de avaliação compara, exclui, mutila, deprime o derrotado, exalta os vencedores, premia apenas os números melhores (ANTUNES, 2011, p. 58).

O problema do “controle” e “domínio” da turma foram se agravando conforme evoluía nosso trabalho. Percebíamos que quanto mais liberdade eles tinham mais livres eles queriam ficar. Ao se encontrarem livres de algumas regras estabelecidas pela professora titular da turma, que preferiu não acompanhar nossa prática na sala de aula – apesar de ter nos dado toda atenção e ajuda necessária –, deixando-nos livres para uma prática pedagógica sem interferências.

Não vemos aqui a falta de “controle” e “domínio” como um problema educacional, atentamos a isso mais pelo fato de ser um problema constante para a coordenação escolar, que sempre cobra de seus docentes “segurança” e “mão firme” no trabalho diários. Essa postura faz com que prendamos nossos estudantes à rotina escolar, de chegar à escola em determinado horário, sentar e ficar em silêncio até o intervalo, sair, correr – quando não repreendido – e voltar a ficar sentado e em silêncio até o fim da aula, para que dessa forma volte à sua “liberdade”, controlada pelos pais.

Se percebermos um problema nesse quesito, é devido à cultura impregnada nesses alunos e por eles absorvida. O fato de terem mais liberdade não estabeleceu um novo padrão exemplar às outras turmas ou a si mesmo; e isso refletiu muito mais em nós do que nos próprios alunos. Quanto mais estabelecido nesse “padrão” escolar, mais “perdido” o aluno se encontra em sua “liberdade”.

E por que isso foi um problema maior para nós, professores? Porque os alunos passavam por uma nova experiência, talvez ainda não vivenciada, e tinham condições de se expressar, de opinar, de construir a própria aprendizagem durante o processo educacional. A nós, professores em ação, ficamos tão perdidos quanto eles ao perceber que a liberdade não era totalmente aproveitada por eles.

Esse fato nos levou, em certos momentos, a tomar atitudes contrárias aos nossos princípios, imitando ações conservadoras de nossa docência, como a intimidação ao aluno, a punição por algo feito (ou não feito) e até mesmo, em determinadas situações, o grito para efeito de

atenção. Não percebemos, a partir de nosso trabalho, que vinte dias era muito pouco para se trabalhar com essa nova atitude e cultura discente.

Da mesma forma que nós, professores, tivemos nosso tempo de adaptação e de estudo antes da prática, deveríamos considerar que as crianças precisariam desse mesmo tempo, pois para elas isso seria algo ainda mais novo nessa cultura escolar do silêncio em que elas são re-vestidas diariamente.

Com isso, percebemos que dez é muito pouco para se trabalhar com crianças em pleno ritmo de aprendizagem – ou em falta de ritmo do mesmo. Nossa prática propõe uma mudança organizacional que difere de criança para criança, de escola para escola. Nem todos estão preparados para assumir uma liberdade na relação aluno-professor. Principalmente aqueles que estão acostumados à vigilância e à punição. As crianças necessitam ser educadas para a liberdade com responsabilidade e não presas ao fato de que se fizerem algo de errado serão castigadas. Caso contrário, correremos o risco de educar cidadãos dóceis, que não tem autonomia para tomar decisões. “[...] a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 1987, p. 119).

Referências

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- BRASIL, Lei Darcy Ribeiro. **Lei de diretrizes e bases da educação**. Brasília: Senado Federal, 2008.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília, DF: 1997a.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: 1997b.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília, DF: 1997c.
- FOUCAULT, Michel. Os corpos dóceis. In: **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. p.117-137.
- MELO, Josevaldo Araújo. **Bullying na escola**: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo. Recife: EDUPE, 2010.
- OLIVEIRA, A. M. (2004). Entender o Outro(...)Exige mais, quando o Outro é uma criança: Reflexões em Torno da Alteridade da Infância no contexto da Educação Infantil. In: M. J. Sarmiento, A. B. Cerisara, & (orgs), **Crianças e Miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da Infância e Educação (pp. 181 - 2003). Porto - Portugal: Asa.
- ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira. **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisa. São Paulo: Cortez, 2008.
- SILVA, Walburga Arns (Org.). **Organização do trabalho e ação pedagógica**: influência da pré-escola no processo de alfabetização. São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, 2004.



AS CRIANÇAS E SEUS DIREITOS E DEVERES³¹

Maggie Francis Santos Pereira³²

Mickelle Regina dos Santos³³

Introdução

O artigo discute a prática educativa desenvolvida nas turmas do 2º e 4º anos do ensino fundamental de uma instituição de ensino da rede pública do município de Aracaju durante o estágio curricular do curso de Pedagogia/2012.1 em articulação com o projeto PRODOCÊNCIA. A prática pedagógica promoveu o conhecimento das crianças a partir do tema “cidadania: direitos e deveres” e assuntos ligados à ética, valores morais, família, sociedade e cuidados com o meio ambiente.

É relevante abordar o tema: “Cidadania: nossos direitos e deveres”, no espaço escolar de modo a contribuir de forma criativa e lúdica para ampliar a compreensão em relação ao tema, educando-os no ambiente propício para que os alunos possam levar essa educação além dos muros da escola. De acordo com Zacharias

Educar é construir, é libertar o homem do determinismo, passando a reconhecer o papel da História e onde a questão da identidade cultural, tanto em sua dimensão individual, como em relação à classe dos educandos, é essencial à prática pedagógica proposta. Sem respeitar essa identidade, sem autonomia, sem levar em conta as experiências vividas pelos educandos antes de chegar à escola, o processo será inoperante, somente meras palavras despidas de significado real. A educação é ideológica, mas dialogante, pois só assim pode estabelecer a verdadeira comunicação da aprendizagem entre seres constituídos de almas, desejos e sentimentos (ZACHARIAS, 2007).

31 Artigo elaborado com resultado das atividades desenvolvidas no Programa Prodocência/CAPES/UFS, em parceria com Escolas públicas do Estado de Sergipe, a partir da disciplina Estágio Supervisionado III.

32 Graduanda de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe. Email: guinha_pereira@yahoo.com.br

33 Graduanda de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista do PIBIC/UFS. Email: mick_teles@hotmail.com

No que diz respeito à importância do tema “Cidadania”, tem-se uma maior consciência de assuntos ligados à ética, valores morais, sociedade e cuidados com o meio ambiente, contribuindo, dessa forma, para despertar a responsabilidade e um olhar crítico de suas ações perante a sociedade, agregando valores junto ao seu ambiente familiar, educacional e hospitalar.

O conceito de cidadania tem origem na Grécia clássica, usado para indicar os direitos referentes ao cidadão, ou seja, o indivíduo que vivia na cidade participando efetivamente dos negócios e das decisões políticas. Ao longo da história, o conceito de cidadania foi ampliado, passando a reunir um conjunto de valores sociais que determinam o conjunto de deveres e direitos de um cidadão “Cidadania: direito de ter direito”.

Com o objetivo de compreender os direitos e deveres que um cidadão possui dentro de uma sociedade, despertando-os para a consciência de por em prática, foi construída uma teia de significados onde as respectivas disciplinas foram trabalhadas de forma que uma complementou a outra proporcionando um aprendizado prazeroso e significativo.

Para a realização da prática do estágio contamos com a colaboração dos alunos das turmas, que, de forma disciplinada e disposta, participaram engajadamente de cada atividade proposta e das professoras das turmas que nos ajudaram, nos orientaram e nos apoiaram em todos os momentos de nossa prática pedagógica.

O que pretendemos destacar nesse artigo é destacar a importância de se trabalhar um assunto do interesse das crianças, e de forma lúdica e significativa ensinar todas as disciplinas, sem fugir do planejamento escolar.

A prática pedagógica: Relatos da experiência vivenciada

Iniciei meu estágio fazendo uma roda de conversa. Minha intenção era conhecê-los, então eu comecei fazendo-me conhecer para assim poder ganhar a confiança deles. Como relata Müller (2006), é necessário aprender a ouvir as crianças, suas vontades, seus anseios, seus desejos, para assim entender quem elas são, qual o seu mundo, o que trazem em si.

Com isso, depois que eu me apresentei, relatei a turma quais os meus objetivos e o que eu estaria fazendo com eles nas próximas duas semanas, pedi para que cada um se apresentasse e logo percebi quais eram os mais extrovertidos e os mais introvertidos. Foi uma longa e prazerosa conversa em que pude conhecer um pouco sobre a história de cada um.

Com o intuito de saber o que cada um sabia sobre “Cidadania”, pedi para a turma escrever sobre o referido tema e não foi difícil perceber que este era um tema pouco comentado, alguns alunos escreveram apenas três frases, então eu pensei: “preciso começar logo o trabalho com essas crianças”.

O estudo do tema “Cidadania” permite uma maior consciência de assuntos ligados à ética, valores morais, sociedade e cuidados com o meio ambiente; contribuindo dessa forma, para despertar a responsabilidade e um olhar crítico de suas ações perante a sociedade, agregando valores junto ao seu ambiente familiar, educacional e hospitalar.³⁴ E foi isso que busquei estudar com eles.

Após o recreio eu fiz uma leitura com a turma com o texto “Cidadania”, exercitando a leitura de cada aluno e expliquei sobre “O que é ser Cidadão”. E logo após abri uma roda de debate sobre o assunto. Surpreendi-me com a participação e os comentários de cada um, eles se mostraram bastante curiosos com relação ao tema.

Entre os assuntos de “Substantivo” e “Multiplicação”, fazendo leitura, tempestade de ideias e atividades, exercitando o aprendizado da turma, iniciei o assunto de “Preservação do meio ambiente” dando dicas e explicando a importância da preservação com o meio em que vivemos e depois solicitei que cada um escrevesse ou desenhasse sobre o tema em foco, exemplificando o que eles haviam aprendido sobre o conteúdo estudado.

Os alunos ficaram empolgados e começaram a falar da própria instituição escolar que estava muito suja e nós não encontramos nenhuma vassoura disponível, então já que não tínhamos como limpar, decidimos evitar mais sujeira. Foi um grande aprendizado para todos nós.

34 Após algumas leituras sobre Cidadania, foi possível chegar a conclusão do referido conceito com o intuito de esclarecer a necessidade à compreensão dos direitos e deveres do cidadão junto a sociedade.

No dia seguinte levei um “Jogo do meio ambiente”. É um jogo de cartas que fiz em uma disciplina de ética ambiental na faculdade. Nesse jogo cada aluno pegava uma carta, algumas tinham umas imagens e em outras o significado das imagens, como: não jogar lixo na praia, jogar o lixo na lixeira, não lavar a calçada e carros com mangueira, recicle, proteja os animais, não desmate, entre outros.

Para Vygotsky, a aprendizagem configura-se no desenvolvimento das funções superiores através da apropriação e internalização de signos e instrumentos em um contexto de interação. A aprendizagem humana pressupõe uma natureza social específica e um processo mediante o qual as crianças acendem a vida intelectual daqueles que as rodeiam. É por isso que, para ele, a brincadeira

cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-se a desejar, relacionando os seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel na brincadeira e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas na brincadeira, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade. (VYGOTSKY, 1984, p. 114).

Com o jogo pude diagnosticar, de forma lúdica, o que ficou de aprendizado da aula passada. Eles foram bem participativos e muito empolgados, quando mostravam as imagens todos queriam falar ao mesmo tempo o significado de cada imagem.

Nesse mesmo dia discutimos mais sobre os direitos e pedi para que eles descrevessem, em forma de texto ou em desenho, o que eles aprenderam sobre o tema abordado. Entre muitos erros ortográficos vi em cada texto o aprendizado sobre o conteúdo ministrado.

Entre os assuntos de “Multiplicação” e “Substantivo” aproveitei o assunto “Bom, triplo, quádruplo e quádruplo” para falar sobre como viver em conjunto, a importância de valorizar as pessoas com as quais convivemos, enfim, a como viver em Cidadania e respeitar o outro.

Ouvi vários relatos dos alunos, de tudo o que eles veem em casa, na escola e em outros lugares, sobre como as pessoas agem com as outras pessoas e me senti meio assustada com tudo o que ouvi, então decidi me aprofundar nos assuntos de valores e respeito.

Finalizando a primeira semana de estágio, após o assunto “Relevo do Município” propus um trabalho em grupo. Dividi a turma em cinco grupos. Os alunos se reuniram para discutirem sobre o que aprenderam durante toda a semana. Entreguei uma cartolina para cada grupo para eles fazerem cartazes expondo, com textos e imagens, o que eles haviam discutido a respeito dos assuntos. Eu fui a cada grupo dar auxílio e ajudá-los.

Nós fizemos um círculo com as carteiras da sala e cada grupo apresentou o seu cartaz e depois colamos os cartazes em uma das paredes da sala para que ficasse exposto o trabalho deles. Eles estavam muito empolgados na atividade dos cartazes, fizeram muito barulho, mas responderam as minhas expectativas.

Entre tantas dificuldades no período do estágio como, a greve dos funcionários e as fortes chuvas naquele período, as atividades continuaram sendo produtivas.

Iniciei a segunda semana com assuntos de Português, Matemática e Ciências e logo após abordei o assunto “Boas maneiras”, mostrando a importância de ser um cidadão com boas maneiras em nossa sociedade. Em nosso debate eles deram exemplos do dia-a-dia e fizeram várias perguntas sobre o referido assunto e eu busquei orientá-los em suas dúvidas.

Passsei uma atividade sobre o assunto e essa atividade foi bastante significativa, os alunos fizeram perfeitamente e observei que eles começaram a utilizar em seu dia-a-dia escolar as boas maneiras.

No dia seguinte aprendemos sobre “Os valores pessoais”. Juntos, nós aprendemos que cada um tem o seu valor, a sua crença e sua cultura e que todos são cidadãos e tem um valor importante em nossa sociedade. Nesse momento eles participaram bastante, com dúvidas e exemplos, foi muito proveitoso. Depois pedi para eles fazerem um desenho sobre o assunto discutido.

Essa atividade me chamou muita à atenção, dentre as atividades selecionei três mais interessantes. Um aluno desenhou uma colega, mesmo dizendo que ela faz coisa errada. Outro desenhou o pai e outro aluno me desenhou. Chamou-me a atenção alguns motivos do porque que eles admiravam as pessoas desenhadas: porque xinga e diz que não xingou, pela beleza e porque simplesmente é o pai e o admira. Foram motivos muito diferentes uns dos outros.

Após essa atividade solicitei que a turma fizesse uma redação sobre a importância da água para os seres vivos e o meio ambiente. Eu sempre passava redação para estimular a escrita dos alunos, assim como todos os conteúdos eram lidos por eles para instigar a leitura.

Continuando com o assunto, discutimos sobre os valores e a importância da família, trabalhando com o conceito de família, o histórico da família e as estruturas familiares. Ensinei a turma o que era e como fazer uma árvore genealógica e solicitei que eles fizessem a árvore genealógica deles.

Surpreendi-me com essa atividade, pensei que eles não fossem entender, mas eles conseguiram fazer da forma como eu ensinei e fiquei muito satisfeita.

No dia seguinte levei um assunto que muita gente tem receio de discutir: a valorização da raça negra. Falamos sobre “a libertação dos escravos”, mostrando a valorização da raça negra e a importância do respeito aos mesmos. Falamos também sobre os preconceitos vividos por eles. Os alunos negros da turma puderam relatar suas experiências e daqueles com quem convivem. Passamos a abordar a importância histórica e cultural dos negros para o nosso país e a injustiça que eles sofreram. De acordo com Leite

no Brasil, negros sofrem não só a discriminação racial devida ao preconceito racial e operada no plano privado, mas também e sobretudo o racismo institucional, que inspira as políticas estatais que lhes são dirigidas e se materializa nelas. Trata-se de discriminação racial praticada pelo Estado ao atuar de forma diferenciada em relação a esses segmentos populacionais, introduzindo em nossas cidades e em nossa sociedade, pela via das políticas públicas, “um corte entre o que deve viver e o que deve morrer”, a faxina étnica (LEITE, 2012, p. 1).

No último dia de estágio eu fui à escola muito empolgada e os alunos estavam mais empolgados que eu. Mobilizando a turma, arrumamos a sala de modo que ficassem divididos em 02 grupos e fizemos uma atividade de perguntas e respostas, abordando o tema “Cidadania”. As perguntas estavam dentro de bolas de assopro e assim, cada aluno

estourava uma bola e respondia a pergunta em questão. Após o aluno responder a pergunta, ele escrevia sua resposta em uma cartolina que estava colada na parede.

Todos queriam responder as perguntas e quando um demorava a responder tinha logo outro que gritava: “eu sei, eu sei”. Foi uma festa e bastante proveitosa a atividade, pois observei o que cada um tinha aprendido durante as duas semanas de estágios de forma lúdica e prazerosa.

Finalizei o dia com uma redação sobre o tema “Cidadania”, para que eu pudesse verificar o que eles sabiam antes do início do projeto e depois do projeto realizado. Percebi que nessa atividade eles recorreram aos textos trabalhados anteriormente, mas com certeza eles já sabiam muito mais sobre este tema que no primeiro dia de estágio.

Relatos da experiência vivenciada em uma turma do 2º ano

Antes de “exigir” que as crianças aprendessem o que iria transmitir sobre Cidadania: Direitos e Deveres, procurei saber junto a eles em uma conversa informal, quais os conhecimentos que já tinham sobre o assunto. Segundo Paulo Freire, “[...] Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (1987, p.79), foi com esses olhos que busquei realizar as observações e análises das práticas realizadas durante os dez dias de estágio na sala de aula do 2º ano, e assim, foram obtidos resultados positivos sobre os conhecimentos e descobertas em relação à Cidadania.

No primeiro dia a atividade realizada foi a construção de palavras relacionadas com os direitos e deveres e após, a escrita dessas. Não foi encontrada nenhuma dificuldade para a realização dessa atividade.

No segundo dia, a partir do tema “Família” trabalhamos quais os valores que aprendemos com nossas famílias e a importância deles. A partir de um livro levado por um dos alunos, exercitamos a leitura e interpretação e iniciamos um diálogo sobre o que cada um achava sobre os ensinamentos da família. Em seguida, foi distribuídos papéis e solicitado que as crianças desenhasssem suas famílias e escrevessem uma frase que demonstrasse a importância de cada uma delas para eles.



No terceiro dia, o tema foi “Cuidados com o Meio Ambiente”. No início questionei as crianças quais as ações que um cidadão deve ter para proteger e preservar o meio ambiente? A partir das respostas delas solicitei que escrevessem algo sobre os cuidados com o meio ambiente / o nosso planeta e que demonstrassem em forma de desenho esses cuidados.

Vygotsky (1998) demonstra a relevância de que, entre outras coisas, o brinquedo, o desenho e a escrita compartilham de um aspecto comum que é a função simbólica e enfatiza a sua importância no aprendizado desta última.

No quarto dia, trabalhamos a reciclagem. Como o cidadão pode contribuir com a limpeza do ambiente? Nesse dia a atividade foi lúdica. Reaproveitando o restante do papel que foi utilizado no dia anterior, confeccionamos cachorrinhos.

No quinto dia, trabalhamos os direitos e os deveres. Quais os nossos direitos e deveres enquanto cidadãos? Nesse dia foi realizada uma dinâmica onde toda a turma participou de uma discussão e abordou os principais direitos e deveres como, por exemplo, o direito a educação, dever de cuidar do patrimônio público, etc.

No sexto dia, o tema abordado foi “O cidadão e a escola”. Conversamos sobre como devemos agir dentro da escola, quais os cuidados que devemos ter com o ambiente em que estudamos e frequentamos diariamente. Atividade de pintura e escrita de frases sobre o bom comportamento do cidadão no ambiente escolar.

No sétimo dia e oitavo dia, não pude realizar nenhuma atividade, pois a professora necessitou usar todo o seu horário devido às mudanças que ocorreram na escola.

Nos nono e décimo dias, (em compensação), fiquei com as manhãs livres para fazer as atividades planejadas. Nesses dias fizemos um apanhado geral sobre tudo que havíamos visto durante os dez dias. Confeccionamos dois murais: um com os direitos e os deveres dos cidadãos, e o outro, com desenhos a partir de frases, como por exemplo: “Não vale jogar lixo no chão”, “Não vale falar todo mundo ao mesmo tempo”, “Água... Se economizar não vai faltar”, “Mostre que você é educado”, entre outras.

Superando as dificuldades na experiência

Durante o estágio realizado na escola, pudemos colocar em prática os referenciais teóricos e nos permitiu fazer diagnósticos sobre a aprendizagem como educadoras em formação, haja vista, esse ser um dos assuntos em discussão quando o tema é teoria e prática.

Sempre nos questionamos com quantos livros e quantas leituras eram suficientes para estarmos preparadas e responsáveis para atuar nessa profissão. Os professores, os livros e as escolhas, são fundamentais para que nos tornemos confiantes, e principalmente, para encontrar um ponto de equilíbrio, mas a prática é fundamental.

Para nós, futuras pedagogas, estar no meio das situações, vivenciando e compartilhando saberes não tem preço, ainda mais, quando se está em uma área comum, a sala de aula.

Estagiar é o maior dos desafios acadêmicos. Enfrentamos medos, angústias e opiniões, e mesmo com pensamentos de desistência, seguimos em frente. Foram muitas as dificuldades, dia após dia. Primeiro por estarmos à frente de uma turma, ter um título para o projeto e desenvolvê-lo, atrelando a assuntos multidisciplinares, sem trazer prejuízos à turma com relação ao cronograma e o planejamento escolar. Como nos mostra Mattos e Muggiati:

As dificuldades, muitas vezes, persistem porque não se conseguem ver nelas a oportunidade de uma atuação diferenciada, pois os valores e as percepções de condutas e ações estão ainda muito enraizadas nas formas reducionistas. (MATTOS; MUGGIATI, 2009, p.115).

E por isso que foi tão significativo estar à frente deste trabalho, preparando atividades diferentes, dentro do contexto e que chamasse a atenção das crianças para o tema proposto do projeto, tornando a aprendizagem algo significativo e prazeroso. Pois acreditamos, assim como aborda Paulo Freire que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (2010, p. 47). A partir do tema: “Cidadania: Direitos e Deveres” foram desenvolvidas atividades lúdicas e tradicionais, onde as crianças eram estimuladas a refletir sobre a importância de ter direitos e cumprir deveres junto à sociedade.

Seguindo os conteúdos que estavam sendo abordado pela professora titular, as atividades que foram realizadas por nós teriam uma contribuição a mais: o esclarecimento sobre o que é ser cidadão. Foi possível constatar que a criança com sua astúcia e curiosidade compreende e assimila as informações transmitidas de maneira lúdica com mais facilidade, corroborando o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998). E foi assim que buscamos realizar esse trabalho.

Considerações finais

Durante o estágio contamos com o apoio das professoras das turmas, que foram de fundamental importância para a realização do projeto. Apesar dos desafios que envolvem a carreira do ser professor, ainda acreditamos que este sujeito contribui de forma direta na formação de sujeitos, agregando valores positivos e contribuindo para o fortalecimento de uma sociedade.

Tivemos pontos positivos e negativos durante todo o estágio. Entre os pontos negativos destacamos o tempo liberado para nós, como havia muitos assuntos atrasados, então as professoras das turmas nunca liberavam toda a manhã para o nosso estágio e assim tínhamos que transferir algumas atividades para o outro dia. A falta de material na escola, a estrutura escolar também são pontos negativos que destacamos no estágio.

Como pontos positivos, tivemos a abertura da escola, já que alguns professores não aderiram à greve, fomos bem recebidas, as crianças nos respeitaram, nos obedeceram, atenciosas e dispostas a aprender mais sobre “Cidadania”. Esse estágio também nos fez crescer como profissionais e refletir sobre que tipo de docentes queremos ser.

O Estágio Supervisionado III nos proporcionou uma grande experiência no que diz respeito à docência, apresentando a nós o real significado de sermos professoras, nos levando a uma reflexão de nossa prática, despertando em nós a importância das nossas ações na contribuição da formação das crianças. No período em que tivemos a frente de crianças inteligentes e criativas fomos percebendo como elas têm curiosidades e satisfação em aprender sobre assuntos que diz respeito ao nosso dia-a-dia e a receber o novo, diferente de nós adultos que não aceitamos muitas inovações.

Descobrimos também o quanto é prazeroso a realização de um trabalho como esse, fazendo despertar dentro de cada um de nós o papel que cada um tem na sociedade e formas de vivermos bem e respeitar o nosso próximo, assim como também respeitar o meio ao qual estamos inseridos.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/** – Brasília: MEC/SEF, 1998. VI introdução.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 41 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/o-professor-moderno/47463/#ixzz2JeH8mTLA> Acessado em janeiro/2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Disponível em: <http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_do_Oprimido.pdf>. Acessado em dezembro/2012.

LEITE, Márcia Pereira. **Preconceito racial e racismo institucional no Brasil. Rio de Janeiro: 2012**. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1202>> Acessado em dezembro/2012

MATTOS, E. L. M.; MUGGIATI, M. M. T. F. **Pedagogia hospitalar**. Curitiba: Vozes, 2009.

MÜLLER, Fernanda. *Infâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência*. **Educação Sociedade**. Campinas, maio/ago. 2006.

VYGOTSKY, **A formação social da mente**. 1. Ed. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução: José Cipolla Neto, Luís Silveira Mena Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZACHARIAS, V. L. C. (s.d). Paulo Freire e a educação. Disponível em: <[HTTP://www.centrorefeducacional.com.br/paulo.1.html](http://www.centrorefeducacional.com.br/paulo.1.html)> Acessado em outubro/2012.



“AS VÁRIAS FORMAS DE VIOLÊNCIA”

Michele Souza Dos Santos³⁵

Introdução

O presente artigo apresenta os resultados obtidos na disciplina Estágio Supervisionado III, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe. Com o intuito de expor as atividades que foram realizadas no período do estágio, com relatos de dificuldades e experiências adquiridas durante o mesmo, realizado em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, em uma turma do 2º ano do ensino fundamental menor, com vinte e sete alunos matriculados, sendo que destes 21 (vinte e um) frequentavam as aulas.

O tema escolhido através de votação pelos próprios alunos foi a violência, (sendo este um assunto que é considerado muito polêmico), com ele surge vários questionamentos sendo que a principal indagação é: Porque a violência acontece?

A violência está em toda a parte e atualmente os dados estatísticos cada vez mais se tornam assustador, com a escolha deste tema e durante o estágio consegui conscientizar e fazer com que as crianças tivessem atitudes diferentes das quais tinham bem antes dos nossos encontros. Na hora do recreio, por exemplo, podíamos observar como as brincadeiras eram consideradas pesadas, e em um dos nossos debates consegui transmitir para eles que violência não tem nada a ver com brincadeiras infantis.

Relacionando a vivência na sala de aula com a necessidade dos alunos estarem interligados com o que acontece no mundo e na sua realidade cotidiana, concordo com Luckesi ao afirmar que:

[...] quando se fala na educação em geral, diz-se que ela é uma atividade onde professores e alunos, mediatizados pela realidade que apreendem e da qual extraem o conte-

údo de aprendizagem, atingem um nível de consciência dessa mesma realidade, a fim de nela atuarem num sentido de transformação social (LUCKESI, 1994, p. 64).

O tema trabalhado foi escolhido pela própria turma e com auxílio do professor no primeiro encontro. Nesta ocasião, conversamos sobre temas que os alunos tem maior necessidade de aprendizado e ao mesmo tempo curiosidade, sendo que foram elencados 3 (três) temas de interesse da turma: Os animais; as plantas e a violência. Posteriormente quando conversamos com os alunos, eles ficaram bastante curiosos com o terceiro tema: A violência, e a partir dessa escolha surgiram várias perguntas e dúvidas sobre o assunto, sendo que delas duas me chamaram a atenção: "Porque homem bate em mulher?" e também, "Porque tem tantas brigas?" Percebi durante essa conversa que os alunos ficaram bastante ansiosos e querendo conversar sobre o assunto.

Fizemos também um relacionamento do tema com o Bullying, que na verdade levando em conta opiniões e dados estatísticos se trata do mesmo assunto, pois o Bullying sempre existiu só que era conhecido com outro nome, como briga, ou até mesmo violência segundo a Wikipédia

[...] é um termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder... (Wikipédia)

No entanto, na maioria dos casos, o Bullying repercutiu mais por ter ocorrido dentro do ambiente escolar, assim iremos tentar entender e relacionar o porquê que essas violências ocorrerem, e o que fazer e como tentar evitá-las para que o caso não agrave e possa chegar ao extremo.

Relacionamos o tema transversal que são conteúdos que não fazem parte obrigatória do currículo da escola mas que podem ser explorados em sala de aula. "As várias formas de violência" com as disciplinas "tradicionais" visando sempre a coletividade e principalmente a contribuição do assunto para a convivência e crescimento educacional dos alunos e o da própria comunidade, sempre tentando estimular a participação de todos os educandos.

É muito interessante usar os temas geradores, pois sei que estes abrem novos caminhos para que os alunos se manifestem e participem mais ativamente das aulas.

A motivação se dá a partir da codificação de uma situação-problema, da qual se toma distância para analisá-la criticamente. “Esta análise envolve o exercício da abstração, através da qual procuramos alcançar, por meio de representações da realidade concreta, a razão de ser dos fatos (LUCKESI, 1994, p. 64).

Em conformidade com Luckesi, acredito que, a relação com a realidade é um ponto chave para motivar os alunos a participarem das aulas, pois além de ser interessante o debate entre os alunos, é importante para que os mesmos manifestem suas opiniões, fazendo com que se tornem sujeitos capazes de defender o que acham mais convenientes, e não somente crianças que apenas escutam e não manifestam suas opiniões ou indagações, ajudando as mesmas a defenderem o que acham interessante, formando cidadãos que sejam capazes de opinar sempre que for necessário ou quando algo esteja incomodando-as.

Anteriormente o que me chamou a atenção foi o plano de aula, pois quando o observei percebi que não tem planejamento de todas as disciplinas. Então, perguntei ao professor da turma o porquê e ele me disse que as crianças tem várias dificuldades na escrita e na leitura, portanto ele está dando prioridade a disciplina de português para conseguir alfabetizá-los. Não adianta abordar todas as disciplinas se os alunos não dominam a escrita muito menos a leitura, no planejamento só tem as disciplinas de português e matemática, e os alunos só escreviam ou copiavam o que estavam escrito no quadro ou quando ditava letra por letra para eles escreverem no caderno.

O projeto teve como objetivo despertar o interesse dos alunos sobre as causas da violência, através de debates sobre esse assunto e como esse tipo de prática pode ser evitado. E, como objetivos específicos: exemplificar os tipos de violência que podem existir ou acontecer na sociedade; promover debates com a turma e proporcionar troca de experiências sobre o assunto; estimular leituras sobre o tema e refletir sobre o assunto e qual a contribuição que cada um pode dá.

Os assuntos foram selecionados seguindo o cronograma do professor da turma, sendo que o mesmo me ajudou bastante antes de iniciar o meu estágio mostrando sempre estar disponível caso houvesse necessidade.

Proseguimos somente com as disciplinas de português e matemática dando continuidade ao planejamento do professor, devido a turma ter muita dificuldade nestas disciplinas. E, nas sextas feiras incluíamos aulas de artes.

Na disciplina de português trabalhamos principalmente a leitura visando a imensa dificuldade de alguns alunos em não conhecer as letras, o alfabeto era uma das prioridades nas aulas com emborrachado fizemos diversas dinâmicas.

Em matemática os números e a sua importância foi o maior destaque, utilizamos peixinhos com números em EVA (emborrachado) e fizemos brincadeiras incentivando a participação de todos os alunos.

Caracterização da escola

A Escola Municipal de Ensino Fundamental L. R. A.³⁶, situa-se em São Cristóvão / SE, funciona nos três turnos. A missão da instituição é Educar para o Futuro. As fontes de recursos financeiros são o PDDE (Programa de Dinheiro Direto na Escola) e o PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional).

A aquisição de contratos de funcionários é feita pelo SEMED através de concurso público ou contrato. A manutenção do prédio é realizada através da prefeitura do município. Segundo a diretora, a professora J³⁷ na escola tem o Comitê Comunitário que é atuante e também participa ativamente nas decisões escolares. Este é representado pelas pessoas que compõe e são responsáveis pelos alunos, ou seja, os pais e familiares. Também informou que a escola teve a nota do IDEB considerada uma das melhores do estado de Sergipe que foi 5,6 e que a instituição possui tanto o PPP quanto o Regimento escolar, porém no período em que realizei o estágio a mesma me falou que eles estavam no Conselho de Educação.

36 Utilizamos siglas para preservar a identidade da escola e dos alunos.

37 Será utilizado Letras para preservar a identidade dos envolvidos.

A clientela da unidade de ensino é considerada de classe baixa. São alunos que moram nos locais próximos como a grande Rosa Elze, o Quilombo, Conjunto Maria do Carmo e Rosa Maria. Alguns dos alunos têm o acompanhamento dos pais que participam ativamente de reuniões ou vão até a escola para levá-los e aproveitam para conversar com os professores ou com a diretora sobre comportamento e rendimento escolar dos filhos, mas alguns, infelizmente não tem o mesmo acompanhamento.

A Prática pedagógica

Para desenvolver as atividades na sala de aula utilizei bastante diálogo com os alunos, pois é mediante a conversação que as crianças se sentem mais a vontade e conseguem se expressar melhor na roda de conversas.

No primeiro dia do estágio a princípio me apresentei para turma e pedi para que todos eles também se apresentassem, falando o nome, idade, onde morava e com quem morava, fiz isso como um “quebra-gelo”. Percebi que os alunos estavam curiosos e ao mesmo tempo incomodados com a minha presença, apesar de já ter existido um primeiro contato anteriormente quando fui conversar com os mesmos sobre qual o tema que iria utilizar no meu estágio.

Logo em seguida, pedi para que eles falassem um pouco sobre o que cada um entendia sobre a violência. Após o debate, as crianças falaram um pouco sobre o que entendiam a respeito do tema e depois solicitei que eles escrevessem no caderno o que eles tinham debatido. Foi aí que percebi uma enorme dificuldade de toda a turma em escrever, alguns mal conheciam as letras, “travaram” na hora em que pedi para escrever, um dos alunos começou a chorar dizendo que não sabia escrever. Então, conversei com eles e fui dizendo que podiam escrever como eles sabiam, porém eles ainda ficaram “travados” então peguei o alfabeto em EVA colei no quadro e fui perguntando o que era violência para eles e a cada palavra que eles falavam eu escrevia no quadro e embaixo eles colavam a letra de emborrachado daí conseguimos escrever um pequeno texto no quadro e eles transcreveram no caderno, pois

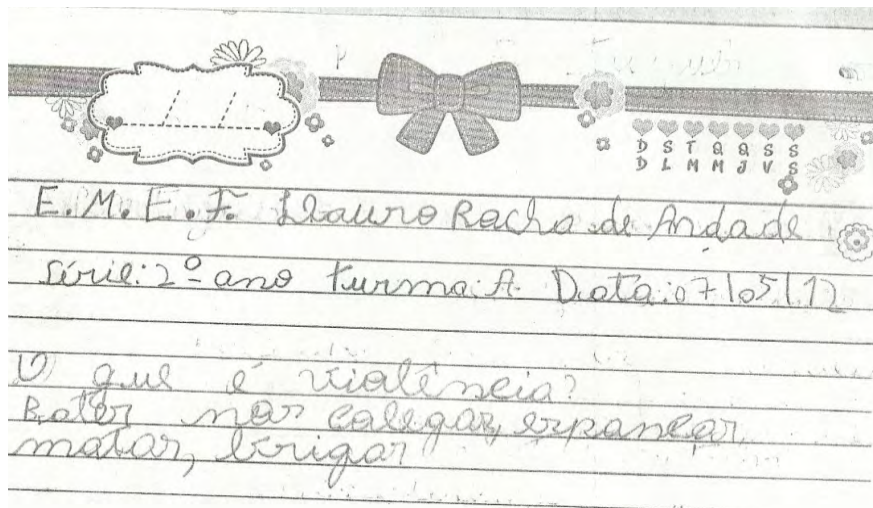
[...] assegurar a todas as crianças o máximo de desenvolvimento de suas potencialidades, tendo em vista auxiliá-las na superação das desvantagens decorrentes das condi-

ções socioeconômicas desfavoráveis. A maioria das crianças é capaz de desenvolver suas capacidades mentais (LIBÂNEO, 1994, p. 124).

Concordo com o comentário de Libâneo, pois infelizmente as dificuldades socioeconômicas influencia bastante as crianças. Visando o lado financeiro, geralmente as famílias mais desenvolvidas tem condições de matricular seus filhos quando completam dois anos de idade na rede particular de ensino, porém as menos favorecidas só os matriculam com (5) cinco anos e nem sempre tem como acompanhar o desenvolvimento escolar isso faz com que a criança tenha mais dificuldades de aprendizagem.



Olhando por este lado acho que o professor deve ter mais de um plano para ministrar suas aulas não desfavorecendo nenhum aluno, mas interagindo com todos sem prejudicar nenhum, sempre instigado o aluno a participar.



Em um outro momento, na aula de Educação Física, percebi, durante a aula prática, que alguns alunos tanto empurravam os colegas para adquirir vantagens em cima dos menores. Como xingavam alguns palavrões quando as suas estratégias não davam certo. Observei que o professor sempre chamava atenção destes alunos mais agressivos. Mas, não “dava certo” e os mesmos continuavam a empurrar, gritar e falar alguns palavrões.

Levando em consideração o que confirma Hayeck, que é complicado lidar com o tema violência, uma vez que

[...] É arriscado expor um conceito da palavra violência, pois ela pode ter vários sentidos, tais como: ataque físico, sentido geral de uso da força física, ameaça ou até mesmo um comportamento ingovernável (HAYECK, 2009, p. 02).

Aproveitei este momento para conversar sobre a violência manifestada através de palavrões ou empurrões e, na aula, mudamos estas situações para outros gestos. Quando eles voltaram para a sala começamos lendo algumas palavras do quadro, que os próprios alunos iam ditando, foram palavras chamadas de Atitudes carinhosas. Cada aluno ia ditando palavras, por exemplo, AMOR, CARINHO, PAZ etc. e os mesmos iam falando a importância dessas atitudes em nossas vidas. Sendo

que eu ia escrevendo no quadro e depois fomos lendo cada palavra e as crianças sempre interagindo.

Em um outro momento iniciamos o dia com um ensaio do coral para o dia das mães, fiquei surpresa como as crianças se mostraram interessadas prestando bastante atenção em toda a coreografia.

Logo após, as crianças confeccionaram um cartão de homenagem ao dia das mães. Percebi em cada rostinho a vontade de fazer um belo cartão para presentear.



Gabi³⁸ fez um lindo cartão para a mãe estava prestando muito atenção na confecção do cartão, percebi durante a confecção destes cartões que as crianças estavam muito tranquilas e com vontade de concluir o trabalho. Neste dia, o silêncio tomou conta da sala de aula e todos só pensavam e terminar os cartões para levar para as mães.

38 Os nomes dos alunos e professores envolvidos foram alterados, objetivando salvar a identidade dos mesmos.



Luis também fez um cartão para a mãe. No dele desenhou uma árvore que, segundo ele, representava a mãe, a base de tudo, e o sol era a luz que papai do céu iluminava a vida dele. Foi um dia muito interessante. Saí muito feliz em ver a força de vontade de cada um, que com muita atenção desempenharam a atividade solicitada.

Segundo Silva e Zilberman (2003), a sala de aula é o espaço em que as crianças conseguem se expressar, mas para que isto aconteça o educador deve instigar a criatividade de seus alunos e buscar na íntegra que os mesmos consigam se expressar espontaneamente deixando-os livre para “liberar” a sua própria criatividade.

A sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança (ZILBERMAN; SILVA, 2003, p. 16).

Levando em consideração que o espaço da sala de aula deve ser utilizado para o desenvolvimento dos alunos pelo gosto da leitura, os professores deveriam também utilizar outras estratégias que eleve o desempenho dos alunos, propiciando a participação dos estudantes na aula.

As rodas de conversas tinham como principal objetivo escutar as crianças e saber sobre as suas opiniões de como evitar a violência; os alunos falaram muito sobre o que a causa e como deveria ser evitada.

Sabemos que o ambiente familiar é a base de tudo, sendo que ter um ambiente harmonioso e repleto de carinho é muito importante, porém se a criança vive em um ambiente totalmente desestabilizado há indícios de fortes influências em relação com a criança e a sua maneira de agir ou pensar. De acordo com Gomes,

[...] consciência acerca da historicidade da problemática: relação entre maus-tratos e desumanização conhecimentos dos problemas psicológicos encontrados em crianças que vivem em contato com a violência (GOMES; SILVA; NJAINE, 1999, p. 175).

Infelizmente tenho que concordar com o que Gomes, Silva e Njaine afirmam, porém estamos tão “acostumados” em ver e ouvir tantos absurdos, de famílias desestruturadas que, as vezes, mesmo sabendo que isto não é eticamente correto, acabam transparecendo como algo normal e, para completar o relapso com a situação de instabilidade familiar, o mais assustador é que tem pessoas que não procuram fazer sua parte para tentar mudar esta situação.

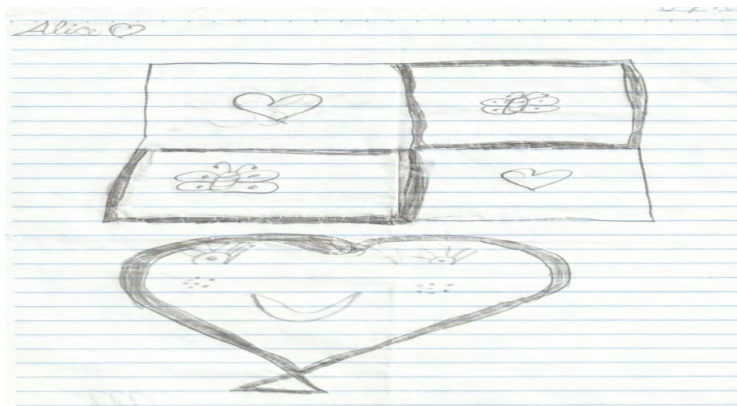
E ao mesmo tempo temos que nos conscientizar, sabemos que é muito difícil esta realidade, porém devemos frisar que é sempre bom cada um procurar fazer a sua parte para tentar mudar essa situação.

Em outro momento levei algumas figuras e coloquei-as no quadro representando alguns tipos de atos violentos e aos poucos fomos debatendo o que era aquela figura e se era um tipo de violência e o que poderíamos fazer para mudar a situação. Aproveitei o ensejo e dramatizamos a aula de acordo com cada figura instigando assim a participação dos alunos. E por fim, ao invés do cartaz, eles fizeram um desenho livre sobre o combate a violência, sendo que depois da elaboração fizemos a apresentação de cada desenho. Nestes desenhos, a maioria fizeram corações e os deixaram bastante coloridos sempre enfatizando que o coração é o significado do amor que, segundo eles, não tem nada a ver com a violência.

Foi muito interessante todos os depoimentos e fiquei muito feliz. Pois os alunos se conscientizaram, não somente do que é violência, mas também como evitá-la e qual é o verdadeiro sentido das atitudes que combatem a mesma.

A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis. (ECA, 1990, pg. 3)

O Estatuto da Criança e do Adolescente declara que as crianças tem o direito da liberdade, todo o apoio necessário, deve ter livre expressão e acima de tudo de serem respeitados. Concordo plenamente, sendo que, em minha opinião, as crianças devem ser ouvidas e respeitadas acima de tudo, e estas quando são questionadas declaram-se muito sábias e inteligentes.



Considerações finais

O estágio no Ensino Fundamental menor foi muito interessante porque tanto aprendi com os alunos como também tentei ao máximo contribuir, na vida escolar, das 21 crianças que conheci.

Não foi muito difícil, sendo que já trabalhei como professora; a única diferença é que fui educadora da rede privada de ensino. Porém, confesso que a princípio fiquei um pouco confusa e assustada com a realidade dos alunos, mas já tinha experiência com outros estágios e com pesquisas para conclusão de trabalhos da UFS. Em relação às dificuldades enfrentadas pelos alunos e professores da rede pública de ensino, já fui preparada para possíveis eventualidades.

Apesar de não ser muito fácil falar de mim mesma e me auto avaliar, considero que o estágio docente foi muito gratificante e que consegui desenvolver mais de 80% do que havia sido programado nos planos de aula e no projeto, visando que todos os educadores tem que ter no mínimo 2(dois) planos o A e o B, caso uma atividade não possa ser desenvolvida deve ter outra já planejada para por em prática sendo que a aula e os alunos não devem ser prejudicados.

Considerarei este estágio um grande aprendizado para a minha vida pessoal e muito produtivo no lado profissional, na verdade é muito interessante conhecer as realidades diversas que encontramos nas salas de aula. Havia crianças que apesar de não ter o devido acompanhamento que merecia, não se deixavam abater com as dificuldades, na verdade mostravam muito desempenho no aprendizado, por outro lado tinha outras agressivas e um pouco rebeldes. Porém, não houve nenhum problema com nenhum deles e consegui concluir o meu estágio com tranquilidade sem maiores conflitos, sendo que, por algumas vezes tive que mudar o planejamento ou a metodologia da aula, nada que causasse conflito ou maiores problemas, tudo ocorreu muito bem.

Referências

BRAGANÇA, Angiolina Domanico; CARPANEDA, Isabella; **Viva Vida**. Livro Integrado. Nova Edição. São Paulo:FTD, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: Matemática/Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 142p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro03.pdf> Acessado em 01 de abril de 2012 as 22h 30'.

BURANELLO, Cristiane; REIS, Eliene Vieira dos. **Projeto Meu Livro Integrado**. Volume 1. Escala Educacional. 2005.

Estatuto da criança e do Adolescente. Brasília, 1990. 75 p. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acessado em 03 de abril de 2012 as 23h 15'

HAYECK, Cínara Marques, **Refletindo sobre a Violência**. Disponível em: http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.refletindo%20sobre%20a%20viol%C3%Aancia.pdf. Acessado em 02 de abril de 2012 as 13h.

FREIRE, Paulo. **Extensão e Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LIBANEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola. Teoria e Prática**. 5º ed., Revista e Ampliada, Goiânia: Alternativa, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**, São Paulo: Cortez, 1994.

PARO, Vitor Henrique; **Gestão Democrática da Escola Pública**; A natureza do trabalho pedagógico. 3 Ed. São Paulo: Ática, 2004.

SIELLO, <http://www.scielo.br/pdf/csc/v4n1/7140.pdf>. Acessado em 01 de abril de 2012 as 19h

Wikipédia, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying> . Acessado em 31 de janeiro de 2013.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11ed. São Paulo: Global. 2003.



A UTILIZAÇÃO DOS PROGRAMAS TELEVISIVOS EM SALA DE AULA³⁹

Gabriela Barbosa Reis⁴⁰
Jôse Keisele Ferreira da Penha⁴¹

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar os relatos de experiências vividas em sala de aula, no desenvolvimento do Estágio Supervisionado III. Este buscou realizar atividades com base em temas que partissem do interesse dos alunos, evidenciando desta maneira que podemos trabalhar os conteúdos programáticos de forma lúdica, utilizando diferentes recursos pedagógicos, sempre visando o aprendizado do aluno.

Partindo desta premissa, ao realizarmos uma conversa com os alunos, verificamos o interesse dos mesmos quanto aos programas televisivos, sendo assim nossas atividades foram voltadas para essa temática. Para tanto, procuramos compreender essa relação criada historicamente entre a sociedade e a televisão.

Em nossa sociedade, a comunicação tornou-se algo imprescindível para a sobrevivência do ser humano. Comunicar para Luís Fernando Veríssimo (1982), como podemos perceber em seu texto “Comunicação”, é o receptor compreender a mensagem que está sendo passada pelo emissor, seja por meio da fala, de gestos, sinais, expressões faciais, dentre outras.

É por meio da linguagem que as pessoas “[...] se comunicam, tem acesso às informações, expressam e defendem seus pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem conhecimento, produzem cultura” (BRASIL, 1998, p.19). Segundo Braggio (1992) a forma

39 Artigo elaborado com o Programa Prodocência/CAPES/UFS, em parceria com escolas públicas do Estado de Sergipe, a partir da disciplina Estágio Supervisionado III.

40 Graduanda do Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe. Email: gabriela_pedagogia@yahoo.com.br

41 Graduanda do Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe. Email: josekeisele@yahoo.com.br

de se comunicar é aprendida no contato com o outro, dependendo do meio em que a pessoa está inserida. Essa diferente forma de expressão deve ser respeitada, pois, não existe o certo ou o errado na fala das pessoas, há o diferente, mas, ao relacionarmos à escrita, precisamos seguir regras previamente estabelecidas pela sociedade dominante.

Um desses meios de comunicação utilizados em nossa sociedade é a televisão. Em 1925, ocorreu a primeira transmissão televisiva no mundo, sendo este aparelho inventado pelo escocês John Logie Baird. No Brasil, a primeira TV entra no ar em 18 de setembro de 1950, com a TV Tupi, primeira emissora da América Latina. A partir desse momento, a televisão entrou na vida das pessoas como forma de entretenimento, trazendo também informações de todo o mundo. Percebe-se ainda sua função educativa, transmitida por meio de filmes, debates, seriados, dentre outros.

A TV procura apresentar valores culturais, sociais, econômicos, políticos, montando uma integridade que leve o público a ser um espectador assíduo e fiel dos diversos programas apresentados. É possível encontrar programas sem criatividade ou caráter crítico, pois, atende ao público majoritário de determinado horário. Devido a essas ações produzidas pela televisão que acabam influenciando o público por meio de seus programas, o sistema televisivo domina, seja total ou parcialmente, seus usuários, gerando “poder” sobre os mesmos (SIQUEIRA, 2002).

Os programas televisivos atuam na sociedade de hoje para influenciar o receptor em seus desejos, pensamentos ou valores. Os programas de televisão preenchem o vazio social já que as pessoas mudaram de hábitos e passam mais tempo na frente da televisão, é utilizada como refúgio, fuga da realidade para as dificuldades do cotidiano. Procuram também maquiagem os problemas do dia-a-dia, mantendo aqueles que não procuram outro meio de se informar do mundo ao seu redor, na inércia, na passividade de aceitar as informações transmitidas por esse veículo comunicacional. Apesar desse controle que a televisão exerce na vida das pessoas, chegando a mudar sua forma de pensar ou agir, é necessário expor sua importância perante a sociedade.

Quando utilizada sendo realizado um planejamento, com atividades de caráter pedagógico, a televisão pode ser um recurso pedagógico enriquecedor do processo de ensino aprendizagem. Sendo assim, apresentamos nossos relatos sobre essa experiência pedagógica.

Relato da prática pedagógica

O estágio foi realizado no período de 07 de maio ao dia 01 de junho, sendo dividido em duas etapas, totalizando 20 (vinte) dias, sendo 10 (dez) dias ministrados por cada estagiária. Realizamos nossas atividades em uma instituição pública do município de São Cristóvão. As práticas foram realizadas no turno noturno, na turma do 1º ciclo, correspondente ao 2º e 3º ano do ensino fundamental regular. São matriculados na turma 22 alunos, porém o número registrado daqueles que compareceram às aulas não passava de 15. Estes alunos estavam numa faixa etária de 20 a 60 anos.

As disciplinas trabalhadas foram nas áreas do conhecimento da Língua Portuguesa e da Matemática, disciplinas ministradas para essa etapa de escolarização na EJA (Educação de Jovens e Adultos). Podemos encontrar nos PCNs, dessas áreas que existem os temas transversais para desenvolver determinado conteúdo. Como já foi citado anteriormente, o tema escolhido é “A utilização dos programas televisivos em sala de aula”, visando à compreensão do que foi explicado, com a realidade do aluno.

Nossos objetivos ao abordar essa temática foi poder proporcionar ao aluno assistir os programas televisivos com um olhar diferenciado, um olhar curioso para perceber o que a televisão está querendo mostrar assim como também, fazendo relação com o que foi estudado em sala de aula, percebendo que a educação pode ocorrer em diversos espaços. O estudante pode também começar a selecionar mais os programas a serem assistidos, até mesmo por seus filhos ou netos. A comunidade poderá perceber qual a influencia da televisão na rotina de cada um deles ou da família, como a mídia age para tentar induzir os receptores para que concordem com determinada informação.

Desta maneira para abordar os conteúdos partimos do interesse dos alunos, de suas vivências, buscando aproximar a escola da realidade dos mesmos. Compartilha desta visão Cagliari (2003), defendendo que a escola deveria ouvir mais os alunos sobre o que eles já sabem e usar esse conhecimento para apresentar outras formas de utilizar esse saber, pois, ao ingressarem na escola já trazem consigo diversas aprendizagens, cabendo ao professor utilizar esse conhecimento em sala de aula. Este deve também atuar para transformar desenvolvimento iminente em desenvolvimento efetivo.

Conforme Marsiglia (2011), o desenvolvimento efetivo é quando o processo de desenvolvimento já foi realizado, e no desenvolvimento iminente, a pessoa ainda precisa da ajuda de outra pessoa para solucionar algum problema. Realizando essa mediação, optamos por utilizar os conhecimentos e vivências dos alunos. Para tanto iniciamos as atividades com uma conversa para perceber o que os mesmos já sabiam sobre o tema apresentado.

Esse momento foi realizado de forma similar à hora da roda, pois, os alunos não estavam sentados em círculo, porém, teve o mesmo objetivo, proporcionar um momento de conversas, de expor opinião. A realização desta conversa é importante para proporcionar uma maior interação entre o grupo, uma socialização de ideias, onde cada um escuta a opinião do outro, concordando ou discordando, mas sempre respeitando a manifestação das ideias de cada um (FREIRE, 1983, p. 20). Após esta conversa inicial, os alunos representaram por meio de recortes e colagem seu entendimento quanto ao assunto abordado.

Com isso, fomos desenvolvendo atividades relacionadas aos programas televisivos anteriormente escolhidos pelos alunos juntamente com as estagiárias. A cada vídeo assistido um conteúdo era trabalhado. Sendo assim, nos dez primeiros dias apresentamos e revisamos conteúdos da Língua Portuguesa – alfabeto, o ç e os dígrafos am/ em/ im/ om/ um/ an/ en/ in/ on/ un – e da Matemática – sistema de numeração decimal: unidade, dezena e centena.

Apesar de encontrarmos resistência no início, posteriormente os alunos começaram a compreender que existem outros recursos que podem ser utilizados em sala de aula tendo em vista a aprendizagem dos mesmos.

Em continuidade às atividades, foram explicados nos dez últimos dias os seguintes conteúdos: dígrafos lh, nh, ch, rr e sistema de numeração decimal - unidade de milhar e dezena de milhar. Nessas aulas foram apresentados alguns vídeos que foram utilizados como recurso didático para ministrar os conteúdos das disciplinas. As utilizações desses recursos auxiliaram na dinâmica e na explicação e aprendizagem dos alunos nas aulas. Para essa aprendizagem eram escolhidos vídeos de interesse dos alunos para tornar as aulas mais interessantes. Durante o estágio pudemos perceber que muitos alunos estavam

acostumados com uma aula de giz e quadro, que apesar do interesse de todos pela televisão houve resistência com a metodologia da aula. A partir dessa experiência tivemos que adequar nossa técnica de ensino com o método da professora de sala.

A sociedade de um modo geral acostumou-se com um sistema de ensino onde o aluno está na sala de aula somente para copiar e responder ao que o professor apresenta. Quando as atividades apresentadas não se encaixam nesse padrão formado pelas pessoas, entende-se que não está ensinando nem aprendendo. Depois dos ajustes realizados, as aulas ocorreram de uma maneira interessante com a participação da maioria dos alunos presentes nas aulas, aumentando sua aprendizagem e compreensão dos conteúdos.

Ao final do estágio realizamos uma avaliação. Esta ocorreu em formato de bingo, utilizando os conteúdos apresentados. A escolha do bingo acertou-se devido o interesse dos alunos quanto ao assunto. Esta avaliação teve por finalidade observar o progresso dos alunos durante todo o processo pedagógico. Conhecemos esta avaliação como formativa ou processual, apresentando a ideia de que avaliar não tem em vista classificar os êxitos ou fracassos, entende-se como um conjunto de procedimentos que auxiliam na melhoria do ensino e da aprendizagem (BLOOM, 1975).

No decorrer desse estágio foi possível desconstruir a visão de alguns alunos que aprender limitava-se ao quadro e ao caderno, mostrando que é possível aprender utilizando outros recursos dentro da sala de aula. Ocorreu o mesmo quanto à avaliação, que assusta a maioria das pessoas, porém a maneira a qual realizamos nossa avaliação deixou os alunos menos tensos para expor seus conhecimentos ou tirar dúvidas. Vale ressaltar não adianta utilizar determinado recurso sem que este apresente um objetivo pedagógico, visando o aprendizado do aluno.

Considerações finais

Percebe-se que nos cursos de Licenciatura, o Estágio Curricular, no que se refere à formação profissional, é de fundamental importância. É através do estágio que o futuro professor terá contato com o ambiente de atuação da sua área de formação. Desse modo, possibilitando a aproximação com a realidade da escola, ele é a ponte entre a teoria e a prática.

Diante da realidade escolar o acadêmico poderá relacionar as demais disciplinas vistas durante o curso com a prática com o exercício da atividade educacional, o que lhe permite uma reflexão sobre toda a teoria proporcionada durante sua formação. Além disso, o Estágio Supervisionado permite a construção da identidade profissional, já que, para aqueles que não lecionam, essa é a oportunidade de aprofundar os conhecimentos sobre a realidade escolar, o que até então era superficial.

Mesmo não sendo uma preparação completa para o exercício do magistério, como afirma Pelozo, o estágio “[...] possibilita que o futuro educador tenha noções básicas do que é ser professor nos dias atuais, como é a realidade dos alunos que frequentam a escola, entre outras” (2007, p. 2).

Mas para que a formação profissional do educador seja feita da melhor forma, o estágio deve se fundamentar em instrumentos teóricos e metodológicos, ou seja, a prática educacional deve ter uma base teórica desenvolvida durante o curso para a melhor compreensão e aproveitamento da atividade prática que o estágio possibilita.

A teoria auxilia a aluno/estagiário, durante o contato com a realidade escolar, no entendimento da estrutura e funcionamento da escola. Contudo, para isso, é necessário que as disciplinas tenham como eixo central a prática de ensino, pois assim a integração da teoria com a prática será possível durante o estágio.

O aluno/estagiário, porém, não deve somente aplicar ou repetir procedimentos aprendidos anteriormente. O encontro desse aluno com o campo de estágio lhe põe diante da obrigação de corresponder as necessidades do cotidiano escolar, que está sempre se modificando. Diante disso, as Universidades devem “[...] privilegiar, em seus currículos, a dimensão prática, não como espaço isolado, mas como um elemento articulador do curso.” (FELICIO; OLIVEIRA, p. 217)

Rousseau (2004) afirma que as pessoas aprendem e se desenvolvem a partir de suas experiências de vida. Então, porque não utilizar essas vivências do cotidiano do aluno em sala de aula? Trazer a realidade do aluno para a sala de aula é uma prática pouco utilizada nas nossas escolas hoje em dia.

Ao frequentar a escola, o aluno depara-se com um mundo novo, ao qual deve adaptar-se de qualquer maneira, pois, a escola não se adequa à realidade onde está inserida. Considerando que este mundo novo

elimina todas as suas vivências anteriores e externas à escola, os alunos acabam se desestimulando, passando a ver a escola como um elemento à parte da sociedade.

A escola é um ambiente de extensão da sociedade, onde esta tem direito a participação, visando à integração entre a escola e a comunidade, desenvolvendo relações de compromisso e responsabilidade entre as mesmas, tendo como objetivo melhorar a qualidade da educação.

Com a realização da prática desenvolvida durante a disciplina Estágio Supervisionado, foi possível observar que esse método pode ser utilizado em sala de aula, sem perder a visão pedagógica, sempre visando à aprendizagem do aluno. Podemos afirmar também que nós, por mais que não tenhamos experiência, somos capazes de desenvolver trabalho pedagógico e ministrar aula para qualquer modalidade de ensino, seja ela normal ou a de Jovens e Adultos, sendo um grande aprendizado voltado para essa visão que este estágio nos proporcionou.

Referências

- BAKHTIN, Michail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BLOOM, Benjamin. HASTINGS, J. Thomas. MADAUS, George F. **Evaluación Del aprendizaje**. 2 ed. Buenos Aires: Troquel, 1975. [Primeira edição em inglês - 1971]. Volume 1.
- BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. Sob o prisma dos métodos. In: **Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsico-linguística**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- BRASIL, LDB. Lei 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em < www.mec.gov.br>. Acesso em: 13 Out 2012.
- _____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília, 1998.
- _____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: matemática. Brasília, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo. SCIPIONE, 2003.

FELICIO, Helena Maria dos Santos; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre. **A formação prática de professores no Estágio Curricular**. Educar. Editora UFPR: Curitiba. N. 32, p. 215- 232

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. Considerações sobre desenvolvimento infantil. In: **A prática Pedagógica Histórico-Crítica na educação infantil e no ensino fundamental**. São Paulo: Campinas, 2011.

PELOZO, Rita de Cássia Borguetti. **Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado enquanto mediação entre ensino, pesquisa e extensão**. Revista Científica Eletrônica de Pedagogia. Ano V, N. 10, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques; FERREIRA, Roberto Leal (Trad.). **Emílio ou Da Educação**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Ciência e poder no universo simbólico do desenho animado. In: **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Forum de Ciência e Cultura, 2002. Disponível em <<http://www.museudavida.fiocruz.br/brasilliana/media/cienciaepublico.pdf>>. Acessado em 02 de dez. de 2012.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Comunicação. In: **Para gostar de ler**. v.7. 3.ed. São Paulo: Ática, 1982. p. 35-37.

WEFFORT, Madalena Freire. **A paixão de conhecer o mundo**: relatos de uma professora. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

A ESCOLA TAMBÉM DEVE EDUCAR PARA A SAÚDE!⁴²

Mariana Bispo de Jesus⁴³

Introdução

Quando nos referirmos à saúde, pensamos logo na ausência de doenças, mas precisamente em qualidade de vida. Considerando a escola como um espaço de aprendizagem, construção de conhecimento, podemos afirmar que a escola também deve educar para a saúde. Ela deve oferecer elementos que auxiliem o indivíduo a buscar seus direitos, se prevenir e cuidar de si próprio, ou seja, despertar nele uma consciência crítica para que o mesmo tenha condições de atuar em favor de seu próprio bem-estar e dos que convivem ao seu redor.

Um estudo desta natureza pode contribuir para que os alunos desenvolvam atitudes de vida saudável, levando em conta toda a formação e bons hábitos sobre a saúde adquiridos na família ou na escola. E assim, a partir de seu contexto social possam identificar quais fatores são benéficos ou prejudiciais à sua saúde. Nesta perspectiva, foi elaborado um projeto de ensino com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, numa escola da rede estadual.

No contato com as crianças, através de um breve diálogo, foi possível eleger um tema do interesse de todos. Diante disso, por decisão delas o projeto de ensino teve como eixo temático o tema “Saúde”, e como título “Educar para a Saúde”. A escolha se deu, pelo fato das crianças acharem o tema muito agradável e importante, porque poderiam aprender várias coisas de como cuidar da própria saúde.

Pretendeu-se com este projeto, contribuir para a compreensão de determinados aspectos que envolvem a saúde e, ao mesmo tempo, trabalhar a interdisciplinaridade, a fim de que os objetivos propostos fossem alcançados no desenvolvimento de atividades que valorizassem a qualidade de vida e o direito a saúde.

42 Artigo produzido em parceria com PRODOCÊNCIA UFS-CAPES na disciplina supervisionado IV, ministrada pelas Professoras Maria José Nascimento Soares e Andréa Freire de Carvalho.

43 Aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe.

Sem dúvida, a escola é um espaço privilegiado para construção de valores pessoais e por que não de promoção à saúde? Segundo Altmann (2001), é a escola, e não apenas a família, que tem a incumbência de desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa, que promova a saúde das crianças e dos adolescentes.

Educação e saúde: experiências pedagógicas

É no processo educativo onde são construídos os conceitos, os valores que determinam a conduta e a prática do indivíduo mediante a sociedade na qual pertence. É se apropriando dos conteúdos que ele será capaz de agir em favor de si mesmo ou do outro. Neste sentido, quando se fala em educar para a saúde, devemos observar que é um processo importante na formação do ser humano, pois é através deste apanhado de informações que ele desenvolverá uma prática em defesa de sua própria saúde.

A partir da proposta em desenvolver o tema “Saúde”, a metodologia adotada para trabalhar com as crianças foi debates, atividades em grupos e produção de texto. É importante ressaltar que o método de ensino da escola na qual realizei o projeto, segue o Programa de alfabetização de crianças das primeiras séries do Ensino Fundamental, o Programa Alfa e Beto. Portanto, as atividades planejadas ficavam restritas ao tempo disponível da escola, pois era obrigatória a execução do plano de ensino baseado no livro didático deste programa.

Dessa forma, na medida em que havia a oportunidade de trabalhar com as crianças o tema do projeto, desenvolvemos as três atividades mencionadas. Eram sempre realizadas no segundo horário, após o recreio, quando não havia programação da escola para os alunos.

A atividade do debate foi realizada no primeiro e segundo dia, em que coleí no quadro uma folha ilustrada com a palavra “Saúde” no centro e ao redor da mesma os tipos de higiene: a mental, a alimentar, a pessoal, a ambiental e a coletiva. Em seguida, as crianças expressaram o que acham sobre o assunto, exemplificando. Para concluir o debate, solicitei que escrevessem um pequeno texto, sobre a importância da saúde e depois ilustrassem o próprio texto com desenhos que mostram os cuidados com o nosso corpo. Nesta atividade percebi que os alunos não possuíam o hábito de produzir textos.

Eles reclamavam sobre como fariam a atividade, o que escreveriam e pediam que eu escrevesse no quadro o que deveriam copiar na folha. Então, conversei com eles, convencendo-os que escrevessem o que aprenderam no debate, não se preocupassem com a quantidade de linhas e sim em escrever sobre o que foi discutido.

Esta situação me recordou o que diz o autor Cagliari (1993) sobre a produção de textos espontâneos pelas crianças. Para ele, a produção de texto pelas crianças deve ser algo livre, sem exigências, sem que fiquem prezas a perguntas, roteiros, que seja uma escrita que flui da própria imaginação, o professor deve apenas orientar quanto à forma, o tipo de texto que vai ser escrito. De acordo com ele,

Quando as crianças vão escrever, não é necessário que se estabeleça um roteiro anterior; os roteiros, nesta fase, só atrapalham. Elas precisam escrever o mais livremente possível. Podem-se programar as atividades, por exemplo, pedir que recortem alguma fotografia de revista e escrevam uma história a partir dela. O que não se deve fazer é pedir que contem uma história em cinco linhas, usando só palavras conhecidas, e respondam a perguntas do tipo: quem, quando, onde, como, por que, etc. esse tipo de camisa-de-força é altamente inconveniente, pois quebra a iniciativa da própria criança e limita sua reflexão pessoal. (CAGLIARI, 1993, p.128)

Ainda trabalhando com debates de temas, em outro momento, levei para a sala de aula um cartaz com figuras que mostravam agentes causadores da poluição do ar e poluição sonora e também quais os tipos de doenças que contraímos devido o contato com a poluição. Os alunos gostaram muito de ver as figuras, faziam perguntas e ficaram atentos às explicações, sobre os cuidados necessários para não adquirirmos as doenças que são transmitidas pelo ar poluído.

Também debatemos sobre o Cartão de Vacinas. Cada aluno recebeu uma folha que continha uma tabela com as vacinas desde o nascer até os 11 anos. Foi levado para sala de aula um cartaz com os nomes das vacinas e as doenças que são prevenidas. Eles ficaram curiosos para saber os tipos de vacinas que tomaram, de quais doenças estão protegidos, e principalmente qual a vacina que ainda precisa tomar, pois a maioria tem faixa etária de 10 anos.

Enfoquei a questão da doença paralisia infantil, conhecida como Poliomielite, que é uma doença que provoca paralisia flácida dos músculos. Fiz uma correlação com o assunto que os alunos estavam estudando que era o Sistema Esquelético, explicando o que acontecia com os músculos ao ser contraído com a doença. Eles prestaram bastante atenção e os que tinham livro buscavam ver as imagens dos músculos e compreenderem melhor.

Ainda dando continuidade ao tema “Vacinas” e assim trabalhar a transversalidade, aproveitei para revisar os assuntos que eles estavam trabalhando na disciplina de português: o número de sílabas, a tonicidade e separação de sílabas.

Foi escrito no quadro os nomes das doenças e eu identificava com eles a quantidade de sílabas, sua tonicidade e forma de separação de sílabas. Esta atividade foi muito proveitosa, percebi que utilizando este método os alunos se interessaram mais pelo assunto de português. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais

A transversalidade diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade) (BRASIL, 2000, p.40).

Trabalhamos também o tema “Alimentação”, foi uma atividade de apenas 30 minutos, como as demais mencionadas anteriormente, porque já havia uma programação da escola para os alunos. Neste dia de atividade, levei para sala de aula um cartaz ilustrativo sobre esse tema, contendo várias figuras. Conversamos sobre a importância das vitaminas encontradas nos alimentos, que tipos de alimentos que devemos consumir com moderação para não prejudicar nossa saúde. Foi uma atividade apenas de diálogo com os alunos e esclarecimento sobre a importância dos alimentos para uma vida saudável.

Outra atividade realizada com as crianças foi o trabalho em grupo. Os alunos se dividiram em dois grupos, e cada grupo recebeu revistas, cola, tesoura e uma cartolina. Esta atividade consistiu em elaborar um cartaz sobre o tema do projeto “Educar para a Saúde”. Os alunos

procuraram nas revistas figuras que mostram os tipos de higiene que discutimos na aula anterior, como higiene mental, pessoal, alimentar, ambiental e coletiva, e daí montaram um cartaz com as figuras e descreveram quais os tipos de higiene presente em cada figura.

Foi uma atividade tranquila, percebi que os alunos gostaram muito, foi algo diferente para eles e ao mesmo tempo divertido, eles se orgulharam em elaborar o cartaz. Atividade que teve grande importância no processo de interação professor – aluno e aluno-aluno. De acordo com Gessinger (2003), ao propor atividades em grupo, espera-se que os alunos avancem para níveis mais elevados de participação, engajando-se em torno de um objetivo comum e atuando de forma cooperativa.

A atividade de produção de texto foi trabalhada no primeiro e no penúltimo dia de aula. Neste penúltimo dia, pude perceber que as crianças já não se recusavam a fazer a atividade e procurar entender o que eu estava solicitando e começaram a fazer. Foi uma experiência muito satisfatória para mim. Essa produção foi intitulada como “Minha Atividade Sobre a Saúde”, os alunos receberam duas folhas, uma em branco para a capa e a outra com linhas para a escrita do texto.

O texto solicitado era a respeito de tudo o que trabalhamos em sala sobre a saúde. Os alunos dividiriam a folha com linhas em quatro partes e cada uma seria um tema trabalhado em sala. Como por exemplo, a higiene, a poluição, a alimentação e as vacinas. Para a realização desta atividade, foi preciso formar pequenos subgrupos para poder ser bem distribuído os lápis de cor, pois eram apenas quatro caixas.

Foi uma atividade muito tranquila, percebi que não escreviam forçadamente e sim com satisfação e o desejo de deixar o trabalho deles pronto e colorido. A participação dos alunos foi excelente, eles ficaram felizes em realizar a atividade, gostam muito de desenhar e colorir e passaram a maior parte do tempo colorindo. Escreveram na medida em que iam recordando o que assimilaram dos conteúdos do projeto.

No último dia do estágio, executei no primeiro horário o plano da escola, e no segundo, por ser uma sexta-feira em que os alunos tinham aula de informática após o recreio, os 30 minutos que restavam para o encerramento do meu estágio aproveitei para agradecer a turma pela participação, à professora pelo espaço e compreensão, e também conversei com os alunos sobre o que acharam do projeto, se

gostaram, acharam importante, se aprenderam. Eles confirmaram que gostaram muito, que já estavam com saudades e perguntaram se eu não voltaria para fazer outro. Como foi o encerramento, pedi à professora da turma que me ajudasse a expor todos os cartazes do projeto para tirarmos juntos uma foto. Os alunos adoraram e assim encerrei minhas atividades com a turma.

Considerações finais

A realização deste estágio foi extrema importância para minha formação acadêmica, me proporcionou experiências edificantes para o meu papel de educadora. Foi um momento valioso para mim, mesmo diante de várias dificuldades, como: não poder realizar meu próprio planejamento interdisciplinar, ter que seguir o da escola, não ter tempo suficiente para trabalhar com as crianças de maneira íntegra o projeto “Educar para a Saúde”, não perceber que a professora da turma se envolveu junto comigo na ação, a falta de material para algumas atividades, a falta de comunicação por parte da direção em avisar o que haverá de inesperado para o dia.

Todos esses fatores fizeram parte da minha vivência no período de estágio, mas observando por outro lado, são bastante significativos para minha reflexão se realmente eu desejo ser professora, seguir a carreira, pois dificuldades como estas serão várias.

Tenho plena consciência de que ser professor é mais que uma profissão, requer uma doação de vida, um profundo comprometimento pela causa da Educação, da formação do homem, mas pra isso, é necessário se desgastar, superar e querer.

Se tratando da realização do projeto, acredito que contribuiu na formação das crianças como cidadãos críticos, capazes de agir de maneira reflexiva no que diz respeito à saúde, a manutenção da sua integridade, dos seus direitos e deveres e principalmente sua dignidade.

Portanto, foi uma experiência proveitosa e que me proporcionou uma grande reflexão sobre a realidade da educação, as limitações do educador, os objetivos de sua prática, porque o dia-a-dia de um professor que tem compromisso e acredita no valor da educação, não é fácil. E

se o mesmo, não tem uma definição clara do que realmente quer como professor, a sala de aula não é o lugar certo, pois são os alunos os mais prejudicados e esta situação agrava cada vez mais a qualidade da nossa educação brasileira.

Referências

ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. In: Revista Estudos Feministas, v.9 n.2. Florianópolis, 2001. Disponível em: www.scielo.br acesso em 22 de abril de 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Apresentação dos temas transversais: ética / Secretaria de Educação Fundamental. 2ª Ed. Brasília: DP&A, 2000.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. 6º Ed. São Paulo: Scipione, 1993.

GESSINGER, Rosana Maria. **Atividades Realizadas em Grupos**. <<http://www.pucrs.campus2.br/atividadesemgrupo.pdf>> acesso em: 02 de outubro de 2012.



A IMPORTÂNCIA DO ESPORTE E DOS JOGOS PARA O DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS⁴⁴

Jamile de Oliveira Barbosa⁴⁵

Introdução

Este artigo tem como objetivo mostrar as atividades concretizadas no estágio supervisionado III, ministrado pela professora Dr^a Maria José Nascimento Soares, descrevendo as dificuldades, anseios, descobertas e a experiência adquirida no decorrer da prática em sala de aula. Essa experiência aconteceu em uma escola da rede pública municipal de ensino, situada na cidade de Lagarto, durante 10 dias - de 07 a 18 de maio de 2012 - na turma do 4º ano do ensino fundamental, composta por 34 alunos com faixa etária de 9 a 10 anos.

Para a realização dessa prática docente, foi elaborado um projeto de ensino com o tema “A importância do esporte e dos jogos para o desenvolvimento dos alunos” que teve como objetivo: possibilitar aos alunos condições para que se apropriem de aspectos diversos contidos nos esportes e dos jogos, como os benefícios em praticá-los, desenvolvimento o raciocínio, a cooperação, entre outros. O tema foi escolhido devido à curiosidade dos alunos em aprender sobre alguns esportes. Este projeto possibilitou aos alunos a oportunidade de relacionar-se com o outro, a ter disciplina, respeito mútuo, atenção à saúde, solidariedade, entre muitos outros.

Para a concretização do objetivo foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: debates, produção de texto, leituras de textos informativos que abordem o tema citado, confecção de cartaz sobre “minha história, minha vida”, atividades em folha e no caderno, dinâmicas, sempre enfatizando a importância dos esportes e jogos na vida individual e social dos alunos.

44 Artigo elaborado em parceria com o Projeto Prodocência / UFS.

45 Graduada do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: Jamilinha1977@hotmail.com.

Além de instruir sobre os conteúdos didáticos propostos, o projeto proporcionou aos alunos uma visão mais ampla acerca da importância dos esportes e dos jogos porque a prática de esportes beneficia grandiosamente os indivíduos e até mesmo a sociedade. A prática de esportes auxilia na prevenção de doenças, colabora para o desenvolvimento físico e psíquico além de desenvolver e melhorar tais formações.

A importância do esporte e dos jogos no âmbito escolar

Ao trabalharmos esse tema dentro da sala de aula, mostramos aos nossos alunos como são fundamentais os esportes para uma melhor qualidade de vida. Ao praticar um esporte expressamos sentimentos, crenças, valores morais e éticos, enfim nosso modo de sentir e perceber o mundo. O esporte promove à ação educativa, a socialização, a cooperação, participação, o prazer, a espontaneidade, a iniciativa, serve de aprendizado para a vida em sociedade (GUARESCHI, REIS, HUNING, 2007).

Já os jogos promove conhecimento aos alunos e deve ser uma ferramenta integrada ao processo ensino aprendizagem, pois, além de colaborar para o desenvolvimento cognitivo, garante o desenvolvimento pessoal, social, afetivo, físico e psicomotor. O jogo proporciona aos alunos momentos de diversão e, além disso, estimula o raciocínio e a criatividade. Os jogos ao serem empregados como conteúdos disciplinares, trazem uma proposta pedagógica intitulada como cooperativa democrática ou participativa, porque ele vai permitir que o aluno se expressasse e aprenda de forma lúdica, em todas as disciplinas.

O Parâmetro Curricular Nacional - PCN de Educação Física (1998) determina e valoriza a participação dos alunos em jogos, lutas e esportes dentro do contexto escolar, sejam de forma recreativa ou competitiva. A prática esportiva segundo Souza

permite a relação do indivíduo ao grupo ou ao meio; satisfazendo suas necessidades sociais de realizar exercícios físicos; conhecer suas reais possibilidades e interesses; estimula a criatividade, o autoconhecimento, a independência, a responsabilidade pessoal, convivência com vitórias e derrotas; faz o indivíduo lidar com tensões ao encontrar-se frente a situações imprevistas, desenvolve confiança e segurança em si mesmo e promove vivências dos valores éticos e estéticos (SOUZA, 2009, p.2).

Ao consentir a participação dos educandos nos jogos, o educador põe-se em condição de igualdade e dar acesso para a divisão, a troca, a cooperação, o diálogo, o aprendizado mútuo e a busca de convergências, ou seja, desenvolve os princípios dos jogos cooperativos. Segundo Correia, não se pode afirmar que os jogos cooperativos

podem mudar sozinhos a realidade competitiva de uma escola, de um sistema educacional e muito menos da sociedade, mas é possível, sim, afirmar que algumas sementes podem ser plantadas e que estas precisam de cultivo, de rega e de cuidado para germinarem e se reproduzirem (CORREIA, 2010, p.101).

É preciso entender os jogos cooperativos como um exercício de aversão à competição, a superioridade, às injustiças e às distinções nas relações sociais a que as pessoas estão submetidas na sociedade ditas civilizadas. Isso implica dizer que o jogo e o esporte, como ferramentas pedagógicas, precisam contribuir aos seus alunos valores morais e éticos, reduzindo a competição acentuada e a vontade exagerada de conquistar a vitória a qualquer circunstância.

A experiência em sala de aula, desenvolvendo o Projeto.

A experiência de estágio foi realizada durante 10 dias letivos, no período de 07/05/12 a 18/05/12, em uma Escola Municipal, localizada na cidade de Lagarto/SE. A escola funciona os três turnos, do 1º ao 9º ano do ensino fundamental e a Educação de jovens e adultos (EJA). A turma escolhida foi o 4º ano, pois queria viver uma experiência diferente do estágio supervisionado II que foi com a educação infantil com alunos de 4 a 5 anos, queria saber a qual idade me adaptava melhor.

O primeiro passo neste estágio supervisionado foi visitar e dialogar com os alunos do 4º ano do ensino fundamental, para saber o que eles tinham curiosidade em aprender e delimitar um tema para o projeto e por unanimidade o tema escolhido foi esportes e jogos e a partir daí procurei intercalar o mesmo nas disciplinas obrigatórias.

Infelizmente não pude trabalhar meu projeto com total autonomia e algumas atividades que gostaria de realizar neste estágio ficou de

fora, isso porque deveria obedecer aos planos de aulas da escola escolhida, sobrando pouco tempo para executar as atividades planejadas.

No primeiro dia da prática docente, foi explicado o projeto que seria desenvolvido naquela turma. Em seguida entreguei a cada aluno um texto sobre o futebol das letras para leitura e interpretação e em seguida foi trabalhado os substantivos com esse mesmo texto. Na segunda parte da aula os alunos escreveram uma redação sobre a importância dos esportes e jogos na vida das pessoas.

A primeira dificuldade encontrada foi na atividade de redação, alguns não souberam expressar de forma escrita o que foi pedido naquela atividade e os que tiveram mais dificuldade pediram ajuda a quem sabia mais que ele (a) ou a mim. Nesse sentido, Cagliari aborda que “[...] A escrita, seja ela qual for, tem como objetivo primeiro permitir a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os símbolos escritos em fala” (2005, p. 103).

No segundo dia, apesar de toda agitação, os alunos pareciam mais “à vontade”. Tivemos aula de história e sociedade e cultura sergipana. A aula começou com uma discussão sobre “Ser negro no Brasil”, debatemos sobre a importância do negro no desenvolvimento do Brasil, os preconceitos e castigos recebidos, a culinária africana e por fim sobre a capoeira, dança e esporte introduzido no Brasil pelos negros, muito praticada em algumas escolas, seja como esporte ou para defesa pessoal. Aula que nos proporcionou trabalhar com a cidadania em diferentes tempos e espaço. Segundo Bensi “[...] A História ensina a conhecer, entender e pensar o presente com olhos no passado, afinal, entender as transformações ocorridas tanto no campo estrutural como no campo das ideologias é fundamental para a consolidação de uma sociedade mais justa” (2008). Portanto, lecionar História é trabalhar com identidades, costumes e cultura de um povo, o ensino de História torna-se essencial, pois é através de fatos passado que podemos entender melhor nossa própria realidade.

No decorrer do estágio também tivemos aulas de matemática, que é uma das disciplinas essenciais porque o aluno tem que saber no mínimo escrever, ler e contar. O ensino de matemática é essencial para o desenvolvimento do aluno, por isso o educador deve priorizar a aprendizagem pelo fazer e pensar do aluno. O papel do professor é de facilitador, orientador, estimulador e incentivador da aprendizagem.

Alguns alunos sentiam dificuldades em fazer contas de subtrair em que tinham que “pedir emprestado ao outro número”, tentei ajudá-los para que pudéssemos dar continuidade aos conteúdos. Pois, ao introduzir um assunto matemático em sala de aula, o dever do professor é partir de onde o aluno já sabe para ajudá-lo a construir novos conhecimentos. Outro ponto importante é saber e levar o aluno a refletir o “porque” de estar aprendendo aquele assunto e não perder de vista os objetivos a serem alcançados. (ABREU, 2011).

No quarto dia, um momento que gostei muito foi na aula de português, quando solicitei aos alunos a leitura de uma história em quadrinhos sobre obesidade e alimentação saudável, alguns liam com fluência, já outros liam devagar e soletrando, infelizmente essa é a realidade das escolas públicas que na fase da alfabetização passam a criança para série posterior sem saber ler e escrever. Aproveitei a oportunidade e pedi que criassem uma pequena história em quadrinhos sobre o mesmo tema, assim averiguaria mais uma vez a escrita dos mesmos. Fiquei encantada com os trabalhos e percebi que muitos ainda têm dificuldade de escrever palavras simples, mas apesar dessa dificuldade, as histórias foram bem elaboradas.

Para Eguti (2001), o objetivo principal das Histórias em Quadrinhos - HQs é a narração de fatos buscando reproduzir uma conversação natural, onde os personagens interagem face a face, demonstrando todos seus sentimentos através de palavras e suas expressões corporais. O uso de HQs em sala de aula promove um estudo de vários elementos da língua sem dar mais importância a essa ou aquela modalidade, porque em todo o momento fica claro o desempenho de cada uma na estruturação das HQs, ou seja, é quase impossível imaginar uma HQ sem o uso de elementos fundamentais para transmitir a ideia, a interpretação e a emoção da história.

O PCN enfatiza a importância e sugere o uso de diversos gêneros textuais como uma forma de suporte na aprendizagem da linguagem oral e escrita, sendo assim é preciso reeducar o olhar e desconstruir a ideia de que HQs não contribui para o ensino da língua, seja ela oral ou escrita.

No quinto dia tivemos aula de educação física, aula essa a qual poderia explorar meu projeto com afinco, mas não foi possível isso acontecer, por motivos da escola não possuir em sua estrutura física, uma

quadra de esportes, havendo apenas debates sobre os esportes como ciclismo, patinação, judô, karatê, tênis, futebol entre outros. Fato que deixou os estudantes muito tristes, pois viam em mim a possibilidade de participar de uma aula prática dos esportes que desejavam aprender.

Recentemente, autores como Garganta (1998) e Daolio (2002) têm apontado que os jogos coletivos não são apenas transmissão de técnicas (o passe, o drible, a recepção), mas sim o momento de desenvolver nos alunos disponibilidades motoras e mentais, que ultrapassem o ensino de gestos, assimilação de regras de ação do jogo e formas de comunicação entre os jogadores. O que nos faz lamentar com mais afinco a falta de um espaço adequado na estrutura física da instituição em que desenvolvi o estágio.

Neste mesmo dia foi feita uma exposição dos trabalhos sobre “Minha história minha vida”, trabalhos estes solicitados pela professora titular, os cartazes ficaram belíssimos e os alunos adoraram contar sobre sua história de vida e exibir suas fotografias quando estavam bem menores. Os alunos de outras turmas foram convidados para ver a exposição.

No sexto dia realizei uma dinâmica na aula de português sobre os substantivos, onde formaram duas equipes onde cada aluno de cada equipe retirava de uma caixinha uma palavra e respondia qual o tipo de substantivo. Vencia a equipe que acertava mais. Foi uma dinâmica muito divertida e significativa, eles adoraram. Neste dia ainda tivemos aula de ciências que tinha como objetivo conhecer a composição e o processo de formação dos solos. Bezerra (2010, p.29) diz que ao ensinar ciências, os alunos poderão refletir sobre as formas de intervenção dos seres humanos na natureza e a cultivar valores condizentes com a proteção ao meio ambiente, comprometidos com a melhoria da qualidade de vida.

No sétimo dia introduzi um jogo de perguntas e respostas na aula de história para revisarmos o assunto dado na aula anterior. Formei novamente duas equipes onde cada aluno retirava da caixinha uma pergunta e respondiam além da equipe ser pontuado com o acerto, o estudante que acertasse a pergunta era recompensado com um pirulito. Eles se empenharam bastante e aprenderam o assunto de forma lúdica. Através dos jogos, o aluno tem a possibilidade de instruir-se brincando, constrói seu conhecimento, desenvolvendo raciocínio, autonomia, senso crítico além de interagir com seus colegas.

É de suma importância que o jogo faça parte da cultura escolar porque permitirá aos alunos um embasamento na concepção de um conceito, na observação e construção de regras, na organização de um trabalho em equipe, no planejamento, cumprimento e avaliação das ações, na estruturação das ideias.

Após esse momento, realizei um ditado de palavras, na perspectiva de acompanhar o desenvolvimento da escrita dos mesmos. Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosk (1989) a professora deverá observar como se efetivam as interações, facilitando o intercâmbio, porém sem interferir com correções ou opiniões sobre o certo e o errado. As crianças aprendem a escrever, escrevendo e é nesse esforço que elas vão experimentando e aprendendo as normas da convenção.

No oitavo dia tivemos aula de geografia, destacamos as diferentes paisagens que caracterizam esses espaços e suas transformações decorrentes do trabalho, assim como as relações e a interdependência entre o rural e o urbano.

A Geografia é uma a ciência social “[...] que estuda, analisa e tenta explicar (conhecer) ‘o espaço produzido pelo homem’. Ao estudar certos tipos de organização do espaço, procura compreender as causas que deram origem às formas resultantes das relações entre sociedade e natureza. Para entender essas, faz-se necessário ‘compreender como os homens se relacionam entre si’” (CALLAI, 1998a, p. 55).

Para Kaercher (1997), o ensino de Geografia deve ter como ponto de partida a sociedade local e suas contradições, de modo a permitir uma leitura plural e aberta do mundo para que o educando tenha uma tomada maior de consciência de sua própria realidade. Daí, a proposição de um ensino comunitário, ligado aos costumes e à cultura local da população a ser educada.

Em outro momento deste dia, tivemos aula de redação, onde os alunos elaboraram uma notícia cuja manchete foi “Encontraram animais falantes na cidade de Lagarto” em que foi trabalhado um dos gêneros textuais “a notícia”. Alguns alunos foram à frente do quadro e leram suas manchetes, sendo estas muito criativas, havendo até imitações de apresentadores de telejornais famosos.

A importância dessa atividade se efetiva no fato de se buscar a aquisição da competência comunicativa, ou seja, a leitura e compreen-

são dos textos e a produção de textos orais e escritos o que Travaglia (2004) chama de educação linguística.

A notícia é um gênero textual tipicamente jornalístico e pode ser veiculada em jornais, escritos e falados, e em revistas. Ela deve ser imparcial e objetiva, ou seja, deve expor fatos e não opiniões. A linguagem deve ser impessoal, clara, direta e precisa.

As tarefas escolares deve proporcionar uma reflexão sobre a língua, através de exercícios da gramática contextualizada, para que o aluno apreenda melhor o texto, conhecendo suas estruturações e seu processo de composição, além de compreender cada texto e o que o autor quis mostrar.

No nono dia tivemos mais uma aula de educação física e infelizmente a aula ficou restrita dentro da sala de aula, novamente debatemos sobre os esportes e para proporcionar um pouco de diversão levei desenhos referentes aos esportes para que os alunos pudessem colorir. Apesar de serem crianças de 9 a 11 anos, eles adoram pintar e muitos fizeram um trabalho bem bonito.

A função social da Educação Física está na aprendizagem de temas relacionados ao movimento/corporeidade, através da Dança, Ginástica, Jogo e Esporte. A ludicidade deve permear toda a atividade e estar presente em todos os temas, por ser uma das mais importantes características da Educação Física Escolar.

No último dia de estágio, tivemos aula de artes onde os alunos desenharam e coloriram com textura de raspa de giz de cera, os trabalhos ficaram belíssimos. Espera-se que as crianças possam vivenciar o processo artístico, evoluindo no que se refere a produção técnica, a representação imaginativa e a expressividade. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 1998, p.19).

Para finalizar, nossa turma participou de uma passeata sobre o dia manicomial. No dia 18 de maio é comemorado em todo o país o dia do Movimento Manicomial. O objetivo dessa passeata era lembrar que, como todo cidadão, as pessoas portadoras de distúrbios mentais têm o direito fundamental à liberdade, de viver em sociedade, além do direito a receber cuidado e tratamento sem que para isto tenham que abrir mão de seu lugar de cidadãos.

Considerações finais

Com a experiência da prática docente no 4º ano do ensino fundamental, na cidade de Lagarto, por meio da disciplina Estágio Supervisionado III, foi possível compreender que a prática docente auxilia o estudante do curso de pedagogia a estar mais próximo da realidade dos alunos. Além de ter mais confiança na escolha de sua profissão ao qual vai enfrentar diariamente em um futuro bem próximo, pois não é somente mediante a leitura de teóricos como Freire, Ferreiro, entre outros, aprendidas em toda graduação que se aprende e sim nas práticas de estágio.

A experiência docente, na turma do 4º ano, foi bastante proveitosa, pois tive a possibilidade de trocar experiências nos dez dias de interação com essa turma. Minha maior dificuldade foi domínio de turma em algumas ocasiões, pois era considerada a pior turma do turno matutino, havendo até três alunos que tinham acompanhamento do psicólogo, já as exposições de aulas eu tive total domínio.

No estágio, tive a possibilidade de lidar com as dificuldades que alguns alunos tinham em escrever, calcular e interpretar, mesmo eles já estando no 4º ano do ensino fundamental. Isso acontece muito em escolas públicas, onde o sistema determina que não poder reprovar os alunos do 1º e agora do 2º ano, chegando adiante sem nenhuma base. Mas essas dificuldades vão sendo superadas no decorrer da sua vida estudantil, basta eles ser orientados pela família e encontrarem professores capacitados e comprometidos em trabalhar suas dificuldades.

Infelizmente nem tudo que planejei no projeto foi executado, não tive total autonomia, isso devido ter que seguir o planejamento da escola, restando um pequeno intervalo de tempo para executar meu projeto. Mas o que eu executei eles gostaram muito, principalmente nas realizações dos jogos de perguntas e respostas, colorir, desenhar e trabalhos em grupo.

Foi a partir dessa prática de estágio que pude perceber a grande importância de levar a ludicidade para dentro da sala de aula, fazendo uma correlação entre os conteúdos propostos e a brincadeira.

A parte esportiva com aulas práticas, que era a que eles mais desejavam executar, não foi possível colocar em ação, devido à escola não ter uma área apropriada em sua estrutura física para realizar as atividades previstas no projeto. Devido ao comportamento complicado de alguns alunos, a direção não permitia executar as tarefas na praça existente em frente à escola. Por isso eu tive que trazer o tema os esportes em folha A4, discutir com eles em sala, tirando suas dúvidas e após os debates proporcionar a eles um divertimento colorindo as imagens correspondentes aos esportes debatidos.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.8

POZZANA, Marco. **Meio Ambiente Urgente**. Disponível em: <http://www.meio-ambienteurgente.blogspot.com.br>. Acesso em 25 de Maio de 2011.

EGUTI, Clarícia Akemi. **A Representatividade da oralidade nas Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 2001. Dissertação de Mestrado.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

DIETRICH, K. DURWACHER, G. SCHALLER, H. Os grandes jogos. Metodologia e prática. Rio de Janeiro, ao livro técnico, 1984.

DAOLIO, J. **Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer**. Revista brasileira da ciência e movimento. Brasília v.10, nº4, p 99- 104. outubro/2002.

GARGANTA, J. **O ensino dos jogos desportivos coletivos. Perspectivas e tendências**. Revista movimento.ano IV,n 8.p 20-24.1998/1.

CALLAI, H. C. **Grupo, espaço e tempo nas séries iniciais**. In: CASTROGIOVANI, A. C. et al. (Orgs.). Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1998b.

KAERCHER, N. A. **Desafios e utopias no ensino de Geografia**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1997.

DESPERTANDO A CONSCIÊNCIA INFANTIL PARA A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS NATURAIS NA EXISTÊNCIA DA HUMANIDADE⁴⁶

Danielle dos Santos⁴⁷

Introdução

O presente artigo tem como objetivo ampliar o conhecimento dos alunos a respeito de assuntos relacionados com a preservação e conservação do meio ambiente. A iniciativa partiu da observação sobre a importância de se discutir a forma como a humanidade vem utilizando os recursos naturais que, por sua vez, estão se reduzindo rapidamente. É da ideia de despertar a conscientização desde a infância sobre o consumo exagerado dos recursos disponibilizados pelo meio natural e acreditando que a escola é de fundamental importância no processo para despertar a consciência da sociedade nessa fase a criança está descobrindo o poder que as palavras possuem e o quanto é bom entender e compreender o que faz parte do mundo. O projeto de ensino-aprendizagem precisa trazer objetivos claros para cada aula, de forma interdisciplinar para que os conteúdos de classe estivessem inseridos nas atividades realizadas e não fossem trabalhados de forma fragmentada. Busca-se nesse processo desenvolver uma compreensão mais avançada dos alunos, levando em conta o ritmo de aprendizagem de cada um, através de práticas que foram inseridas cotidianamente, aos poucos, oportunizando que falassem suas opiniões, discutissem sobre o tema proposto, verificassem possibilidades de resolução das atividades, com produção de conhecimentos de forma dinâmica e reflexiva. Através de temas como o acúmulo de lixo, a poluição dos rios, reciclagem foram observadas as facilidades e dificuldades das crianças na realização das atividades diárias, valorizando o potencial de cada um, alguns não sabiam escrever, mas se expressavam através de desenhos, outros eram mais tímidos, contudo se empenhavam em realizar as atividades. Assim, reforço assim à necessidade de professores (as) das series iniciais

46 Artigo elaborado em parceria com PRODOCÊNCIA/DED/CECH/CAPES/UFS.

47 Universidade Federal de Sergipe - UFS dany.san24@hotmail.com

conhecerem e respeitarem as fases do desenvolvimento de cada criança, a realidade onde ela está inserida, trabalhar a oralidade, a expressão escrita e falada, sendo um (a) professor (a) pesquisador (a), agindo com ação-reflexão-ação. O qual, busca tornar o conhecimento significativo, por meio de metodologias diversificadas, construindo com as crianças o desejo de aprender e pesquisar constantemente.

A importância da preparação para a profissionalização que complementa o processo de ensino-aprendizagem é um momento privilegiado para o futuro profissional da educação, pois os conhecimentos adquiridos são colocados em prática no campo de trabalho no período do estágio. Sendo também uma meta a se cumprir, o Estágio oportunizou ampliar e despertar a visão pedagógica e analisar de modo crítico e reflexivo os problemas que permeiam o cotidiano escolar, especificamente nas Séries Iniciais do Ensino fundamental.

Portanto investigar, observar, pesquisar e analisar a realidade da escola e a dinâmica do processo ensino-aprendizagem, colocando em questão reflexiva com todos os conceitos teóricos adquiridos ao longo do Curso de licenciatura.

Sabe-se que as expectativas da escola e dos alunos, pois espera-se um profissional enérgico, motivado, inovador, disciplinado, com rica formação acadêmica e que saiba trabalhar em equipe. Por isso, a elaboração de projeto de ensino relacionado com um tema transversal visando contribuir com o contexto social dos alunos da E.E.N.M.⁴⁸, localizada no município de São Cristovão-SE. Mediante observações e conversas com os responsáveis pela escola e pela turma do 2º ano 'A', verificou o perfil da instituição de ensino, dos alunos e da comunidade, para então elaborar um projeto que estivesse direcionado com o dia a dia das crianças.

Como o meio ambiente é parte integrante na vida de todas as pessoas e, atualmente, tem sido um assunto bastante discutido, constatou-se a necessidade de trabalhar em sala de aula um assunto sobre as transformações que o planeta vem sofrendo por causa das atitudes do homem buscando então, poder ajudá-los a melhor se adaptar ao meio socioambiental, pois acredito que a escola como formadora de cidadãos deve atuar de maneira que possa despertar a consciência da sociedade

48 Será utilizado siglas a fim de preservarmos a identificação da escola e alunos.

desde cedo porque se os valores de conservação forem estabelecidos ainda na infância, é maior a probabilidade de termos um futuro melhor, sem que haja o risco de escassez dos recursos naturais necessários para a nossa existência.

Fica evidente a importância de se educar os futuros cidadãos brasileiros para que, como empreendedores, venham a agir de modo responsável e com sensibilidade, conservando o ambiente saudável no presente e para o futuro: como participantes do governo ou da sociedade civil, saibam cumprir suas obrigações, exigir e respeitar os direitos próprios e os de toda a comunidade, tanto local como internacional: e, como pessoas, encontrem acolhidas para ampliar a qualidade de suas relações intra e interpessoais com o ambiente tanto físico quanto social (BRASIL, 1997).

Nesse sentido, durante o período de estágio prodocente foram abordados aspectos próximos da realidade dos alunos e que tivessem utilidade na vida de cada um. Acreditando que o trabalho com esse tema ajudaria bastante na conscientização sobre a importância que um ambiente limpo, saudável e conservado tem na vida das pessoas, e que, se esse passo for dado ainda na infância as crianças crescerão conscientes de seu papel para com a conservação dos recursos naturais que são tão importantes para a nossa sobrevivência, como também para a manutenção de um ambiente propício para se morar.

A escola como instituição responsável em educar e transmitir conhecimentos deve assumir, juntamente com o trabalho do docente o papel de transmissão de valores referentes à conservação do meio ambiente e do bem estar da sociedade.

A escola capitalista, enquanto instituição social que possui o conhecimento sistematizado historicamente sobre o mundo, a natureza, a sociedade e o homem, como objeto de estudos, ensino e pesquisa, organizam e desenvolvem finalidades sociais e racionais de educação formal do homem, por meio do trabalho docente (DAMIS apud ROMANOWSKI, 2004, p.141).

É possível perceber historicamente que a escola possui o poder de formar conceitos e de preparar cidadãos para atender as necessidades estabelecidas pela humanidade, e é a partir dessa visão que ela deve

servir de instrumento para chegar até as pessoas e lhes dá uma noção exata do que o planeta realmente necessita e espera de sua população.

As crianças serão os adultos de amanhã e, é pensando dessa forma que acredito que a solução para os problemas enfrentado pelo meio ambiente começa dentro da escola com a conscientização daqueles que representaram o futuro da humanidade.

O ensino deve adaptar a matéria de estudo às necessidades atuais da vida individual e social do aluno, partindo de seus interesses e experiências. É fundamental que o professor conheça bem o conteúdo do ensino, compreenda o seu significado para a presente vida social e forneça os pontos básicos dos conhecimentos já desenvolvidos. Ele será o criador de situações estimuladoras organizadas em centros de interesse diretos e práticos e com significação na vida do aluno e para provocar, em quem aprende reações ou respostas que garantam a formação de atitudes intelectuais e sentimentais adequadas (DAMIS apud ROMANOWSKI, 2004).

Portanto, o projeto de ensino contribuiu com a finalidade da escola, principalmente mostrando aos alunos a grande importância que um meio ambiente conservado tem em nossas vidas, como também despertar neles o interesse de conservar os recursos naturais, e de procurar e criar soluções que ajudem a resolver problemas socioambientais estimulando a conscientização no âmbito familiar e na comunidade para então atingir o bem estar de toda sociedade.

Para tanto procuramos atingir alguns objetivos como o de informar sobre a importância de conservar o meio ambiente estimulando novos hábitos, atitudes e comportamentos que contribuam com um melhor relacionamento socioambiental.

Buscamos também ampliar o conceito de meio ambiente, reconhecer e compreender atitudes prejudiciais ao meio ambiente e ao bem estar da sociedade; perceber a importância da participação individual e coletiva no cuidado com o meio ambiente; identificar-se como parte integrante do meio ambiente e desenvolver a interligação de conteúdos de classe com o tema foram nossos objetivos durante o estagio docente.

A metodologia desenvolvida foi à observação direta do aluno, onde estiveram presentes diferentes tipos de atividades realizadas individualmente e em equipe, envolvendo atividades em folha, jogos, dinâmicas com o intuito de estimular o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos em relação aos conteúdos abordados diariamente

A observação e análise de todo o processo de aprendizagem sobre o tema foi a forma de avaliação utilizada durante o tempo de realização das atividades onde se verificou o desenvolvimento do conhecimento e aprendizagem dos alunos a partir de sua participação e interação nas atividades e na produção dos textos sobre o meio ambiente.

Relatos da experiência pedagógica

Durante o período de estágio, antes de começarmos o projeto, houve a necessidade de conhecer um pouco sobre cada aluno que estava presente na aula, através da produção de crachás para que pudesse identificá-los pelo nome e conversas sobre o dia a dia deles, conhecendo dessa forma um pouco da cultura de cada um, para então desenvolver o tema “Conservação e Conservação do Meio Ambiente” da melhor maneira, aproveitando as habilidades individuais dos alunos. LUCKESI afirma que

[...] a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais, por isso os indivíduos precisam aprender a se adaptar aos valores e às normas vigentes na sociedade de classes através do desenvolvimento da cultura individual (LUCKESI, 1994, p.55).

Dessa forma, após conhecê-los pelos nomes e saber um pouco sobre suas vidas, constatou-se por meio da escrita de um texto sobre o “Meio Ambiente” qual era conhecimento prévio que eles tinham sobre o assunto. Tratamos do tema “Conservação e Conservação do Meio Ambiente” para que eles realizassem a leitura, percebemos então que nenhum deles sabia ler, por isso foi feito a leitura do texto para turma. Em seguida pedimos que falassem um pouco sobre o que haviam entendido sobre o conteúdo do texto.

A partir dessa leitura algumas palavras foram selecionadas para podermos trabalhar fonemas através de jogos ortográficos, realizados a partir da formação de grupos, pois “[...] a interação grupal é, em toda a escolaridade, um importante recurso pedagógico: trabalhar verdadeiramente em colaboração possibilita maior produtividade na aprendizagem” (BRASIL, 2001, p.101).

No nosso terceiro encontro lemos mais um texto sobre o Meio Ambiente, e nos organizamos para realizar mais um jogo (jogo das letras), onde a turma se dividiu em duas equipes cujo intuito era estimular o raciocínio dos alunos a partir de conhecimentos que eles já possuíam. De acordo com DAMIS,

o ensino deve adaptar a matéria de estudo às necessidades atuais da vida individual e social do aluno, partindo de seus interesses e experiências. É fundamental que o professor conheça bem o conteúdo de ensino, compreenda o seu significado para a presente vida social e forneça os pontos básicos dos conhecimentos já desenvolvidos. Ele será o criador de situações estimuladoras organizadas em centros de interesses diretos e práticos e com ignificação na vida do aluno e para provocar, em quem aprende reações ou respostas que garantam a formação de atitudes intelectuais e sentimentais adequadas (DAMIS apud ROMANOWSKI, 2004, p.148).

Envolvendo palavras, fatores e aspectos ligados à natureza, convidamos a turma a expor seus conhecimentos, apresentando respostas para o que estava sendo pedido, de forma livre onde a todo o momento eles pareciam estar brincando e não realizando uma atividade e tudo isso sem sair de assuntos relacionados com o Meio Ambiente.

No momento seguinte trabalhamos um texto onde estava presentes alguns dos efeitos causados à natureza com a falta de preservação e conservação no planeta. Após a leitura do texto organizamos no quadro algumas coisas relacionadas com o meio ambiente, totalizando o número quarenta que inclusive era um conteúdo de matemática programado para ser trabalhado durante aquela semana com eles. Para Ramos,

Todo brincar com quantidades ou números seja em cantigas de roda, parlendas, gincanas, amarelinha, seja em histórias nas quais surgem pequenas quantidades, constitui estímulos importantes. Quando a criança brinca com figurinhas, pedrinhas, tampinhas, cria relações, organiza, agrupa, faz coleções, desenvolve habilidades quantitativas, classificatórias e seriais que, no processo de seu desenvolvimento, estruturam seu pensamento lógico-matemático. (RAMOS, 2009, p.17).

No quinto encontro foi o momento escolhido para promover um campeonato de perguntas e respostas sobre tudo que foi visto e aprendido durante as aulas anteriores sobre o meio ambiente. O campeonato foi bastante divertido, pois a cada pergunta realizada percebia o desejo de todos em querer responder. Dessa forma verifiquei o grau de assimilação e aprendizagem por parte dos alunos sobre tudo que foi trilhado com eles durante as atividades desenvolvidas em outras aulas.

Aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade. O que é aprendido não decorre de uma imposição ou memorização, mas do nível crítico de conhecimento, ao qual se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica (LUCKESI, 1994, p.66).

Na aula seguinte levei para sala dados sobre desmatamentos, para trabalharmos a questão da devastação que o homem vem causando nas florestas, prejudicando outras formas de vida, outros seres vivos, inclusive prejudicando a si mesmo. Pensando nisso, em mostrar para as crianças que nos podemos tentar reverter ou ao menos controlar o mal que o homem tem causado a todo planeta, trabalhamos o notável aumento de áreas desmatadas no planeta, dos últimos anos até os dias atuais. Depois, eles realizaram uma atividade em que enfeitaram com material encontrado na natureza o desenho de uma árvore, complementando-o com pintura. E foi através de atividades como essa de pintura e colagem que eu pude perceber o potencial daqueles alunos que pouco se destacavam nas aulas. De acordo com Ramos, a criança, "[...] não é somente um ser que pensa; ela tem um corpo que sente emoções que vibram e marcam seu

ser quando é capaz de fazer uma descoberta ou quando encontra uma maneira diferente de fazer algo. A criança pode aprender brincando, desejando conhecer coisas novas. (RAMOS, 2009, p.34).

Enfatizamos a importância da água e do ar para a sobrevivência da humanidade, e de que forma esses recursos tem perdido qualidade devido às ações da humanidade. Desse modo, Delizoicov destaca que “[...] o ponto de partida do processo educativo é o conhecimento dos fatos que se relacionam mais de perto com a vida das crianças, abrangendo temas como a criança e suas necessidades e a criança e seu meio” (2002, p.162).

Mostramos para os alunos que materiais que muitas vezes são jogados fora, postos no lixo, podem servir como matéria-prima para a construção e criação de várias coisas. Exemplificando algumas coisas das quais utilizaram materiais recicláveis para serem construídas, apresentamos os recursos que iríamos utilizar para realizar nossa atividade do dia. Ramos afirma que “[...] podemos estimular esse brincar na escola não como um conteúdo a ser ensinado, mas como uma habilidade a ser desenvolvida de forma progressiva e constante, adequada ao nível de desenvolvimento” (2009, p.19).

Foi realizado a leitura do texto “Amigo Planeta” para a turma, explorando o interesse natural da criança pela leitura. Após a leitura do texto foi distribuído tiras de cartolina para que eles escrevessem cada um uma frase. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) no primeiro ciclo

deve-se propor aos alunos que leiam e escrevam ainda que não o façam convencionalmente. Mas o fato de as escritas não convencionais serem aceitas não significa ausência de intervenção pedagógica para a construção da escrita convencional, muito pelo contrário. Por ser condição para a constituição da autonomia leitora, escritora e também intelectual, o conhecimento sobre a natureza e o funcionamento do sistema de escrita precisa ser construído pelos alunos o quanto antes. Isto é, quanto mais rapidamente os alunos chegarem à escrita alfabética, mais e melhor poderão avançar na aprendizagem dos conteúdos propostos nesse ciclo (BRASIL, 2001, p.105).

As escritas das frases ocorreram de forma espontânea onde eles manifestaram o desejo por um mundo mais consciente, através de mensagens de conscientização. Depois da escrita todos colaram suas frases em um cartaz que foi exposto para toda escola.

Fizemos uma roda de conversa, onde foi desenvolvido um diálogo direcionado a tudo que eles viram durante todas as aulas, onde puderam expor o que aprenderam sobre o Meio Ambiente, pois, de acordo com a Secretaria de Educação Fundamental, o domínio da linguagem tanto oral quanto escrita é fundamental no processo de construção da aprendizagem, completando que,

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 2001, p.15)

Após o diálogo realizado com a turma, pedi que todos os alunos escrevessem novamente um texto sobre o Meio Ambiente. Dessa forma eu pude verificar se o conhecimento que eles tinham a respeito do tema havia ampliado. Confesso que fiquei muito feliz, pois percebi por meio da conversa e dos textos e desenhos por eles produzidos, que eles adquiriram um bom início de compreensão sobre o Meio Ambiente e sua importância para a qualidade de vida de toda humanidade.

Considerações finais

O Estágio Supervisionado III foi uma etapa muito importante em minha vida porque antes de realizá-lo o único contato que eu havia tido com instituições de ensino era com a Educação Infantil. Através dessa experiência pude conhecer de perto outra modalidade de ensino, diferente da que estou acostumada, nesse caso o Fundamental I.

Essa experiência foi uma ótima oportunidade de me aproximar de crianças que são mais desenvolvidas e que, de certa forma, já possuem algumas noções de mundo e alguns conceitos formados. Esse fator foi valiosíssimo para o desenvolvimento do trabalho realizado com eles durante os dias em que estive desenvolvendo meu trabalho junto à eles. Des-

taco que este período representou descobertas, observações e respostas para tentar exercer da melhor maneira a profissão que escolhi seguir.

Com a realização do Estágio coloquei em prática um projeto de ensino elaborado por mim em que busquei conscientizar as crianças para problemas ambientais que atinge o mundo e prejudica a vida de todos os seres vivos. No início confesso que estranhei um pouco ao perceber que a maioria deles não sabiam ler nem escrever, mas com o passar do tempo eu consegui administrar bem a situação, realizando as atividades de forma que eles não sentissem tanta dificuldade. Para Ramos, “[...] uma educação inovadora pode acontecer em todo e qualquer espaço educacional, mas, para isso, os educadores precisam se sentir livre para criar, para olhar o interesse e a necessidade das crianças” (2009, p.11).

Portanto, acredito que uma Educação se torna de qualidade quando ela realmente está direcionada para o interesse da criança, para a sua vida, buscando ampliar seus conhecimentos a partir dos que elas já possuem, priorizando o que será útil no dia a dia dos alunos. O educador por sua vez deve sempre atuar de forma estimulante e não frustrante.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente saúde**\Secretaria de Educação Fundamental. Ensino de primeira à quarta série. – Brasília:\MEC, 1997, 128.

DELIZOICOV, Demétrio. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos** / Demétrio Delizoicov, José André Angotti, Marta Maria Pernambuco; colaboração Antônio Fernando Gouvêa da Silva. _ São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

RAMOS, Luzia Faraco. **Conversas sobre números, ações e operações: uma proposta criativa para o ensino de matemática nos primeiros anos**. São Paulo: Ática, 2009.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; MARTINS, Pura Lúcia Oliver; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. (orgs). **Docência: Uma Intensionalidade Social?**. In: Olga Teixeira Damis. **Conhecimento local e conhecimento universal: Práticas sociais, aulas, saberes e políticas**. Curitiba: Champagnat, 2004. Cap. XII, p.141-154.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Ministério da Educação. - 3. ed. - Brasília: A Secretaria, 2001.

A CONEXÃO ENTRE O PLANETA ESPORTIVO E OS CONTEÚDOS ESCOLARES COMO FERRAMENTA DE ENSINO

Bárbara da Silva Santos⁴⁹

Introdução

O artigo em questão é resultado da Disciplina Supervisionado III, em parceria com as escolas públicas do Estado Sergipano. A atividade de estágio foi realizada numa escola municipal de Aracaju. Para realizar o estágio, foi desenvolvido o projeto “Esporte para vida”, que teve como objetivo geral compreender a prática de esporte como garantia de vida saudável e forma de entretenimento. As disciplinas foram utilizadas como ferramenta para facilitar a compreensão do tema, ou seja, durante o desenvolvimento do projeto, os conteúdos didáticos propostos pela escola foram ensinados de maneira interdisciplinar, articulados com o tema do projeto.

Um dos objetivos foi desenvolver o sentido da palavra esporte. Muitas vezes os alunos insistiam em resumir o termo esporte a desportos mais comuns, a exemplo do futebol, esquecendo que as atividades físicas simples, como a caminhada do dia-a-dia, estão tão atreladas ao tema esporte quanto às modalidades desportivas em si.

Outro objetivo foi acrescer a importância da prática esportiva à saúde humana. É recomendável que as crianças e adolescentes sejam orientados a manterem o comportamento regular da prática de atividades. De acordo com Silva “[...] a melhoria da Qualidade de Vida (QV) está diretamente ligada com a prática de atividades físicas (2011, p.1)”. Daí provem a importância da prática do esporte para o crescimento e desenvolvimento, prevenção da obesidade, desenvolvimento da socialização e da capacidade de trabalhar em equipe, dentre outros fatores. Nesse sentido, durante o desenvolvimento do projeto de ensino, buscamos explorar detalhes sobre a prática de esportes, no sentido de obter mais informações sobre o assunto, além de identificar dados

49 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Email: barbarafpd@hotmail.com

esportivos de estados e cidades do Brasil, reconhecer as influências do clima no organismo dos atletas e identificar diferentes movimentos do corpo durante atividades físicas.

Relevante citar que a escolha do tema do projeto de ensino foi escolhido pelos alunos, durante o período de observação e coleta de dados. Um dos objetivos da disciplina de Estágio supervisionado é articular os interesses dos alunos das escolas públicas aos projetos de ensino que serão desenvolvidos, de forma a proporcionar aos alunos das escolas uma aprendizagem ativa e significativa, que atenda aos seus anseios e necessidades. Segundo Piaget,

O interesse não é outra coisa, com efeito, senão o aspecto dinâmico da assimilação. Como foi mostrado profundamente por Dewey, o interesse verdadeiro surge quando o eu se identifica como uma idéia ou objeto, quando encontra neles um meio de expressão e eles se tornam alimento necessário à sua atividade. Quando a escola ativa exige que o esforço do aluno venha dele mesmo sem ser imposto, e que sua inteligência trabalhe sem receber os conhecimentos já todos preparados de fora, ela pede simplesmente que sejam respeitadas as leis de toda inteligência. (PIAGET, 1974, p. 48)

De acordo com Weineck (2003) a prática de esportes traz vários benefícios para a saúde das pessoas, como também para a sociedade, pois diminui a incidência de doenças. Os esportes também proporcionam momentos de diversão, desenvolvem habilidades de raciocínio, a capacidade de lidar com as perdas e ganhos e, dependendo do tipo de esporte, aprimora o equilíbrio, coordenação motora e autoestima. Estudar os benefícios da prática de esportes é uma forma de conscientizá-los no que diz respeito à saúde e a convivência com o outro. Tendo em vista melhor rendimento de todos os sentidos e sistemas orgânicos, ressaltando que,

A utilização ou não da musculatura é de fundamental importância tanto para a capacidade de rendimento psíquico, mental e físico, como também para o estado de saúde geral, que está em estreita ligação com a capacidade de rendimento. Além disso, ela tem influência decisiva sobre a autonomia diária e sobre a satisfação e o sentido da vida. (WEINECK, 2003, p. 44)

Ou seja, a prática de exercícios físicos permite maior rendimento durante o desenvolvimento das crianças e adolescentes. Estes devem ficar cientes para ter uma vida mais saudável posteriormente.

Atividade física, esportes e desenvolvimento

Como já foi descrito acima, um dos objetivos do projeto de ensino foi o desenvolvimento do sentido da palavra esporte. Para alcançarmos este objetivo, solicitamos às crianças que falassem o que compreendiam sobre a palavra esporte. Perguntei: Nos recordamos de que ao falarmos de esporte? Conforme as crianças foram apresentando modalidades esportivas como respostas, a exemplo de futebol, voleibol, etc., fomos instigando-as a aprofundar suas reflexões. Perguntamos se caminhar poderia ser considerado um esporte, e o porquê. Buscávamos contribuir para o processo de construção reflexivo e crítico do aluno. Ao falarem sobre seu mundo, seu dia-a-dia, nós buscávamos compreender a realidade sociocultural que estes alunos se inseriam para que pudessemos desenvolver nosso trabalho com comprometimento e seriedade necessárias a um professor, assim como buscamos ampliar o processo de leituras de diversos gêneros textuais.

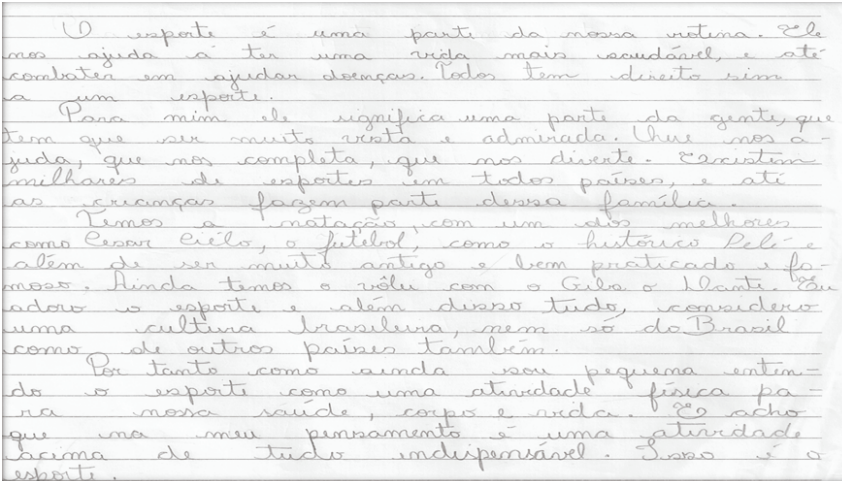
Para que estes alunos desenvolvam tal capacidade crítica e reflexiva, pensamos ser necessário que o aluno tenha o hábito não somente de leitura do livro didático, mas também compreender notícias de jornais, revistas, ou seja, mantenha-se informado sobre o que está acontecendo no mundo. E, para produzir textos de qualidade, os alunos, de qualquer idade, devem ter a prática de leitura, para conhecer vários gêneros textuais. Maciel et al (2009), escreve que a prática de leitura, seja quando o aluno está lendo, ou quando está ouvindo, ocorre um aprofundamento do processo de letramento, ou seja,

Estamos nos referindo aos eventos de letramento que ocorrem quando as professoras levam livros de literatura, jornais, artigos, etc. Como recursos de estudo de algum projeto de trabalho das crianças ou quando elas são levadas a registrarem suas aprendizagens e alguns fatos da aula em um portfólio ou diário de bordo, por exemplo. É preciso, ainda, criar espaços apropriados e prever tempos na rotina escolar para que as crianças tenham contato com os materiais de leitura (MACIEL et al, 2009, p. 40-41).

Além de ter o hábito de leitura, é necessário, também, que o professor e a escola levem em consideração o cotidiano e o conhecimento extra escolar do alunado. Infelizmente, ao solicitar a produção textual, os professores valorizam apenas a norma culta, tendo um único objetivo: a avaliação para nota. Sobre essa questão Geraldi nos mostra que na situação em que o aluno é obrigado a escrever “[...] dentro de certos padrões previamente estipulados e, além disso, seu texto será julgado. Consciente disso, o estudante procurará escrever a partir do que acredita que o professor gostará” (GERALDI, 2006, p. 65).

Percebemos que, na maioria das vezes, os alunos não tem escolha, não tem oportunidade de escrever o que desejam, tornando-se reprodutores de textos que, muitas vezes, são desprovidos de sentidos para eles. Assim sendo, ao solicitar a escrita de um texto respondendo a questão inicial, os alunos escolheram o tema, e a partir deste temas, trabalhamos diversos tipos de generos textuais, a exemplo do jornal, de revistas, de poesias, dentre outros.

Figura 1- texto produzido por uma aluna.



O esporte é uma parte da nossa rotina. Ele nos ajuda a ter uma vida mais saudável, e até combater em algumas doenças. Todos tem direito sim a um esporte.

Para mim ele significa uma parte da gente que tem que ser muito vista e admirada. Tem nos ajuda, que nos completa, que nos diverte. Existem milhares de esportes em todos países, e até as crianças fazem parte dessa família.

Temos a natação, com um dos melhores como Cesar Cielo, o futebol, como o histórico Pelé e além de ser muito antigo e bem praticado e famoso. Ainda temos o vôlei com o Giba e Maratona. Eu adoro o esporte e além disso tudo, considero uma cultura brasileira, nem só do Brasil como de outros países também.

Por tanto como ainda sou pequena entendo o esporte como uma atividade física para a nossa saúde, corpo e vida. Éo acho que na meu pensamento é uma atividade acima de tudo indispensável. Isso é o esporte.

Fonte: Relatório SANTOS, 2012.

Outro ponto trabalhado foi situações problemas envolvendo características de esportes praticados no mundo inteiro. Problemas matemáticos atrelados a realidade em que vivem os alunos faz com que os mesmos sintam interesse em resolvê-los. Isso parte do enunciado da situação problema. Segundo Mandel

Os tópicos abordados nos problemas refletem interesses pessoais dos alunos, como os esportes que praticam, os conjuntos de música que mais gostam, preços de roupas, carros, videogames, etc., tornando os enunciados mais significativos para eles. (MANDEL apud SOARES, 2012)

Com os problemas matemáticos, os alunos conseguiram tanto aprender o conteúdo determinado pela escola, quanto perceber que a matemática está presente em nosso cotidiano, e o esporte é um exemplo. De acordo com o Parametro Curricular Nacional de matemática, livro 3, (1997, p. 14/15) a Matemática desempenha papel decisivo, pois permite resolver problemas da vida cotidiana, do trabalho e funciona como instrumento essencial para a construção de conhecimentos em outras áreas curriculares. Do mesmo modo, interfere fortemente na formação de capacidades intelectuais, na estruturação do pensamento e na agilização do raciocínio dedutivo do aluno.

Figura 3 - Alunos se movimentando em atividade didática.



Fonte: Relatório SANTOS, 2012.

A prática de atividades físicas por crianças e adolescentes favorece o desenvolvimento do corpo, da mente e a socialização dos mesmos. Como afirma Alves,

Vários estudos com crianças e adolescentes têm demonstrado o benefício da atividade física no estímulo ao crescimento e desenvolvimento, prevenção da obesidade, incremento da massa óssea, aumento da sensibilidade à insulina, melhora do perfil lipídico, diminuição da pressão arterial, desenvolvimento da socialização e da capacidade de trabalhar em equipe (ALVES, 2008, p.37).

Considerações finais

Enfim, é importante as crianças estarem cientes dos benefícios que a atividade física proporciona. Introduzir as orientações junto aos conteúdos escolares é um grande passo. Além de adequar os conteúdos ao que está presente no dia a dia dos alunos estarão favorecendo a

conscientização sobre a relevância da prática de exercícios, bem como favorecendo o trabalho em equipe, a responsabilidade e respeito para com os outros e consigo próprio. De acordo com o PCN de Educação Física, ao “[...] perceber as características de movimento de sua coletividade, por meio da observação e do conhecimento da história local é um trabalho que pode ser desenvolvido junto com os conteúdos de História, Geografia e Pluralidade Cultural (1997, p.53).

A participação dos alunos, o entusiasmo nas atividades e a alegria que nos receberam nos fizeram ter a certeza de que queremos seguir a profissão do magistério. A prática de estágio supervisionado favoreceu uma reflexão crítica a respeito da teoria versus a prática. A partir deste estágio nos foi possível constatar que é possível sim articular as teorias aprendidas no mundo acadêmico ao cotidiano escolar. No entanto, tão articulação demanda tempo, preparo, estudo cotidiano. E a nossa pergunta é: como conseguirmos conciliar aulas planejadas e voltadas a atender nossos alunos, abarcando os conteúdos curriculares obrigatórios, e ao mesmo tempo, vencer o cansaço e esgotamento físico e emocional que estar em sala de aula traz, se, para termos uma vida digna e com um mínimo de conforto, temos que trabalhar manhã, tarde e noite?

Como realizarmos aulas de atividades físicas em escolas da rede pública em que o pátio destinado a recreio esta tomado pelo mato? Como ser professora e aplicar o que estudamos sem nos deixar abater por tantas vicissitudes?

Referências

ALVES, Crésio; LIMA, Renata Villas Boas. Impacto da atividade física e esportes sobre o crescimento e puberdade de crianças e adolescentes. Rev. paul. Pediatr. São Paulo, v. 26, n. 4, dez. 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01035822008000400013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 05 de Março de 2010. > Acesso: 23 set. 2012.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : matemática /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: www.mec.gov.br. Acessado em: 05 de fevereiro de 2013.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Programa de desenvolvimento profissional continuado / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: ASecretaria,1999.Disponível em:http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12640%3Aparametros-curriculares-nacionais1o-a-4o-series&catid=195%3Aseb-educacao-basica&Itemid=859. Acessado em 05 de fevereiro de 2013.

GERALDI, João Wanderley. **Unidades básicas do ensino do português**. 3ª ed. São Paulo, 2003.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. BAPTISTA, Mônica Correia. MONTEIRO, Sara Mourão(orgs.).**A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos**:orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade – Belo Horizonte : UFMG/FaE/CEALE, 2009.

PIAGET, Jean. **Aprendizagem e Conhecimento**. In.: Aprendizagem e conhecimento. Tradução Equipe da Livraria Freitas Bastos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

ROJAS, Ricardo Arturo Osorio (2001), *El Cuestionario*. Disponível em : < <http://www.nodo50.org/sindpitagoras/Likert.htm>> Acesso: 20 set. 2012

SILVA, Osvaldo Cavalcante da. **A qualidade de vida ligada à prática regular de atividades físicas**. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd150/pratica-regular-de-atividades-fisicas.htm>. acessado em 05 de fevereiro de 2013.

SOARES, Maria Teresa Carneiro Soares e PINTO. Neuza Bertoni Pinto. **Metodologia da resolução de problemas**. ANPED - GT19. Disponível em < <http://www.ufrj.br/emanped/> >. Acesso em 20 set. 2012

WEINECK, Jurgen. **Atividade física e esporte: para quê?**. Tradução de Daniela Coelho Zazá, Fabiano Amorime, Mauro Heleno Chagas. – Barueri, SP: Manole, 2003.



MEU ANIVERSÁRIO, MINHA HISTÓRIA⁵⁰

Naiane Libório Fontes⁵¹

Introdução

Este artigo foi elaborado a partir de pesquisas bibliográficas e experiência em campo. A produção deste trabalho surgiu como pré-requisito de avaliação da disciplina Estágio Supervisionado III e IV do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, trabalhando em parcerias com escolas públicas da rede municipal e estadual. A escola aonde foi desenvolvido o estágio tem 493 alunos matriculados e funciona com turmas da Educação Infantil e Ensino Fundamental das séries iniciais e finais. O estágio foi realizado a partir do projeto de ensino “Meu aniversário, minha história”, escolhido juntamente com os alunos durante o período de observação e coleta de dados. Diante do tema escolhido procurei trabalhar os conteúdos sugeridos pelos PCNs relacionando-os aos projeto de ensino. O objetivo do projeto de ensino foi conhecer que, diante de tantas culturas e das singularidades existente na sociedade, há várias maneiras de comemorar o aniversário. Observando a importância que as pessoas dão ao aniversário, verificando a relação existente entre as crianças e o aniversário e nesse processo de troca de informações destacando a importância do respeito da cultura dos povos, valorizando a identidade de cada um. A metodologia utilizada foi aula expositiva, atividades na folha e no caderno dos conteúdos estudados, exposições de vídeos de aniversário, literatura Infantil com o tema aniversário, construção de textos, leitura e interpretação textual, construção de história em quadrinhos e a confecções de cartazes com episódios que aconteceram nos aniversários das crianças. O processo avaliativo foi feito cotidianamente por meio de observações, participação nas aulas e atividades escritas. Com a experiência do estágio foi possível perceber que a escola é um lugar de troca de informações, onde o cidadão além de compartilhar seus conhecimentos também aprende com os outros.

50 Meu aniversário, minha história. Artigo produzido após realização do Projeto Prodocência/CAPES/UFS/ na disciplina Estágio supervisionado III.

51 Naiane Libório Fontes, graduanda de pedagogia da UFS. Monitora da disciplina Ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental da UFS.

Desenvolvendo o projeto de ensino: Meu aniversário, minha história

O presente artigo é fruto de uma experiência em sala de aula que apresenta resultados obtidos na aplicação do projeto de estágio **“Meu aniversário, minha história”**, desenvolvido nas primeiras séries do ensino fundamental, mais especificamente no 4º ano. Este estágio abordou um tema muito presente na vida das pessoas e que ganha destaque na infância: “O aniversário”. Durante nossa vida comemoramos nosso aniversário a cada ano, na data em viemos ao mundo. Cada ser humano comemora do seu jeito, fazendo festas, pequenas recepções onde convidam os amigos; Têm aqueles que não gostam de festas, os que apenas lembram, há os que nem lembram e também os que não comemoram, enfim, uma diversidade de maneiras de se comemorar ou não, a data que nascemos.

No entanto, é na infância que o aniversário é mais celebrado e ansiosamente esperado. As crianças sonham com essa data tão especial, fazendo contagem regressiva, imaginando temas e cenários, ou contando os dias que faltam para ficarem “adultos”. Independente da classe ou nacionalidade o aniversário é um dos temas que mais são encontrados em rodas de crianças, seja um contando que foi ou que vai a um aniversário, que vai fazer ou que sonha ter uma comemoração. Porém, cada local tem suas particularidades e há culturas em que os aniversários não são comemorados.

Campo de estágio

A elaboração desse trabalho ocorreu como uma exigência da disciplina Estágio Supervisionado III, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe. A escola escolhida para fazer o estágio, atende 484 crianças e adolescentes. A escola funciona nos turnos matutino e vespertino, com os seguintes níveis de ensino: educação infantil, ensino fundamental nos anos iniciais e finais. A turma que foi realizado o estágio é o 4º ano dos anos iniciais do período matutino. A turma é composta por 18 alunos, 11 meninos e 7 meninas.

O tema do nosso projeto foi o aniversário e a história de cada um. Tudo começou na primeira visita aos alunos. Fizemos neste dia, uma roda de conversa informal no pátio da escola. Comecei falando que iríamos passar um tempo conversando e quem diria o tema que seria trabalhado, eram eles. Aos poucos foram falando os temas que lhe chamavam atenção. Um dos alunos menciona que gostaria que falasse de “ovada”. Pedi para que me explicassem do que se tratava. Então eles e seus amigos me explicaram que naquele dia tinha um amigo do 3º ano que estava aniversariando (e que por essa razão seus colegas utilizariam farinha e ovo para jogar no aniversariante). Desta maneira, surgiu a ideia de falarmos de aniversário, pois este se configurou num assunto de interesse da turma.

Os parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) nos propõe trabalhar, além das disciplinas Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia, temas transversais. Esses temas devem ser escolhidos de acordo com as necessidades de cada realidade escolar. Os temas transversais abrangem assuntos que podem e devem ser incluídos nas aulas e envolvidos com as disciplinas já ofertadas. É desejável que desde os primeiros anos da escolaridade os temas transversais sejam trabalhados na escola.

Os educadores devem estimular o diálogo entre os alunos, instigando debates e os temas transversais e a maneira como trabalhados trazem essas possibilidades de troca de conhecimentos e novas aprendizagens, favorecendo a democracia.

Relatos de experiência

O objetivo desse trabalho foi conhecer que diante de tantas culturas diferentes e das singularidades existente na sociedade há várias maneiras de comemorar o aniversário e valorizar a nossa cultura e a nossa história pessoal. Os objetivos específicos foram observar a importância que as pessoas dão ao aniversário, verificar a relação existente entre as crianças e o aniversário, conhecer como acontece, ou não, a comemoração dos aniversários na vida das crianças do 4º ano, Compreender a história de cada um, estudar os conteúdos de ensino inserindo o tema do projeto.

Ao levantar características e modos de pensar de algumas culturas busquei instigar nos alunos ao respeito e a valorização da pluralidade cultural, pois resulta numa sociedade mais democrática, mas não de maneira fragmentada e sim de um modo interdisciplinar, pois o conhecimento é amplo e quando vivenciado em redes encontramos mais sentido na escola. Trabalhando com a Pluralidade Cultural é possibilitado que seja trabalhado nas escolas as diversas formas culturais existentes no Brasil e no mundo, criando e cultivando além do conhecimento o respeito às diferenças culturais, valorizando a nossa cultura.

A cultura pode assumir um sentido de sobrevivência, estímulo e resistência. Quando valorizada, reconhecida como parte indispensável das identidades individuais e sociais, apresenta-se como componente do pluralismo próprio da vida democrática. Por isso fortalecer a cultura própria de cada grupo social, cultural e ético que compõe a sociedade brasileira, promover seu reconhecimento, valorização e conhecimento mútuo, é fortalecer a igualdade, a justiça, a liberdade, o diálogo e, portanto, a democracia (BRASIL, 1997, p. 44).

A avaliação foi processual, todos os dias durante a aula eram avaliados com a participação e a realização de atividades. No primeiro dia de estágio os alunos foram convidados a formar uma roda fazendo uma conversa sobre o projeto **“Meu aniversário, minha história”**. Eles demonstraram curiosidade e interesse diante das suas falas. A princípio nem todos participavam da conversa, mas depois foram dialogando trazendo seus conhecimentos. Quando conhecemos o aluno e respeitamos sua origem podemos trabalhar com o concreto reconhecendo todo o conhecimento que o aluno já possui. Vendo que o aluno não é um mero “recipiente” ao qual o educador só insere conhecimento. E segundo Freire a comunicação é fator indispensável nessa relação de troca.

somente na comunicação tem sentido a vida humana. Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação. Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes imposto. Daí não deva ser um pensar no isolamento, na

torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, re-
pitamos de uma realidade (FREIRE, 1987, p. 37).

A escola é um espaço privilegiado e quando o educador sabe aproveitar esse espaço encontramos um lugar rico em trocas de saberes e nós educadores passamos a perceber que muitas vezes aprendemos mais com os nossos alunos do aquilo que ensinamos.

No último dia foi feito uma roda de conversa, na qual os alunos foram convidados a discutir a importância do aniversário na sua vida e na vida das pessoas. Em seguida fizeram cartazes com fotografias ou desenhos e pequenas frases construindo uma linha do tempo. Essa atividade foi realizada para verificar se os objetivos propostos no projeto foram atendidos, ou apenas parte deles. E o processo de avaliação foi feito individualmente.

A metodologia utilizada foi: aula expositiva; atividades na folha e no caderno dos conteúdos estudados; exposições de vídeos de aniversário; literatura Infantil com o tema aniversário; construção de textos; leitura e interpretação textual; construção de história em quadrinhos; Confecções de cartazes com episódios que aconteceram nos aniversários das crianças; Construção da árvore genealógica de cada um. Dessa forma, durante as duas semanas, trabalhamos com mais intensidade a leitura e a pesquisa.

As práticas de estágio e as suas facetas

Todos os dias do estágio as crianças eram convidadas a fazer uma roda para que pudéssemos conversar e dessa forma e durante as aulas eu poderia ir conhecendo cada aluno e nessa roda de conversa sempre fazíamos uma oração antes de iniciar nossas atividades, contávamos novidades, falávamos sobre aniversários que já tínhamos participado e sobre nossos aniversários. Partimos agora para as disciplinas trabalhadas e algumas atividades selecionadas que fizemos em sala.

Português e Redação trabalhamos com textos. Essas disciplinas foram as que houveram mais aproveitamento segundo a minha avaliação. Quando falamos sobre artigo trabalhamos da seguinte maneira: aula expositiva sobre artigo, utilizando exemplos; Logo após foram fei-

tas atividades no livro sobre artigo. Depois foi feita a leitura individual e coletiva, do texto “O aniversário do palhaço fásca”, completando a aula com uma atividade sobre artigo e interpretação do texto na folha. Num 2º momento dessa aula sobre artigo a sala foi dividida entre meninas e meninos. Foi disponibilizado alguns materiais didáticos para cada grupo, como: cartolina, caneta hidrocor, figuras e lápis de cor. Descrevi a atividade, sugerindo que o grupo pintasse as figuras e a partir delas criassem uma frase que tivesse um adjetivo presente. Depois escreveriam e colariam na cartolina montando um cartaz que ficou exposto na sala. Para que todos participassem da atividade proposta, as tarefas foram divididas entre eles. A atividade foi realizada no pátio ao lado da sala. No dia seguinte a aula sobre adjetivos se transformou em uma aula com debates. Foram surgindo exemplos e perguntas sobre o mesmo tema, como o fato do ser humano gostar de elogios e o de que nem todos os adjetivos são propícios para as pessoas, pois às vezes, acabam ofendendo, o que não é certo por que gera constrangimento. Logo após foi feita a leitura do texto “Festa de Aniversário” que falava sobre um aniversário de uma criança, seguindo da interpretação textual. E num momento de descontração fizemos a leitura coletiva de uma piada sobre aniversário. Foi com base nessas e outras reflexões que foram elaboradas as atividades.

A justificativa que legitima o uso do livro na escola nasce, pois, de um lado, da relação que estabelece com o seu leitor, convertendo-o num ser crítico perante sua circunstância; e, de outro, do papel transformador que pode exercer dentro do ensino, trazendo-o para a realidade do estudante e não submetendo este último a um ambiente rarefeito do qual foi suprimida toda a referência concreta (ZILBERMAN 2003, p. 30).

No outro dia foi apresentada uma receita de bolo de aniversário, onde foi trabalhado os elementos que devem estar presentes numa receita. Num outro momento fizemos leitura coletiva e uma atividade sobre o surgimento do brigadeiro. Depois foi proposta a ideia de uma elaboração de um texto no qual eles falariam sobre um aniversário do qual gostaram muito. No final da aula as crianças foram convidadas a apresentar sua produção para os outros colegas. Uns alunos apresenta-

ram e outros recusaram-se a exposição do trabalho na frente da turma, essas atitudes foram respeitadas e a leitura dessas produções foi feita individualmente pela professora.

Matemática – As crianças conheceram as expressões numéricas e nas atividades envolvi o tema aniversário. Algumas crianças não entenderam logo no início as regras da expressões numéricas e mas com o passar dos dias aprofundamos mais sobre o assunto com novas explicações e novas atividades. No outro dia as crianças aprenderam divisão com materiais concretos como objetos, alunos e com um pacote de balas. Em outro momento fizeram atividade no livro de matemática sobre divisão. Alguns alunos demonstraram ter adquirido o aprendizado, outros tiraram dúvidas durante a explicação ou após, dirigindo-se até a mim perguntando como se resolvia determinada conta. E alguns alunos não conseguiram compreender as regras da divisão a princípio.

Geografia – Primeiramente tivemos aula expositiva sobre a agricultura e as condições naturais para a plantação e em seguida foram feitas atividades no livro sobre o conteúdo. Logo após foi comentado na sala o que é e o que significa a identidade, depois foi distribuída uma atividade na folha que continha espaços para as crianças preencherem com algumas preferências e características deles, falando um pouco sobre sua identidade.

A Geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens estão inseridos num processo de desenvolvimento (CASTROGIOVANNI, 1999, p. 58).

No outro dia os alunos foram convidados a formar uma roda de conversa no pátio da escola onde foi discutido sobre as maneiras que a sociedade do mundo comemora o aniversário. Foram selecionados alguns países, fizemos a leitura do material e comparamos com a nossa forma de comemorar o aniversário. Fizemos uma brincadeira na qual todos se imaginaram morando em um país diferente. Foi divertido e no final da brincadeira foi ressaltado que deve haver o respeito entre as culturas. No 5º momento, já em sala, os alunos escreveram numa folha o que gostam e o que não gostam, pois dessa forma cada um reconhecia

a sua própria identidade. No final da aula pedi que eles fizessem uma pesquisa sobre a cidade que eles nasceram, destacando aspectos geográficos. E pedi que trouxessem no dia seguinte. No outro dia foi muito interessante. No 1º momento fizemos uma oração e em seguida houve a apresentação do trabalho de geografia proposto na aula anterior, onde eles contaram um pouco sobre a cidade que nasceram, dando características e aspectos que chamaram mais atenção durante a pesquisa feita.

Ciências – Primeiramente houve aula expositiva sobre os tipos de solo, seguindo de experimentos mostrando concretamente as crianças alguns tipos de solo como argila, terra preta (ideal para a plantação) e areia. Ainda na sala, formaram-se grupos para que pudessem ir até a frente da sala onde estavam caixas que continha os solos para poder observar, tocar e mexer, vendo suas diferenças e enquanto viam era comentado a importância e a utilidade de cada um. Enquanto isso os outros alunos observavam atentamente e ansiosos para chegar logo a sua vez de tocar. Uns sentiam gástrica ao tocar, principalmente as meninas, mas depois foram pegando e não queriam largar a terra. Logo após, as crianças foram convidadas a se dirigir a área verde da escola, (espaço que fica ao céu livre, com o chão pintado de verde) e lá observamos como a argila muda sua textura quando entra em contato com água. Depois cada aluno ficou com uma porção de argila misturada com água para fazer uma arte do seu gosto. Foi muito divertido e a bagunça foi geral. Cada um usava sua criatividade e eles falaram que gostaram muito. Na hora do intervalo foi exposto para os colegas das outras turmas as obras de artes e no final da aula as crianças levaram para a casa seus feitos. Quando voltamos para a sala as crianças fizeram atividades no livro de ciências sobre tipos de solo. Segundo Comenius (1592-1671), em sua obra "Didática Magna" (1657) diz que "- ao invés de livros mortos, por que não podemos abrir o livro vivo da natureza? Devemos apresentar a juventude às próprias coisas, ao invés das suas sombras" (Ponce, p. 127). No 3º momento aula expositiva sobre tipos de rochas. No 4º momento Conversa aberta para dúvidas, questionamentos, curiosidades e críticas sobre os assuntos abordados na manhã.

Religião – O tema proposto pela professora foi Solidariedade e Cidadania aos quais preferi não dar especificamente um assunto sobre o tema, procurei sim trabalhar práticas de solidariedade e cidadania cotidianamente a cada momento e a cada atividade que colocávamos em prática.

Aprender a ser cidadão é, entre outras coisas, aprender a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça, não violência; aprender a usar o diálogo nas mais diferentes situações e comprometer-se com o que acontece na vida coletiva da comunidade e do país. Esses valores e essas atitudes precisam ser aprendidos e desenvolvidos pelos alunos e, portanto, podem e devem ser ensinados na escola (BRASIL, 2001, p. 13).

História – Depois da aula expositiva sobre o Brasil antes de ser colonizado pelos portugueses e os habitantes que aqui viviam. Fizemos uma leitura individual e em seguida coletiva de lendas indígenas e atividades sobre as lendas. No final da aula foi solicitado que os alunos trouxessem no próximo dia, algumas fotografias de aniversários e acontecimentos importantes na sua vida. Segundo Ernesta Zamboni “o objetivo fundamental da história no Ensino Fundamental, é situar o aluno no momento histórico em que vive.” É importante que os ensinamentos de história venham a partir da história do próprio aluno, pois assim este compreenderá melhor a qual grupo pertence, onde está inserido, iniciando-se ou instigando aí sua concepção e construção da sua identidade.

Artes – Fizemos pintura com relevo fazendo o uso de moedas, logo após nos dois dias que houve as aulas de arte os alunos foram convidados a ir até a sala denominada sala de vídeo onde foi debatido sobre as diversas formas de comemorar o aniversário e em seguida foi exposto o vídeo do Chaves com o tema “Aniversário do Quico”. Na outra semana os alunos foram novamente a sala de vídeo onde fizemos um cinema com pipoca e guaraná, assistindo o vídeo “O aniversário do seu madrugá”. No último dia foi muito divertido. No 1º momento fizemos uma oração e uma roda de conversa sobre o estágio. No 2º momento todos foram convidados a se acomodar na sala para fazer um cartaz individual contando datas importantes da sua vida, colando fotografias e escrevendo uma legenda para cada foto ou desenho anexado ao cartaz. Depois de feito os trabalhos foram expostos nos murais do 1º andar da escola (onde fica localizada a sala do 4º ano), dando a oportunidade de verem e apresentassem os seus próprios trabalhos, os dos amigos, e a comunidade escolar também apreciar a atividade.

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que pensa, do que sente, do que é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença (BRASIL, 1997, p. 38)

No 3º momento concluímos o estágio com a culminância do projeto com uma festinha de aniversário, comemorando o aniversário de todos os presentes na sala. A ideia foi que todos os alunos comemorassem naquele dia o aniversário juntos e assim fizemos. Todos, ficamos ao redor da mesa e cantamos “Parabéns pra você”, apagamos a velinha e depois comemos os quitutes mais presentes nas festinhas de crianças. Foi muito divertido e prazeroso. Deu um gostinho de quero mais.

Considerações finais

Estar na escola, na sala de aula é sempre uma prática desafiadora. Durante os dias de estágio pude exercitar algumas teorias que aprendi durante o curso de licenciatura em pedagogia. Percebi que a teoria nos dá subsídios e é a base de um bom educador, porém é na prática que aprendemos a ensinar. Procurei trabalhar o tema de maneira interdisciplinar, sendo que em alguns momentos eu consegui e em outras atividades não soube encaixar o tema trabalhado.

Busquei inspiração em autores que conheci durante leituras pessoais e na academia como Paulo Freire e Perrenoud que trazem para nós educadores teorias que falam da importância em conhecer o aluno e respeitar seus conhecimentos, fazendo deles uma associação com o tema trabalhado em sala sugerido pelos PCNs. E assim antes e durante os dias de estágio, foram surgindo novas ideias de atividades que poderiam ser levadas para a sala do 4º ano.

Foi possível concluir a partir das observações da participação das crianças nas atividades propostas que elas conseguiram aprender o que eu havia planejado, porém alguns assuntos merecem ser revisados novamente. Foi respeitado os modos próprios de participar, indicados a partir da realização das atividades e do rendimento nestas e

das falas dos alunos dando oportunidade de expor sua opinião e o seu conhecimento já formado. Nesse sentido, os resultados nos inspiram a pensar a escola como espaço de trocas onde deve ser garantida a educação de qualidade.

Acredito que a experiência é uma importante aliada no processo de formação de professores, pois com ela conseguimos colocar em prática as teorias que estudamos e quando conseguimos compartilhá-las com companheiros de caminhada é muito mais prazeroso e proveitoso.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação – Secretaria de Educação Fundamental Ética e Cidadania no convívio escolar. Brasília, 2001, p. 13.

BRASIL, Secretaria de educação Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997, volume 10.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997, volume 8.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (1ª a 4ª series). Brasília: MEC/SEF, 1997. 10 volumes

CALLAI, Helena Copetti. **O ensino de Geografia**: Recortes espaciais para análise. In: Geografia em sala de aula: prática e reflexões. Antônio Carlos Castrogiovanni (Org.). Porto Alegre; UFRGS / AGB, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PONCE, Anibal. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Cortez, 1985.

ZAMBONI, E. .O ensino de História e a construção da identidade. Boletim Pedagógico Ciências Humanas, Juiz de Fora, v. 1, p. 73-77, 2001.

ZILBARMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11 ed; São Paulo: Global, 2003.



DEBATENDO O MEIO AMBIENTE ATRAVÉS DE UMA EDUCAÇÃO INTERDISCIPLINAR⁵²

Verônica Dias dos Santos⁵³

Introdução

Na busca de resultados positivos no âmbito educacional, no ensino fundamental, o papel do educador ou professor, é essencial e indispensável, sendo ele o responsável pela escolha dos materiais necessários para o desenvolvimento da criança em sala de aula ou mesmo em outros ambientes. A escola é o espaço social e o local onde o aluno dar sequência ao seu processo de socialização. O que nela se faz se diz e se valoriza representa um exemplo daquilo que a sociedade deseja e aprova. Comportamentos ambientalmente corretos devem ser aprendidos na prática, no cotidiano da vida escolar, contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis. Considerando a importância da temática ambiental e a visão integrada do mundo, no tempo e no espaço, a escola deverá oferecer meios efetivos para que cada aluno compreenda os fenômenos naturais, as ações humanas e sua consequência para consigo, para sua própria espécie, para os outros seres vivos e o ambiente.

Sabendo da importância de debater sobre o meio ambiente é que o presente artigo irá relatar experiências em uma turma de 2º ano do ensino fundamental onde foi trabalhada de forma interdisciplinar a temática do meio ambiente com o propósito também de ajudar no desenvolvimento da aprendizagem, oportunizando uma reflexão sobre o meio ambiente e suas consequências na sociedade atual.

Para tanto foram ministradas 10⁵⁴ aulas consecutivas todas realizadas de forma a conciliar as disciplinas e o assunto sobre o meio am-

52 Trabalho apresentado à disciplina estágio supervisionado III e IV ministrada pela professora Drª Maria José Nascimento Soares como resultado das ações desenvolvidas junto ao projeto PRODOCÊNCIA, uma articulação teórica e prática no ensino fundamental.

53 Aluna do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe. Contato: verônica_diasstos@hotmail.com

54 As aulas ministradas serão analisadas de acordo com a visão de alguns autores como LIBÂNIO (1994), REIGOTA (2001) entre outros.

biente, pois é sabido que a fragmentação de conteúdos não colabora muito para a aprendizagem dos alunos, já que estes não se relacionam, existindo assim uma quebra, tornando disciplinas isoladas. Foi abordado o tema meio ambiente de maneira interdisciplinar, com o objetivo de conscientizar os alunos do 2º ano sobre a importância de cuidar do espaço em que vivemos, apontar o descaso com o meio ambiente, explicar a coleta seletiva, construir jogos matemáticos com lixo reciclado, mostrar mudanças de ambientes através do tempo e do cuidado com os mesmos (fotos) e criar frases e textos informativos para a escola.

Foi ministrada aula expositiva dialógica para conhecer os alunos e diagnosticar o conhecimento prévio do tema, questionários com perguntas voltadas para o cotidiano das crianças, com o objetivo de saber qual a ação delas nas situações abordadas no mesmo, apresentação de vídeo animado, de forma lúdica, apresentar a importância do tema, exposição da lista do tempo que a natureza leva para decompor alguns dos produtos, ajudando a compreensão e a prática das crianças e confecção de cartazes ilustrativos e informativos para pregar na escola, trabalhando toda aprendizagem adquirida durante as aulas. A avaliação dos alunos foi feita ao decorrer das atividades, observando o interesse inicial e todo desenvolvimento alcançado a partir dos conteúdos apresentados e adquiridos. Uma avaliação continua com o objetivo de perceber um novo cidadão ao final do projeto. De acordo com Libâneo “[...] A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuições de notas” (1994, p.19). É fundamental que cada aluno desenvolva as suas potencialidades e adote posturas pessoais e comportamentos sociais construtivos, colaborando para a construção de uma sociedade socialmente justa, em um ambiente saudável.

Refletindo sobre a ação didática

O projeto de ensino foi realizado no Centro Educacional Futuro Feliz no período da tarde em uma turma de 2º ano do ensino fundamental com diversidade de histórias e desenvolvimentos de aprendizagens. A turma foi composta por 25 (vinte e cinco) alunos matriculados, porém durante esses 10 dias de aulas que ministrei a sala não tinha todos os alunos todos os dias. Observei que alguns apresentavam grandes problemas com a escrita, outros com a leitura, meu objetivo nesse momento

era mediante o debate sobre a importância de cuidar do meio ambiente, essas características fossem melhoradas durante as aulas ministradas. A temática estava sempre em contato com os alunos em todas as aulas como serão mostradas nos parágrafos seguintes.

De acordo com Cardoso “[...] fazer um bom diagnóstico é o canal para a professora saber quem são esses alunos reais com os quais ela convive e trabalha.” (2002, p.30). E ainda afirma que “[...] as informações que podemos obter acerca do universo dos alunos é que vão, em grande parte, dar o tom do trabalho pedagógico e delinear seus rumos” (2002, p.31). Na primeira aula, com a ajuda da funcionária da limpeza espalhei lixo pela sala, rabisquei todo o quadro branco e desorganizei as carteiras antes da entrada dos alunos, com o objetivo de observar a impressão que eles teriam do ambiente. No primeiro momento fiquei apenas observando as expressões e comentários feitos pelos alunos ao chegarem à sala como: O que aconteceu aqui?... Quem fez isso?... Dando início a aula me apresentei e logo após pedir para que fizessem o mesmo a conversa foi fluindo até que os 25 alunos se apresentassem.

No segundo momento da aula debatemos sobre a desordem da sala, o que estava diferente e o que eles pensavam a respeito, após o debate entreguei uma folha de atividade com um desenho para que os alunos escrevessem o que quisessem ou soubessem sobre a imagem (ver em anexo) e apesar da dificuldade com a escrita e com a organização das palavras, como também uma dificuldade de transcrever o pensamento para a folha a atividade foi concluída, após a atividade expliquei o meu objetivo com o estágio e pedir que eles observassem todos os ambientes por onde passassem para a próxima aula.

Segunda aula

A segunda aula foi iniciada com as observações feitas pelos alunos, sobre os ambientes em que estiveram fora da escola depois da aula passada, muitos disseram que nem lembraram de observar outros tiveram vergonha com medo de errar, mas quando o primeiro falou todos queriam falar ao mesmo tempo. Após o debate entreguei um questionário composto por cinco perguntas (ver em anexo), as respostas foram bem parecidas alguns têm dificuldades com a escrita, mas todos tenta-

ram responder e a partir delas conseguir um pequeno debate com as crianças da seguinte maneira, sem revelar o autor fui lendo as respostas em voz alta e debatemos juntos as mesmas. No final da aula pedir que eles observassem durante o final de semana o comportamento das pessoas de sua casa e da sua vizinhança com relação ao lixo.

Terceira aula

Na terceira aula levei para eles o vídeo Lixo é no lixo uma história em desenho animado com a Turma da Mônica as crianças adoraram e reclamaram que o vídeo é muito curto queriam mais. A partir do vídeo e da observação das crianças no final de semana, eles perceberam que estavam agindo errado e que precisavam fazer alguma coisa para reverter à situação. Propus agir de maneira diferente durante uma semana cuidando do seu lixo e propagando a ideia para os alunos das outras turmas durante os intervalos e partilhar em casa com os familiares tudo que estava aprendendo. No segundo momento da aula entreguei uma atividade de caça-palavras com nomes de plantas, por que falamos do cuidado com as plantas também nessa aula, após achar as palavras escrevê-las na tabela de acordo a quantidade de letras, conteúdo trabalhado pela professora da turma (ver em anexo). Os alunos gostaram de procurar as palavras de uma forma diferente, uns com dificuldade de achar, mas, sempre tinha um colega pra ajudar então todos concluíram a atividade.

Quarta aula

No quarto encontro disse às crianças que não há como não produzir lixo, mas podemos diminuir essa produção reduzindo o desperdício, reutilizando sempre que possível e separando os materiais recicláveis para a coleta seletiva, levei a imagem dos coletores para coleta seletiva, vidro, plástico papel e metal. Levei para sala papel camurça nas cores dos coletores, cola, piloto e fita adesiva para juntos confeccionarmos os nossos coletores, foi uma festa porque brincando aprendemos a função de cada coletor, ao final colamos no corredor da escola. No segundo momento da aula entreguei duas atividades, uma para pintar os

nomes dos coletores com a cor correspondente a função pós o desenho estava em preto e branco (ver em anexo). A segunda tinha informações sobre cada coletor e uma tabela para exemplificar materiais recicláveis (ver em anexo), no início eles disseram que preferiam falar a escrever, mas eu conseguir convencê-los a responderem a atividade.

Quinta aula

Na quinta aula saímos pela escola recolhendo o lixo que poderia ser reciclado, percorremos as salas, quadra, cantina, secretaria e corredores, foi uma manhã deliciosa, pois aprendemos juntos e ficávamos imaginando em que aquele papel, garrafa ou outra coisa que recolhíamos poderia se tornar. A escola não tem coletores seletivos então separamos em sacos plásticos, no início trocavam tudo, misturando no mesmo saco, mas um sempre corrigia o outro foi muito interessante e sempre ouvia os comentários deles imaginando o que poderiam fazer com o lixo recolhido. Após recolher separaram e contaram as quantidades de cada tipo e depois somaram todos os resultados. O tempo da aula acabou por isso só recolhemos, mas eu sem dizer nada a eles guardei um pouco do lixo recolhido para utilizarmos numa outra aula.

Sexta aula

No sexto encontro levei para crianças a tabela com o tempo de duração que alguns produtos levam para se decompor na natureza (ver em anexo). Depois de mostrar e falar sobre os dados entreguei as crianças uma atividade que tinha os mesmos dados e pedir para elas darem um exemplos de cada item(ver em anexo). No início sempre ficam esperando alguém começar então comecei dando o primeiro exemplo e a atividade foi se desenvolvendo, ao exemplificar toda tabela pedir que um de cada vez circulasse a sílaba tônica de cada palavra como o conteúdo já tinha sido dado pela professora da turma eles não tiveram muita dificuldade em realizar a atividade.

Sétima aula

No sétimo encontro sugerir que diante de tudo que aprenderam durante as seis aulas passadas fizessem cartazes educando e alertando a escola sobre o meio ambiente, lembrando de utilizar os artigos definidos e indefinidos. No início foi uma bagunça para escolher os grupos e formara as frases, mas com a ajuda da professora conseguimos controlá-los. No segundo momento da aula entreguei uma atividade, desta vez um poema de Berenice Gehlen Adams “Separe” (ver em anexo) li para eles mais de uma vez depois debatemos sobre o que entenderam em seguida pedir para circular os artigos do poema, essa atividade foi bem tranquila para eles responderem.

Oitava aula

No oitavo encontro levei para eles uma música de Toquinho “Herdeiros do Futuro”, utilizei o som para aprendermos a cantar juntos, primeiro só ouviram e depois foram tentando cantar o que não deu muito certo, mas o importante é que eles entendessem o que a música queria dizer. No sendo momento da aula entreguei a letra da música e ao lado de cada estrofe tinha um quadrado para desenhar o que eles entendiam em cada estrofe. Essa parte eles gostaram muito, pediram até para pintar os desenhos produzidos por eles, em seguida partilhamos os desenhos com os colegas.

Nona aula

O nosso nono encontro foi uma surpresa para as crianças, levei para eles o material recolhido por eles na quinta aula e que eles não sabia que eu tinha guardado, não tinha muita coisa, algumas garrafas pet, papel e lata de refrigerante, eles ainda não sabiam o que íamos fazer. Fizemos um circulo e analisamos o material para descobrir que objetos ou brinquedos poderíamos fazer com aquele material, para minha surpresa, fizemos carrinho, vai e vem, cadeira, chocalho e cai dentro, segundo eles o brinquedo do Chaves. Foi uma aula super divertida todos adoraram a confecção dos brinquedos com o material que eles mesmos

recolheram, infelizmente não deu para fazer um para cada aluno, por isso decidimos deixar na sala para todos, foi super legal.

Décima aula

A última aula queria ouvir deles o que acharam das aulas, o que entenderam o que detestaram ou acharam chato. Não entreguei nenhuma atividade apenas conversamos sobre todo estágio e a parte que eles mais gostaram. Aproveitamos os brinquedos produzidos por eles fomos para quadra e fizemos uma recreação para finalizar esse projeto de forma agradável e marcante para cada criança que dele participou.

Considerações finais

Esse trabalho me proporcionou a oportunidade de conhecer e aprender com uma nova faixa etária, diferente dos estágios anteriores, com isso, me dediquei ao máximo para aproveitar todo processo para observar, ensinar e aprender em sala. A prática em sala de aula que a disciplina oferece, traz de forma ainda tímida devido o pouco tempo e a pouca experiência o entendimento de algumas teorias estudadas durante o curso.

De acordo com Libâneo “[...] a avaliação é uma tarefa complexa que não se resume à realização de provas e atribuições de notas” (1994, p.19). É sabido que o desenvolvimento de cada indivíduo por mais que muitos professores e pais não acreditem, não são todos iguais, cada um aprende em um ritmo diferente ou até mesmo semelhante, mas dificilmente igual. Isso não ocorre somente quando somos crianças, mais também quando adultos o que pude perceber durante a realização da pesquisa. O objetivo não foi igualar os alunos com relação ao aprendizado das disciplinas, nem que todos igualmente entendessem sobre a temática do meio ambiente, mas que cada um em seu ritmo compreendesse a importância do debate sobre esse tema e desenvolvessem suas habilidades das disciplinas sem precisar fragmentá-las.

A escola não precisa ser uma instituição segmentada no aprendizado, é necessário que se incluam junto às consideradas disciplinas for-

mais assuntos que envolvam a sociedade, como a temática sobre meio ambiente. O papel de todos que fazem a escola é fundamental para que pelo menos dentro das instituições não ocorra esse tipo de violência, porém o que tem se visto nas escolas é uma falta de interesse em trabalhar, dá importância a conteúdos realmente relevantes e que levem a uma reflexão social.

O estágio realizado no Centro Educacional Futuro Feliz foi muito rico para minha aprendizagem e futura profissão, me possibilitando outra visão a cerca do que seja educação. Mas é claro que não foram todos os dias maravilhosos, encontrei algumas dificuldades para ministrar as aulas como, por exemplo, a quantidade de alunos que para mim que não tinha experiência, era grande para dominar, organizar o tempo das atividades, alunos com dificuldade de escrita e leitura, Tais dificuldades não tornaram o estágio ruim, tentei com ajuda de todos vencer esses obstáculos.

Trabalho na secretaria de uma escola, mas sempre me interessei em ministrar aulas, então aproveitei bem à oportunidade da disciplina, este trabalho além de todo aprendizado que obtive, foi muito divertido fazê-lo, pois percebi que não só estava contribuindo para a conscientização das crianças como para minha também e para dá exemplos aos alunos mudei o meu comportamento ambiental e espero que dele contribua a mudar o de outras pessoas.

Referências

LIBÂNEO, José Carlos. Os Objetivos e Conteúdos do Ensino; Os Métodos de Ensino; A Aula como Forma de Organização do Ensino. IN: LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 17ª Ed. São Paulo: Cortez, 1994, p.119-194.

REIGOTA, Marcos. **Verde Cotidiano**: o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro, DP&A: 2001.

A RELAÇÃO ENTRE O BRINCAR E A NATUREZA

Claudiane da Silva Santos⁵⁵

Introdução

O tema trabalhado foi escolhido mediante observações feitas durante um período de três dias em uma instituição de ensino do município de Aracaju, onde constatamos a necessidade de práticas educativas de caráter mais dinâmico e participativo, pois a criança deveria estar em um ambiente que se sinta bem para expressar opiniões quando necessário.

O projeto teve como objetivo explicar aos alunos os tipos de materiais que podem ser reciclados, conscientizando-os acerca dos problemas decorrentes do lixo e o quão importante é respeitar o próximo e o meio em que vivemos.

O presente trabalho foi desenvolvido em uma instituição de rede municipal de Aracaju/SE, a qual oferece a comunidade e adjacências o ensino do 1º ao 4º ano e também o supletivo pela noite. A instituição oferece aos alunos o Ensino Fundamental no horário da manhã e a tarde e no turno da noite a Educação de Jovens e Adultos. No período em que se desenvolveu o estágio estavam matriculados 878 alunos.

A escola foi construída numa baixada, ocasionando alagamentos durante os períodos de chuva. O prédio tem previsão para ser totalmente demolido e o terreno passará por uma terraplanagem para atingir o nível da via pública. Em seguida, a nova escola será erguida no local oferecendo aos estudantes salas de aula, biblioteca, área de recreação e uma moderna quadra poliesportiva.

O período em que estive na escola foi de 21 de Maio a dia 1º de Junho de 2012, neste período passamos dias com menos da metade da turma, já que quando era tempo de chuva eles não apareciam, pois pressentiam que a escola estava alagada. A sala em que desenvolvi o projeto contava com 23 alunos, mais nem todos estavam presentes e a cada dia falta mais, chegando a dar aula a 09 ou 12 alunos, onde não gostavam de escrever, nem de nenhuma atividade exposta, com exce-

55 Graduanda do 8º período do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: claudianesantos07@hotmail.com.

ção das pinturas e brincadeiras. No momento atual a escola encontrasse localizada em um prédio alugado pelo governo em outro bairro da cidade, pois as obras de recuperação da escola já tiveram início.

A escolha do tema deu-se por meio da opinião dos alunos, onde foram expostas no quadro negro algumas opções de tema, entre eles estava o meio ambiente. Foi aberta uma votação para a escolha do tema e o mais votado foi o meio ambiente. Esse tema foi trabalhado com uma turma de 23 alunos do 4º ano (3ª série), onde só apareciam de 9 a 11 alunos nas aulas.

O professor é mediador entre a criança e a aprendizagem. Este por sua vez tem que estudar a cada dia novas formas para transmitir os conhecimentos das diversas áreas que as crianças têm que aprender, buscando apoiar-se nas teorias estudadas na sua formação.⁵⁶

Mediação é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação, que deixa de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento. Quando uma criança agarra o caule de uma rosa e retira a mão ao sentir a dor causada pelo espinho, está estabelecida uma relação direta entre o espinho e a retirada da mão. Se, em outra ocasião, a criança, ao ver a rosa, examina o caule verificando a existência de espinhos, a relação estará mediada pela lembrança da experiência anterior. Entretanto, se noutra ocasião, a criança observar o caule da rosa quando a mãe lhe disser que ela pode ferir sua mão num espinho, a relação estará mediada pela intervenção da mãe (JOENK, s/d, p.4).

A brincadeira foi uma das maneiras de passarmos os assuntos de uma forma mais dinâmica e que chamasse a atenção de todos, onde pudessemos realizar algo agradável e diferente das aulas que eles tinham com a professora, ajudando e orientando quando foi necessário, estimulando e auxiliando a compreenderem e aprenderem os assuntos.

A partir do que foi constatado, percebemos que as crianças ali presentes não só necessitavam aprender de uma forma mais agradável,

56 BULGRAEN, Vanessa C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010.

dinâmica e fora de sua rotina, como também a instruir-se sobre outros assuntos. Tais como a poluição dos rios, o desmatamento das florestas, a extinção dos animais, entre outros.

Os conteúdos ali apresentados foram trabalhados não só por meio de brincadeiras e dinâmicas, como também exposições de cartazes feitos pelos alunos, elaboração de jogos, estimulando ao final do projeto a curiosidade e o interesse por novos conhecimentos.

O projeto de ensino teve como objetivo explicar aos alunos os tipos de matérias que podem ser reciclados conscientizando os mesmos acerca dos problemas decorrentes do lixo, estimulando os a participarem das rodas de leituras e a confeccionarem cartazes sobre a coleta seletiva de lixo e os animais em extinção, trabalhando por meio de jogos de pergunta e resposta, lembresse-se de mim, um jogo criado para que as crianças pudessem se lembrar do que nós aprendemos durante às aulas.

O lúdico está presente na vida das crianças, em que a mesma pode expressar seus sentimentos, desenvolver habilidades.

A criança desenvolve-se pela experiência social, nas interações que estabelece, desde cedo, com os adultos e com o mundo por eles criado. Dessa forma, a brincadeira é uma atividade humana, na qual as crianças são introduzidas constituindo-se em um modo de assimilar e recriar a experiência sociocultural dos adultos (RODRIGUES, 2009).

A criança observa tudo ao seu redor, principalmente as situações onde os adultos estão inseridos, em que as mesmas costumam reinterpretar quando estão brincando. O brinquedo se tornou mediador entre o mundo e a própria criança. Com o brinquedo ela pode imaginar várias situações protagonizadas pelo o adulto ou transmitir o que ela vivencia.⁵⁷

A brincadeira de faz-de-conta estimula a capacidade da criança respeitar regras que valerá não só para a brincadeira, mas também para a vida. Ela também ativa a criatividade, pois através da escolha dos papéis terá que reproduzir e criar a representação na brincadeira.

A brincadeira é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil, na medida em que a criança pode transformar e produzir

57 RODRIGUES, Luzia Maria. A criança e o brincar. Mesquita, 2009.

novos significados. O brincar não só requer muitas aprendizagens como também constitui um espaço de aprendizagem. (RODRIGUES, 2009, p-15).

Vygotsky (2001) acredita que o brincar do dia-a-dia das crianças é algo que se destaca como essencial para seu desenvolvimento e aprendizagem. Para ele, desenvolvimento e a aprendizagem estão inter-relacionadas desde o primeiro dia de vida do indivíduo. O aprendizado é considerado, assim, um aspecto necessário e fundamental no processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores.⁵⁸

Assim como a brincadeira, a natureza é algo que as crianças gostam bastante, mais que por falta de informação não sabiam como cuidar. Alguns dos educadores não estão atentos para a questão da poluição do meio ambiente e nem procuram trabalhar o que vem acontecendo com a natureza, até mesmo com o local em que a escola esta inserida.

Com a educação ambiental nas escolas, podemos tratar sobre a questão do lixo nas ruas, conscientizando as crianças para que elas não joguem papel de bala ou qualquer tipo de resíduo na rua, trabalhando também sobre o processo de coleta seletiva que existe no Estado e em algumas escolas.

A coleta seletiva se define como um processo que consiste na separação e recolhimento dos resíduos descartados por empresas e pessoas. Desta forma, os materiais que podem ser reciclados são separados do lixo orgânico (restos de carne, frutas, verduras e outros alimentos). Este último tipo de lixo é descartado em aterros sanitários ou usado para a fabricação de adubos orgânicos.

Com isso a criança irá desenvolver uma consciência ambiental, aprendendo a preservar o ambiente, não jogando lixo no chão e mantendo o seu bairro limpo de qualquer tipo de sujeira.

O tema trabalhado foi de fato algo prazeroso, não só para as crianças, como para nós que realizamos esse projeto. Foi estimulando nossos alunos para uma aula diferente, dinâmica, alegre e flexível que compreendemos o quão importante é levar para a sala de aula novas práticas pedagógicas para a aprendizagem e desenvolvimento dos nossos alunos. Foi com o intuito de mostrar para os alunos que existem sim

58 QUARESMA, Priscilla Mayara de Andrade. A relação entre o brincar e o desenvolvimento infantil, segundo professoras.

varias formas para aprender os conteúdos programáticos que propusemos a temática do meio ambiente.

A qual foi desenvolvida através das áreas do conhecimento: português, matemática, ciências, geografia e história. Abordamos a escrita, a leitura, expressões numéricas, substantivos, construção de frases, interpretação de textos e uma pesquisa sobre o município.

As metodologias utilizadas nas aulas foram exposições dos assuntos por meio dos cartazes confeccionados pelos próprios alunos, onde abordamos a questão da escrita, a pesquisa dos animais em extinção, corte e colagem nas confecções dos cartazes. Realizamos também exercícios para o diagnóstico das dificuldades que cada um tinha em relação à escrita e a compreensão dos textos. Foram confeccionados com materiais reciclados brinquedos, cada um aprendeu a fazer o seu especialmente o bilboquê. Algumas das crianças registraram os trabalhos de seus colegas tirando fotos.

Ao final do projeto foi realizada pelos alunos a confecção de um mural, para que todos da escola pudessem instruir-se também sobre o assunto, aprendendo as consequências trazidas pelo lixo, sobre a coleta seletiva e o que se pode fazer com materiais reciclados.

Experiência na sala de aula

As aulas foram planejadas e desenvolvidas de acordo com os assuntos que a professora iria passar durante os 10 dias de estágio. Adaptei os conteúdos ao tema Meio Ambiente e o desenvolvi por meio de dinâmicas, brincadeiras e explanação dos assuntos para que os alunos aprendessem de uma forma mais divertida e descontraída.

O brincar permite à criança vivenciar o lúdico e descobrir a si mesma, apreender a realidade, tornando-se capaz de desenvolver seu potencial criativo. É também colocado como um dos princípios fundamentais, defendido como um direito, uma forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação entre as crianças. (QUARESMA, s/d, p-5).

No primeiro dia de aula, propusemos aos alunos que fizessem uma redação sobre o que eles entendiam sobre o tema, muitos prefe-

riram desenhar, pois tinham dificuldade para expressar com palavras o que eles queriam colocar no papel, então alguns optaram por desenhar, a exemplo das ilustrações abaixo



Fonte: acervo de SANTOS, 2012.

Essa produção resultou em vários desenhos lindos e coloridos, em que eles desenvolveram muito bem o tema, expressando tudo o que sabiam. No decorrer do projeto elas foram aprendendo que a natureza não é só verde com animais felizes com seu habitat natural limpo.

As crianças aprenderam que para que os animais possam conviver em seu habitat de forma saudável, onde eles possam se sentir bem. É preciso que os seres humanos saibam respeitar a natureza, assim eles poderão ajudar o ambiente limpo sem nenhum tipo de poluição, pois sabendo respeitar e manter a natureza limpa, eles saberão conviver em comunidade com os outros do seu meio.

Ao realizarmos o “Advinha que sou eu?”, um divertido jogo em que as crianças teriam que adivinhar o tipo de poluição que nós estávamos se referindo, como se fosse uma charadinha. A sala foi dividida em dois grupos. O jogo foi realizado com apenas sete dos alunos, onde eles se locomoviam até a mesa e pegavam uma ficha, nessa ficha estavam escritas algumas das características sobre a poluição dos rios, do ar, animais em extinção, coleta seletiva do lixo, etc. Nesse contexto, Scardua aborda que

Seguindo a tradição popular, que diz serem as crianças o futuro do país, não se pode deixar de investir nelas. Implantar e implementar a EA na EI não é tarefa das mais difíceis. Deve-se considerar que as crianças adoram o contato com a natureza – plantas, bichos, árvores, insetos, qualquer ser vivo é admirado pela criança. Isso deve ser aproveitado ao máximo na hora de se planejar EA para elas (2009, p-58).

A Educação Ambiental é vista como uma forma de englobar as crianças aos assuntos da natureza, ensinando a respeitarem o ambiente em que elas vivem, pois se a EA for implantada desde a Educação Infantil, as crianças irão crescer sabendo que não se deve jogar lixo na rua, mesmo que seja um pedaço de papel.

Com o jogo as crianças aprenderam a trabalhar em grupo, a respeitar a opinião dos colegas, pois a cada pergunta feita eles se reuniam para discutir e elaborar uma única resposta, exposta pelo representante do grupo.

Além disso, elaboramos outras atividades relacionadas ao tema, por exemplo, pegamos a imagem de uma onda cheia de lixo, onde o surfista estava nela e não havia percebido os lixos na onda e pedimos para que eles criassem uma frase sobre o que a imagem representava para eles, o que eles achavam sobre ela.

Muitos relataram que o lixo que era jogado nas ruas, descia em direção aos rios quando chovia e que as bocas de lobo ficavam entupidadas e causava o alagamento das ruas invadindo as casas.

As atividades realizadas foram bem aceitas pelos alunos, a nossa intenção era de trabalhar varias brincadeiras, mas por conta da situação física da escola optamos em nos manter dentro da sala de aula. O que não impediu o aprendizado. Realizamos a construção do bilboquê. O bilboquê é um brinquedo que tem o intuito de trabalhar a coordenação, agilidade e flexibilidade da criança, pois elas tinham que acerta a bolinha que ficava pendurada em um barbante dentro da boca do copo. O brinquedo foi confeccionado pelos alunos com garrafa Pet, barbante, jornais e revistas.

Ao final do projeto elaboramos um mural para que todos da escola pudessem também aprender um pouco sobre Educação Ambiental, foi com muita alegria que nos despedimos e finalizamos as nossas atividades, onde o mural ficou exposto por alguns minutos, não podendo ficar para os outros turnos, pois segundo a professora ele seria destruído pelos adolescentes dos outros dois turnos.

Considerações finais

Este projeto se propôs explicar aos alunos os tipos de materiais que podem ser reciclados, conscientizando-os acerca dos problemas decorrentes do lixo e o quão importante é respeitar o próximo e o meio em que vivemos.

Foi um trabalho de grande importância, pois pude colocar em prática o que aprendi durante todos esses anos de teorias nas matérias da universidade, apesar das teorias serem bem diferente da prática, ocorreu tudo bem e gostei bastante. Foi bem gratificante porque nunca tinha tido a experiência de ensinar em uma escola da rede municipal.

Com esse estágio prodcente reconheci que as dificuldades são maiores de perto, principalmente em relação à precariedade da escola. Salas de aula e banheiro em mau estado de conservação e a falta de uma impressora para as atividades foram aspectos observados. Nesse último caso, para ter atividades impressas à professora deveria enviar com antecedência de uma semana para a prefeitura e lá seria xerocada as atividades.

O presente trabalho foi uma ótima experiência para minha vida profissional, onde pude perceber que não existem obstáculos que destruam a vontade de estudar, pois mesmo com lama e chuva eles, por mais que fossem poucos, estavam ali para aprender.

Em uma escola que em tempo de chuva prejudicava seus alunos, encontrei crianças que tinha vontade em aprender, que viam na lama que a chuva trazia uma forma de brincar, correndo, pulando e se divertindo. Onde brincavam de bola de gude, pular corda, entre outros e nada as impediam em estar ali.

Referências

OLIVEIRA, Marta Konhl de. **Vygotsky**: aprendizagem e desenvolvimento: um processo sócio histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

RODRIGUES, Luzia Maria. **A CRIANÇA E O BRINCAR**. Disponível em: http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafioscotidianos/arquivos/integra/integra_RODRIGUES.pdf. Acesso em 19 de Abril de 2012.

SPODEK, Bernard. **Ensinando Crianças de Três a Oito Anos**. Artmed, RS, 1998, 432 p.

SCARDUA, Valéria Mota. **Crianças e meio ambiente**: a importância da educação ambiental na educação infantil. Revista FACEVV, Vila Velha ,nº 3, 2009. p. 57-64. Disponível em: <http://www.facevv.edu.br/Revista/03/ARTIGO%20VALERIA%20MOTA.pdf>. Acessado em 11 de Abril de 2012.

VYGOTSKY, L. S. (1979) - Pensamento e linguagem. Lisboa: Edições Antídoto. Sidilene Alves Lima 15/10/09. Disponível em: http://psicopedagogiasal.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=52:o-jogo-para-vygotsky&catid=11:artigos&Itemid=41. Acessado em 13 de Abril de 2012.

QUARESMA, Priscilla Mayara de Andrade. A relação entre o brincar e o desenvolvimento infantil, segundo professoras. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/artigos/110.pdf>. Acessado em 10 de Abril de 2012.

BULGRAEN, Vanessa C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/artigos/110.pdf>. Acessado em 21 de Março de 2012

JOENK, Inhelora Kretschmar. Uma Introdução ao Pensamento de Vygotsky. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1276/1087>. Acessado em 09 de janeiro de 2013.



Prodocência

Programa de consolidação das Licenciaturas



Ministério da
Educação



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SERGIPE**



**INTEGRADA
À HISTÓRIA
DE SERGIPE**